

FACULDADES EST

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

DIONATA RODRIGUES DE OLIVEIRA

**VOCÊ ACEITA ENTRAR NO SERVIÇO DE CRISTO? DIACONIA E CONVERSÃO
EM DIÁLOGO ATRAVÉS DA PESQUISA-AÇÃO**

São Leopoldo

2023

DIONATA RODRIGUES DE OLIVEIRA

**VOCÊ ACEITA ENTRAR NO SERVIÇO DE CRISTO? DIACONIA E CONVERSÃO
EM DIÁLOGO ATRAVÉS DA PESQUISA-AÇÃO**

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de
Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia, Religião
e Linguagens

Pessoa Orientadora: Prof. Dr. Júlio César Adam

São Leopoldo

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O48v Oliveira, Dionata Rodrigues de
Você aceita entrar no serviço de Cristo? : diaconia e
conversão em diálogo através da pesquisa-ação /
Dionata Rodrigues de Oliveira; orientador Júlio César
Adam. – São Leopoldo : EST/PPG, 2023.
339 p. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de
Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo,
2023.

1. Diaconia. 2. Conversão. 3. Diaconia – Pesquisa-
ação . I. Adam, Júlio César, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

DIONATA RODRIGUES DE OLIVEIRA

**VOCÊ ACEITA ENTRAR NO SERVIÇO DE CRISTO? DIACONIA E
CONVERSÃO EM DIÁLOGO ATRAVÉS DA PESQUISA-AÇÃO**

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia, Religião e
Linguagens

Data de Aprovação: 04 de dezembro de 2023

PROF. DR. JÚLIO CÉZAR ADAM (PRESIDENTE)
Assinado digitalmente

PROF. DR. MARCELO RAMOS SALDANHA (EST)
Assinado digitalmente

PROF. DR. ONEIDE BOBSIN (EST)
Assinado digitalmente

PROF.^a DR.^a CLAUDETE BEISE ULRICH (FUV)
Docente visitante

PROF.^a DR.^a MARCIA ELIANE LEINDECKER DA PAIXÃO (UFMS)
Docente visitante

Assinado
digitalmente por:
Júlio César Adam
Data: 18/12/2023
17:24:48 -03:00



Assinado
digitalmente por:
Marcelo Ramos
Saldanha
Data: 18/12/2023
17:28:18 -03:00



Assinado
digitalmente por:
Oneide Bobsin
Data: 18/12/2023
18:53:28 -03:00



Dedico essa tese a quem esteve a meu lado, manifestando seu apoio incondicional, quando nos devaneios da vida, decidi ingressar no doutorado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Faculdades EST, que é como uma casa para mim, onde aprendi e aprendo cada vez mais;

Agradeço à CAPES, pelo incentivo através de bolsa para o doutorado;
À COD e Sínodo Nordeste Gaúcho, minha gratidão por tudo o que aprendo com vocês;

Pai e mãe, Carlos e Regina, só estou aqui por causa dos incentivos de vocês em minha caminhada, pois com toda simplicidade, vocês souberam me motivar para estudar e buscar o conhecimento;

Amigos e amigas, gratidão, pois vocês me desafiaram e não me deixaram acomodar:

Eriksson, fiel e grande motivador;

Méri, você sempre acreditou em mim;

Arlete e Nathália, ainda que distantes, sua motivação foi e é crucial para mim;

Carla, comadre, grato por cada desafio e pelo olhar atento à tese;

Simone, grato por me fazer sentir valorizado;

Vivian, sua amizade me motiva e inspira;

Prof. Júlio, Prof. Rodolfo, Prof.^a Márcia Paixão, gratidão por me permitirem sonhar e aprender teologia prática e diaconia, com vocês, na Faculdades EST;

Daniel, Marcos, Gisele, Fabi, minha gratidão por sua amizade e apoio na correção da tese;

Rose, Iloiva, Eduardo, gratidão pela parceria no Sínodo.

Sou feliz e grato por vocês terem cruzado meu caminho e me feito sentir o valor da amizade e da partilha!

O essencial é invisível aos olhos”.

Antoine de Saint-Exupéry

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo responder à seguinte pergunta: Como a diaconia pode dialogar com o tema da conversão, em parâmetros bíblicos e na história da igreja, de forma a identificar lacunas e possibilidades com vistas à conversão nas múltiplas possibilidades em que ela é possível, através da pesquisa-ação? Para responder a essa pergunta, fez-se necessário estruturar a pesquisa em três partes. A primeira delas trata sobre as conceituações necessárias para a melhor compreensão do tema e embasamento para as próximas partes. Assim, se fala sobre diaconia e conversão na Bíblia, na história da igreja, na história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e em aspectos socio-teológicos. A segunda parte aborda a reflexão crítica sobre a metodologia diaconal e seus conteúdos, bem como a metodologia da pesquisa-ação, avaliando então, as possibilidades de uma proposta de pesquisa-ação em diaconia para estudar o tema da conversão na prática de um grupo de diaconia comunitária. A terceira parte aborda a análise da pesquisa-ação em diaconia, realizada em um grupo de diaconia, cujos dados estarão omitidos e protegidos, de acordo como firmado entre o pesquisador e o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdades EST. Nessa parte surgem muitos temas que contribuem para as reflexões já feitas na teoria anteriormente. Como referenciais utilizam-se diversos materiais como livros, atas, matérias de portais *on line*, entre outros. A metodologia utilizada para a pesquisa-ação teve como base referenciais como Helena Singer, Michel Thiollent, David Tripp, Hugues Diones. Para a conceituação e reflexão conjunta sobre metodologia diaconal e pesquisa-ação utiliza-se autorias como Hildegart Hertel, Márcia Paixão, Gisela Beulke, Luís Stephanou, Angela Lenke, Kjell Nordstokke. Para a análise dos dados extraídos na pesquisa-ação em diaconia utiliza-se a metodologia de Bodgan e Biklen, que consiste no levantamento de temas, dialogando com outras autorias e posterior referência aos significados dados pelas respostas do questionário e análise de diário de campo feito pelo pesquisador. Dessa forma, como prioriza o método investigação qualitativa, os significados emergem do contexto e das respostas, a partir da experiência do todo da pesquisa-ação extraído pelo pesquisador. Assim sendo, é possível perceber como a diaconia pode dialogar com o tema da conversão, em parâmetros bíblicos e na história da igreja, de forma a identificar lacunas e possibilidades com vistas à conversão nas múltiplas possibilidades em que ela é possível através da pesquisa-ação.

Palavras-chave: Diaconia. Conversão. Pesquisa-ação em diaconia.

ABSTRACT

This research aims to answer the following question: To what extent can diakonia dialogue with the theme of conversion, in biblical parameters and in the history of the church, in order to identify gaps and possibilities with a view to conversion in the multiple possibilities in which it is possible, through research-action? To answer this question, it was necessary to structure the research into three parts. The first of them deals with the concepts necessary for a better understanding of the topic and a basis for the next parts. Thus, we talk about diakonia and conversion in the Bible, in the history of the church, in the history of the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil and in socio-theological aspects. The second part addresses critical reflection on the diaconal methodology and its contents, as well as the research-action methodology, then evaluating the possibilities of a research-action proposal in diakonia to study the theme of conversion in the practice of a group of community diakonia. The third part addresses the analysis of research-action in diakonia, carried out in a diakonia group, whose data will be omitted and protected, in accordance with agreement between the researcher and the Research Ethics Committee of Faculdades EST. In this part, many themes emerge that contribute to the reflections already made in theory previously. Various materials are used as references, such as books, minutes, articles from online portals, among others. The methodology used for research-action was based on references such as Helena Singer, Michel Thiollent, David Tripp, Hugues Diones. For the conceptualization and joint reflection on diaconal methodology and research-action, authors such as Hildegart Hertel, Márcia Paixão, Gisela Beulke, Luís Stephanou, Angela Lenke, Kjell Nordstokke are used. To analyze the data extracted in diakonia research-action, the methodology of Bodgan and Biklen is used, which consists of surveying themes, dialoguing with other authors and subsequent reference to the meanings given by the questionnaire responses and analysis of the field diary made by the researcher. In this way, as the qualitative research method prioritizes, meanings emerge from the context and responses, based on the experience of the entire research-action extracted by the researcher. Therefore, it is possible to understand to what extent diakonia can dialogue with the theme of conversion, in biblical parameters and in the history of the church, in order to identify gaps and possibilities with a view to conversion in the multiple possibilities in which it is possible through research -action.

Keywords: Diakonia. Conversion. Research-action in diakonia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
PRIMEIRA PARTE: “QUE É ISSO QUE VOS PREOCUPA E DE QUE IDES TRATANDO À MEDIDA QUE CAMINHAIS?” (LC 24.17): DIACONIA E CONVERSÃO EM PERSPECTIVA BÍBLICA, HISTÓRICA E SÓCIO-TEOLÓGICA	19
INTRODUÇÃO À PRIMEIRA PARTE	21
1 ENFOQUES DA DIACONIA E CONVERSÃO NA BÍBLIA.....	23
1.1 Algumas características de Diaconia e Conversão no Antigo Testamento	
23	
1.1.1 Leitura diaconal do livro de Rute	23
1.1.2 Aspectos centrais da conversão no Antigo Testamento	33
1.1.3 Aspectos centrais da Diaconia no Antigo Testamento	35
1.1.4 Diaconia e conversão: Onde alguns temas confluem no AT	37
1.2 Algumas Características de Diaconia e Conversão no Novo Testamento	39
1.2.1 Leitura diaconal de Marcos 10.45-52: A cura do cego Bartimeu	39
1.2.2 Aspectos centrais da Conversão no Novo Testamento	47
1.2.3 O termo <i>Diakonia</i> : Sua lapidação no Novo Testamento	48
1.2.4 Aspectos centrais da Diaconia nos Escritos Paulinos.....	50
1.2.5 Diaconia e conversão: Onde alguns temas confluem no Novo Testamento	51
2 DIACONIA E CONVERSÃO NA HISTÓRIA DA IGREJA E NA IECLB	
53	
2.1 Diaconia e Conversão na história antiga	53
2.2 A distorção do tema da conversão: Cruzadas, Reforma Protestante e História da América Latina.....	54
2.3 Diaconia e Conversão na IECLB.....	58
2.3.1 Pastoral Popular Luterana - PPL, Missão Evangélica União Cristã – MEUC e Movimento Encontrão - ME	62

3 A CONVERSÃO EM PERSPECTIVA SOCIO-TEOLÓGICA	67
3.1 A Conversão como socialização secundária: Berger e Luckmann	67
3.2 A tríplice figura da conversão: Danièle Hervieu – Léger	69
3.3 A conversão mágica: O jeitinho brasileiro, Emerson Rocha e Roberto Torres	71
3.4 A conversão diária: afogando Adão e Eva – a perspectiva batismal	73
3.5 Itinerários de conversão: Leloup, Gé Speelman, R. Rambo Lewis e Lofland e Skonovd	75
3.6 O caminho cristão conjuga o social e o teológico-diaconal: Henri Nouwen	
80	
CONCLUSÃO DA PRIMEIRA PARTE	83
SEGUNDA PARTE: “O QUE QUERES QUE EU TE FAÇA?” (MC 10. 51): O DESAFIO DA PESQUISA-AÇÃO EM DIACONIA.....	87
INTRODUÇÃO À SEGUNDA PARTE	89
4 CONCEITUANDO PESQUISA-AÇÃO.....	91
4.1 Os métodos dentro do método	94
4.2 Diferentes tipos de pesquisa-ação	96
5 METODOLOGIA DIACONAL	99
5.1 Dimensões da atuação diaconal	104
5.1.1 Dimensão transformadora	104
5.1.2 Dimensão profética	106
5.1.3 Dimensão interdisciplinar/ecumênica.....	108
5.1.4 Dimensão libertadora.....	110
5.1.5 Dimensão ecológica.....	111
5.1.6 Dimensão intercessora	113
5.1.7 Dimensão política.....	114
5.1.8 Dimensão prática	115
5.1.9 Dimensão da acessibilidade.....	116
5.2 Metodologias em diálogo	118
5.3 Proposta metodológica para a pesquisa-ação em diaconia.....	121

5.4 Análise de perguntas e respostas apresentadas.....	125
CONCLUSÃO DA SEGUNDA PARTE.....	129
TERCEIRA PARTE: POR QUE ARRAZOAIS SOBRE ESTAS COISAS EM VOSSO CORAÇÃO (MC 2.8)? ANALISANDO OS DADOS COLETADOS NA PESQUISA-AÇÃO.....	131
INTRODUÇÃO À TERCEIRA PARTE.....	133
6 CONVERSÃO DE UMA IGREJA PARA OUTRA.....	135
6.1 Dificuldades	136
6.1.1 A difícil compreensão do voluntariado.....	136
6.1.2 A difícil compreensão da diaconia.....	141
6.1.3 A desvalorização do trabalho diaconal	148
6.2 Possibilidades.....	151
6.2.1 A divulgação da diaconia	152
6.2.2 Acompanhamento e cuidado ao grupo e às pessoas atendidas	157
7 CONVERSÃO DE SEM IGREJA.....	163
7.1 Dificuldades	163
7.1.1 A influência do proselitismo para o trabalho diaconal.....	163
7.1.2 Falta de comprometimento no trabalho da diaconia	166
7.1.3 O produto da diaconia face a uma sociedade de mercado	171
7.2 Possibilidades.....	175
7.2.1 Formação sobre diaconia para todos os ministérios da igreja?	175
7.2.2 O desafio de ser uma igreja acessível.....	179
7.2.3 A importância do pertencimento e da identidade	181
8 CONVERSÃO INTERNA.....	189
8.1 Dificuldades	189
8.1.1 Conflitos organizacionais e multigeracionais.....	189
8.1.2 A motivação de pessoas.....	194
8.1.3 Aversão ao público-alvo da diaconia.....	198
8.2 Possibilidades.....	201
8.2.1 O culto é um espaço onde se deve falar sobre diaconia.....	201
8.2.2 A visitação e a hospitalidade	204
9 CONVERSÃO MÁGICA.....	209

9.1 Dificuldades	209
9.1.1 Pessoas mal-intencionadas na diaconia	209
9.1.2 O cansaço das pessoas voluntárias	215
9.2 Possibilidades	218
9.2.1 O empoderamento das pessoas acompanhadas pela diaconia.....	219
9.2.2 O registro dos fatos como memória pessoal e coletiva	222
10 CONVERSÃO DIÁRIA	229
10.1 Dificuldades	229
10.1.1 O encontro com a diaconia transforma	229
10.1.2 Voluntariado e conversão.....	231
10.1.3 Pessoas mal-intencionadas atrapalham.....	232
10.2 Possibilidades	235
10.2.1 O impacto da ação diaconal	235
10.2.2 O crescimento pessoal na diaconia.....	239
11 ANÁLISE SEGUNDO O DIÁRIO DE CAMPO	243
11.1 Conversão de uma igreja para outra	243
11.1.1 Indicativos metodológico-diaconais para a conversão de uma religião para outra.....	246
11.2 Conversão de sem igreja.....	248
11.2.1 Indicativos metodológico-diaconais para a conversão de pessoas sem religião	253
11.3 Conversão interna.....	255
11.3.1 Indicativos metodológico-diaconais para a conversão de pessoas dentro da própria IECLB.....	259
11.4 Conversão Mágica.....	260
11.4.1 Indicativos metodológico-diaconais para a conversão como mudança integral de vida.....	263
11.5 Conversão Diária.....	265
11.5.1 Indicativos metodológico-diaconais para a conversão diária.....	268
11.6 Concretizações face à pesquisa-ação em diaconia	270
CONCLUSÃO DA TERCEIRA PARTE	271
CONCLUSÃO	273
REFERÊNCIAS.....	279

APÊNDICE 1 – DIÁRIO DE CAMPO	291
APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO PERGUNTAS ABERTAS PESQUISA- AÇÃO EM DIACONIA.....	309

INTRODUÇÃO

Estudar diaconia nunca foi e nem será fácil. Desde a faculdade de teologia até a pós-graduação, o autor desta tese sentiu-se chamado para esse intento. Isso se dá por diversas razões. Entretanto, o lugar central da diaconia na Igreja não é tão central assim por ela estar rodeada por preconceitos de diversas ordens, como o patriarcalismo que diminui a diaconia, pois ela é um espaço de protagonismo expressivo de mulheres. O pastorcentrismo lega à diaconia perguntas pela efetividade das ações de quem está disposto ou disposta a diaconar, estabelecendo assim uma hierarquização ministerial dentro das próprias Igrejas em que existe um trabalho diaconal. Outra das razões pelas quais isso acontece é pelo contato massivo que agentes diaconais têm com pessoas que não conseguem oferecer muitas contribuições para as comunidades de fé, pois a maior parte das pessoas atendidas pelos grupos ou ações diaconais não possuem altos salários ou rendimentos. Pelo contrário, muitas vezes dependem de ajuda. Dessa forma e entre tantas outras questões, emergem perguntas dentro da própria Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), quais são: qual a contribuição da diaconia para a Igreja? Ela traz novos membros e novas membras? Vale a pena investir na diaconia?

Ao mesmo tempo em que o pesquisador desta tese ouvia a essas perguntas na graduação em teologia, assim como as ouve até hoje, também é e era usual dizer que a diaconia não tem cunho proselitista e que não se pretende, a partir dela, trazer pessoas para a igreja. Ou, então, que conversão não é assunto a ser tratado pela diaconia, pois ela tem outros focos e intenções. Motivado por estas reflexões acadêmicas é que ele decidiu estudar essas duas argumentações aparentemente controversas, pois enquanto uma pergunta pela contribuição da diaconia para a Igreja, a outra afirma que ela é muito mais concreta e ativa à medida em que as pessoas envolvidas com ela fazem algo. Assim, essa pesquisa visa diagnosticar como a diaconia pode dialogar com o tema da conversão, em parâmetros bíblicos e na história da Igreja de forma a identificar lacunas com vistas a uma prática de conversão nas múltiplas formas como ela é possível, através da pesquisa-ação, sendo esta a formulação de seu problema de pesquisa. Assim sendo, para se alcançar o objetivo esperado, almeja-se, então evidenciar limites, potencialidades, proximidades e diferenças em prospecto histórico-sistemático e bíblico entre os termos diaconia, conversão e proselitismo, definir conceitualmente os temas pesquisa-ação e diaconia,

investigar convergências e divergências entre pesquisa-ação e diaconia, investigar as lacunas, mediante análise de pesquisa-ação, para a conversão de pensamentos e ações de pessoas e comunidades de fé.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é híbrida. Para as partes conceituais, a exemplo da primeira e segunda, a metodologia é bibliográfico-comparativa e crítica entre os temas a serem analisados e que embasam a pesquisa-ação em diaconia que é desenvolvida e analisada na parte três. Essa última, como dito, é uma análise feita dos dados trazidos na pesquisa-ação em diaconia, a partir do livro *Investigação Qualitativa* de Bodgan e Biklen. Os temas que afloram na pesquisa-ação são explanados a partir desta metodologia, com o auxílio de outros teóricos e outras teóricas, e primeiramente analisados segundo o diário de campo e respostas trazidas pelo questionário na pesquisa-ação. Assim, servem de reflexão e motivação para o próprio grupo focal poder melhorar suas técnicas e desenvolvimento de suas ações.

Um dos temas centrais para a diaconia é a sua identidade diaconal. Essa, na epistemologia diaconal está centrada na pessoa de Jesus Cristo e suas ações diaconais. Por esse motivo, as partes da tese estão nomeadas com perguntas clássicas de Jesus, pois a partir delas é que aconteceram ações, intervenções e motivação para que Jesus agisse diaconalmente. Dessa forma, a identidade diaconal está expressa ao longo de toda a tese, pois as perguntas movem para a ação a partir do exemplo.

A primeira parte apresenta-se como conceitual, onde os temas centrais são apresentados, fornecendo a quem lê um prospecto sistemático e prático do tema e de seus desenvolvimentos na história e em termos bíblicos e socio-teológicos. Intitulado “Que é isso que vos preocupa e de que ides tratando à medida que caminhais?” (Lc 24.17): Diaconia e conversão em perspectiva bíblica, histórica e socio-teológica, o título da parte faz menção ao Caminho de Emaús, em que Jesus interpela os tristes e as tristes caminhantes em direção a Emaús, que sem esperança falavam sobre tudo o que havia acontecido ao próprio Jesus. Assim, os temas nos preocupam e causam inquietação, por isso, sua conceituação, explanação e crítica são parte central dessa parte que traz também estudos bíblicos apresentados a partir de estudos metodológico-diaconais, aplicado ao Antigo e Novo Testamento.

A segunda parte, de igual forma, é conceitual. Intitulada “O que queres que eu te faça? (Mc 10. 51): O desafio da pesquisa-ação em diaconia”, faz menção à pergunta de Jesus ao cego Bartimeu. Nem Bartimeu e nem a multidão sabiam para

onde ir e como proceder diante da situação de exclusão e ódio. Ambos tinham seus desejos e planos particulares. Contudo, Jesus orienta o que deveria ser feito naquele momento para organizar o caos. Assim, a pesquisa-ação em diaconia quer ser uma orientação para o desafio de propor o diálogo entre duas unidades de grandeza, que já possuem muitas metodologias e métodos próprios de ação e reflexão. Dessa maneira, se conjugam métodos e se extraem novos conhecimentos a partir destas páginas. Nelas apresentam-se as teorias que dão sentido e forma à pesquisa empírica, a pesquisa-ação em diaconia. Inicia-se conceituando o tema da pesquisa-ação em suas múltiplas possibilidades, desvinculando-a de um conceito estanque, a partir de argumentação com base na história e nas teorias que a compõe. Assim, após a explanação sobre pesquisa-ação, pretende-se, nessa parte, estudar a metodologia diaconal e as dimensões da diaconia. Isso se dá para que dessa maneira, se possa verificar a viabilidade de uma pesquisa-ação que coloque, a partir de seus métodos, diaconia e conversão em diálogo, resultando, assim em uma forma de se fazer pesquisa-ação em diaconia.

A terceira parte ocupa-se com a análise dos resultados obtidos através da pesquisa-ação em diaconia e em investigar os temas que compuseram a pesquisa, para a melhor compreensão do tema diaconia e conversão e como essa relação acontece na IECLB. A pesquisa-ação foi aplicada em um grupo de estudos composto por um grupo de diaconia e um grupo de retalhos. O grupo de diaconia desenvolve, através do trabalho voluntário, o acompanhamento a situações de vulnerabilidade que são apresentadas em seu contexto. Sua atuação está baseada no conceito de diaconia, que é o amor que se torna concreto a partir da fé. Também nessa conceituação temos as obras de misericórdia (Mt 25) como motivadoras para a ação deste grupo. No caso deste grupo e de muitos outros, atendem às demandas de famílias em situação de vulnerabilidade social e que necessitam de apoio de alimentos, remédios, móveis e subsídio para conseguirem um local digno de moradia. Para isso, o grupo conta com o apoio de pessoas, instituições ou empresas de fora e de dentro da comunidade luterana, que fazem doações diversas, desde roupas para o brechó, o que gera renda para os apoios até alimentos, dinheiro, ofertas, móveis, materiais de construção, eletrodomésticos, etc. O grupo de retalhos é um grupo exclusivo para a confecção de colchas de retalhos e se reúne semanalmente para isso. Entretanto, o grupo também recebe apoio de fora, do próprio grupo de diaconia, doando retalhos ou dinheiro, bem como da própria comunidade luterana local que faz

suas doações para a produção de colchas. O grupo de retalhos também conta com apoio de comunidades luteranas de outras cidades ou mesmo a Caritas católica e outras instituições e empresas. A base para a atuação do grupo de retalhos também está na diaconia e suas obras de misericórdia, nesse caso, mais especificamente a obra de vestir.

Intitulada “Por que arrazoais sobre estas coisas em vosso coração?” (Mc 2.8): Analisando os dados coletados na pesquisa – ação, o nome da terceira parte faz menção à cura de um paraplégico, quando seus amigos lhe auxiliam a entrar pelo telhado da casa, desafiando às pessoas, à dificuldade, à própria deficiência. Os mestres da lei questionam a Jesus, que lhes responde: Por que arrazoais sobre estas coisas em vosso coração? A partir da metodologia proposta apareceu um número significativo de temas na pesquisa-ação que podem ser lidos na íntegra, em anexo. Entretanto, o que se pode dizer desde então é que eles foram o resultado de uma pesquisa-ação em diaconia feita com 10 pessoas de um grupo de diaconia e retalhos, no estado do Rio Grande do Sul, sendo omitidos seus nomes, identidade e local de atuação como grupo, de acordo como apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdades EST. Saliente-se, contudo, de que neste grupo existe muito protagonismo de mulheres que se identificam com o labor diaconal.

Nesta pesquisa está o estudante de teologia que se apaixonou pelo ministério quando conheceu o que era a diaconia. Nela também se encontra o candidato ao ministério diaconal da Igreja, que como um de seus projetos de desenvolvimento do período prático de habilitação ao ministério diaconal criou, com o apoio e orientação do mentor, um grupo de diaconia na Comunidade de Campinas, em São Paulo. Na presente tese temos o diácono, que, algumas vezes, enfrenta o desafio de estar no ministério diaconal e encarar os preconceitos que se pode sofrer por não ser alguém do ministério pastoral. Nessa tese também encontramos o pesquisador engajado com o tema diaconia e que percebe o quanto ela ainda é desvalorizada, mas também o quanto vem crescendo o olhar da Igreja para com ela. Assim, almeja-se que essa tese possa auxiliar para que mais estudantes se motivem ao ministério diaconal, para que mais comunidades experimentem a diaconia e para que a Igreja olhe para a diaconia como algo essencial no seu jeito de ser. Muitas conversões de caminho são necessárias para que isso aconteça, mas por algum lugar é necessário seguir. Que as conversões que essa tese gerar possam multiplicar ações diaconais que cuidem de muitas pessoas, contextos e vidas em situação de vulnerabilidade.

**PRIMEIRA PARTE: “QUE É ISSO QUE VOS PREOCUPA E DE QUE
IDES TRATANDO À MEDIDA QUE CAMINHAIS?” (LC 24.17):
DIACONIA E CONVERSÃO EM PERSPECTIVA BÍBLICA, HISTÓRICA
E SÓCIO-TEOLÓGICA**

INTRODUÇÃO À PRIMEIRA PARTE

Esta parte visa aproximar quem a lê das conceituações necessárias à melhor compreensão do tema. Intitulada “Que é isso que vos preocupa e de que ides tratando à medida que caminhais?” (Lc 24.17), pergunta de Jesus aos caminantes de Emaús, esta parte visa fundamentar biblicamente as conceituações necessárias para a compreensão do tema diaconia e conversão. Estudar os temas em conjunto se apresenta como um desafio ao meio acadêmico, pois se evita ao máximo, tanto na teologia quando na vida comunitária, fazer qualquer tipo de associação que possa dar margem a pensar de que diaconia pode promover conversão.

Dessa maneira, para embasar os temas teologicamente e estudar a relação que se estabelece entre eles é que essa abordagem bíblica se fez necessária. Iniciando pelo Antigo Testamento (AT) com uma leitura diaconal do livro de Rute, passando para outros textos bíblicos, o diálogo entre diaconia e conversão vai sendo delineado. De igual maneira, no Novo Testamento (NT), iniciando pela leitura diaconal de Mc 10.46-52, passando para a argumentação a partir de outros textos bíblicos, somam-se novos argumentos sobre a possibilidade ou não do diálogo entre diaconia e conversão.

Esta parte também abordará aspectos históricos que nos permitem compreender o porquê de que a relação entre diaconia e conversão é tão estigmatizada e temida por algumas igrejas, principalmente as históricas, como é o caso da IECLB. As cruzadas, Reforma e Contrarreforma, bem como a Conquista do Novo Mundo legou páginas não muito prazerosas de serem lidas hoje nos livros, pois em nome da fé se promovia morte e extorsão de pessoas. Assim, conversão foi sendo confundida com proselitismo e inclusive lhe serve de verbo até hoje.

Por último, serão conceituados os temas estudados em perspectiva socio-teológicas, com maior foco na conversão e seus pressupostos para a teologia. Abstraem-se daí conceitos importantes e que acompanharão a toda a pesquisa como os cinco tipos diferentes de conversão, os itinerários de conversão e como a diaconia se relaciona com esses assuntos, apresentando uma nova forma de viver e compreender a conversão.

1 ENFOQUES DA DIACONIA E CONVERSÃO NA BÍBLIA

Iniciamos, então, pelo mais básico, conceituando, ainda que selecionando alguns textos centrais, os termos diaconia e conversão no Antigo Testamento e Novo Testamento. Aqui se busca compreender diaconia e conversão, a partir da conceituação em paralelo para se encontrar pontos de convergência entre os temas. Contudo, como introdução ao tema, faremos uma leitura diaconal da Bíblia, como forma de apreensão e introdução ao conteúdo, seguindo-se assim da conceituação dos temas desse tópico. Iniciar o tema diaconia e conversão no AT e NT, a partir de uma leitura diaconal da Bíblia, nos permite compreender com maior clareza como esses temas se relacionam e acontecem concomitantemente tendo como base exemplos concretos de ambos os testamentos. Poderíamos simplesmente apresentar os temas sem estes estudos a seguir. Entretanto, a intenção deste tópico é justamente testar na prática, uma metodologia diaconal para averiguar se é possível o diálogo entre diaconia e conversão e como isso pode servir de base para esta pesquisa.

1.1 Algumas características de Diaconia e Conversão no Antigo Testamento

No AT, encontraremos formas diferentes de compreender diaconia e conversão. Desde a história da criação até os profetas, suas sagas e histórias, cada relato possui as suas peculiaridades que mereceriam destaque em um estudo acadêmico. Entretanto, algumas escolhas epistemológicas precisaram ser feitas para a melhor delimitação da pesquisa. Assim sendo, a seguir, teremos uma leitura diaconal do livro de Rute e logo após como diaconia e conversão podem ser trabalhados no AT, bem como as possíveis relações a serem estabelecidas entre os tópicos estudados.

1.1.1 Leitura diaconal do livro de Rute

Rute essencialmente é um livro bíblico diaconal. Em sua história traz consigo o cuidado com a orfandade, viúvas, imigrantes. Então, para aprofundamento, como leitura diaconal do texto proposto, será utilizada uma metodologia de práxis diaconal. A metodologia diaconal apresentada por Gisela Beulke no livro *Diaconia: um chamado para servir*, servirá de base para o estudo bíblico a seguir. Serão seguidos cada um

de seus passos, levando em consideração que se trata de um tema a ser analisado a partir de uma prática de ação e reflexão, sendo a própria prática quem analisa e avalia a si mesma. Tal metodologia já foi defendida por Clodovis Boff, teórico da Teologia da Libertação, que em seu livro *Teologia do político*, fala da práxis como critério de verdade da prática.¹ Dessa forma, analisar o texto bíblico, a partir de uma metodologia que conduza ao aprendizado de uma prática demonstra-se como questão profícua e ontológica para a pesquisa que se almeja produzir. A seguir, estudaremos o texto passo a passo com o método proposto.²

a) CONHECER: “Para qualquer trabalho com pessoas, é necessário *conhecer*, fazer um levantamento das pessoas, do bairro. Ver quem são, *como* são, *quais* são as reais necessidades e expectativas.”³

Segundo Josiane Velten e Carolina Bezerra de Souza, no artigo *A Diaconia de Rute*, é necessário olhar para além das interpretações convencionais desse texto bíblico. Essa história trata de mulheres, com suas vivências, experiências e tentativas de sobrevivência em meio a uma sociedade que segregava e excluía mulheres, tornando-as vítimas de si próprias e de suas histórias.⁴ Sendo assim, o clímax do texto não é a história de amor de um homem bondoso que salva uma mulher e sua sogra de sua miséria. É, todavia, a história de coragem de mulheres que se importavam com a vida uma da outra. Rute e Noemi viviam diaconalmente em reciprocidade, apesar de um sistema violento e patriarcal. Estas são as personagens protagonistas da narrativa e ao redor delas a narrativa diaconal vai acontecendo.

Eimeleque, decidiu mudar-se para Moabe [território pouco amistoso]. Para a esposa, Noemi, as consequências, da mudança foram trágicas a longo prazo. Primeiro ela perdeu marido e mais tarde, os dois filhos. Residir em Moabe que deveria ser algo temporário, durou dez anos e, no final desse período, Noemi ficou sem meios de sobreviver e também sem nenhuma esperança quanto ao futuro.⁵

Então, no meio desta história de desgraça, entram outras personagens, Rute e Orfa, noras viúvas de Noemi. Noemi decidiu retornar para Belém, pois a colheita lá

¹ BOFF, Clodovis. **Teologia e prática**: teologia do político e suas mediações. Petrópolis: Vozes, 1978. P. 112-126.

² BEULKE, Gisela. **Diaconia**: um chamado para servir. São Leopoldo: Sinodal, 1997. P. 14.

³ BEULKE, 1997, p. 15.

⁴ VELTEN, Josiane; SOUZA, Carolina Bezerra de. *A Diaconia de Rute*. In: **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 62, n. 1, p. 197-210, 2022. P. 199 Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/1348/1383> Acesso em: 06 fev. 2023.

⁵ CARSON, D. A. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo, SP: Vida Nova, 2009. P. 441.

estava farta. Porém, no caminho, Noemi instrui Orfa e Rute a retornarem para suas famílias, visto a situação que elas viviam. “Orfa foi embora e não se ouve mais a seu respeito, *porém Rute se apegou a Noemi.* [...] A decisão de Rute estava tomada: onde quer que fores, irei eu. O bem-estar de Noemi era sua preocupação primeira.”⁶

b) SERVIÇOS: “Fazer um *levantamento dos serviços* que já existem na comunidade ou no bairro.”⁷

Diante do contexto apresentado, quais seriam as soluções que se desvelavam diante de Rute e Noemi?

Após o apelo de Noemi argumentando que não podia oferecer segurança alguma, Orfa decidiu retornar para a casa da sua mãe, mas não sem relutar, não sem antes decidir estar com Noemi (1,7-12). Rute resolveu permanecer com a sogra qual fosse o caminho dela. Nesse sentido, é importante aprofundar o grau de compromisso de Rute com Noemi e de renúncia que ela fez por isso.⁸

Assim sendo, não havia muito o que esperar além da expectativa de que provavelmente nora e sogra enfrentariam dificuldades, pelo menos por um tempo, como a fome, pois não havia nenhum sinal de apoio ou socorro presente no momento de dificuldade. Ao nos lembrarmos de que o patriarcado dominava o contexto e a cultura, percebemos que, havia apenas um serviço ou recurso possível, a questão da terra era algo disponível na lei israelita.

A terra é considerada como tendo sido dada por Deus aos diferentes pais ou famílias. Por isso, não se pode vender a terra; ela deve permanecer na família. Quando os herdeiros falecem, a terra deve (segundo a tradição: juntamente com a respectiva mulher) ser passada adiante a um membro da família ampliada, o resgatador. [...] O resgatador deve cumprir a lei do levirato e casar com Rute (Cf. Dt 25.5-10; Gn 38), para assim gerar descendência ao marido falecido e dar continuidade ao seu nome.⁹

Naquele momento, a questão de a terra permanecer na família seria a única garantia prevista na lei, Noemi, entretanto, já estava em idade avançada, o que a impossibilitaria casar e ter filhos ou filhas. Havia ainda o direito de que fossem recolhidas as espigas caídas na colheita, em terra estranha, podendo, contudo, ser até mesmo maltratada pelos trabalhadores (o que fica expresso ao longo do texto, cf. Rt 2.9, 2. 15).

⁶ CARSON, D. A. 2009, p. 441.

⁷ BEULKE, 1997, p. 15.

⁸ VELTEN; SOUZA, 2022, p.200.

⁹ RÖSEL, Martin. **Panorama do Antigo Testamento**: história, contexto e teologia. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST 2009. P. 52.

c) ARTICULAR: “É imprescindível conhecer tanto as necessidades e as expectativas, como os serviços que já existem, para não iniciarmos um trabalho semelhante. Precisamos aprender a *integrar, a trabalhar articuladamente* com aquilo que já existe.”¹⁰

No decorrer da narrativa acontece a busca pela solução dos problemas, de uma forma imediata, a fome se mostrava a mais cruel barreira. E Rute se dispõe a auxiliar Noemi pedindo que lhe permita trabalhar colhendo as sobras, o que era previsto na lei.

A necessidade imediata era comida. Era humilhante estarem reduzidas assim a tal pobreza, mas, porque era época de colheita, havia uma maneira de resolverem o problema por si mesmas. A lei de Deus estipulava que proprietários de terra não deviam fazer a colheita nos cantos de suas plantações, mas, sim, deixar o cereal para que os pobres apanhassem (Lv. 19.9; 23.22). Bênção especial seguiria tal gesto de generosidade (Dt. 24.19). Rute decidiu tirar vantagem dessa regulamentação, mas supôs que nem todos os proprietários receberiam bem aquelas pessoas em busca de alimento em suas terras, especialmente uma estrangeira. Conquanto não soubesse nada sobre quaisquer parentes próximos de seu sogro, “por acaso”, ela decidiu respigar num campo que pertencia a Boaz, *que era da família*, [isto é, clã] *de Elimeleque*.¹¹

Nesse quesito de articulação, Rute sabia das necessidades prementes de ambas e que deveriam buscar formas de não padecer pela fome e fizeram uso do recurso da colheita do que caiu ou que estava à borda da demarcação da terra para terem seu sustento. Esse conhecimento, aliado à capacidade física de Rute, permitiu que se aproximasse da solução imediata e mediata do caso.

d) DIÁLOGO/CONSCIENTIZAÇÃO: “Para que aconteça libertação, o diálogo, a reflexão, conjunta e a comunicação em nível de igualdade são imprescindíveis. Elas possibilitam conscientização.”¹²

Para que tudo acontecesse foi necessário que Rute e Noemi estivessem em plena sintonia em diferentes momentos. A história segue com Rute retornando após colher nas terras de Boaz, ter contato com ele, e ele garantir proteção, alimento e água a ela. Rute retornou com 25 quilos de grãos para casa. Assim ela contou à sua sogra que um homem chamado Boaz foi muito generoso com ela. (Rt. 2. 1-20)

Tudo isso também foi resultado da abnegação de Rute e de sua disposição para dialogar, conforme Lilia Dias Marianno:

¹⁰ BEULKE, 1997, p. 15

¹¹ CARSON, D. A. 2009, P. 444

¹² BEULKE, 1997, p. 15

Rute renunciou a muita coisa: seu rumo (“onde fores”), sua casa e seu repouso (“onde repousares”), sua nacionalidade (“teu povo”), sua divindade (“teu Deus”) e sua sepultura (“onde morreres”)! Na antiguidade, as pessoas poderiam ser deserdadas simplesmente por mudar de cidade, mas Rute estava disposta a mudar de país. Essa era uma renúncia radical. Ser sepultado junto dos familiares era como ser reunido a seu povo ou descansar com seus pais (cf. Gn 25,8 e 1 Rs 119 2,10). Com esse gesto ela escolheu ser banida de sua família, dando-lhe as costas.¹³

Tendo isso como arcabouço da história, conseguimos compreender que um acontecimento foi se vinculando ao outro, permitindo que a sequência de fatos se desse. Não fosse a abdicação de Rute, Noemi não teria conseguido o alimento garantido pela lei judaica. Todavia, se Noemi não permitisse que Rute corresse o risco de ir colher as sobras nos limites das terras, podendo ser violentada, Rute não teria conhecido Boaz e a história teria tido um desfecho infeliz.

e) TRANSFORMAR: “Dar algo concreto à outra pessoa (comida, roupa, dinheiro...) pode até ajudar no momento, mas, dificilmente será sinônimo de mudança profunda.”¹⁴

Havia uma crise inicial que era a fome, contudo, solucioná-la ajudaria momentaneamente. Aparentemente, Noemi, sabendo de Boaz e lembrando de que ele era do clã de Elimeleque, viu ali uma possibilidade para que Rute e ela saíssem definitivamente daquela situação. Enxergou, assim, a possibilidade de transformação integral daquela situação.

Todavia, as personagens centrais da narrativa visavam integrar o que até ali já haviam vivido, bem como vislumbrar as possibilidades de transformação que se criaram a partir do fato de saberem que poderiam sobreviver colhendo sobras no campo. Haveria a possibilidade de casamento de Rute com Boaz, pois ele poderia ser um herdeiro da terra de Noemi, como parte do clã de Elimeleque.

Noemi, recuperada do estado de tristeza que a dominava pela novidade de vida que veio com o alimento, demonstrou cuidado com a integridade física e sentimental de Rute, orientou a nora a permanecer com as servas de Boaz e também que ao final da sega Rute agisse de tal forma que fosse tomada por Boaz, resgatador de Noemi, como esposa, o que garantiria às duas uma vida segura e possivelmente descendência. Ouvindo da sabedoria de sua sogra, Rute assim fez, perfumou-se, arrumou-se, esperou que ele tivesse bebido e se deitado, descobriu-o e se deitou junto dele. A cena leva a crer que elas

¹³ MARIANNO, Lilia Dias. **Sogra e nora: parceiras? Viúvas e estrategistas sobrevivendo à fome (Rut)**. RIBLA. Quito, n. 66, 2010, p.115-127. P.117; BAL, Mieke. Heroism and proper names, or the fruits of analogy. In: BRENNER, Athalya (ed). **A feminist companion to Ruth Sheffield**: Sheffield Academic Press, 2001. P. 49-53.

¹⁴ BEULKE, 1997, p. 16.

queriam que ele entendesse que houve uma relação sexual, o que o texto insinua, mas não deixa claro se de fato houve o intercuro.¹⁵

Rute e Noemi, traçaram suas estratégias para promover transformação, sendo agentes desse momento de suas vidas e havendo possibilidades previstas pela lei, elas assim o fizeram, sabendo de antemão que Boaz havia se encantado por Rute. A história continua narrando que ao acordar, Boaz se questiona sobre quem estaria ao seu lado e a resposta de Rute é veemente:

Ela falou por si mesma, tomou coragem e pediu que Boaz agisse como parente-resgatador e se casasse com ela. [...] Não houve hesitação na resposta de Boaz. Rute podia ficar livre de seus temores, pois nenhuma reprimenda estava à vista. Pelo contrário, ela recebeu uma bênção e a aceitação como “filha” na família. Ela não era mais uma estrangeira. Boaz percebeu que Rute estava basicamente preocupada com o futuro de Noemi.¹⁶

E desta forma acontece a transformação. Houve a necessidade de cuidados com questões urgentes, como a fome, o que poderia ser nomeado como diaconia emergencial¹⁷, mas, no livro também se percebe que havia preocupação com a transformação de uma situação.

f) PARTILHAR SABERES: “Ninguém muda ninguém. As pessoas unidas em comunhão crescem e promovem mudanças. Todas as pessoas possuem conhecimentos, saberes, por mais simples que sejam, e todos têm o que aprender.”¹⁸

Todo o desfecho desta narrativa só se torna concreto porque desde o primeiro momento em que a crise se instaurou houve uma intensa partilha de saberes entre Noemi e Rute. Uma possuía a experiência e a sabedoria, a outra o conhecimento e a aptidão física para fazer.

As decisões ao longo do texto são permeadas de partilhas. A primeira delas é uma das mais emblemáticas. Vejamos o que dizem distintos trechos do comentário Vida Nova:

Noemi, que não tomava nada por certo, instou as duas noras a voltar para suas famílias em Moabe. [...] A decisão de Rute estava tomada: *aonde quer que fores, irei eu*. [...] A essa altura, o narrador introduz com habilidade o fato de que um parente de Elimeleque ainda estava vivendo em Belém [...]. A lei de Deus estipulava que proprietários de terra não deviam fazer a colheita nos cantos de suas plantações, mas sim deixar o cereal para que os pobres apanhassem (Lv 19.9; 23.22). [...]. Rute decidiu tirar vantagem desta regulamentação. [...] Boaz dirigiu-se a Rute com uma atitude de aprovação,

¹⁵ VELTEN; SOUZA, 2022, p. 202.

¹⁶ CARSON, D. A, 2009, p. 447.

¹⁷ A seguir será conceituado o termo diaconia emergencial.

¹⁸ BEULKE, 1997, p. 16.

instando-a a continuar em suas terras e prometendo-lhe proteção especial. [...]. Agora, a oração de Noemi se tornava mais específica. Ela previu instantaneamente possíveis desdobramentos.¹⁹

A narrativa repleta de partilhas continua com a instrução de Noemi para os próximos atos de Rute, o que culmina no casamento de Rute e Boaz. Dessa forma, percebe-se que a partilha de saberes e não o menosprezo de qualquer um deles o que foi de crucial importância para que o problema fosse solucionado.

g) RECONHECER PROBLEMAS: “À medida em que as pessoas refletem sobre si e o mundo, aumenta a sua percepção da realidade. Reconhecem os problemas que podem se transformar em desafios, a procura de caminhos para inserções sociais que geram mudanças profundas.”²⁰

Sobre o tema de reconhecer problemas, ao olharmos para a história de Noemi e Rute, poderíamos tranquilamente, a partir de tudo o que já foi dito, perceber que ambas reconhecem que seu problema seria maior do que a fome. A fome foi apenas uma necessidade primeira a ser combatida.

Em um contexto patriarcal, a sororidade entre mulheres chama atenção, mas acima de tudo, a diaconia das mulheres revela o cuidado e a preocupação pela vida numa situação de completa humilhação e desalento. A história dessas mulheres vista a partir da diaconia aponta para sua coragem num contexto violento que marca os seus corpos. Rute e Noemi nos instigam a uma diaconia transformadora que não se acanha, não se retrai. Uma diaconia que potencializa a história de vida delas resultando na saída de sua terra à procura de outro lugar que possibilitasse melhores condições de vida. A diaconia de Rute nos desaconselha o comodismo e nos faz perceber o sofrimento que está também à nossa volta.²¹

Após pensarem em como combater a fome, logo foram em busca da solução dos problemas que se apresentavam latentes. Havia mais do que a fome. Havia riscos de sofrerem abandono, violência, assédio, preconceitos contra seus corpos e desprezo pelo novo contexto, principalmente para Rute, considerada estrangeira em Belém.

Reconhecer seus reais problemas foi o que as possibilitou ir além das soluções óbvias que se apresentaram, pois foram atrás da raiz dos males que as assolavam naquele momento, vislumbrando em partilha os recursos disponíveis à resolução do conflito gerado.

¹⁹ CARSON, D. A, 2009, p. 441-447.

²⁰ BEULKE, 1997, p. 16.

²¹ VELTEN; SOUZA, 2022, P.199.

h) TEMAS GERADORES DE MUDANÇAS:

É na situação existencial concreta que são percebidos os problemas que se tornam desafios para mudanças. A visão de mundo das pessoas reflete a sua situação de mundo. Por isso, é imprescindível ter conhecimento crítico da realidade, do pensar e falar das pessoas, para que a comunicação seja eficiente.²²

Quanto aos temas geradores, podemos elencar os conflitos que se estabelecem ao longo da narrativa. O tema que desencadeia a crise é a morte de Eimeleque. A partir de então, desvela-se a violência de gênero, que culmina no desamparo a Noemi e suas noras, pois sem a presença de um homem, elas não poderiam cuidar de si nem de suas terras, necessitariam, assim, de um resgatador. Esses temas vão emoldurando a sequência de fatos como a possibilidade de quem fosse na colheita pegar as sobras e colher nos cantos, poderia sofrer assédio ou abuso, preconceito e discriminações. Além disso, caso não conseguissem sair daquela situação de viuvez, poderia acontecer que uma seca ou problemas nas plantações, limitariam a possibilidade de sobrevivência de ambas.

Conhecendo essa situação existencial concreta é que a história tem a sua primeira guinada:

A virada aconteceu quando ela ouviu que o *Senhor se lembrava do seu povo, dando-lhe o pão*. Ela se preparou para a *volta*, palavra que, na forma verbal ou nominal, é recorrente no capítulo. No hebraico, emprega-se o mesmo verbo para a ideia de “arrepender-se”, e ao voltar para sua terra, Noemi estava demonstrando uma mudança de atitude, um “arrependimento”.²³

Quando Rute reconhece por completo sua situação é que busca por mudanças. Contudo, isso a leva a uma situação de extrema fragilidade emocional, sentindo-se desamparada pelo próprio Deus, ainda que veja n’Ele a sua esperança de transformação da situação. (Rt. 2.20). Dicotômica e paulatinamente, a partir do reconhecimento dos temas geradores é que Noemi consegue sair da desesperança para a esperança, interseccionalmente.

i) SITUAÇÃO-LIMITE:

“A *“situação-limite”* – *“assim não dá mais”* – quando percebida como *“fronteira entre o ser e o ser mais”*, torna as pessoas cada vez mais críticas em sua ação. Assim que uma *“situação-limite”* é superada, surgem outras que exigem

²² BEULKE, 1997, p. 16.

²³ CARSON, D. A., 2009, P. 441-442.

uma postura decisória, que leva as pessoas à ação e à superação de novas “situações-limite”.²⁴

Em distintos momentos se apresentam situações-limite na narrativa aqui estudada. Contudo, mais uma vez, a fome é aquela que motiva a uma mudança mais radical e o clímax acontece quando Noemi percebe que além dela, mais duas viúvas poderiam passar pela mesma situação. Não podendo ofertar nenhuma garantia para Orfa e Rute, Noemi decide, como já vimos, aconselhá-la a voltar para sua terra, não concluindo assim, a viagem a Belém. Orfa retorna, mas Rute decide colocar-se junto com Noemi no caminho de enfrentar outras situações limites. Dessa forma, a partir da situação da fome se tomam outras decisões, como ir recolher espigas sobrantes, colocando-se sob o risco de novas situações-limite. Contudo, cada uma das situações foi imputando a Noemi e Rute mais conhecimento, diálogo, partilha e fortalecimento rumo ao objetivo final de sair de sua miséria e fome.²⁵

j) INSERÇÕES INTENCIONAIS: “É necessário conhecer os problemas do contexto, as causas, as consequências e, em conjunto, refletir sobre possíveis caminhos que possibilitem uma inserção crítica na realidade, que gere transformação.”²⁶

Há duas principais inserções intencionais nesta história, que só acontecem, porque se conhece o contexto, a história e a lei. Rute se encoraja e pede a Noemi para que lhe deixe ir colher as espigas sobrantes e vai em busca disso. Outra inserção intencional é quando Noemi sabe de quem é a terra em que Rute colheu espigas e percebe também as intenções de Boaz que se compadeceu e ao mesmo tempo se interessou por Rute. Essas duas inserções causam impacto significativo no desenrolar da história, pois sem elas seria impossível o casamento aparecendo, assim, o resgatador. É preciso dizer que Boaz também teve uma inserção intencional. Quando Rute lhe pede para que seja o resgatador, ele se lembra da lei, e justamente aí que interfere.

Ele podia fazer tudo o que ela pedia, sem incorrer em culpa, porque agora a comunidade toda admirava a integridade de Rute. Mas primeiro, ele tinha que tratar do assunto com um parente que tinha preferência para desempenhar o papel de parente-resgatador. Por que esse homem não havia sido mencionado antes? Só se pode supor a resposta, mas parece provável que Noemi, caso soubesse do homem, já tivesse concluído que era improvável

²⁴ BEULKE, 1997, p. 17.

²⁵ CARSON, D. A. 2009. P. 440.

²⁶ BEULKE, 1997, p. 17.

que assumisse responsabilidades adicionais. Boaz ia verificar a questão. Nesse meio tempo, Rute deveria permanecer a seus pés até o amanhecer, apesar do possível perigo dos olhos bisbilhoteiros. Boaz não tinha nada a esconder e, em poucas horas, a audiência pública sobre a questão legal estaria terminada, e o caso, resolvido.²⁷

E assim ocorreu. As inserções foram cruciais e o protagonismo que cada personagem envolvida na história desempenhou nelas foi fundamental para que a situação se resolvesse.

k) AVALIAR: “No decorrer de toda caminhada é importante não esquecermos de fazer ‘paradas’ para avaliar o processo. Sempre que necessário, rever os objetivos da atuação e ter coragem de admitir as falhas ou lacunas.”²⁸

Nesse momento, saímos da história e olhamos para ela numa perspectiva diaconal. Conforme o estudo feito por Bezerra de Souza e Velten:

A história de Rute é um verdadeiro relato da diaconia que sustenta relações, luta contra a opressão e se coloca a serviço, gerando transformação na vida de ambas e do povo de Israel. Aquilo que se inicia no cuidado com Noemi será experimentado também pelas futuras gerações. Toda uma descendência é afirmada pelo texto como fruto da diaconia de Rute, inclusive Jesus. A atitude de Rute, em relação a Noemi, condiz exatamente com o que mais adiante o ministério de Jesus aponta como sendo diaconia. O próprio discurso do livro pretende transformar a situação de um grupo social, pelo resgate da legislação como forma de resistência às exclusões, sendo assim, essa história inspiradora com uma personagem heroína tem uma função social definida.²⁹

Olhar diaconalmente para Rute significa admitir que no Antigo Testamento não está explícito o conceito e seu significado de diaconia, mas que as ações diaconais que embasam a diaconia no Novo Testamento têm suas origens e seu desenvolvimento a partir de suas histórias e narrativas. Em Rute se encontra perspectivas de uma diaconia que transforma contextos, que cuida de pessoas excluídas, marginalizadas e que sofrem preconceitos e discriminações, injúrias ou difamações por se encontrarem na situação em que estão.

A diaconia de Rute também envolveu pessoas que foram protagonistas de uma ação desenvolvida com vistas a um progresso, da fome se passa à transformação integral eliminando a causa do que as assolava.

Porém, voltamos a reforçar que relatar a atitude de Rute de zelo e preocupação, não deve ser usado para romantizar sua história. Como já

²⁷ CARSON, D. A, 2009, p. 447.

²⁸ BEULKE, 1997, p. 17-18.

²⁹ VELTEN; SOUZA, 2022, p. 206.

afirmamos, a narrativa de Rute e Noemi não trata de uma história romântica, mas de um relato de superação, determinação e sororidade onde elas são protagonistas da narrativa e determinam o rumo da história. É preciso atentar para as violências estruturais que pesavam sobre as personagens.³⁰

Assim, reafirmamos que diaconia não é uma ação silenciosa ou resignada, mas é parte de uma ação profética que desafia estruturas, de forma estratégica, para haver mudanças em problemas pessoais, coletivos, comunitários, institucionais ou estruturais, muitas vezes envolvendo mais de um deles. Salientamos que na história de Rute houve muitas conversões diaconais, mudanças de caminho, de vida, de planos.

Até aqui, vimos a aplicabilidade de uma proposta de leitura Diaconal da Bíblia, no Antigo Testamento, que entretanto, ainda que não se usasse a palavra conversão diretamente, apresentou seus distintos elementos. Doravante, vamos explorar outras características diaconais veterotestamentárias, com vistas a demonstrar a importância desse testamento para a construção de um conceito de diaconia em escritos neotestamentários. Não obstante, retomaremos também o assunto da conversão, tema central desta tese, juntamente com a diaconia.

1.1.2 Aspectos centrais da conversão no Antigo Testamento

Sobre a conversão, o Antigo Testamento³¹ em Gênesis, já é possível apontar para a existência, não especificamente da conversão como hoje comumente a conhecemos³², mas de eventos que remontam a um processo de mudança, usualmente marcado por algum fato que desencadeou um processo de contínua ação e de mudanças na forma de ser e agir. Ademais, escassas autorias sobre o tema não desassociam o AT do Judaísmo tardio, pois há o que parece ser um complemento no desenvolvimento histórico da religião judaica para a correta compreensão da conversão em escritos veterotestamentários.³³

³⁰ VELTEN; SOUZA, 2022, p. 206.

³¹ Doravante AT.

³² O senso comum atribui à palavra conversão como um sentido estritamente religioso e institucionalizado. Sua compreensão mais comum está ligada ao proselitismo que é a busca ou mudança de religião de forma irrefletida ou até violenta.

³³ UNDERWOOD, Alfred Clair. **Conversion, Christian and non-Christian: a Comparative and Psychological Study**. New York: The Macmillan Company, 1925. P. 17.

Dentre algumas das narrativas de conversão do AT, uma das mais emblemáticas que encontramos, segundo Alfred Clair Underwood é a história em que Jacó luta contra o anjo (Gn 32.24-30).

A batalha de Peniel marca o triunfo do mais alto sobre o menor dos elementos em seu caráter. É o momento crítico de sua vida [...] memórias do passado retornam sobre ele; sua consciência o fere, e ele está “grandemente temeroso”. Mas Deus é o seu real antagonista, não Esaú; é Deus a Quem seus pecados têm ofendido e Quem aqui vem para contestar Seus direitos. Estes pensamentos e medos são, assim como eram, materializados, em seu sonho [...]. O momento marca uma mudança espiritual no caráter de Jacó. Suas armas carnis são débeis e inúteis – eles falharam com ele em sua resposta com Deus. Como o resultado de sua luta, seu eu natural é abandonado; ele se levanta disto como um homem diferente... e seu novo nome simboliza sua nova natureza.³⁴ [tradução nossa]

De maneira semelhante poderíamos lembrar de outros personagens que, vivendo momentos emblemáticos em sua história, viveram o que o autor reconhece como experiência de vivência de uma crise que transforma, ou seja, conversão. Essa poderia ser, por exemplo, a experiência do chamado de Samuel (1Sm 3.1-21), ou de Amós, Jeremias e Ezequiel. Estes dois últimos, cujos textos são bastante conhecidos e estudados, foram visões que desencadearam a conversão. Não obstante, temos outros fatos marcantes como o evento de Moisés no Monte Horebe, em Êx 3.2, como uma experiência de conversão.³⁵ Além disto temos a novela de Jonas que acreditou na possibilidade de conversão do povo de Nínive e por isso foi falar a esse povo, após sua própria crise de vocação. Os profetas, ao falarem ao povo ou a governantes esperavam mudanças de consciência e moral em seus interlocutores, mediante a fórmula profética da denúncia e do anúncio.³⁶ Ainda que pouco se fale e esse autor de 1925 sequer mencione, mulheres do Antigo Testamento vivem também conversões em seu modo de vida. Rute, por exemplo, expressa amor por Noemi, sua sogra, em um relato de cuidado e pertença familiar, não abandonando a ela, ainda que em

³⁴ The struggle at Peniel marks the triumph of the higher over the lower elements in his character. It is the critical moment of his life [...] memories of the past return upon him; his conscience smites him, and he is 'greatly afraid'. But God is his real antagonist, not Esau; it is God Whom his sins have offended and Who here comes to contest His right. These thoughts and fears are, as it were, materialized in his dream [...] The moment marks a spiritual change in Jacob's character. His carnal weapons are lamed and useless – they fail him in his contest with God. As the result of his struggle his natural self is left behind; he rises from it an altered man [...] and his new name symbolized his new nature. HASTINGS, James. A Dictionary of the Bible: dealing with its Language, Literature and Contents Including the Biblical Theology. New York: Charles Scribner's Sons, 1902-1909. P. 533.

³⁵ UNDERWOOD, 1925, p. 18-19.

³⁶ UNDERWOOD, 1925, p. 20.

dificuldades e crises, sendo isto uma conversão contínua de pensamento, seguindo ao mesmo Deus (Rt 1.16).

O desenvolvimento da religião de Israel parece incorporar na cultura o conceito vivido na prática pelos personagens nominados anteriormente. Assim sendo, em vez de conversões repentinas, essas passam a ocupar um espaço cultural quando se dá lugar às leis e suas interpretações, bem como a educação de jovens para conhecerem a lei Judaica e assegurarem o desenvolvimento da espiritualidade. Aqui Underwood menciona esse fato como uma decorrência da percepção do processo de conversão vivida no AT, agora materializado em um contínuo desenvolvimento e itinerário de aprendizagem e reflexão, sem violentas rupturas com o passado. Por último e não menos importante, as leis aprendidas conduziam à vivência de um processo de conversão contínuo, em observância à misericórdia e ao amor de Deus.³⁷

1.1.3 Aspectos centrais da Diaconia no Antigo Testamento

Embora o que hoje compreendamos por diaconia tenha suas raízes na ação transformadora de Jesus Cristo e a própria palavra tenha nascido no contexto grego³⁸ do Novo Testamento³⁹, o Antigo Testamento⁴⁰ já conhece algo similar a essa palavra. Conforme Hermann Wolfgang Beyer, já há citações que, provenientes da literatura antiga, utilizam o termo *diakonos* como copeiros, administrador de casa, cozinheiro, cuidador do corpo. Além do mais, o termo *diakonos* e seus correspondentes aparecem na Septuaginta⁴¹ como *diakôneo*, *diakonia*. Mesmo dessa forma, presente no Antigo Testamento, esse se refere a serviços como os descritos acima pela literatura antiga em seu sentido profano e secular⁴² (Est 1.10, 2.2, 6.1,3,5; Mc 11.58, 4 Mac 9.17, Pv 10.41 Sept).⁴³

³⁷ UNDERWOOD, 1925, p. 20.

³⁸ BRANDT, Wilhelm. O serviço de Jesus. In: NORDSTOKKE, Kjell. **A diaconia em perspectiva bíblica e histórica**. São Leopoldo: Sinodal, 2003. P. 9.

³⁹ Doravante NT.

⁴⁰ Doravante AT.

⁴¹ Versão Grega do Antigo Testamento.

⁴² BEYER, Hermann Wolfgang. Diakôneo, diakonia, diakono: servir, serviço, diácono. In: KITTEL, Gerhard (Ed.). **A Igreja no Novo Testamento**. São Paulo: ASTE, 1965. P. 271-291.

⁴³ GEORG, Sissi. **Diaconia e culto cristão: o resgate de uma unidade**. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Centro de Recursos Litúrgicos, 2006. P. 23.

Além desse viés etimológico correlato ao termo *diaconia* entre NT e AT, temos, por clareza, de que a prática diaconal era uma constante na vida do povo de Deus, ainda que não levasse esse nome.

O Antigo Testamento conhece o amor ao próximo e os atos de caridade. Em comparação com os povos antigos, diferencia-se desses essa particularidade. Em Lv 19.18 está a lei do amor ao próximo: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo". Havia leis que beneficiavam o próximo-pobre, muitas delas claramente localizáveis no ciclo da semana-anual dos judeus.⁴⁴

Não obstante, encontramos em Joachim Jeremias uma importante consideração a respeito do olhar misericordioso (diaconal) para a pessoa pobre, o que segue:

- a) o ano sabático e o fim das dívidas (Lv 25; Ex 23. 10-11);
- b) Após a dedução de taxas estabelecidas, doar a décima parte da colheita para os pobres (Dt 14.29; 26.12);
- c) conceder às pessoas necessitadas a permissão de coletar as sobras do campo (Lv 19.10; 23.22ss; Dt 24.19-21);
- d) o consumo de pasto e lenha de grandes propriedades e da pesca de peixes no Lago de Genesaré;
- e) as leis do templo olhavam para a situação de pobreza: os pobres ofertavam pelo pecado duas pombas ou um sacrifício alimentar, em vez de uma ovelha (Lv 5.7-13);
- f) Havia leis específicas e caixas para coleta de doações no templo, amparando a órfãos e viúvas.⁴⁵

Como visto, o Antigo Testamento desconhece o termo *diakonia* em seu sentido neotestamentário, mas demonstra, na prática, seu conhecimento, expressando também, as obras de misericórdia, reafirmadas posteriormente por Jesus em Mt 25. Ainda que essas tenham origens diversas, inclusive do mundo não judeu, Jesus e o judaísmo conheciam, relativamente bem, a prática dessas obras.

Mt 25.31-46 faz o relato das obras de misericórdia. Essas se resumem em dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, acolher a pessoas

⁴⁴ GEORG, 2006. p 47; HOORNAERT, Eduardo. **A memória do povo cristão**: uma história da Igreja nos três primeiros séculos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986. P. 56; HAMMAN, A.-G. **A vida cotidiana dos primeiros cristãos (95-197)**. São Paulo, SP: Paulus, 1997. p. 137.

⁴⁵ JEREMIAS, Joachim. **Jerusalém no tempo de Jesus**: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário. São Paulo, SP: Paulinas, 1983. P. 186-188.

estrangeiras e forasteiras, vestir a quem está nu, visitar a doentes e pessoas em prisões. O mundo contemporâneo neotestamentário conheceu muito bem a essas condições de vida às quais Jesus oferece as obras de misericórdia como solução. Assim sendo, a fome, a doença, sede, a falta de condições para se ter boa vestimenta, moradias precárias ou falta de uma, pessoas sem terra para plantio e sem país, a ausência de liberdade eram os problemas mais graves enfrentados pelas pessoas da época. É necessário mencionar que a Igreja Primitiva, além de olhar para as seis obras de misericórdia descritas por Jesus em Mt 25, ainda acrescentou a essas uma sétima obra de misericórdia, o sepultamento de pessoas mortas.⁴⁶

As obras de misericórdia não foram inventadas por Jesus, pois pelo menos cinco mil anos de história contém essa premissa de cuidado. A cultura egípcia já a praticava e dela temos as primeiras “notícias” de atos de misericórdia para com semelhantes inscritas, por exemplo, nas pirâmides, papiros e livros de ensino e sabedoria. Uma das divindades egípcias chamava-se “Ajudador dos Pobres”. Ao que pesquisas indicam, Jesus também conhecia a essa cultura e valoriza a ela reconhecendo que essa promovia, a partir de seus valores, a valorização das relações humanas, apoio e cuidado às pessoas em situação de dificuldade e de miséria.⁴⁷

Assim sendo, percebemos que, embora performada como termo e prática no NT, a diaconia tem raízes no primeiro testamento e como elemento histórico e base normativa da Igreja, inclusive, ajuda a entender a prática diaconal da Igreja até nos dias de hoje.

1.1.4 Diaconia e conversão: Onde alguns temas confluem no Antigo Testamento

Não há margens para dúvidas de que os temas confluem no AT. Ainda que como visto anteriormente, o termo *Diakonia* aparece na Septuaginta, esse possui sentido ainda bastante serviçal, quase escravo. O mais próximo do que encontramos de como a diaconia é conhecida hoje, no Antigo Testamento, é toda prática de misericórdia e amor voltada a quem sofre, bem como as obras de misericórdia que perpassam também a cultura judaica.

⁴⁶ BEYREUTHER, Erich. **Geschichte der Diakonie und inneren Mission in der Neuzeit**. Berlin: Wichern-Verlag, 1962. P. 11; VONHOFF, Heinz; HOFMANN, Hans-Joachim. **Samariter der Menschheit: christliche Barmherzigkeit in Geschichte und Gegenwart**. München: Claudius-Verlag, 1977. P. 11-14.

⁴⁷ BEYREUTHER, 1962, p. 11. VONHOFF; HOFMANN, 1977, p. 11-14.

A intersecção entre diaconia e conversão aqui acontece quando após o momento da conversão, quer fosse visão ou evento marcante, havia a vivência da fórmula profética de denúncia e anúncio.⁴⁸ Profetas e profetizas eram chamados e chamadas a denunciar os males que ocorriam e anunciar a graça e a misericórdia de Deus. De igual forma, uma das dimensões da diaconia é que ela é profética em sua essência, pois busca denunciar injustiças, combater males e anunciar que a graça de Deus é a Igreja atuante contra o sofrimento.

Mas o que vem a ser diaconia profética? Profecia diferencia-se de diaconia, mas a diaconia é profética, isto é, ela age em nome de Deus. Anunciar antecipadamente, prever, anunciar por conjeturas. Assim se define a função do profeta. A diaconia profética se preocupa com o “amanhã.”⁴⁹

Dessa forma, após a conversão de profetas e profetizas, esses e essas, em sua tarefa, desempenhavam papel profético diante do contexto em que lhes era incumbido atuar. A diaconia da Igreja também possui essa incumbência profética e é chamada a olhar para o contexto denunciando males e anunciando a justiça de Deus. A propósito, esse viés profético também era uma característica diaconal do AT.

Outro ponto de confluência entre temas é que o AT conhece atos de caridade e misericórdia como parte da vida, por exemplo, de quem passava a seguir com maior rigor a lei em sua essência. Esse era o chamado de profetas e profetizas, os quais foram incumbidos e incumbidas por Deus para lembrar o povo desta tarefa de cuidar e amparar a pessoas enfraquecidas, cumprindo assim o mandato de Deus através da lei, servindo, assim, também, à Sua vontade. Ou seja, o convite a quem se desviava das leis judaicas era para uma nova conversão, essa que era uma motivação para o retorno à observância do que antes descrevemos e que reafirma Joachim Jeremias, o cuidado com quem necessita. Esse retorno à lei e sua essência, vem, no caso de profetas e profetizas, muitas vezes, através de pessoas convertidas, para que produzam conversão no âmago daquelas que se diziam cumpridoras da lei ou que, por alguma razão a abandonaram. Entrementes, era uma conversão também à prática diaconal.

A partir do Judaísmo, conversão não seria mais um evento marcante, seguido de transformações no modo de pensar e agir constantes, mas uma forma de aprender,

⁴⁸ SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2013. P. 168.

⁴⁹ NORDSTOKKE, Kjell. **Diaconia: fé em ação**. São Leopoldo: Sinodal, 1995. P. 61.

principalmente na idade jovem, costumes e leis, também de misericórdia e caridade. Dessa forma, os pontos em comum entre essa fase do AT, diaconia e conversão é que o aprender a converter-se e observar a misericórdia deveria ser uma prática constante, em que a falha em uma esfera incorreria naturalmente na falha em outra. Exemplificando, o ato de falhar em conceder às pessoas necessitadas a permissão de coletar as sobras do campo (Lv 19.10; 23.22ss; Dt 24.19-21) era naturalmente falhar na conversão diária de observância da misericórdia e diaconia. Não havia separação entre estas, uma vez que ambas, segundo o autor, eram culturais.

1.2 Algumas características de Diaconia e Conversão no Novo Testamento

Como metodologia de leitura diaconal de Mc 10. 46-52 (A cura do Cego Bartimeu), será utilizada uma abordagem da prática diaconal. A metodologia diaconal apresentada por Beulke no livro Diaconia: um chamado para servir servirá de base para o estudo bíblico, assim como foi feito anteriormente com o livro de Rute. Acompanharemos a cada um dos seus passos, levando em consideração de que se trata de uma análise baseada na ação e na prática refletida e avaliada.

1.2.1 Leitura diaconal de Marcos 10.45-52: A cura do cego Bartimeu

a) CONHECER: O texto bíblico dá a conhecer distintas personagens. Existe aqueles que são tidos como personagens centrais, Jesus e Bartimeu, bem como os personagens periféricos, como os discípulos e a multidão. Contudo, de alguma forma, todos dão dinâmica aos fatos ocorridos naquele local.

Os que estavam no local repreendiam ao cego afirmando até mesmo de que ele não era digno de estar ali, pediam silêncio ao mesmo. Contudo, o cego grita ainda mais alto. Jesus, ouvindo a esse clamor desesperado do cego, pede para que a multidão aja diferente. Então, eles os chamam, até mesmo animando ao cego. E esse vai ao encontro de Jesus.⁵⁰

Entretanto, os gritos de alguém despertam o desprezo de alguns e chamam a atenção de Jesus para o fato. Esse era Bartimeu, personagem central na história. Exegeticamente falando, uma das possibilidades de tradução do nome desse homem

⁵⁰ OLIVEIRA, Dionata Rodrigues de. **Que queres que eu te faça?**: um diálogo diaconal e atual com o método ver, julgar e agir. São Leopoldo, RS, 2012. 48 p. TCC (Graduação em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2012. P. 26.

demonstrava o preconceito contra a sua deficiência. Porém, o personagem recebe destaque na posição em que o cânon a coloca. Segundo Ched Myers,

Essa é a última cura da série “cego, surdo” e no Evangelho como um todo. Diversamente ao episódio em Betsaida, essa afirmação simbólica é decisiva; ele é igualmente conhecido como narrativa paradigmática do discipulado [...] Muitas vezes ignoradas, entretanto, são as suas dimensões sociais e políticas.⁵¹

Dessa forma, sua narrativa possui importante destaque dentre no ciclo de curas ainda que Bartimeu não possuía nenhum destaque na sociedade em que vivia.

O próprio nome dado ao cego (Bartimeu), no hebraico significa “filho do impuro”. A multidão o cercava para ter dos seus milagres e era desfavorável a que esse fosse visto, pois era pecador ou “inútil”. Contudo, Jesus olha para ele e o chama. Bartimeu chega a temer, mas vai até Jesus e esse lhe faz uma pergunta crucial: o que queres que eu te faça?⁵²

Ele estava ali, desprezado já por seu nome⁵³, vivendo sozinho em um canto, pedindo esmolas e suplicando por ajuda. Desprezado por muitos, cego de nascença, por isso o nome filho do impuro, pois a deficiência era considerada fruto de pecado herdado. Ainda assim, essa narrativa tem um elemento de crucial importância para a vida e ministério de Jesus. Segundo Bull, esse texto conclui o anúncio da Paixão de Jesus. Conforme dito, ele veio em resgate de muitas pessoas, desde o cego curado e considerado inútil em Jericó, até pessoas pecadoras, oprimidas, ou seja, por todas as pessoas.⁵⁴

b) SERVIÇOS: Embora houvesse leis que permitissem o cuidado e apoio ao cego, como Dt 27.18 e Lv 19.14 (não desvie o cego do seu caminho), as condições de vida de Bartimeu, e a sociedade em que viviam não davam qualquer margem para um olhar misericordioso diaconal. O apego à lei, em seu conservadorismo e radicalismo e não à sua prática de misericórdia, fez com que não houvesse espaço no âmbito social para “pecadores” como Bartimeu. Então, o único serviço disponível naquele momento para resgatá-lo daquela miserabilidade era a autoridade adquirida na palavra de Jesus, e assim o foi:

Nas entrelinhas do que se passa com Bartimeu, vemos que Jesus consegue envolver ao povo mobilizando-os a uma causa. Dizer isso não só quer dizer

⁵¹ MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1992. P. 341.

⁵² OLIVEIRA, 2012, p. 25.

⁵³ MYERS, 1992, p. 341.

⁵⁴ BULL, Klaus-Michael. **Panorama do Novo Testamento**: história, contexto e teologia. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2009. P. 28.

que o povo anima a Bartimeu para que esse vá ao encontro do “Filho de Davi”. A partir de quando Ele pede para que o cego se aproxime, aqueles que até então o rechaçavam, agora mudam seus conceitos e encorajam ao “filho de Davi” para que esse procure por Jesus, levantando-se, também agindo. E, esse que até então, estava recolhido com sua humilde capa em um canto sendo invisível aos olhos de muitos, passa então a ser visto por todos.⁵⁵

Embora sem recursos, Jesus usa de sua criatividade para criar os recursos necessários para que Bartimeu pudesse experimentar uma vida digna, sem culpa ou preconceito, podendo viver desde já aquilo que Cristo veio para concretizar, o seu reino de resgate de muitas pessoas.

c) ARTICULAR: nesse ponto da metodologia, encontramos um dos acontecimentos principais para o desenvolvimento de toda a narrativa, a articulação com o público ao redor e o diálogo foram fundamentais.

Ao ouvir Bartimeu gritar (Mc 10. 49), e ao ver que muitos o repreendiam, Jesus entendeu que simplesmente chamar o cego não seria suficiente. Com sua autoridade e sabedoria, ele pediu que as pessoas chamassem ao cego, propondo uma mudança no discurso de ódio das pessoas envolvidas.⁵⁶ E como se não bastasse, após perceber que as pessoas abriram passagem e mais, chamaram Bartimeu, e possivelmente ainda o guiaram, devido aos obstáculos no caminho, Jesus propõe ainda mais, ele pergunta “o que queres que eu te faça?”.

Contudo, o cego grita ainda mais alto. Jesus, ouvindo a esse clamor desesperado do cego, pede para que a multidão aja diferente. Então, eles os chamam, até mesmo animando ao cego. E esse vai ao encontro de Jesus. Jesus demonstrou uma atitude diferente e no meio de toda a multidão, devido à coragem e perseverança do cego, ele pergunta: “Que queres que eu te faça?” [...] ⁵⁷

A articulação de Jesus, o agente diaconal, é que permite que haja transformação na situação encontrada. Sua atitude poderia ter sido diferente do que em outros contextos. Em alguns lugares ele simplesmente agia, ou pedia, ou pregava antes. Dessa situação, em específico, ele primeiramente articulou, promovendo mudanças no pensamento e na forma de agir de diversas pessoas ali presentes.

Jesus, estando em Jericó, não foi simplesmente ordenando aos de lá ou querendo modificar o contexto sem conhecer. A população, tendo sabido de

⁵⁵ OLIVEIRA, 2012, p. 26- 27.

⁵⁶ MYERS, 1992, p. 341.

⁵⁷ OLIVEIRA, 2012, p. 27.

sua fama, já foi ao seu encontro e no meio de todos Jesus teve a prudência em ouvir a voz do mais fraco e oprimido dentre os que ali estavam.⁵⁸

E nesse sentido de articulação com os recursos existentes, ou melhor criados, podemos seguir essa leitura diaconal para o próximo passo metodológico.

d) DIÁLOGOS/CONSCIENTIZAÇÃO:

Curiosamente Jesus [...] faz com que todos vejam qual era a situação, onde se encontrava a injustiça, envolveu a todos. A esse texto bíblico Ched Myers denomina de “olhos para ver: Bartimeu”. Podemos dizer que Jesus faz um diagnóstico a partir da pergunta básica: que queres que eu te faça? [...] Jesus conseguiu a partir dessa ação de “cura” da cegueira, também ver aquilo que necessitava fazer pelo povo que estava ao seu redor.⁵⁹

Sem muitas palavras, mas com profundidade e assertividade, Jesus, promove, através do diálogo, a conscientização das pessoas que desprezavam Bartimeu. Todo o contexto era cercado por preconceito e exclusão de Bartimeu, o filho de Timeu, mas também chamado de filho do impuro, no hebraico. Todas as demais pessoas ali presentes pensavam que seus problemas eram prioridade perto de um “mendigo pecador”. Jesus, no entanto, pede para as pessoas chamem aquele que estava sendo rechaçado dali, pois ele demonstrava maior persistência. Talvez alguns até tenham pensado que Bartimeu seria admoestado pelo próprio Jesus. Existe uma mudança no pensamento das pessoas naquele momento, as quais até mesmo dizem “Anima-te, ele te chama” (Mc 10.49). As mesmas que o desprezavam, agora o motivavam e permitiam (ou até auxiliavam), na passagem.

O texto que antecede a esse já diz qual a diaconia de Jesus. Em resumo Jesus viu a realidade local, mobilizou a todos para que entendessem a situação do cego e fez com que ele próprio através da fé pudesse ser curado e não simplesmente fez por ele ou tomou a “cena” para si. Jesus levou em consideração todos ao seu redor, tornou o cego protagonista de sua ação, pela fé e se inteirou da realidade, colocando bem seus pés no chão, ou seja, Jesus exercitou o VER.⁶⁰

A partir do diálogo, a conscientização acontece e há transformação não apenas na vida de Bartimeu, que recebe um convite inesperado como resultado de seu grito desesperado de socorro. É possível perceber mudanças na forma de pensar e agir das pessoas que ali presenciaram aquele momento.

⁵⁸ OLIVEIRA, 2012, p. 27.

⁵⁹ OLIVEIRA, 2012, p. 27-28.

⁶⁰ OLIVEIRA, 2012, p. 27-28.

e) TRANSFORMAR: Nessa perícopa, existe múltiplas transformações. Contudo, a primeira delas reside em um gesto simbólico: Bartimeu se despiu, lançou fora sua capa. Então, a partir desta transformação, as demais vão ocorrendo. A multidão abre passagem e anima ao cego e Jesus cura Bartimeu, oferecendo-lhe mais do que apenas cura, outrossim, oferta transformação, que é a concretização de uma obra diaconal trinitária.

Essa peculiaridade do servir de Jesus revela-se em alguns traços singulares, que, embora pouco notados, carecem de menção especial. Em alguns encontros, Jesus faz sua ajuda depender da fé das pessoas que serão as beneficiadas (p. ex. [...] Mc 10. 52, [...]). Como podemos entender isso? Com certeza, o sentido não é (cf. Mt 9.2!) que a fé representaria a prontidão psicológica que viria a viabilizar a cura por Jesus. Nessa acepção o termo “fé” jamais é usado no Novo Testamento. Em consonância com Jo 3. 3,4 será correto interpretar: a fé é a obra do Pai que já começou. O Filho dependente do Pai leva à consumação a obra do Pai e faz com que a pessoa que crê experimente sua ajuda.⁶¹

A articulação e o diálogo de Jesus conduziram a narrativa para um local de conscientização, que, por sua vez conduz à transformação de uma situação de sofrimento, envolvendo a todos e todas.

Sabe-se, entretanto, que Jesus levou a todos (ou quase todos) a um envolvimento comprometedor de ação para a transformação a partir da fé de cada um. Por isso temos a premissa de que a cura não foi “A” ação, mas, sim tudo o que depois dela se deu. Isso se evidencia no fato de que já no momento em que Jesus pede que chamem ao cego, muitos já o encorajam e como cego, ele não teria condições de chegar até Jesus, conseqüentemente alguém (ou alguéms) o conduziu até o mestre.⁶²

Assim sendo, salientamos que a transformação de uma situação pontual e individual, foi conduzida por Jesus, de forma a se tornar uma mudança coletiva e social. Da única preocupação pela cura da cegueira de Bartimeu, houve diversas curas da cegueira espiritual e moral que as pessoas possuíam.

f) PARTILHAR SABERES: A partilha de saberes era algo presente na vida e ministério de Jesus. Ao estar ali, nesta cena, tudo se inicia com sua pregação pública e ensino. Por esse motivo, a multidão seguia a Ele. Aqui, então, a partilha é algo que permeia o contexto da narrativa e se intensifica ao longo dela.

As “multidões”, isto é, o povo comum, estão entregues ao abandono, “como ovelhas sem pastor” (6,34). São doentes, pobres, publicanos, mulheres... e até gente de religiões gentias. As leis do sistema nada mudam em suas vidas,

⁶¹ NORDSTOKKE, 2003, p. 22.

⁶² OLIVEIRA, 2012, p. 31.

ao contrário, são-lhes peso insuportável. Permanecem famintas (cf. 2, 23-28; 6, 36; 8.2), [...] sem poder ouvir a palavra libertadora, nem proclamá-la (cf. 7,31-38), sem poder ver os sinais do Reino presentes bem perto de si (cf. 8,22-26). São pessoas postas à margem, tidas como *impuras* [Bartimeu: filho do impuro] e inimigas de Deus: “pecador” tinha conotação, não só de marginalizado, mas também de marginal, de culpado (cf. 2,5.15 – 17; 7,1-5). [...] Por isso, naturalmente, as multidões simpatizavam com Jesus e dele se aproximavam.⁶³

Naturalmente, a notoriedade de Jesus se dá pela partilha de saberes, bem como sua autoridade a partir dela, nasce e cresce entre as multidões, como dito por Gameleira Soares. As pessoas careciam de um conhecimento diferente e não demasiadamente enrijecido pela tradição da lei. Essa partilha de saberes, gerando autoridade, permitiu que Jesus tivesse como recurso essa autoridade e dela pudesse continuar ensinando a partir da cura de Bartimeu, para o qual as pessoas abrem caminho, após o chamado de Jesus. O ensino gerou partilha, e ela por sua vez, gerou recursos, que produziu transformação na vida de Bartimeu e da multidão, que se tornou solidária abrindo caminho ao cego.

g) RECONHECER PROBLEMAS: O contexto apresenta uma diversidade de problemas. Dentre eles estão o preconceito contra a deficiência, o egoísmo das pessoas, violência de classe, a multidão para Jesus atender, o cansaço de Jesus e dos discípulos por suas viagens. Nesse emaranhado, Jesus reconhece a raiz de todo o problema, que não era o fato de Bartimeu ser cego, mas o contexto excludente em que um cego vivia. Jesus percebeu que precisaria realizar não apenas uma cura, mas diversas, da deficiência visual, mas também da cegueira moral e espiritual das pessoas, de tudo o que o povo não conseguia compreender para além do campo legalista ou da tradição.⁶⁴ Segundo Myers, trava-se não de um episódio de conotação moral ou que trabalha no campo emocional, mas a escolha de Jesus tem viés político, pois abalava as estruturas sociais do contexto, em boa medida, contradizendo-a.⁶⁵

Ao tomar conhecimento dos problemas, Jesus realiza a ação como parte de seu ministério profético, questionando o porquê de as coisas serem como são e demonstrando possíveis caminhos alternativos a esse *modus operandi*.

h) TEMAS GERADORES DE MUDANÇAS: O tema que gera a mudança é a deficiência visual. Ao seu entorno, a trama se desenvolve, o que parece ser uma

⁶³ SOARES, Sebastião Armando Gameleira In: BÍBLIA. PEREGRINO, Artur. **Evangelho de Marcos**: boas-novas para o novo milênio. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, 1999. P. 34.

⁶⁴ MYERS, 1992, p. 340.

⁶⁵ MYERS, 1992, p. 341.

constante no ministério de Jesus. Traçando paralelos com o texto de Jo 9, quando Jesus cura outro cego de nascença, ali também reside uma questão moral a ser repensada e a resposta de Jesus estabelece a resposta a essa questão. A pergunta feita pelos próprios discípulos é: quem pecou, ele ou seus pais? (Jo 9.2). Essa pergunta faz alusão ao expresso em Êx 20.5 quando diz que Deus castigaria os pecados dos pais até a terceira e quarta gerações. Porém, a resposta de Jesus é a de que ninguém pecou, mas que ele era cego “para que nele se manifesta-se a glória de Deus” (Jo 9.3). E essa glória não seria manifesta a partir das curas, mas porque a partir delas, como relata a história de Bartimeu, muitas outras aconteceram.

Porém, precisa-se levar em consideração o contexto antropológico local, expresso em baixos níveis de alfabetização e formação, bem como a forte presença manipuladora de religiosos, que em muito observavam as leis para ter seu próprio proveito da situação.⁶⁶

O tema da deficiência visual é o que faz com que os diálogos aconteçam, a mudança ocorra e as curas sejam concretizadas.

i) SITUAÇÃO-LIMITE: O grito insistente e cada vez mais alto de Bartimeu, demonstra-se como a situação-limite do momento, logo ao início da narrativa. O clamor: “Jesus, filho de Davi, tenha compaixão de mim”, (Mc 10. 47) demonstra-se como limítrofe de um sofrimento, que vinha acompanhado de tantos outros, e com tantas origens, familiar, contextual, social, econômica entre outras. Ao perceber a situação limite Jesus age, envolvendo pessoas em sua ação diaconal.⁶⁷

Com sua ação Jesus gera mais ação. Em si o que ele faz é propor novos caminhos/métodos/jeitos de ser e estar, mais ligados ao contexto, à realidade e aos necessitados. Isso revela que o servir de Jesus não era um serviço estanque em si, mas que gera e motiva a homens e mulheres a servirem também. Além do mais, tudo o que Jesus fez, mais especificamente no que tange a nosso texto, levou em consideração o que aquelas pessoas ali presentes e principalmente o cego tinha: fé/dúvidas. Desde sempre ele fez questão de que também o cego fosse protagonista de sua cura.⁶⁸

Essa situação-limite demonstra a necessidade de um basta, não para a cegueira, mas para todo sofrimento que era causado pelas pessoas carregadas de preconceitos, violência e ódio e imputavam isso em uma característica física de

⁶⁶ BROWN, Raymond Edward. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2004. P. 27.

⁶⁷ BOFF, 1986, p. 73-74.

⁶⁸ OLIVEIRA, 2012, p. 31.

pessoas naquela época. E para exterminar o sofrimento, Jesus percebe a situação e realiza a cura da cegueira e da mesquinhez de muitas pessoas ali presentes.

j) **INSERÇÕES INTENCIONAIS:** Existe distintas inserções nesse trecho bíblico, algumas boas e outras nem tanto. Iniciando por aquelas que causam o efeito antagônico à história, temos as vozes que reprimiam Bartimeu, para que ele não chegasse perto de Jesus.

Contudo, as inserções mais produtivas são a iniciativa de Bartimeu em seu pedido de socorro demonstrando protagonismo e motivação para sair daquela situação em que foi colocado, por sua condição física. Ele insiste em não se calar e quanto mais o reprimiam, mais ele pedia por socorro, pois sabia que não seria ouvido se pedisse calmamente por um alívio para sua dor. Após ser ouvido e chamado, ele salta, abandona sua capa e vai em direção a Jesus, como gesto simbólico de que queria deixar sua vida pregressa de problemas e desprezo. Possivelmente ele foi ajudado a chegar até Jesus, e com sua fé foi curado.

Outra inserção intencional é a do próprio Jesus, que é, evidentemente, o agente diaconal da narrativa que é antecedida diretamente pelo versículo de Mc 10.45.⁶⁹ Esse texto demonstra diretamente a intenção salvífica de Jesus, dar sua vida em resgate por muitas pessoas. Assim, intencionalmente, ele ouve Bartimeu, pede que as pessoas lhe deixem passar, pergunta a ele: “O que queres que eu te faça?”, envolvendo a ele como agente de sua própria salvação. “A simples pergunta ‘o que queres que eu te faça?’ torna tudo diferente. A partir daí, não temos mais somente o cego, mais um entre tantos. Temos então Bartimeu, uma pessoa com deficiência visual, à qual Jesus dá atenção.”⁷⁰ Ainda ao final Jesus, atribui a cura integralmente a Bartimeu, concedendo-lhe papel importantíssimo na sua cura pessoal, mas não só, atribui-lhe papel na cura e mudança de pensamento de pessoas preconceituosas, arrogantes, egoístas que naquele dia estavam ali ao redor de Jesus. A fé de Bartimeu foi a causa do milagre e cura integral, pois nele se manifestou a glória de Deus. (Jo 9.3)

l) **AVALIAR:** Ao findar desta leitura diaconal, há uma série de itens a serem avaliados e muitos já o foram ao longo do texto, conforme se propõe nesta última etapa de leitura diaconal, paradas propositais para entender de forma reflexiva o que

⁶⁹ Pois o próprio Filho do Homem, veio, não para ser servido, mas para servir e dar Sua vida em resgate por muitos.

⁷⁰ OLIVEIRA, 2012, p. 27.

acontece. De forma resumida, então, podemos dizer que esse texto aponta para a diaconia e sua interface com as conversões possíveis e existentes dentro da ação diaconal. Bartimeu se converte, mudando de vida a partir do cuidado diaconal de Jesus e seguindo um caminho de paz e vida nova. Não obstante, pessoas na multidão se convertem, pois abrem espaço e até mesmo podem ter auxiliado ao cego a chegar perto de Jesus. Todavia, até mesmo os discípulos novamente se convertem quando entendem tudo o que Jesus pode causar de mudanças nas vidas das pessoas e dos contextos em que elas vivem, a partir de seu cuidado diaconal. Doravante, seguiremos aprofundando os temas da diaconia e conversão, embasando, assim, a continuidade desta pesquisa.

1.2.2 Aspectos centrais da Conversão no Novo Testamento

Primeiramente pensando no apóstolo Paulo, encontramos o seguinte texto de Richard V. Peace sobre sua conversão. “Seja qual for o impacto mais amplo, a conversão de Paulo foi para ele o evento crucial de sua vida. Sua visão do Cristo ressurreto quando ele esteve em Damasco mudou completamente seus trilhos, virou inteiramente sua vida e o lançou completamente em uma nova direção.” [tradução nossa]⁷¹ Peace evidencia algo que vai ao encontro do que o Antigo Testamento também fala sobre conversão, conforme visto anteriormente com Underwood, de que há um evento marcante que muda completamente a vida de quem é convertido ou convertida e que redireciona a vida. No caso do apóstolo Paulo, ele passa a compreender sua tarefa de pregar o evangelho e de seguir a Cristo como *diakonia*, a partir de sua conversão.

As passagens em que o termo *diákonos* aparece no Novo Testamento podem ser subdivididas em três blocos: as cartas autênticas de Paulo, as cartas deuteropaulinas e os evangelhos. Nas cartas autênticas de Paulo o termo ocorre em Fp 1.1; 1Co 3.5; 2 Co 3.6; 6.4; 11.15 (duas vezes); 11.23; Gl 2.17; Rm 13.14 (duas vezes); 15.8; 16.1, bem como em uma interessante variante textual em 1 Ts 3.2. Nas cartas deuteropaulinas, são as seguintes passagens: Cl 1.7; 1.23; 1.25; 4.7; Ef 3.7; 6.21; 1Tm 3.8; 3.12; 4.6. Nos evangelhos *diákonos* é mencionado em Mc 9.35; 10.43 (na passagem paralela em Lc

⁷¹ Whatever the wider impact, Paul's conversion was for him the most crucial event of his life. His vision of the risen Christ while on the Damascus road literally sotopped him in his tracks, turned his whole life around, and launched him in a totally new direction. PEACE, Richard V. **Conversion in the New Testament: Paul and the Twelve**. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1999. P. 18.

22.26s aparece o verbo no particípio); Mt 20.26; 22.13; 23.11; Jo 2.5; 2.9; 12.26.⁷²

Assim sendo, evidentemente, a conversão representa para o apóstolo Paulo o momento em que ele passa a vivenciar diaconia como sua tarefa ministerial. O tema da diaconia contudo apontaremos na sequência.

Ronald D. Whiterup menciona em seu livro, a forma como o apóstolo Paulo tem um entendimento geral sobre conversão:

De todas as imagens usadas para descrever a conversão, nenhuma é mais inspiradora do que a da “nova criação”. É uma imagem que Paulo liga explicitamente com a reconciliação, em uma de suas passagens mais profundas: Por isso, doravante, nós não conhecemos mais ninguém à maneira humana. Se conhecemos o Cristo à maneira humana, agora não o conhecemos mais assim. Por isso, se alguém está *em* Cristo, é uma *nova criatura*. O *mundo antigo* passou, eis que aí está uma *realidade nova*. [...] (2Cor 5,16-21; cf. Gl 6,15)⁷³

Outro ponto a ser mencionado e que evidencia o tema da conversão é em relação aos doze discípulos. Cada qual possui um itinerário diferente de conversão, porém, o elemento central desse é o próprio Jesus Cristo que, entrementes inverteu uma lógica em relação à diaconia e conversão, o que veremos posteriormente. O que nos é necessário saber agora, entretanto, é que em Marcos, segundo Whiterup, conversão é seguir a Jesus⁷⁴, em Mt significa dar bons frutos⁷⁵, em Lucas é um reencontro do filho pródigo com um Deus cuidadoso.⁷⁶ Já em Atos conversão é sair da cegueira para a visão⁷⁷, enquanto em João é o caminho das trevas para a luz.⁷⁸

1.2.3 O termo *Diakonia*: Sua lapidação no Novo Testamento

Seguimos agora para uma breve conceituação sobre diaconia no Novo Testamento. Assim sendo, lembremo-nos de que para a Septuaginta, segundo H. W. Beyer, a palavra que se conhece mais próxima ao termo diaconia do NT é algo como copeiro ou mordomo, no sentido *doulos*, ainda que o termo *diakonia* e seus derivados apareçam na Septuaginta. O pensamento grego contemporâneo a Jesus mantém

⁷² STARNITZKE, Dierk. **Diakonia**: fundamentação bíblica, concretizações éticas. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2013. P. 17-25.

⁷³ WITHERUP, Ronald D. **A conversão no Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1996. P. 118.

⁷⁴ WITHERUP, 1996, p. 35.

⁷⁵ WITHERUP, 1996, p. 45.

⁷⁶ WITHERUP, 1996, p. 61.

⁷⁷ WITHERUP, 1996, p. 75.

⁷⁸ WITHERUP, 1996, p. 95.

esse significado para o ato de servir, ainda que o NT desenvolva com Jesus uma nova compreensão da palavra diaconia e seu significado mais amplo/ressignificação, que posteriormente descreveremos.

Para o pensamento grego, servir outros era algo considerado indigno e a idéia de uma entrega voluntária ao serviço ao próximo, completamente estranha. [...] desempenhar serviços que beneficiem outros, existir para servir outrem, cabia, isso sim, às mulheres (escravas e livres) e aos homens escravos. Servir era apenas realizado compulsória e obrigatoriamente, sendo sinal de falta de liberdade.⁷⁹

Porém, ainda que o pensamento grego entenda o ato de servir como indigno, a partir de Jesus, o NT ressignifica essa ideia e confere à diaconia, sinal de liberdade Cristã⁸⁰, como libertação do pecado, achando a verdadeira vida no serviço a Deus e ao próximo.

A palavra diaconia e suas variantes (*diakonos*, *diakoneo*, *diakonia*) ocorrem inúmeras vezes no NT.⁸¹ Em síntese, nos Evangelhos, estipula-se a ocorrência de trinta vezes o aparecimento da palavra, principalmente em textos discursivos (Mc 10. 43 – 45; Lc 22.27 – falas de Jesus), ilustrativos (Lc 12. 37, 22.26, 17.8 – concepção grega: servir à mesa) e narrativos (Lc 10.40; Jo 12.2; Mc 15.41; Lc 8.3, entre outros).⁸²

Desta maneira, percebemos que, já nos Evangelhos, o conceito de diaconia não passa despercebido no contexto neotestamentário. *Diakoneo*, *Diakonia*, *Diakonos*, são traduzidos para a língua portuguesa como serviço, servir, ministério e assistência. É na história de Jesus Cristo, em sua vida, morte e ressurreição que o conceito de diaconia, adotado pela Igreja posteriormente, ganha seu etéreo significado. Os três autores a seguir explanam essa ideia e reforçam seu conteúdo: “Mais do que em Palavras, Jesus demonstrou com sua vida morte e ressurreição, o conteúdo da palavra diaconia. Em Jesus, *diakoneo* adquire seu significado. Sua vida foi serviço e doação voluntária por amor.”⁸³

Rodolfo Gaede Neto afirma que em Jesus está a ordem fundamental e a diaconia única é praticamente uma ressignificação de todo o conteúdo a que os gregos davam outra conotação.

⁷⁹ GEORG, 2006, p. 22; BEYER, 1965, p. 271-291.

⁸⁰ DREHER, Martin N. **A igreja no Império Romano**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2009. P. 83-84.

⁸¹ STARNITZKE, 2013. P. 17.

⁸² GEORG, 2006, p. 23.

⁸³ GEORG, 2006, p. 24.

Jesus entende o seu envio a esse mundo como serviço (diaconia): “Eu não vim para ser servido, mas para servir” (Mc 10.45). Em suas atitudes e atividades, como vimos acima [o autor menciona anteriormente em seu livro *ações concretas de Jesus para a comunidade*, p.ex. Mc 10.45ss], ele demonstrou sua diaconia em relação aos *últimos*. [...] Ao mesmo tempo, porém, sua morte é um servir que transcende a presente realidade e o tempo presente.⁸⁴

Para Wilhelm Brandt, Jesus é aquele que realiza o reino de Deus em sua plenitude escatológica e corrobora a ideia de Gaede Neto, descrita acima:

Não pode haver dúvida de que, segundo o testemunho dos evangelhos, a mensagem de Jesus relativa ao Reino de Deus está correlacionada à pessoa, à atuação e à vida de Jesus. De acordo com o testemunho deles (na terminologia do Antigo Testamento), Javé se torna rei por intermédio de um rei (cf. a voz por ocasião do batismo de Jesus: Mateus 3.17, uma citação do Sl 2.7). Estão ligadas a isso as indicações cronológicas variáveis. “*Aproximou-se o reino*” – reza o anúncio fundamental. “*Tornou-se próximo a vocês*” – reza a palavra que os discípulos devem dizer aos enfermos (Lc 10.9). “*Sobreveio-vos o reino* – assim o próprio Jesus relaciona suas vitórias sobre os demônios com o reino (Mt 12.28). Essas referências cronológicas variáveis constituem uma expressão de que o futuro se torna presente agora e de que o presente somente pode ser entendido em conexão com o futuro.⁸⁵

Conclui-se que, pela importância dada por Jesus à diaconia, o NT aponta para uma inversão de todas as relações de poder entre as pessoas, quando maior é o que serve (Mc 10. 32-45, Lc 22.27) e o faz por amor. Assim sendo, conforme Gaede Neto, Jesus mostra que o maior é quem pratica diaconia e não fixa padrões segundo o vivido à época, pois, mulheres serviam, escravos e escravas serviam, pessoas de posses (Mt 19) também deveriam servir segundo essa ideia diaconal de serviço.⁸⁶

1.2.4 Aspectos centrais da Diaconia nos Escritos Paulinos

É nos escritos do apóstolo Paulo que está boa parte das passagens em que a palavra diaconia ocorre.⁸⁷ Sabe-se, inclusive, que quando a palavra ministério aparece em seus escritos, leia-se diaconia na versão grega do Novo Testamento.⁸⁸

A Concepção eclesial de Paulo está intimamente ligada com sua compreensão de diaconia. A figura do corpo e suas partes, apresentada em 1 Co12. [1-11] 12-31 e Rm 12. 4-8, ilustra a Igreja de Cristo. Cada membro do corpo, com seus dons, é útil, necessário, indispensável, importante,

⁸⁴ GAEDE NETO, Rodolfo. **A Diaconia de Jesus**: contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina. São Leopoldo: Sinodal, CEBI, São Paulo, SP: Paulus, 2001. P. 80.

⁸⁵ BRANDT, 2003, p. 13.

⁸⁶ GAEDE NETO, 2006, p. 75-82.

⁸⁷ STARNITZKE, p. 25.

⁸⁸ Vide nota 16.

valioso e insubstituível, e nesta diversidade todos formam um só corpo. Com os dons acontece coisa semelhante: “Ora, os dons [carismas] são diversos, mas o Espírito é o mesmo”. (1 Co 12.4).⁸⁹

Paulo reforça o pensamento diaconal demonstrado por Jesus Cristo quando lembra a existência de membros e membras em enfraquecimento, não só na fé, mas também passando por necessidades e que estes precisariam de algum suporte, pois se todas as pessoas cristãs eram um só corpo com muitos membros, se um sofre todos sofrem com ele. Isso, por si só já denota a importância que o apóstolo dá ao assunto do cuidado e da diaconia. Como se isso não bastasse, o próprio identificava-se, por diversas vezes, como o “*diakonos*”⁹⁰, denominando seus companheiros também como tal.⁹¹

Paulo faz uso do conceito diaconia no seu sentido amplo: é todo serviço que cabe aos cristãos, quer seja pregação, exortação, testemunho, consolo, quer a ajuda concreta, a intervenção em situação de necessidade e sofrimento.⁹²

Outra característica essencialmente diaconal em Paulo são as ofertas que ele motiva para as comunidades.⁹³ Em suas viagens, ele fundou comunidades e conheceu seus contextos, identificando fraquezas e potencialidades.⁹⁴ Pode-se notar que as motivações para as comunidades ofertarem se baseiam sempre em perspectivas diaconais, que não era apenas ato de caridade, mas expressão solidária de quem vive comunhão cristã e que a diaconia exercia função de transformação do contexto.⁹⁵

1.2.5 Diaconia e conversão: Onde alguns temas confluem no Novo Testamento

Não é difícil perceber e estabelecer relações depois do que lemos anteriormente. Iniciando pelo apóstolo Paulo, percebemos que o tema da diaconia e da conversão se evidencia nas consequências diaconais que uma tem em relação à outra. Para Paulo, em sua missão e ministério da reconciliação, era impossível desconectar diaconia como decorrência da sua conversão, tanto que quando o

⁸⁹ GEORG, 2006, p. 25.

⁹⁰ STARNITZKE, p. 18.

⁹¹ HESS, Klaus. *Diakôneo*. In: BROW, Colin (Ed.). **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT**. São Paulo: Vida Nova, 1983. V.4. P. 448- 453.

⁹² GEORG, 2006, p. 26.

⁹³ Rm 15.25ss; At 19.21s. GEORG, 2006, p. 27.

⁹⁴ HOORNAERT, 1986, p. 177.

⁹⁵ BROWN, Colin. Pobre - ptôchos e derivados. In: BROWN, Colin (ed.). **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT**, São Paulo: Vida Nova, 1983. P. 572.

mesmo, em seus livros usa palavras como servir, serviço, servo e ministério, estas são diaconia na versão grega do Novo Testamento.

Quando se trata dos discípulos temos duas diferentes visões. A primeira delas é que o chamado de Jesus para os discípulos era para uma vivência de palavra e fé unida à ação misericordiosa, vide tantas histórias bíblicas que fazem menção e referenciam cuidado e misericórdia como de crucial importância para a ação de Jesus e de seus discípulos. Outro fato a ser mencionado é que para Jesus, em muitos momentos a diaconia precede qualquer palavra. O cuidado vinha antes de um momento de conversão, tornando -se uma importante forma de convite a segui-lo.

Não obstante, para o tema da conversão no NT, há, como temos no AT, um fato marcante seguido de muitas outras mudanças e conversões contínuas na vida de quem assim vivenciava o momento. Não se ficava apenas no momento da conversão, mas essa indicava um caminho novo, diferente e repleto de ação e misericórdia.

Desta forma, queremos continuar o tema sobre onde estes temas dialogam, avançando para uma dimensão histórico-sistemática do tema, buscando elementos que evidenciem a prática diaconal de pessoas convertidas ao batismo cristão.

2 DIACONIA E CONVERSÃO NA HISTÓRIA DA IGREJA E NA IECLB

Este capítulo visa a compreensão do tema da diaconia e conversão e seu desenvolvimento histórico, uma vez que na bíblia os assuntos parecem ter uma relação profícua. Assim sendo, almeja-se entender em qual momento da história houve essa dissociação e por quais razões ela aconteceu, bem como identificar como a IECLB se posiciona sobre o tema, sendo uma igreja protestante histórica.

2.1 Diaconia e Conversão na história antiga

Além de já havermos encontrado evidências bíblicas de que o tema da diaconia e da conversão já dialogaram de forma pacífica, recorreremos nesse momento à história da Igreja Antiga, que de igual maneira reforça nossa discussão.

Embora aqui estejamos falando mais a respeito da fase final da história e foca no batismo nos primeiros séculos, a delimitação da tese nos leva direto ao ponto de discussão que é o quão crucial era a vivência da diaconia para o batismo acontecer. Há teóricos que nos relatam estes fatos, o que relatamos a seguir.⁹⁶ Valter Maurício Goedert, evidencia em seu livro *Teologia do batismo* que era função do diácono, no catecumenato “preparar o candidato para o batismo, através de uma experiência religiosa de vida cristã”.⁹⁷ Ao passo em que também a Tradição Apostólica referenda do que se tratava essa experiência religiosa, lemos que o exame final para o batismo de pessoas recém convertidas era “se viveram com dignidade enquanto catecúmenos, se honraram as viúvas, se visitaram os enfermos, se só praticaram boas ações”.⁹⁸ Não obstante, James White relata a resposta que o ou a pessoa batizanda dava para o voto batismal: “E eu entro no teu serviço, ó Cristo”.⁹⁹

⁹⁶ O batismo para tornar-se pessoa cristã era seguido de fases. A primeira delas era o exame da vida pessoal, que poderia ser de, pelo menos, duas etapas. A primeira era de uma entrevista na qual todas as pessoas candidatas eram ouvidas. Dessa forma, alguns não permaneciam. Dessa ocasião, madrinhas e padrinhos também participavam do diálogo. As questões giravam entorno de motivo pelo qual desejavam viver a fé cristã, bem como modo de vida e profissão. Após, o preparo para o batismo era de 3 anos, seguidos de um exame mais profundo, para examinar, em outras palavras se de fato as pessoas catecúmenas viveram a diaconia, para, então, acontecer o ato batismal. cf. **Tradição Apostólica** de Hipólito de Roma 32.8-12; 32.10; 32.13-38.10; 38.12; 42.1-4: Liturgia e catequese em Roma no século III. (Fontes da catequese, 4).

⁹⁷ GOEDERT, Valter Maurício. **Teologia do batismo**: considerações teológico-pastorais sobre o batismo. São Paulo: Paulinas, 1988. P. 49.

⁹⁸ Tradição Apostólica, 42.1-4, p. 50.

⁹⁹ WHITE, James F. **Introdução ao culto cristão**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005. P. 159.

Sissi Georg também relata descobertas de sua pesquisa que corroboram com nossa hipótese de que o tema era pauta presente na Igreja do século III.

Além de servir intercedendo, a comunidade batismal promove o socorro material às pessoas desamparadas, solitárias, sofredoras, necessitadas. Isso constitui eloquente serviço pelo mundo.

Assim, para os candidatos ao batismo cristão, ao mesmo tempo em que a fé lhes abria uma verdadeira família, eles eram co-responsabilizados pelo cuidado dos pobres e sua manutenção. Torna-se compreensível, então, a razão do exame criterioso que se fazia com os candidatos ao batismo cristão. [...]

Em Antioquia, no tempo de João Crisóstomo, havia um voto batismal, o qual era dito após a renúncia, que confirmava a disposição de a pessoa assumir as implicações de seu batismo.¹⁰⁰

Assim sendo, o que era chamado de catecumenato visando à instrução de pessoas convertidas à fé cristã, em suas diversas etapas compreendia que a pessoa, para poder ser inserida na vida da comunidade batismal cristã, necessitava passar por um caminho de ensino que também visava e motivava à prática da diaconia. O corpo de cristãos e cristãs batizadas vivia em seu cotidiano expressões diaconais como irmandade de serviço, onde todas as pessoas serviam e eram servidas e cuidadas, a reciprocidade. De igual forma, viviam perdão, solicitude, carregando cargas mutuamente, bondade e intercessão. Conclui-se, assim, que a conversão prezava por um preparo que envolvia a prática do serviço de amor pela fé em Jesus Cristo, conduzindo a uma comunidade que prezava por esse *modus operandi* em sua cotidianidade.¹⁰¹

2.2 A distorção do tema da conversão: Cruzadas, Reforma Protestante e História da América Latina

A conversão não é ou nunca foi vista como um tema pacífico pela IECLB, uma vez que ela está ligada pela história ao tema do proselitismo. Podemos dizer, desta forma, que os temas diaconia e conversão conviveram pacificamente dentro da tradição cristã, na Igreja Antiga, conforme nos relata a pesquisa de Georg. Entretanto, um estremecimento na compreensão do tema da conversão parece ter acontecido de forma mais explícita no período das Cruzadas nos séculos XI a XIV¹⁰², tendo uma

¹⁰⁰ GEORG, 2006, p. 128 - 129.

¹⁰¹ GEORG, 2006, p. 127.

¹⁰² DREHER, Martin N. **A Igreja no mundo medieval**. São Leopoldo, 2005. P. 65.

notória mudança no período da Reforma Protestante, concomitantemente com a invasão europeia no Novo Mundo, o que brevemente explicaremos abaixo.

As Cruzadas acontecem justamente por tensões entre o cristianismo e o islamismo. Os árabes detinham o domínio do mar Mediterrâneo no século VIII, e entre acordos e desacordos, muitas vezes o berço da fé cristã, a Terra Santa, não estava acessível a cristãos e cristãs. Constantinopla também enfrentou problemas desta ordem. Naquele período a conquista de territórios ou sua perda, determinava a religião dominante.

No entanto, no ano de 1095, o papa Urbano II convocou um concílio para a cidade de Clermont, na França. No final desse concílio, fez uma descrição em cores muito vivas dos sofrimentos a que estava submetida a cristandade oriental sob os turcos, convocando todos para uma cruzada. Todos deveriam deixar de lado suas rixas e contendas e lutar na guerra justa. Quem perdesse a vida nessa guerra receberia a salvação e o perdão dos pecados.¹⁰³

A ideia que era implantada para angariar apoio era a de que se almejava conquistar ou reconquistar territórios para Cristo, uma vez que Império e religião andavam lado a lado. Entretanto, as intenções eram mais profundas. “É bom lembrar que, desde Carlos Magno se podia ligar *missão* com o poder das armas. Sendo o ungido de Deus, o rei poderia convocar às armas para conquistar territórios para Cristo.”¹⁰⁴

Desta forma, muitas outras cruzadas aconteceram entre o século XI até o século XIV.

Todas elas foram iniciativas do Ocidente cristão, mas não devem ser consideradas grandes feitos da fé cristã. Desde o início, os motivos que levaram às cruzadas estiveram cheios de intenções corruptas. Os cavaleiros da fé eram movidos mais pelos desejos egoístas de melhorar suas condições financeiras do que pela fé em Jesus Cristo. O objetivo da libertação da Terra Santa jamais foi alcançado. Tudo o que conquistaram voltaram a perder.¹⁰⁵

A Reforma Protestante do século XVI traz consigo novas formas de entender, viver e ser pessoa cristã, bem como seu papel social. Entretanto, essa, em suas ramificações desencadeia um processo de intensificação do que já havia se iniciado alguns anos antes na Europa. A invasão da América pelos portugueses e espanhóis, já havia levado consigo a religiosidade católica.¹⁰⁶ Assim sendo, concomitantemente

¹⁰³ DREHER, 2005, p. 64.

¹⁰⁴ DREHER, 2005, p. 65.

¹⁰⁵ DREHER, 2005, p. 68.

¹⁰⁶ BIDEGÁIN, Ana Maria. **História dos Cristãos na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1993. P. 74.

iniciam-se dois processos de uma busca desenfreada por novos fiéis tanto para os movimentos da Reforma na Europa, como para o catolicismo romano, tanto na Europa como Novo Mundo. Nesse período, a Igreja Católica ainda buscou sua própria reforma como estratégia de manter seus fiéis.¹⁰⁷

Falando sobre o período das invasões na América Latina e a consequente implantação da religião cristã, encontramos o que Ana Maria Bidegaín diz:

Embora fosse pregado em língua indígena, o método empregado foi fundamentalmente o de tábula rasa. A Igreja na América não aceitou, em geral, nenhuma espécie de sincretismo, devido ao momento histórico. Passadas as lutas da Cruzada contra o Islão, a Igreja se defrontava com a Reforma. A Inquisição, para não correr o risco de religião mista, perseguiu com suma dureza todo tipo de adaptação. [...]. O método missionário, em toda América foi semelhante à do México: pregar de povoado em povoado e conseguir conversões em massa. A obra missionária dos primeiros anos da colonização era muitas vezes destruída com a chegada da civilização hispânica, que tomava os índios batizados para formar as encomendas.¹⁰⁸

A conversão para o cristianismo e para os indígenas, significou, em muitos casos, dominação e submissão e esse trabalho de forma compulsória era o que foi chamado de encomenda. Não entraremos em maiores detalhes, por não ser o foco da pesquisa, mas sabemos que houve muitos religiosos que defenderam as causas desses e destas que eram exploradas e convertidas ao catolicismo em prol do desenvolvimento das coroas portuguesas e espanhola. Porém, esse período é um nítido exemplo da distorção em relação à palavra conversão. A seguir, abordaremos sobre o período da Reforma, pois esse tem importância na compreensão do desenvolvimento do tema conversão e sua posterior ruptura com a diaconia.

O período da Reforma, no século XVI, já amplamente difundido e estudado em diversos níveis de conhecimento, aqui merece destaque por uma de suas posteriores consequências em relação ao tema conversão. A expansão do movimento da Reforma representou uma crise para a Igreja Católica e perda de fiéis. Assim sendo, a busca por novas pessoas convertidas passou nesse tempo a ser uma realidade constante já que a Igreja de Roma não queria perder membresia na Europa e se possível conquistar mais, mas também, vindo a buscar possibilidades de expansão de sua religião para o novo continente, o que já havia iniciado alguns anos antes. Ao mesmo tempo, a expansão do movimento da Reforma gerou uma busca por

¹⁰⁷ DREHER, 2005, p. 118.

¹⁰⁸ BIDEGÁIN, 1973, p. 74.

aderência às novas igrejas nascidas naquele século, ainda que, a exemplo da Inglaterra, França, Escócia e Países Baixos a expansão do movimento aconteceu mais por uma imposição imperial diante de manobras “políticas” do que por uma conversão propriamente dita. Em países como a Alemanha, palco da Reforma Protestante, pessoas foram se dividindo e aderindo a novos movimentos e tradições religiosas.¹⁰⁹

Já no lado católico, na Espanha, estão as origens do que fora chamado de Reforma católica. É preciso lembrar que, antes da Reforma Protestante, a Igreja Católica já vinha em uma constante necessidade de afirmação de sua identidade, pois sua estrutura já havia sido ameaçada pelos embates com o Islamismo. Em resumo, o que foi chamado de Reforma Católica ou Contrarreforma foi o momento em que a Igreja se reestruturou como uma forma de realmente reformar a Igreja Católica Apostólica Romana em resposta ao protestantismo crescente no Sacro Império Germânico. Esse movimento culmina no Concílio de Trento em 3 de dezembro de 1545.¹¹⁰ Assim sendo, o concílio e a Reforma Católica tiveram como principais consequências: a criação de seminários católicos para a melhor formação de sacerdotes; deu-se início à Inquisição Romana, com o Papa Paulo III; a busca no combate às heresias; a proibição da venda de indulgências; proibição da venda de alguns livros; além da catequização de pessoas por religiosos jesuítas.¹¹¹

Com o exposto até aqui, percebemos que conversão se caracterizava por uma mudança no modo de ser, agir e falar e que acontecia com a presente lembrança da lei que apontava à prática da misericórdia e compaixão, no AT. Já no NT, a identificação de conversão era com a prática diaconal de servir de Jesus, o que segue similar pela Igreja Primitiva. Porém, com tantos acontecimentos, entre os séculos XI em diante, conversão passa a ser confundida com proselitismo na maior parte das vezes, o que explica sua aversão por igrejas como a IECLB. Dessa forma, estas suspeitas históricas nos levam a crer de que houve essa dissociação e até mesmo estranhamento entre os conceitos de diaconia e a palavra conversão, uma vez que a história tratou de separá-las. Em suma, não seria possível que a ação de amor pela fé estivesse ligada a uma violenta ou impositiva mudança de religião. Dessa forma, a

¹⁰⁹ DREHER, Martin N. **A crise e a renovação da Igreja no período da Reforma**. São Leopoldo, 1996. P. 105.

¹¹⁰ DREHER, 1996, p. 124.

¹¹¹ DREHER, 1996, p. 118.

etimologia nos permite afirmar que o proselitismo passou a estar intimamente ligado à palavra conversão, performando-se como sua forma verbal, quando em sua origem teológica são conceitos opostos. Infelizmente, até esse momento, ainda não foi possível encontrar em dicionários teológicos os verbetes conversão e proselitismo. Entretanto, o dicionário Michaelis associado ao que lemos até aqui, nos permite ter uma noção de diferenças. Segundo o Dicionário Michaelis, conversão abrange sim o movimento de mudar de religião ou mudar conceitos, jeitos ou formas de agir. Entretanto, proselitismo é a busca coercitiva, impositiva, podendo ser até violenta, de fiéis.¹¹²

2.3 Diaconia e conversão na IECLB

Como Igreja herdeira da Reforma Protestante, a IECLB tem em sua expressão confessional características que nos permitem compreender que o tema da relação entre diaconia e conversão não são temas muito pacíficos de diálogo. Para a Igreja, diaconia está em seu plano missionário, tanto no primeiro documento de 2000-2007, quanto no segundo 2008-2012 como um dos eixos de ação.¹¹³ Entretanto, essa é apenas uma sistematização do que já vinha acontecendo anteriormente. A diaconia já vinha sendo parte integrante da missão da IECLB¹¹⁴ quer seja como prática da solidariedade espontânea, a partir da chegada de imigrantes, em 1824 ou de forma mais institucionalizada ao final da década de 60, início de 70, intensificando-se nos anos 80. Contudo, sua atuação era delimitada a um nicho muito específico, assumido e resumido em ambos os planos de ação missionária, concedendo pequenos espaços para falar sobre conversão, mas enfatizando piamente que não é esse o objetivo da Igreja em seu Plano Missionário no tema diaconia. A propósito, a palavra usada no

¹¹² Conversão, Proselitismo. In: Dicio, **Dicionário Michaelis Online** de Português. 2020 (sem página). Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/> Acesso em 06 Mar. 2021.

¹¹³ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL; KUMMER, Ani Cheila Fick. **Recrutar e criar comunidade juntos**: nenhuma comunidade sem missão, nenhuma missão sem comunidade. Porto Alegre: IECLB, 2000. P. 13; PINTO, Homero Severo. IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Missão de Deus, nossa paixão**: texto-base para o Plano de Ação Missionária da IECLB 2008-2012. São Leopoldo: Sinodal, 2008. P. 46

¹¹⁴ OLIVEIRA, Dionata Rodrigues de. **As contribuições da coordenação de diaconia para o desenvolvimento da práxis diaconal da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**: seminários nacionais e publicações. São Leopoldo, RS, 2020. P. 11ss. Dissertação (Mestrado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2020 Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/1045/1/oliveira_dr_tm358.pdf Acesso em: 1 dez. 2020.

PAMI de 2000 na dimensão diaconia não é nem conversão, é proselitismo. O termo conversão é usado apenas duas vezes no documento enfatizando sempre a conversão como tarefa diária da cristandade.

O primeiro PAMI assim enfatiza:

Assim a comunidade exercita a diaconia na perspectiva profética. Trata-se do serviço de promover vida em favor de todos, não se limitando aos próprios membros, mas incluindo todas as pessoas em necessidade, independente de gênero, faixa etária, cor, credo, nível social e cultural. A ação diaconal não visa “conquistar” pessoas de outra igreja para a nossa. Isso seria fazer proselitismo. Entretanto, há um número crescente de pessoas que andam desorientadas e à procura de um sentido para suas vidas.¹¹⁵

O segundo PAMI é ainda mais específico e chega apenas a mencionar o crescimento da Igreja na dimensão diaconia, porém, sem falar em ter novos membros e novas membras. A propósito, nesse documento a palavra conversão aparece apenas uma vez na dimensão evangelização, mas na defensiva contra o proselitismo. Na dimensão diaconia lemos:

Então, o crescimento da igreja, como consequência da missão, também é obra divina – “Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus”. Esse sentido, a comunidade missionária que serve é aquela que entende o seu serviço de plantar e regar, através de ações e gestos práticos, visíveis e palpáveis, que tocam a vida das pessoas, que as resgatam do sofrimento e as motivam para viver o amor de Deus. É aquela que se entrega ao serviço solidário, de justiça e de paz. O crescimento é presente de Deus para a comunidade que serve. Servir ao mundo, engajando-se na vida social, colocando-se ao lado das pessoas em situações de conflito e sofrimento sociais, culturais, econômicos, espirituais ou psíquicos, é servir a Deus e oportunizar que ele atue junto às pessoas.¹¹⁶

Sabendo que esse PAMI, 2008 - 2012 continua valendo para a Igreja, o que surgiu de documentos após esse vieram no intento de complementar ou operacionalizar o plano de ação missionária, como foi o próprio Roteiro para o Planejamento Missionário, em 2016.¹¹⁷ Em 2019, surgiu um novo documento, aprovado pelo XXXI Concílio Geral da IECLB, em Curitiba, de 17 a 21 de outubro de 2018, o Metas Missionárias 2019-2024. Entretanto, ambos não mencionam a palavra conversão, nem no sentido abordado pelo PAMI 2000-2007, como conversão diária, nem no sentido utilizado no PAMI 2008-2012 associado ao proselitismo. Assim sendo,

¹¹⁵ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL; KUMMER, 2000, p. 13.

¹¹⁶ PINTO; IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2008, p. 50.

¹¹⁷ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL; LABES, Altemir; VOIGT, Emilio. **Roteiro para o Planejamento Missionário**. Porto Alegre, RS: IECLB, 2016. P. 5.

o único tema que permite brechas carecendo ainda de criatividade e interpretação para fazer as relações cabíveis é evangelização.¹¹⁸

Por último e não menos importante, fazendo retorno a 1993 e 1994, a IECLB lançou dois posicionamentos: Posicionamento A Confissão Luterana na concorrência religiosa – 1993; Posicionamento Missão e Proselitismo – 1994. Estes são enfáticos na renúncia do tema diante da concorrência religiosa proselitista que se anunciava radical no início da década. Contudo, há aceitação à missão como algo integral.

Renúncia ao proselitismo e oposição a ele, porém, não equivalem a renúncia à missão. A partir do Evangelho, a IECLB permanece incumbida do testemunho público e da criação de comunidades. [...]. A oposição ao proselitismo não pode servir de pretexto para o imobilismo evangelístico. Importa tão-somente que o método esteja em consonância com o Evangelho. Assim sendo, a IECLB vai unir ao testemunho da palavra a ação do amor; à pregação, o gesto evangélico; ao chamado para a fé, a misericórdia. Sob a perspectiva evangélica, a missão autêntica necessita ser acompanhada da diaconia, e vice-versa. A união de ambas protege, a um só tempo, contra uma missão proselitista e uma diaconia que se esgota em mera promoção social.¹¹⁹

Este acentua ainda, por sua vez, que diaconia não deve ser confundida com proselitismo, mas é parte fundamental da missão, pois tem sua identidade diaconal em Jesus Cristo como referencial. Entretanto, já se percebe nesse documento a tensão existente entre os temas.

No posicionamento sobre concorrência religiosa está expresso o seguinte:

Verdades religiosas não se resumem em teorias abstratas ou opiniões particulares, nem se comparam a propostas partidárias. A fé cristã fala de uma história acontecida, fala das maravilhosas obras de Deus, fala das experiências da comunidade com o Evangelho. Precisa ser anunciada, portanto. Testemunho da fé, desde que autêntico, requer o coração ardente, tocado pela palavra de Deus, pronto para inclusive sofrer prejuízos por causa da mesma. Inclui a palavra e a ação, a mensagem e o exemplo, o discurso e a vivência. Sabe não ser indiferente o tipo de fé que abraçamos. Pois não há o que determine o ser das pessoas de modo mais incisivo do que a fé que professam. Com ela estão em jogo o comportamento humano, o modo de viver e falar, os valores propugnados.¹²⁰

Ainda que não se mencione, a diaconia está expressa como parte fundamental de uma missão para que de fato produza mudanças em seu contexto,

¹¹⁸ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Metas missionárias 2019-2024**. Porto Alegre, RS: IECLB, 2019. P. 9.

¹¹⁹ IECLB, Conselho Diretor. **Missão e Proselitismo** - Uma palavra orientadora da IECLB – 1994: Posicionamento do Conselho Diretor da IECLB. Porto Alegre, 1994. (s/n).

¹²⁰ IECLB, Presidência e Pastores Regionais. **A confissão luterana na concorrência religiosa** - 1993 Posicionamento da Presidência e dos Pastores Regionais da IECLB. Porto Alegre, 1993. (s/n).

como palavra e ação. Contudo, o posicionamento também tece críticas ao proselitismo.

Reduzir a “religião” a uma questão puramente particular é desconhecer-lhe a importância. Embora a fé deva ser assumida sem coação externa, é imprescindível conscientizar-se do papel fundamental que desempenha na vida das pessoas e da sociedade. Da mesma forma não é irrelevante a que Igreja ou grupo religioso pertencermos. Toda instituição eclesiástica representa uma determinada concepção da fé, um modo de viver e de adorar a Deus, uma proposta religiosa. Até que ponto corresponde ao Evangelho, há que ser examinado. Mas em toda filiação a uma comunidade e Igreja está implícita uma confissão. O testemunho cristão articula o compromisso com o Evangelho pondo à prova todas as manifestações religiosas e medindo-as no critério da misericórdia de Deus, que quer a vida de sua criatura.¹²¹

Entretanto, mais uma vez a palavra conversão não aparece em nenhum desses documentos, aparentemente apenas divide espaço com a palavra missão, proselitismo e suas variantes.

Contudo, entre distanciamentos e tentativas de aproximações dos temas na IECLB, há um documento, diaconia Evangélica, de 1988, nascido como um posicionamento do Conselho Diretor da IECLB sobre diaconia, que vislumbra caminhos mais coerentes de diálogo entre os temas diaconia e conversão. Após apontar uma série de significativos aportes teóricos, o documento conclui:

O específico da diaconia evangélica reside, sobretudo em sua motivação e seus objetivos. Está embasada no Evangelho e tem, no culto, sua meta, o que, naturalmente, mostrará reflexos na sua práxis. E porque não podem ser separadas a ação diaconal e o testemunho evangélico. Embora não idênticas, deverão permanecer correlacionadas. Nem sempre a correlação precisa ser explícita. Diaconia se corrompe ao transformar-se em evangelização forçada. Deve permanecer gratuita, abster-se de fazer imposições e cuidar para não criar novas dependências. E, todavia, ficará em débito com as pessoas, se sua obra que é limitada não apontar para o amor ilimitado de Deus e deixar de ser para ele transparente.¹²²

Embora não use o termo proselitismo, o Conselho Diretor resume nesse parágrafo seu significado: a evangelização forçada. Em outras palavras, por desconhecimento do tema da conversão e pelas atrocidades proselitistas cometidas em nome da fé cristã ao longo dos tempos, parece ter sido deixado de lado pela IECLB as discussões sobre diaconia e conversão. Embora a identidade diaconal esteja sempre presente e o próprio documento diz que diaconia sem evangelho é limitada, o

¹²¹ IECLB, 1993, (s/n).

¹²² IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Diaconia Evangélica: Síntese e proposta.** São Leopoldo: CEM, 1988. (Documentos da IECLB4). P. 7.

medo de repetir a história incorrendo em proselitismo é algo presente na Igreja, nos centros de formação teológica e na base de fé comunitária de cunho não-evangelical. Por outro lado, o evangelicalismo na Igreja quer reacender a motivação proselitista dentro da diaconia. Contudo, nosso foco no presente capítulo foi o de estudar limites e possibilidades de diálogo entre diaconia e conversão. Ao que concluímos que ambos os temas dialogavam até o momento em que em nome da fé se passou a cometer o pecado do proselitismo. Este, que em muito pouco ou nada tem a ver com conversão gerou medos e incertezas para que o tema da conversão fosse discutido. Assim sendo, passou-se a colocá-lo como tema tabu na IECLB, desassociando-o de tudo, mas principalmente da diaconia, que é a ação de amor pela fé, sem almejar nada em troca a não ser transformações de contextos e realidades.

2.3.1 Pastoral Popular Luterana - PPL, Missão Evangélica União Cristã – MEUC e Movimento Encontro - ME

Embora sejam ligados à IECLB e com vinculação confessional, conforme afirmam estatutos e *websites* desses movimentos dentro da Igreja, a visão sobre o tema da conversão que se tem em seus posicionamentos teológicos, escritos e *modus operandi* da vivência da fé destoam em alguns pontos da posição oficial da IECLB no caso do ME e da MEUC. Já para a PPL o foco está em pontos específicos em comum com a forma como o tema da conversão é tratado na IECLB.

Para a PPL, a questão da transformação social de realidades como conversão e mudança integral se aproxima do aspecto diaconal da perspectiva da IECLB. A PPL possui causas às quais defende em suas pautas, alegando, em outras palavras que a sociedade, como um todo, necessita de uma conversão trazida pelo evangelho libertador de Jesus Cristo. Ela tem a centralidade de sua atuação a fórmula profética de denúncia dos males e anúncio da justiça e da graça de Deus sobre eles.

A pastoral popular tem sua origem na luta de libertação na América Latina, onde o povo reconhece a atuação de Deus na história pela prática da justiça. Essa sua origem também define o seu público e tarefa específica que o cuidado para com aqueles/as que se encontram em situação de fragilidade devido a desigualdade social e de todas as demais consequências de tal desigualdade. A pastoral popular eficiente é aquela que, conforme Jesus fez, consegue ler e interpretar a sociedade do seu tempo, a fim de detectar os problemas que fazem com que o povo sofra. E, a partir de então, sejam denunciados, tendo em seu horizonte a mudança, a realização da justiça.¹²³

¹²³ PASTORAL POPULAR LUTERANA, PPL. **Quem somos?**. Pastoral Popular Luterana. 2023. (s/n). Disponível em <https://pastoral.org.br/quem-somos/> Acesso em 11 Jul. 2023.

Desta maneira, sabe-se que a PPL não possui viés proselitista e nem está preocupada diretamente com a questão da conversão ou de trazer novos membros e membras para a Igreja. Entrementes, sua principal atuação está na incidência da igreja e sua presença nos espaços de luta pelas causas sócio-diaconais em meio às pessoas que sofrem vítimas da sociedade que exclui e segrega. Dessa forma, a PPL foca seus esforços em promover a conversão de caminhos de uma sociedade, em que a igreja está inserida, por uma nova ordem societária, sem exclusões ou sofrimentos.

Assim nasceu a Pastoral Popular Luterana (PPL), formada a partir da atuação de membros, lideranças e ministros/as vinculados à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). A Pastoral Popular Luterana não possui uma data certa para seu surgimento. Ela aparece num momento histórico compreendido entre o final da década de 1970 e início da década de 1980, em algumas comunidades do sul do Brasil, espalhando-se depois por vários estados do sul até o Espírito Santo, Mato Grosso, Rondônia, Pará. Seus participantes inicialmente eram somente pastores, pastoras, mas logo de início, em torno de 1984, ela contou com a participação de leigos engajados em lutas sociais.¹²⁴

O movimento surgiu da maneira elencada acima, preconizando o olhar social e diaconal da Igreja para que essa se engajasse em lutas sociais.

Outro movimento que está ligado à IECLB é a Missão Evangélica União Cristã-MEUC, vinculada historicamente ao pietismo alemão. Este, conflui com a IECLB em sua preocupação com o serviço diaconal da Igreja, pois apresenta tal assunto em seus documentos e estatutos, bem como em sua visão como movimento.

Ser uma entidade missionária marcada pelo amor de Deus e voltada para a vivência e a propagação do evangelho de Jesus Cristo ao ser humano, por meio da pregação, do acompanhamento pastoral e teológico, e do resgate diaconal da pessoa em sua integralidade e seu ambiente de vida.¹²⁵

Entretanto, sua perspectiva de conversão diverge em partes do que a IECLB compreende como conversão o que fica expresso em suas diretrizes, quando se mencionam o chamado ao arrependimento, conversão, santificação, discipulado e atividade evangelística e missionária.

¹²⁴ PASTORAL POPULAR LUTERANA, 2023, (s/n).

¹²⁵ MISSÃO EVANGÉLICA UNIÃO CRISTÃ, MEUC. **Quem somos?**. MISSÃO EVANGÉLICA UNIÃO CRISTÃ. (20--). (s/n). Disponível em <https://www.meuc.org.br/quem-somos> Acesso em 11 Jul. 2023.

2.1. Como movimento interno na IECLB sob forte influência da tradição protestante do Pietismo, a MEUC vê sua vocação histórica na promoção e na renovação da vida através do chamado ao arrependimento e à conversão e da edificação comunitária a partir da atividade evangelística e missionária interna e externa; no fomento da comunhão, do testemunho cristão, do discipulado, da santificação, do sacerdócio geral de todos os crentes (1 Pe 2,9); na divulgação de literatura de edificação espiritual; na assistência pastoral-poimênica a todas as faixas etárias na comunidade; no fortalecimento da família; na diaconia, bem como na formação teológica informal e formal.¹²⁶

Diferente da IECLB, que lida com o tema com maior cautela, a MEUC explana em suas diretrizes para atuação temas diretamente ligados ao “conversionismo”, conforme dito anteriormente, acrescido de pontos convergentes com a IECLB em sua missão e visão. Sabe-se que historicamente ligada ao pietismo, esse tem forte viés conversionista em sua forma de vivência da fé, além de uma mística veementemente introspectiva e de santificação pessoal.¹²⁷

Além desses movimentos, ainda existe o Movimento Encontrão, que nasce com o intuito de ser um movimento de renovação espiritual na IECLB, esse com maior e mais evidente expressão conversionista do que o anterior, fomentando o espaço para novas práticas espirituais carismáticas na Igreja, o que foi visto na década de 90 e 2000 na IECLB, através também dos cismas na Igreja, vinculado a comunidades do Movimento Encontrão.¹²⁸

O Encontrão é movimento de renovação e despertar espiritual que afirma e se firma na Palavra de Deus. Com raízes na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e vinculação inquestionável, tem a vontade de renovação canalizada pela evangelização, discipulado e capacitação.

Na década de 1960-70 o Brasil recebeu inúmeros impulsos de avivamento e graças a Deus o vento do Espírito Santo também soprou sobre a IECLB. Entre as diversas formas do agir de Deus, alguns evangelistas foram os instrumentos para um trabalho de evangelização que mais tarde resultou no Movimento Encontrão.¹²⁹

Nesse ponto, há muitas divergências entre a IECLB e o Movimento Encontrão-ME no que tange ao tema da conversão e a principal é a questão da renovação espiritual através da evangelização e discipulado. Ao longo do tempo o ME

¹²⁶ IECLB. **Diretrizes para a atuação da MEUC na IECLB**. 2005. (s/n). Disponível em https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/governanca-suporte-normativo/diretrizes-para-a-atuacao-da-meuc-na-ieclb Acesso em 11 Jul. 2023.

¹²⁷ MISSÃO EVANGÉLICA UNIÃO CRISTÃ, (20--), (s/n).

¹²⁸ IECLB. **Presidência faz mais uma rodada de diálogo com Movimento Carismático**. 2004. s/n. Disponível em <https://www.luteranos.com.br/conteudo/presidencia-faz-mais-uma-rodada-de-dialogo-com-movimento-carismatico> Acesso em 11 Jul. 2023.

¹²⁹ MOVIMENTO ENCONTRÃO, ME. **Quem somos?**. 2021. (s/n) Disponível em <https://me.org.br/quem-somos-2/> Acesso em 11 Jul. 2023.

implementou projetos como o Missão Zero que buscava evangelizar localidades onde a IECLB não estava presente, ainda que houvesse outras confessionalidades no local.

Na década de 80 surgiu um chamado de uma visão missionária, onde um grupo de evangelistas da IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) tinha como intenção sair do berço germânico e avançar o Brasil, rompendo fronteiras e criando comunidades onde a igreja luterana ainda não havia chego. (*sic.*).

Então, o Pastor Sergio Schaefer apresentou esse desafio, de dar uma nova cara para a igreja, à Presidência e à Secretaria de Missão da IECLB, onde em 1986 aconselharam-lhe a elaboração de um projeto. “E sereis minhas testemunhas”, esse era o lema da igreja em 1987/88, que serviu de alavanca para a concretização do projeto intitulado “Projeto de Missão Centro do Brasil”.¹³⁰

Em sua missão, o projeto Missão Zero, do ME, já deixa evidente o viés conversionista de seu projeto eclesiológico. Já em seus últimos projetos e formações tem apresentado propostas da Igreja Presbiteriana para a revitalização e plantação de Igrejas.¹³¹

A partir desta análise, percebemos que o tema da conversão possui diferentes compreensões dentro da própria IECLB, sendo ela uma expressão do que o tema abrange em perspectiva sociológica e antropológica, o que veremos a seguir.

¹³⁰ MISSÃO ZERO, MZ. **Missão**. 2019. (s/n). Disponível em <https://missaozero.org.br/missao/> Acesso em 11 Jul. 2023.

¹³¹ FACULDADE DE TEOLOGIA EVANGÉLICA, FATEV. **Pós-graduação Plantação e Revitalização de Igrejas**. 2016. (s/n). Disponível em <https://www.luteranos.com.br/conteudo/pos-graduacao-plantacao-e-revitalizacao-de-igrejas> Acesso em 11 Jul. 2023.

3 A CONVERSÃO EM PERSPECTIVA SOCIO-TEOLÓGICA

Pode-se perceber, já, então, de que o assunto não diz respeito apenas à epistemologia teológica, mas que se insere em um contexto social e que nele influencia jeitos de pensar e agir, a ponto de haver autores e autoras que defendem que o tema é parte da identidade brasileira. O trânsito religioso tem sido estudado por pesquisadoras e pesquisadores ao redor do mundo como fenômeno sociológico. Assim sendo, nas próximas páginas veremos sobre o tema da conversão em perspectiva socio-teológica.

3.1 A Conversão como socialização secundária: Berger e Luckmann

Em seu livro *A construção Social da Realidade*, Peter L. Berger e Thomas Luckmann abordam dois conceitos que permitem tratar do tema em diálogo com a teologia. O livro traz à tona o assunto das socializações. O terceiro capítulo trata da sociedade como um conjunto complexo de relações e subjetivações as quais internalizamos como realidade pessoal e coletiva. Assim sendo, definem o que seriam as socializações como esse processo de internalização e estas se dividem em primária e secundária.

A socialização primária tem a ver com o código de costumes, ideias e tradições em que uma pessoa é inserida diretamente ao nascer e que vai se moldando parte de sua identidade à medida em que se aprende, assim como se aprende a falar e andar.

Contudo, o indivíduo não nasce parte da sociedade. Nasce com predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade. Por conseguinte, na vida de cada indivíduo existe uma seqüência temporal no curso da qual é induzido a tomar parte na dialética da sociedade. O ponto inicial desse processo é a interiorização, a saber a apreensão ou interpretação imediata de um acolhimento objetivo como dotado de sentido, isto é, como manifestação de processos subjetivos de outrem, que desta maneira torna-se subjetivamente significativo para mim. Isto não quer dizer que ele compreenda o outro adequadamente.¹³²

Em suma, essa definição dada anteriormente pode ser resumida como a socialização primária. Em se tratando do tema na perspectiva teológica, o exemplo

¹³² BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 2001. P. 173-174.

mais prático a ser dado aqui é o de que uma criança herda a confessionalidade religiosa (ou ausência dela), bem como a subjetividade interpretativa de quem a criou como família.

No entanto, a interiorização, no sentido geral aqui empregado, está subjacente tanto à significação quanto às suas formas mais complexas. Dito de maneira mais precisa, a interiorização nesse sentido geral constitui a base primeiramente da compreensão de nossos semelhantes e, em segundo lugar, da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido.¹³³

Partindo para o tema da socialização secundária, aí então, entramos mais estritamente no tema da conversão. Enquanto socialização primária é o conjunto de subjetividades aprendidas como herança de núcleos familiares e contextos, a secundária é aquela que de forma disruptiva agrega novo conteúdo (ou os muda completamente) às normas já internalizadas.

A socialização secundária é a interiorização de submundos institucionais ou baseados em instituições. A extensão e carácter desses são, portanto, determinados pela complexidade da divisão do trabalho e a concomitante distribuição social do conhecimento. Sem dúvida, o conhecimento universalmente importante também pode ser socialmente distribuído - por exemplo, em forma de "versões" com base de classe - mas o que temos em mente aqui é a distribuição social do "conhecimento especial", conhecimento como resultado da divisão do trabalho e cujos "portadores" são institucionalmente definidos. Deixando de lado, por ora, suas dimensões, podemos dizer que a socialização secundária é a aquisição do conhecimento de funções específicas, funções direta ou indiretamente com raízes na divisão do trabalho.¹³⁴

Assim sendo, a conversão é uma ruptura com um código social internalizado ou sua complementação sob o ponto de vista do que veremos a seguir em Danièle Hervieu-Leger. Há diferentes tipos de conversão, algumas mais abruptas, outras não. Todavia, estas, em rápida explanação, sempre representarão socializações secundárias, visto que exigem aprendizados de novos conteúdos e subjetividades relacionados à nova confissão ou matriz religiosa.

A socialização secundária exige aquisição de vocabulários específicos de funções, o que significa em primeiro lugar a interiorização de campos semânticos que estruturam as interpretações e condutas de rotina em uma área institucional. ao mesmo tempo, são também adquiridas "compreensões tácitas", avaliações e colaborações afetivas desses Campos semânticos. Os "submundos" interiorizados na socialização secundária são geralmente realidades parciais, contraste com o "mundo básico" adquirido na socialização primária. Contudo, eles também são realidades mais ou menos

¹³³ BERGER; LUCKMANN, 2001, p. 174.

¹³⁴ BERGER; LUCKMANN, 2001, p. 184.

coerentes, caracterizadas por componentes normativos e afetivos assim como cognoscitivos.¹³⁵

Até aqui, estudamos uma teoria que nos permite a compreensão do tema para dentro da sociologia. Nas próximas linhas, continuaremos abordando a conversão em diferentes perspectivas de cunho sociológico a partir de autorias que trabalharam o assunto vinculando as duas áreas: teologia e sociologia.

3.2 A tríplice figura da conversão: Danièle Hervieu – Léger

Em seu livro *O peregrino e o convertido*, a autora expressa uma realidade francesa vivida nos anos 90 de uma religiosidade popular já presente na realidade confessional de diversas igrejas. Esta, segundo a autora, parecia uma característica que veio para permanecer: a religiosidade e a religião em movimento. Ainda que esse livro tenha sido inspirado por sua outra obra *La religion pour mémoire* (1993), o objetivo de seu escrito que trata de dois sujeitos (peregrino e convertido) no novo campo religioso do final do século XX era tentar entender e quem sabe tornar mais nítida a dinâmica que motiva pessoas em sua jornada de permanência religiosa em um cenário de crise das instituições.¹³⁶

Para compreendermos quem são estas personagens centrais do livro, recorreremos às próprias palavras de Hervieu – Léger, que nos explica que a figura de peregrinas e peregrinos em movimento é:

O peregrino emerge como uma figura típica do religioso em movimento em duplo sentido. Inicialmente ele remete, de maneira metafórica, à fluência dos percursos espirituais individuais, percursos que podem, em certas condições, organizarem-se como trajetórias de identificação religiosa. Em seguida, corresponde a uma forma de sociabilidade religiosa em plena expansão que se estabelece, ela mesma sob o signo da mobilidade e da associação temporária. A condição moderna se caracteriza, como já dissemos, pelo imperativo de produzir ele mesmo as significações de sua própria existência através da diversidade de situações que experimenta, em função de seus próprios recursos e disposições.¹³⁷

É importante salientar que essa figura peregrina é o oposto de outras figuras do cenário religioso, como a das pessoas praticantes, que ainda se distingue em níveis em sua prática religiosa, desde formas mais engajadas até os que poderíamos traduzir

¹³⁵ BERGER; LUCKMANN, 2001, p. 185.

¹³⁶ HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008, P. 8.

¹³⁷ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 89.

como não praticantes, mas que no fundo, vão à igreja em momentos cruciais de ritos religiosos como batismos, bênçãos matrimoniais, catequese ou ensino confirmatório, contudo são membros de determinada religião. Também há dentre estes as figuras militantes que permanecem ainda vivas para o labor por uma sociedade cristianizada ou, quem sabe, catolicizada ou ainda pentecostalizada.¹³⁸

Outra figura de destaque trazida pela autora é a da pessoa convertida. Para compreendê-la é necessário olhar para sua explicação sobre a tríplice figura do convertido ou da convertida. Essa é dividida em três formas de compreensão, cuja primeira diz respeito à pessoa que já possui uma religião e decide, por algum fator, ingressar em outra denominação religiosa.

A primeira é a do indivíduo que “muda de religião”, seja porque rejeita expressamente uma identidade religiosa herdada e assumida para adotar uma nova; seja porque abandona uma realidade imposta, mas a qual nunca havia aderido, para adotar uma nova.¹³⁹

A segunda representa a conversão de uma pessoa sem religião aderindo a uma denominação:

A segunda modalidade de conversão é a do indivíduo que, não tendo nunca pertencido a qualquer tradição religiosa, descobre, a partir de um caminho pessoal mais ou menos longo, aquela na qual se reconhece e à qual decide, finalmente, integrar-se.¹⁴⁰

Já o terceiro tipo de conversão é quando alguém redescobre sua própria religião, passando a ser participante dela:

A terceira modalidade da figura do convertido é a do “re-afiliado”, do “convertido de dentro”: aquele que redescobre uma identidade religiosa que permanecera até então formal, ou vivida a *mínima*, de maneira puramente conformista.¹⁴¹

Até aqui abordamos a teoria relacionada ao tema da conversão no livro *O peregrino e o convertido*, o que juntamente com outras teorias nos subsidiará a reflexão entre diaconia e conversão. A seguir, abordaremos aspectos da conversão em outros autores que trabalham a conversão em uma perspectiva de itinerário espiritual. Com Hervieu – Léger, pudemos compreender a tríplice figura da conversão

¹³⁸ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 98.

¹³⁹ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 109.

¹⁴⁰ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 110.

¹⁴¹ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 111.

em uma religiosidade que envolve movimento e é composta por muitas outras agentes protagonistas. Contudo, o que salientamos é que a essa referência da tríplice figura precisamos ainda somar algo da identidade brasileira. Nesse contexto encontramos uma quarta categoria de conversão que se une à tríplice: a conversão mágica.

3.3 A conversão mágica: O jeitinho brasileiro, Emerson Rocha e Roberto Torres

Ao trabalhar o tema da conversão, não se pode deixar de mencionar que em solo brasileiro, ou poderíamos arriscar dizer que isso se estende para a América Latina, existe uma quarta via que merece atenção, além das mencionadas por Hervieu-Leger. Essa quarta via é a da conversão mágica. O tema é tratado por Emerson Rocha e Roberto Torres, no artigo O Centre e o delinquente, presente no clássico livro *A ralé brasileira*. Nele os autores descrevem essa conversão como parte da cultura e da identidade do povo brasileiro, cujo sofre influências de muitas outras correntes religiosas, culturas e tradições.¹⁴² Essa conversão está intimamente ligada ao modelo religioso do neopentecostalismo, em cujo seio possui a constante afirmação da presença de encostos, espíritos a serem combatidos, batalhas espirituais em que a disputa do “eu” convertido é se dá entre anjos e demônios. Também nesses casos, o externo possui grande relevância para o acometimento de pecados ou boas ações, uma vez que quem leva a culpa é o diabo e sua tentação ou o enviado anjo de Deus para influenciar pelo bem.

Por sua via, a religiosidade mágica neopentecostal deve ser compreendida como um exercício que também procura viabilizar a modificação e o controle do “eu”, mas que faz isso ao classificar o que há de incontrolável no “eu” como oriundo de forças exógenas a ele. O exercício de reflexão sobre os próprios limites não é articulado como uma autocrítica que pode proporcionar um aprendizado mais rente ao que de fato define a condição humana no mundo, mas pelo recurso da atribuição de propriedades pessoais do adepto religioso a agentes exógenos.¹⁴³

Aqui se percebe, em uma perspectiva sociológica, o que é tratado quando se menciona essa como uma forte característica da identidade brasileira. De certa forma, um dos lugares em que a “mágica” habita é no desaparecimento da culpa, uma vez

¹⁴² SCHULTZ, Adilson. Estrutura teológica do imaginário religioso brasileiro. In: BOBSIN, Oneide, et al (Orgs.). **Uma religião chamada Brasil**: Estudos sobre religião e contexto brasileiro. São Leopoldo: Faculdades EST/Oikos, 2008, p. 29.

¹⁴³ ROCHA, Emerson; TORRES, Roberto. O crente e o delinquente. In: SOUZA, Jessé; GRILLO, André. **A ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2009. P. 223.

que ela é atribuída a um agente exógeno, quer seja materializado na inveja ou no mau desejo de alguém ou se tornando concreto na batalha invisível no mundo espiritual. De certa maneira, a culpa por sobre o pecado já não pesa mais sobre quem o cometeu, pois o pecado “some”.

Combina-se a isso a localização de “bodes expiatórios” que podem ser responsabilizados pela mobilização da influência má dos “encostos”. Esses “bodes expiatórios” são os vizinhos que sentem “inveja”, os “falsos amigos” que “botam olho grande”, o “parente” que também “sente inveja”, algum inimigo que tenta prejudicar e pode ter feito alguma “macumba” com esse intuito, ou então o maior de todos eles, identificado com todo e qualquer mal que aconteça na Terra e sempre atuando em parceria com os outros agentes da inveja e do mau augúrio: o próprio diabo.¹⁴⁴

A conversão mágica é justamente essa mudança extremamente rápida que se dá na vida de um indivíduo, onde a culpa, o pecado e os erros cometidos (por piores que fossem) passam a não existir mais, pois eram parte de uma antiga identidade, agora não mais presente nesta nova pessoa nascida na fé, geralmente logo batizada em uma determinada igreja. Em havendo novas ou mais intensas conversões, pode haver mais batismos por imersão. Esse tipo de conversão geralmente também é aquele que possui data, hora e local onde ocorreu e pode ser influenciada por muitos fatores bem como veremos nos itinerários espirituais, adiante. Esse tipo de conversão pode também acontecer dentro de qualquer um dos movimentos da tríplice figura da conversão, descrita em O peregrino e o convertido, visto no tópico anterior. Pode ser uma mudança mágica de religião, ou aderência mágica a uma religião por parte de quem não tinha nenhuma ou mesmo redescobrimto mágico dentro de sua própria religião. Rocha e Torres usam o exemplo de um personagem chamado Carlos, cuja mãe o convence de ir até a Igreja Universal em busca da vitória sobre essa luta de encostos e espíritos malignos que o levavam a buscar drogas. Essa família vivia um momento de extrema dificuldade e problemas. Carlos, então, adere como membro à Universal e muda radicalmente de vida.

O que a Igreja Universal do Reino de Deus oferece a Carlos e a tantos outros “Carlos” é um recurso pelo qual o esforço para mudar a si mesmo pode ser levado adiante como se não fosse propriamente um esforço para mudar o “eu”, mas sim uma luta contra forças exógenas que afetariam esse “eu”. A análise psicológica pode ser compreendida como um exercício que procura viabilizar certa capacidade de controle e modificação do “eu” ao reconhecer

¹⁴⁴ ROCHA; TORRES, 2009, p. 223.

no “eu” o que há nele de incontrolável, investigando as 222 origens mais remotas e dificilmente acessíveis das nossas tendências e disposições.¹⁴⁵

O exemplo utilizado reflete uma realidade em constante mudança, já na primeira década do século XXI. No livro ainda se utiliza como principal exemplo de conversão mágica o clássico tema das drogas como fruto de batalhas espirituais para salvar ou condenar alguém ao fogo do inferno. Entretanto, a busca por compreender esse mundo mágico não termina por aqui. Existe uma proeminente vontade humana, que se manifesta na religiosidade mágica, de sentir um poder extraordinário vindo de um tempo espaço não racionalizável. Isso, segundo tradições pentecostais ou neopentecostais seriam os dons do Espírito Santo em cada pessoa. Há quem expresse essa magia girando incessantemente em um momento de oração, há quem alegue ter poderes para fazer o que Jesus fez como curar, subir aos céus e ver como seria o paraíso. Existe relatos de pessoas que poderiam, inclusive, receber espíritos em si, como em uma sessão espírita ou umbanda em versão “pentecostalizada”, com possessões “cristãs”.¹⁴⁶

Trata-se de um recurso próprio a pessoas que foram socializadas mais nos moldes do indivíduo moderno, que compreendem a si mesmas como uma unidade fechada dotadora de sentido para a vida. Pessoas que se compreendem desse modo encontram na análise um exercício através do qual sua biografia singular é descoberta como a origem de conflitos internos e com o mundo. A ideia de autonomia individual é desafiada em seu próprio favor: descobrindo-se a si mesmo um ser determinado e não somente autodeterminado, o indivíduo se torna mais apto a fazer escolhas a partir da sua própria condição no mundo.¹⁴⁷

Em resumo, a conversão mágica acontece em direção a uma religiosidade mágica, cuja mística, como se pôde ver, mescla em si, influências de diversas tradições religiosas cristianizadas, acentuando seus elementos que expressam em maior grau, algum tipo de poder.

3.4 A conversão diária: afogando Adão e Eva – a perspectiva batismal

Todavia, além do visto até aqui, não podemos deixar de mencionar que existe ainda uma outra forma possível de ser classificada como uma categoria de conversão,

¹⁴⁵ ROCHA; TORRES, 2009, p. 222.

¹⁴⁶ CORTEN, André. **Os pobres e o Espírito Santo**: o pentecostalismo no Brasil. Petrópolis, 1996. P. 123ss.

¹⁴⁷ ROCHA; TORRES, 2009, p. 223.

nossa quinta encontrada. No meio evangélico de confissão luterana, muito se fala da conversão diária. Essa se resume basicamente na perspectiva de que o batismo configura na vida da pessoa batizada a necessidade de se converter diariamente. Dessa forma, se afirma que a pessoa batizada afoga em si a natureza inclinada ao pecado em suas múltiplas formas.¹⁴⁸ Em uma perspectiva batismal luterana, precisamos reconhecer que batismo e conversão têm conexões já expressas por Lutero:

O ato ou a cerimônia é de nos mergulhar na água, a qual passa sobre nós, para depois escorrer. Essas duas partes, mergulhar na água e sair representam o poder, o efeito do Batismo, que é o de matar o velho Adão, seguindo a ressurreição da nova pessoa humana; ambos os aspectos nos acompanharão pela vida inteira, de modo que a vida cristã é um batismo diário, iniciado uma vez e em constante andamento. Pois o tempo todo é preciso varrer fora o que é do velho Adão [e da velha Eva], que apareçam as qualidades do novo.¹⁴⁹

Desta forma, na perspectiva teológica, e conforme defende Brakemeier, “Pecado é, inicialmente, *transgressão* do preceito de Deus”.¹⁵⁰ Esse pecado, como dito anteriormente, pode se dar nas formas estrutural (quando a estrutura, tradição e cultura conjugam em si um mal que causa males); original (nossa inclinação natural ao pecado, inerente a nós humanos e humanas). Estes também querem satisfazer a necessidade humana hedonista. Com toda essa inclinação ao mal e renúncia a esse é que o batismo na perspectiva luterana se vincula ao tema da conversão.

O pecado, nessa abrangência, constitui a mais trágica “enfermidade” humana, uma profunda corrupção, a causa da ruptura dos laços com Deus e das relações inter-humanas. *Pecado é um termo aberto, suscetível de numerosas concretizações, identificações, conteúdos.* Pode alterar seu significado em situações e contextos específicos.¹⁵¹

Não obstante, essa conversão diária batismal, não é apenas o arrependimento ou como diria Lutero no Catecismo Maior, varrer fora a ira, ódio, inveja, ganância, devassidão, presunção, preguiça, vícios, inveja, desprovidência de qualquer coisa boa para nascer paciência, mansidão eliminando os traços do pecado diariamente.¹⁵² Todavia, a dimensão batismal aponta para a vivência da prática

¹⁴⁸ BRAKEMEIER, Gottfried. **O ser humano em busca de identidade**: contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo, SP: Paulus, 2002. P. 52

¹⁴⁹ LUTERO, Martim. **Catecismo Maior do Dr. Martin Lutero**. São Leopoldo, RS: Sinodal, Porto Alegre, RS: Concórdia, 2012. P. 116.

¹⁵⁰ BRAKEMEIER, 2002, p. 53.

¹⁵¹ BRAKEMEIER, 2002, p. 55.

¹⁵² LUTERO, 2012, p. 116.

diaconal, conforme já trabalhado anteriormente. Assim sendo, temos aqui uma outra forma de conversão, a que acontece diariamente e que se caracteriza pelo arrependimento diário e a prática da diaconia.

3.5 Itinerários de conversão: Leloup, Gé Speelman, R. Rambo Lewis e Lofland e Skonovd

Visando aprofundar o tema, podemos falar, então, de itinerários de conversão. Não é raro encontrar teóricos, da área da espiritualidade, que falam que dentro dela existe itinerários ou percursos de uma experiência que conduzem a uma mudança substancial de um modo de vida. Dessa forma, buscaremos a seguir autorias que nos permitem compreender onde a conversão encontra espaço dentro desse caminho de continuidades e descontinuidades.

Jean – Yves Leloup e Leonardo Boff, em seu livro *Terapeutas do Deserto*, já mencionam o tema dos itinerários espirituais no primeiro capítulo.

Contudo, tanto os Antigos Terapeutas como Graf Dürckheim falam em uma linguagem que não é religiosa, isto é, que não pertence a uma tradição particular. Falam da experiência de profundidade que existe em todo ser humano, O que se passa para que um homem ou uma mulher, tendo uma vida considerada normal, queira, de repente, mudar de vida. Uma mudança de vida que será uma travessia de sombra e de luz, com momentos de imensa felicidade e momentos de aflição e solidão. Esse itinerário pode nos ajudar a conhecer a mística das grandes tradições e pode também nos ajudar no conhecimento de nós mesmos.¹⁵³

Estas sete etapas, chamadas de itinerário espiritual, estão diretamente ligadas ao tema da conversão, embora o termo em si, apareça escrito assim no livro apenas uma vez quando relata o itinerário na vida de São Francisco. Entretanto, se trabalha no livro com outras palavras e conceitos como mudança de vida, metanóia, travessia. A seguir, queremos explanar um pouco destas sete etapas do itinerário espiritual. A primeira das etapas é a experiência com o numinoso. Esse numinoso, no ponto de vista fenomenológico, seria aquilo que fascina ou que abre a mente, a compreensão e o coração diante de algo que talvez até fosse corriqueiro antes, mas nunca havia tocado daquela maneira. Esse também pode ser uma experiência de quase morte.

¹⁵³ LELOUP, Jean-Yves; BOFF, Leonardo. **Terapeutas do deserto**: de Filon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Duerckheim. RJ: Vozes, 1998. P. 17-18.

O numinoso nos fascina porque descobrimos a nossa realidade verdadeira e, ao mesmo tempo, nos faz medo porque questiona o nosso modo habitual de vida e de consciência. Mais adiante exploraremos melhor os diferentes lugares de nossa vida, onde o numinoso pode se manifestar em uma abordagem rápida. Para uns, o numinoso se manifesta na natureza, na grande natureza; para outros, manifesta-se na experiência da arte; para outros, ainda, é através de um encontro, do encontro amoroso, do encontro de um espírito com outro espírito, de um coração com outro coração. O numinoso pode ocorrer em um local sagrado ou na leitura de um texto sagrado; no decorrer de um acidente ou de um sofrimento físico intolerável.¹⁵⁴

Esta fase, segundo o autor, deve ser considerada como uma experiência de iniciação que dá sequência ao que vem logo a seguir: a metanóia. Essa envolve a mudança de pensamento, jeito de agir e como um todo de vida. Pode até ser que o numinoso tenha acontecido sem muita influência do contato com outras pessoas, entretanto, a segunda etapa requer o acompanhamento de alguém para que haja a compreensão do fenômeno vivido com o que lhe abriu a compreensão e mudou sua vida de uma forma extremamente marcante, vindo a ser uma parte integrante de sua existência.

A função da pessoa que vai nos acompanhar, quer seja um terapeuta, um amigo ou uma amiga é, por um lado, nos tranquilizar sobre o que nos acontece: "Não. Você não está enlouquecendo. Mas o que você vai fazer? O que você vai fazer desta experiência?" Nesse momento, aquele que nos acompanha deve ser também um guia espiritual, que não somente escuta, compreende e interpreta, mas também nos dá diferentes meios, exercícios e práticas que vão nos permitir retomar o contato com essa experiência inesperada e integrá-la em nossa existência.¹⁵⁵

A terceira etapa vivida no itinerário espiritual segundo Leloup são as consolações. Estas, por sua vez, são as já conhecidas experiências gratificantes ou que produzem uma paz prolongada e até mesmo inexplicada. É quando o silenciar se torna algo presente e ele auxilia nesse processo de paz interior. Contudo, atentando ao perigo de querer continuar acessando continuamente a estas consolações, parando no terceiro momento de seu itinerário espiritual, Leloup escreve:

Portanto, nesta etapa, é preciso acolher estes momentos gratificantes com gratidão, mas, ao mesmo tempo, não se apegar a eles e não procurá-los. Essa orientação é encontrada em todas as tradições. Porque, se nós nos apegarmos a estes momentos, se quisermos reencontrá-los sem cessar, em lugar de nos ajudarem a avançar, eles nos param, nos bloqueiam, fazendo-nos entrarem uma espécie de complacência para com eles.¹⁵⁶

¹⁵⁴ LELOUP; BOFF, 1998, p. 19.

¹⁵⁵ LELOUP; BOFF, 1998, p. 20-21.

¹⁵⁶ LELOUP; BOFF, 1998, p. 21-22.

Todavia, como parte desse processo que envolve fé, a quarta etapa é aquela que traz à tona a realidade da vida como ela é, com suas ilusões e desilusões. Essa é nomeada de dúvida.

Na vida dos místicos há sempre essa quarta etapa, que é a etapa da dúvida. Uma fase em que nos sentimos secos como se fôssemos o próprio deserto. Depois de termos conhecido o oásis e o frescor da fonte é preciso caminhar muito tempo em temperaturas ardentes. Após o tempo da consolação conhecemos o tempo da provação. Os japoneses chamam esse tempo de 'a grande dúvida'. [...] Mas a fé que não assume a dúvida nada tem a ver com a fé. Ela é apenas uma crença, uma crença que pertence a uma dada sociedade, mas não é uma experiência. A fé que assume a dúvida adere à presença do ser que está presente mesmo quando não o sentimos.¹⁵⁷

Guiando-se pela dúvida, a próxima etapa também é marcada por sentimentos por vezes difíceis de serem administrados. A passagem pelo vazio é esse quinto passo dado do qual fala Leloup.

Estamos aí muito próximos desta experiência de vacuidade da noite do espírito e da noite dos sentidos. Da noite também do afetivo, porque, nesse momento, nos damos conta que aquilo que nós amamos não é o outro, mas o Todo-Outro, o que nós amamos é sentir-nos amorosos. O que nós amamos somos nós mesmos. Neste momento de vazio, descobrimos a alteridade do ser. uma outra consciência que não podemos confundir com nenhuma outra consciência particular. É nesta experiência de vazio que iremos vivenciar um novo nascimento.¹⁵⁸

Esta etapa também prevê um esvaziamento de si nos encontros e desencontros com o silêncio. Esse não seria apenas da voz, mas também um silenciar da alma, da mente, dos sentimentos permitindo, então, que ao esvaziar-se, algo de mais sublime possa tomar conta desse vazio, concedendo assim sentido para esse vazio encontrado.

A passagem pelo vazio é o que conduz para o sexto passo: o estado de transformação. É preciso passar pela experiência de se tornar nova essência para então poder concluir o itinerário espiritual. Leloup menciona a experiência com elementos da natureza como o fogo, de que o elemento queimado só passa pela transformação quando se queima de fato. Enquanto isso não ocorre, são dois elementos em um processo químico e físico. Porém, quando se queima há a transformação.

¹⁵⁷ LELOUP; BOFF, 1998, p. 22-23.

¹⁵⁸ LELOUP; BOFF, 1998, p. 23.

O que é descrito nesta etapa é o momento em que a acha de lenha do Ego se transforma na chama do Ser. É a experiência da sarça ardente da Bíblia, quando é relatado que o fogo queima na sarça, mas não a consome. A divindade queima em nossa humanidade, não destrói a nossa humanidade, mas a ilumina por dentro. O Ser não destrói o eu, mas o ilumina e o transforma por dentro.¹⁵⁹

E finalmente todo esse processo de lapidação conduz ao último passo que é o retorno à vida cotidiana. Após vivenciar esse processo de continuidades e descontinuidades chega o tempo de retornar a vida ordinária¹⁶⁰, onde as coisas realmente acontecem e onde, não menos importante, esse itinerário espiritual é lançado na prática. Dessa etapa, é igualmente necessário o auxílio de alguém que possa conduzir quem vive o processo do itinerário de volta à vida como ela é. Assim sendo, é possível nesse momento o encontro com ilusões, decepções e crises.

Poderíamos crer que a sexta etapa da transformação e da união fosse a última. Entretanto muitas tradições referem ainda uma outra etapa - o retorno à praça do mercado..., o retorno à vida cotidiana. É a integração na nossa vida diária desta chama, desse sopro, desta presença na qual nos tornamos. Na praça do mercado tem muito trabalho, vocês sabem. A praça do mercado é nossa cidade, nossa casa, nosso país e é também o universo. Trabalho é o que não falta...¹⁶¹

Na continuidade da busca pelo aprofundamento sobre o tema da conversão, encontramos um artigo de Gé Spelman, que aborda na perspectiva de outras duas fontes, o que chama o tema da conversão como um processo de continuidade e descontinuidade. Em seu artigo intitulado Continuidade e descontinuidade em histórias de conversão [tradução nossa], Speelman relata como os processos se deram na vida de algumas pessoas entrevistadas. Nosso foco, contudo, estará nos argumentos com que Speelman descreve o processo de conversão.¹⁶²

No primeiro estágio de suas conversões, convertidos e convertidas frequentemente enfatizam seu senso de descontinuidade. Escolhem sua nova fé por boas razões. Mas pensando bem, podem frequentemente apontar a continuidade em suas vidas como crentes. Sua nova fé não começa a partir do zero, porque por si também não começaram do zero. Assim sendo, as experiências e reflexões de convertidos e convertidas também podem

¹⁵⁹ LELOUP; BOFF, 1998, p. 24.

¹⁶⁰ GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas conseqüências. In: NEUENFELDT, Elaine Gleci; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara Sandra (Orgs.) CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO 2, 2008, São Leopoldo, RS. **Epistemologia, violência e sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2015. P. 31. Disponível em: <http://catalogo.est.edu.br:8080/pergamumweb/vinculos/000000/00000017.pdf>

¹⁶¹ LELOUP; BOFF, 1998, p. 24-25.

¹⁶² SPEELMAN, Gé M. Continuity and Discontinuity in Conversion Stories. In: **Exchange: Journal of Missiological and Ecumenical Research**, leiden, 2006. P. 304.

contribuir para a teologia do diálogo, como conduzem a um diálogo mais interno, um debate entre suas antigas convicções religiosas e as novas, em um sentido mais intenso e existencial do que a teólogos e teólogas da academia fazem [tradução nossa].¹⁶³

Segundo Speelman, para a compreensão do tema, em suas continuidades, crises e descontinuidades, é necessário olhar justamente para esse contexto existencial, pois ele confere sentido com avanços e retrocessos nesse itinerário de conversão. Com vistas ao olhar contextual, ele aponta para o sociólogo Lewis Rambo.¹⁶⁴ Para Rambo, o contexto é um campo de força onde a conversão toma seu lugar para acontecer. Ele ainda inclui nesse panorama o nível macro, sendo a sociedade ou um período na história e o micro nível que seria o jeito com que essa pessoa convertida socializou. Crise é um estágio na vida de quem se converte cuja pessoa perde o senso de direção e a fé existente já não tem mais credibilidade e a crise pode ser causada por experiências boas ou ruins em suas vidas. A busca – *quest*, é a procura por uma nova fé. Algumas pessoas buscam de forma autodidata essa fé, outras necessitam de ajudas externas. O encontro é algo que acontece mais cedo ou mais tarde na busca pelo encontro identitário com outras pessoas, que muitas vezes podem agir como personagens centrais na procura por essa nova fé. Se esse contato for bom, as chances de haver mais interação se intensificam e passam a funcionar como uma rede para os contatos com outras pessoas. Essa rede por sua vez, vai ao encontro do compromisso que se assume para com um longo período de aprendizado e crescimento na fé trazendo assim, as consequências naturais que são o engajamento e a permanência nesta nova fé assumida. Entretanto, mesmo salientando estes passos, o autor é categórico ao dizer que esses passos podem acontecer de formas diferentes, misturados e que cada conversão individualmente é uma grandeza cheia de significados em si.¹⁶⁵

¹⁶³ In the first stage of their conversion, converts often stress their sense of *discontinuity*. They chose their new faith for good reasons. But on second thought, They can often point out the *continuity* in their life as believers. Their new Faith does not start from scratch, because they themselves did not. Therefore the experiences and reflections of converts can also contribute to the theology of dialogue, as they conduct an inner dialogue, a debate between their 'old' religious convictions and the 'new', in a much more intense, existential way than academic theologians do. SPEELMAN, 2006, p. 304.

¹⁶⁴ RAMBO, 1998 *apud* SPEELMAN, Gé M. Continuity and Discontinuity. In Conversion Stories. **Exchange**: Journal of Missiological and Ecumenical Research, Leiden, 2006. P. 307.

¹⁶⁵ RAMBO, Lewis R. **Understanding Religious Conversions**. New Haven et al.: Yale University Press, 1998. P. 18.

Speelman, além de apontar para Rambo, aponta para outros dois autores. Ademais faz seus experimentos pessoais sobre o tema, quando entrevista seis pessoas para então encontrar sua forma de distinguir aspectos do tema em diálogo com demais produções. Uma importante contribuição vem de Lofland e Skonovd¹⁶⁶, cuja tabela¹⁶⁷ traduzimos abaixo e que consta no artigo *Motivos de conversão*. [tradução nossa].

	<i>Intelectual</i>	<i>Místico</i>	<i>Experimental</i>	<i>Afetivo</i>	<i>Avivamento</i>	<i>Coertivo</i>
Grau de pressão social	Baixo ou nulo	Baixo ou nulo	Baixo	Médio	Alto	Alto
Duração temporal	Média	Curta	Longa	Longa	Curta	longa
Nível de empolgação afetiva	Média	Alta	Baixa	Média	Alta	Alta
Conteúdo afetivo	Iluminação	Temor, amor e medo	Curiosidade	Afeição	Amor e medo	Medo e amor
Participação de crença	Crença, participação	Crença, participação	Participação, crença	Participação, crença	Participação, crença	Participação, crença

3.6 O caminho cristão conjuga o social e o teológico-diaconal: Henri Nouwen

É importante salientar que esse capítulo em perspectiva sociológica é de suma importância para o diálogo a que estamos nos propondo nesta tese. Para entender diaconia e conversão é necessário contextualizar e entender que a diaconia, através da atuação da Igreja de cunho social, está em constante diálogo com as ciências sociais, em especial com a psicologia social e serviço social. Contudo, após esse capítulo que ensaia alguns tópicos na sociologia, precisamos nos reencontrar com o tema da teologia e diaconia. Podemos fazê-lo buscando recursos em Henri Nouwen, onde se pode encontrar confluências.

Em resumo, para Nouwen, há duas formas de espiritualidade, o que ele trata como “transcendência experimental”, pelas quais se tenta “sair do casulo e voar”. São

¹⁶⁶ LOFLAND, John; SKONOVD, Norman. Conversion Motifs. In: *Journal for the Scientific Study of Religion*. 1981. P. 373 – 385.

¹⁶⁷ SPEELMAN, 2006, p. 307.

experiências místicas que transformam e que podem ser conjugadas em uma terceira via, que posteriormente se explica. O Primeiro caminho é o místico.

O caminho místico é o caminho interior. O homem tenta encontrar em sua vida interior uma conexão com a realidade do não-visto, a fonte do ser, o ponto de silêncio. Lá ele descobre que aquilo que é mais pessoal é mais universal. Além das camadas superficiais de idiossincrasias, diferenças psicológicas e tipologias caracterológicas, ele encontra um centro a partir do qual ele pode imediatamente abraçar todos os outros seres e experimentar significativas conexões com tudo que existe.¹⁶⁸

Trata-se, então, de uma espiritualidade conversionista, não necessariamente para uma religião, mas também, em que de forma profunda, alienante ou anestésica se encontra uma razão pela qual mudar caminhos, modos de vida, conferindo novos sentidos ao ser e estar. Contudo, o segundo caminho para uma transformação é o que vai ao encontro da realidade social, tendo como ponto de partida uma vontade que reside no âmago do ser de transformar um contexto. Esse recebe o nome de caminho revolucionário.

Para ele, os liberais e progressistas estão zombando de si mesmos, tentando tornar um pouco mais tolerável uma situação intolerável. Ele está cansado de podar árvores e cortar galhos; ele quer arrancar as raízes de uma sociedade doente. Ele não acredita mais que palestras sobre integração, medidas corporativas contra poluição sonora e atmosférica, associações de paz, programas anti pobreza e legislações de direitos civis possam salvar um mundo dominado por extorsão, opressão e exploração. Somente um total e radical levante contra a ordem existente, junto com uma drástica mudança de direção, pode impedir o fim de tudo. Mas, enquanto aponta para uma revolução, ele não está motivado apenas por um desejo de libertar o oprimido, aliviar o pobre e terminar a guerra.¹⁶⁹

Contudo, para Nouwen, embora ambos os caminhos tenham suas valias, o autor prefere pensar em um caminho alternativo onde isso se cruze, tendo como ponto de partida a identidade cristológica onde se parte do pressuposto de que Jesus não foi apenas movido por experiências transcendentais de fé e nem apenas revolucionário, Ele foi ambos. É aí que os temas diaconia e conversão se encontram nesse paralelo com a sociologia, formando uma dimensão da fé aliada a uma vontade por mudanças, ao que Henri nomeia de caminho cristão, e que arriscamos nomear de caminho diaconal.

Para um cristão, Jesus é o homem no qual se tornou realmente manifesto que revolução e conversão não se separam na busca humana pela

¹⁶⁸ NOUWEN, Henri J. M. **O sofrimento que cura**. São Paulo: Paulinas. 2001. P. 35.

¹⁶⁹ NOUWEN, 2001, p. 37-38.

transcendência experimental. Seu surgimento entre nós tornou inegavelmente claro que transformar o coração humano e transformar a sociedade humana não são tarefas isoladas, mas tão interligadas quanto as duas vigas de uma cruz. Jesus foi um revolucionário que não se tornou um extremista, uma vez que não ofereceu uma ideologia, mas a si mesmo. Ele era também um místico que não recorria a seu íntimo relacionamento com Deus para evitar os males sociais de seu tempo, mas chocou a sociedade em que vivia a ponto de ser executado como rebelde. Neste sentido, ele continua representando, para homens e mulheres da era nuclear, o caminho para a libertação e para a liberdade.¹⁷⁰

Com Nouwen, compreendemos que o caminho da conversão apresentado, conjugando mudança pessoal com um caminho revolucionário apontam para um resgate do que já era conversão na Igreja Antiga. Conforme visto anteriormente, a conversão na Igreja Antiga não era para “aceitar a Jesus Cristo como Senhor”, senão que aceitar se colocar em seu serviço que de tantas formas práticas foi desempenhado. Entretanto, seu serviço não era proselitista! Contudo, foi justamente essa característica, justamente a única que não entrou no pensamento e ação de Jesus que caracteriza ao longo da história o tema da conversão. Assim sendo, nesse autor temos pistas para o resgate de uma espiritualidade que se vincula ao tema em sua essência histórica e bíblica, conjugando os contextos externo e interno, visando introduzir a pessoa convertida no serviço de Jesus que parafraseando Mc 10.45: veio para diaconar e dar a sua vida em resgate por muitas pessoas. Em breve conclusão, do que vimos até então, conversão, brota de um contexto diaconal de sofrimento ou mudança profunda e que conduz à prática da diaconia.

¹⁷⁰ NOUWEN, 2001, p. 39-40.

CONCLUSÃO DA PRIMEIRA PARTE

Após essa “viagem” pela Bíblia e na história, relacionando temas de tamanha grandeza como diaconia e conversão, há interessantes descobertas que merecem destaque. Uma delas é a de que não existe muitos escritos especificamente sobre conversão. Esse ainda parece um tema inexplorado no contexto teológico, tendo poucas autorias de referência sobre o assunto. Ademais, não existe nenhum escrito acadêmico que estude o tema da diaconia e conversão concomitantemente.

Em perspectiva bíblica, foi possível descobrir que os temas, ainda que diaconia tenha um significado diferente no primeiro testamento, essa relação já existia. Basta lembrarmos, citando como exemplo, de que encontramos nos relatos de vocação dos profetas Jeremias e Isaías uma relação fortemente diaconal entre diaconia e conversão. Ao viverem o momento de profundidade e encontro com um numinoso, partem, sobretudo de um contexto de sofrimento que precisava de transformação. Passam, assim, pelo itinerário e retornam para viver sua profecia (denúncia dos males e anúncio da graça de Deus) no meio do povo em sofrimento, visto que se vivia um contexto de opressão. Sendo diaconia a fé em ação em diálogo com o contexto, aí encontramos a aproximação com a conversão. Havia mudanças e encontros pessoais que apontavam para a necessidade de mudanças e encontros com o contexto que carecia de “salvação”.

Do ponto de vista do Novo Testamento, não faltam argumentos de que diaconia e conversão são assuntos complementares. Podemos falar de Jesus e que sua ação diaconal apontava sempre para mudanças de vida, partindo de ações de cuidado que converteram, que também resultaram em pessoas que o seguiram em sua missão de cuidado e pregação. Não obstante, Ele escolheu os discípulos que são chamados a segui-lo, não para promover o proselitismo, mas para auxiliá-lo na missão de pregar o evangelho em ações mais do que em palavras. Ainda podemos mencionar o apóstolo Paulo, que após sua conversão caracteriza seu labor teológico como diaconia, mencionada toda vez no grego quando lemos a palavra servir e todas suas variantes ou ministério e suas variantes.

Contudo, a história e suas páginas conseguiram desassociar estas grandezas temáticas complementares, concedendo ao proselitismo um verbo que passou a ser o verbo converter e suas variantes. Seja mediante as Cruzadas, Reforma ou

Contrarreforma ou mesmo a história prosélita e sangrenta das Américas, o tema da diaconia foi tomando distância do tema da conversão, pois Igreja diaconal que quer transformar sofrimentos não pode coadunar com o que produziu relatos cruéis de morte. A IECLB, portanto, parece temer o tópico da conversão, visto que diante da sua diversidade de movimentos e posicionamentos referentes ao tema, preconiza-se evitar a proximidade com o proselitismo. Todavia, na diaconia se encontra uma possibilidade concreta e ética para que conversão e proselitismo sejam dissociados, pois no cerne da diaconia está a conversão e no âmago da conversão, em argumentos bíblicos e históricos, reside harmoniosa simbiose entre os temas. Resta-lhe assim, ao proselitismo que permaneça o registro de onde ele ocorreu, resultando, então, no aprendizado para que a igreja não repita essa forma de vivenciar missão.

Da perspectiva socio-teológica, salienta-se primeiramente que existe cinco tipos diferentes de conversão. A primeira delas é quando alguém decide mudar de religião. A segunda é quando alguém sem religião decide aderir a uma. A terceira acontece quando alguém redescobre dentro da sua própria religião algo que a faça se converter dentro da própria denominação, passando a ser parte ativa dela. O quarto tipo é a conversão mais comum no contexto brasileiro e latino-americano, a conversão mágica. É quando após ingressar em uma igreja ou obter o batismo, alguém parece milagrosamente com alguma prática. Outro tipo é a conversão diária, mais tematizada dentro do meio luterano, quando pessoas diariamente confessam seus pecados e reconhecer que necessitam de mudanças. Além disso, neste tópico foram vistas algumas questões como que a conversão é um processo secundário na vida de uma pessoa e que, segundo Nowen, geralmente vem imbuído de um processo que necessita de acompanhamento. Ela porém, é compreendida por ele como um caminho diaconal de ser e estar.

Assim sendo, a tematização desses assuntos e o estabelecimento de pontes entre eles, quer nos evidenciar de que sim, precisamos resgatar esse diálogo, pois ele aponta para questões que podem produzir frutos internos e externos para a Igreja e sua atuação. De forma interna, pode converter no sentido de fazer olhar novamente para a necessidade de atuar seguindo o serviço de Jesus, essencialmente diaconal. De forma externa pode motivar mais pessoas para que, uma vez cuidadas se saibam na responsabilidade de cuidar de mais pessoas, servindo assim a Jesus seguindo-o em seu serviço. Na próxima parte, queremos justamente trabalhar em pesquisa-ação com grupos focais, buscando testar esse diagnóstico na prática. Assim fica a pergunta

a ser respondida agora na pesquisa-ação: como a diaconia pode dialogar com o tema da conversão, em parâmetros bíblicos e na história da Igreja, de forma a identificar lacunas e possibilidades com vistas à conversão nas múltiplas possibilidades em que ela é possível, através da pesquisa-ação?

**SEGUNDA PARTE: “O QUE QUERES QUE EU TE FAÇA?” (MC 10.
51): O DESAFIO DA PESQUISA-AÇÃO EM DIACONIA**

INTRODUÇÃO À SEGUNDA PARTE

Esta parte visa aprofundar o tema da pesquisa-ação e sua relação com a diaconia, servindo como preparo para o que chamamos de pesquisa-ação em diaconia. Esse tem crucial importância também no âmbito do aprendizado pessoal do pesquisador, sobre a pesquisa-ação, um método híbrido de análise de dados e investimento no aperfeiçoamento de uma prática que já ocorre. A metodologia utilizada nessa parte é bibliográfica e descritivo-comparativa, pois detalha maiores dados sobre pesquisa-ação e diaconia, no intento de estabelecer uma pesquisa-ação em diaconia evidenciando lacunas e possibilidades a serem estudadas no desenvolvimento da investigação.

Nessa parte será descrito um histórico da pesquisa-ação, bem como se elucidam possibilidades de ação metodológica, cuja é aberta a contar com o apoio de outros métodos de pesquisa para alcançar seu resultado esperado. Em um segundo momento, a parte evidencia aspectos da epistemologia diaconal que estabelecem diálogo com a metodologia que se pretende aplicar, como os temas da metodologia diaconal, expressões da atuação diaconal e dimensões da diaconia, que estão na intersecção do diálogo com a metodologia escolhida.

Ao seu final, visa diagnosticar convergências, possibilidades e impasses no desenvolvimento de uma pesquisa-ação em diaconia, bem como estabelecer uma estrutura básica como proposta de desenvolvimento para a concretização de tal objetivo. O tema da pesquisa-ação em diaconia ainda será aprofundado na prática, na terceira parte. Contudo, se fez necessário aprofundá-lo na teoria, para então dar o próximo passo para o desenvolvimento prático, e assim, devolver o tema estudado para a análise de dados, vinculando-o novamente à teoria.

4 CONCEITUANDO PESQUISA-AÇÃO

Em um olhar pela história do método percebemos que existe uma gama extensa de teorias, o que nos faz entender melhor seu modo de coexistir no meio acadêmico. Assim sendo, não há certeza de quem foi seu precursor ou precursora, o que por si só já é um fato curioso do ponto de vista científico. Muitas vezes se diz que foi Lewin em 1946, pois ele foi o primeiro a publicar um trabalho utilizando esse termo. Entretanto, há quem diga que foi em um trabalho científico na Alemanha, outros como Deshler e Ewart, em uma publicação de 1995, sugerem que a pesquisa-ação tem seu nascedouro antes e durante a Segunda Guerra Mundial, e teria sido utilizado por John Collier, comissário para assuntos indianos, para diminuir os preconceitos interraciais em níveis comunitários. A discussão sobre a progenitura da pesquisa-ação poderia ganhar algumas páginas a mais nesta tese e haveria mais teorias e fontes a serem estudadas.¹⁷¹ Todavia, no que vimos até então, já fica expressa a multiplicidade de formas que o método abarca já desde suas possíveis origens e mudanças ocorridas em suas metodologias:

Quase imediatamente depois de Lewin haver cunhado o termo na literatura, a pesquisa-ação foi considerada um termo geral para quatro processos diferentes: pesquisa-diagnóstico, pesquisa participante, pesquisa empírica e pesquisa experimental (Chein; Cook; Harding, 1948). Pelo final do século XX, Deshler e Ewart (1995) conseguiram identificar seis principais tipos de desenvolvidos em diferentes campos de aplicação. No final da década de 1940 e início da década de 1950, utilizava-se em administração (Collier), desenvolvimento comunitário (Lewin, 1946), mudança organizacional (Lippitt, Watson; Westley, 1958) e ensino (Corey, 1949, 1953). Na década de 1970, incorpora-se (com finalidades de) mudança política, conscientização e outorga de poder [empowerment] (Freire, 1972, 1982), pouco depois, em desenvolvimento nacional na agricultura (Fals-Borda, 1985, 1991) e, mais recentemente, em negócios bancários, saúde e geração de tecnologia, via Banco Mundial e outros (Hart; Bond, 1997).¹⁷²

Desde estes parágrafos introdutórios, precisamos levar em consideração que essa conceituação não é uma tarefa das mais fáceis. Tendo em vista suas múltiplas possíveis histórias e que uma das principais questões em relação ao método de pesquisa intitulado pesquisa-ação é que ele visa ser uma prática investigativa com a intenção de aprimorar uma prática, sua metodologia e mesmo conceituação é

¹⁷¹ TRIPP, David. Pesquisa-ação: Uma introdução metodológica. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. P. 445. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27989/29770> Acesso em 13 ago. 2021.

¹⁷² TRIPP, 2005, p. 445.

bastante abrangente, pois permite em si a presença de outras metodologias com vistas a se chegar nos resultados de uma pesquisa e a aprimoração de uma prática. Essa dificuldade conceitual já se encontra expressa por David Tripp. Segundo ele, já nos primeiros anos do século XXI, a prática vinha sendo popularizada no Brasil e “[...] tornou-se atualmente um termo aplicado de maneira vaga a qualquer tipo de tentativa de melhora ou de investigação da prática.”¹⁷³ Entretanto, segundo ele, há outras questões importantes a serem observadas.

É importante que se reconheça a como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação.¹⁷⁴

Corroborando com essa afirmação de Tripp, encontramos Michell Thiollent que nomeia onde essa prática de pesquisa – ação tem encontrado maior espaço na academia científica, sendo seu uso bastante diversificado. “Hoje em dia, no Brasil e noutros países, a linha da tende a ser aplicada em diversos campos de atuação: educação, comunicação, organização, serviço social, difusão da tecnologia rural, militância política ou sindical etc.”¹⁷⁵

Segundo Thiollent ainda precisa-se ressaltar que há diferenças entre pesquisa-ação e pesquisa participante. Embora sinônimas, a pesquisa-ação “além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro, que nem sempre se encontra em propostas de pesquisa participante”.¹⁷⁶

Em Thiollent ainda encontramos importantes referências que norteiam a reflexão em torno da conceituação do tema. Uma delas é o protagonismo do grupo envolvido na pesquisa – ação, desde o início de todo o processo, havendo constante formação e fluxo de informação como empoderamento para uma ação transformadora factível. Haver a transformação de uma prática e o aprimoramento de uma pesquisa só será possível, para Thiollent mediante esse envolvimento. Como parte fundamental será necessário encontrar o problema, dialogar sobre ele, diagnosticando-o, buscando

¹⁷³ TRIPP, 2005, p. 443.

¹⁷⁴ TRIPP, 2005, p. 446.

¹⁷⁵ THIOLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa - Ação**. São Paulo: CORTEZ, 2008. P.9.

¹⁷⁶ THIOLENT, 2008, p. 10.

uma metodologia plausível e condizente onde todas as partes envolvidas tenham vez e voz.¹⁷⁷

Conforme já foi possível visualizar, a pesquisa-ação tem sido empregada em diferentes contextos e áreas do saber. Entretanto, merece destaque seu uso nas áreas sociais e da educação visto que trabalham diretamente em situações que requerem transformação social. Há muitas situações em que o social e o educacional se mesclam, pois se utilizam de ferramentas metodológicas uma da outra para a promoção do melhoramento de uma prática e suas formas de investigação. Esse é o caso descrito por Helena Singer, no livro *Pesquisa-Ação Comunitária*.

A pesquisa-ação é um processo coletivo, no qual sujeito e objeto do conhecimento não estão dissociados. Ela segue um ciclo no qual uma transformação social é planejada, desenvolvida, descrita, avaliada e, por fim, analisada. Com isso, aprende-se mais, no decorrer da experiência, tanto a respeito da prática quanto da teoria.¹⁷⁸

Para a autora também há uma série de linhas gerais a serem respeitadas na pesquisa-ação e estas são permeadas ainda por questões como a nulidade da neutralidade, pois a pesquisa-ação assume de fato o desejo de mudar alguma situação ou contexto em que se insere. Autoconhecimento também é de suma importância, pois à medida em que algum projeto avança é necessário lançar mão de processos de monitoramento e avaliação. As linhas gerais abordadas por Singer são:

1. Qualquer propõe uma inovação ou mudança em determinada situação;
2. Projeta-se a mudança com base na compreensão coletiva de um determinado contexto;
3. A busca ser sustentável;
4. Os instrumentos metodológicos desenvolvidos estão a serviço da prática;
5. Os processos decisórios envolvidos na pesquisa-ação são sempre participativos e colaborativos;
6. A ação é acompanhada de uma reflexão sistemática, que dá base aos processos decisórios;
7. A documentação da pesquisa é sistematizada na forma de portfólios;
8. Os resultados alcançados servem à prática e também à teoria;
9. Os conhecimentos construídos são disseminados pela sociedade, ultrapassando os limites da comunidade acadêmica.¹⁷⁹

Aqui já conseguimos vislumbrar de forma bastante concreta o conceito desta metodologia estudada. Contudo, ainda podemos acrescentar um autor para compor esse mosaico de conceituações com vistas a promover o diálogo da pesquisa-ação

¹⁷⁷ THOLLENT, 2008, p. 10.

¹⁷⁸ SINGER, Helena. A pesquisa – ação comunitária. In: **Pesquisa-Ação Comunitária**. São Paulo: Moderna. 2011. P. 21.

¹⁷⁹ SINGER, 2011, p. 21.

com a teoria diaconal. Diones aborda e ressalta o aspecto acadêmico da pesquisa-ação, necessário para nossa reflexão teórica e reafirma a abrangência teórica e prática desse método.

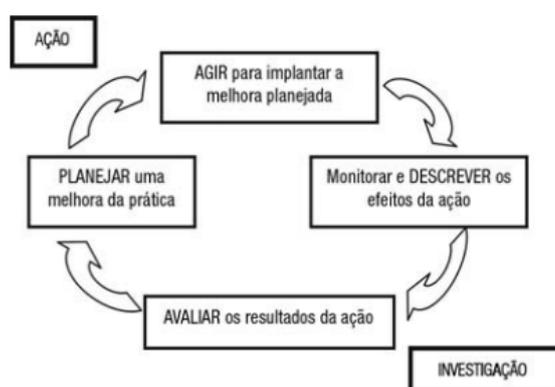
A pesquisa-ação permite que se adquiram conhecimentos novos e, por isso, é considerada uma metodologia de pesquisa. Um objetivo de mudança não é em si mesmo contraditório em relação a um objetivo de desenvolvimento dos conhecimentos. Ao contrário, esse objetivo de mudança permite um desenvolvimento original de conhecimentos novos.¹⁸⁰

Com Diones, compreendemos que ambas as unidades de grandeza (teoria e prática) se complementam na metodologia da pesquisa-ação e que não se anulam, pelo contrário, uma se insere e interfere na outra. Com isso, a investigação teórica produz mudanças quando no empírico com vistas a melhorar a prática para que ela produza mais mudanças no contexto em que se deseja intervir.

4.1 Os métodos dentro do método

Apesar de ser caracterizada como uma metodologia híbrida, a pesquisa – ação possui uma lógica não linear, mas cíclica. Encontramos em Tripp, uma categorização da pesquisa-ação como sendo uma das inúmeras formas de investigação-ação. Assim sendo, ela possui um ciclo, representado abaixo.

Diagrama 1: Representação em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação.



Fonte: TRIPP, 2005, p. 446

¹⁸⁰ DIONE, Hugues. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007. P. 24.

Segundo esse diagrama, representado por Tripp, o processo da como um método de investigação-ação é cíclico, sendo que, o primeiro passo é a identificação do problema a ser solucionado, aí então, se vivencia um processo de ação e investigação definido pelo autor como sendo o período em que o maior aprendizado acontece.¹⁸¹ No próximo capítulo veremos a similaridade entre o ciclo básico de investigação da pesquisa-ação e da metodologia diaconal.

Há que ser observado de que esse diagrama acima representa o ciclo dos processos de investigação - ação, contudo, parece faltar o aspecto espiral que possui esse tipo de investigação, pois ao gerar mudanças, ele não conduz para o mesmo lugar. Todavia, ao interagir, propor, discutir, entre outros tantos verbos possíveis, conduz para novos ciclos e ações. Por isso o mesmo autor complementa a tabela da seguinte maneira:

O ciclo da pesquisa-ação inclui todas as atividades do ciclo básico de investigação-ação e freqüentemente é representado do mesmo modo (Kemmis; McTaggart, 1990), mas embora pareça de início suficientemente claro, não é inteiramente preciso em sua distinção e em seu seqüenciamento da ação e do monitoramento das fases. Na maioria dos tipos de investigação-ação, freqüentemente se monitoram os efeitos de sua própria ação durante a fase de ação e, na pesquisa-ação, freqüentemente se produzem dados sobre os efeitos de uma mudança da prática durante a implementação (mediante observação, por exemplo) e ambos antes e depois da implementação (como quando se utiliza um método pré/pós para monitorar os efeitos de uma mudança).¹⁸²

Uma vez dito isto, damos sequência à explanação sobre pesquisa-ação afirmando que ela possui um “núcleo rígido”, mas que ela se divide em pelo menos outras 5 possibilidades metodológicas. Assim sendo, antes de optar por um desses cinco caminhos ou mesclar passos, há que se dialogar com o contexto do problema encontrado na fase inicial do processo da pesquisa-ação, o reconhecimento. Com vistas a encontrar respostas plausíveis que conduzam a caminhos metodológicos, o autor sugere as seguintes perguntas:

a - o projeto trata da melhora da eficiência e da eficácia de práticas comuns ou da introdução de novas? b - o projeto está introduzindo uma prática nova para a situação, ou seja, o pesquisador está implementando, adaptando ou adotando uma idéia ou prática extraída de algum outro lugar ou está utilizando o projeto para desenvolver idéias ou práticas próprias inteiramente novas e originais? c - o projeto está preocupado em trabalhar dentro da cultura institucional existente e das limitações sobre a prática, criadas por

¹⁸¹ TRIPP, 2005, p. 446.

¹⁸² TRIPP, 2005, p. 453.

essa cultura, ou o projeto trata da mudança dessa cultura e de suas limitações?¹⁸³

As perguntas acima surgem como sugestões, devendo ser adaptadas em termos de conteúdo para cada pesquisa específica. Porém, após algumas respostas mais concretas diante desse diálogo, se apresentam as 5 modalidades de um projeto de pesquisa-ação.

4.2 Diferentes tipos de pesquisa-ação

Segundo Tripp, existe cinco diferentes tipos de pesquisa-ação, cujas relacionamos a seguir¹⁸⁴:

a) Pesquisa-Ação Técnica: É um método pontual em que o pesquisador obtém práticas existentes de outros lugares e as implementa em seu próprio campo de prática para fazer melhorias. É "técnico" porque o pesquisador atua de forma totalmente mecânica: na verdade, ele está "de acordo com o manual". Nesse caso, os princípios, objetivos, materiais e procedimentos são dados aos professores que encontram formas de usar o projeto em seu trabalho docente, sendo o mais fiel possível aos objetivos e resultados originais.

b) Pesquisa-Ação Prática: é diferente da técnica porque quem pesquisa escolhe e prospecta mudanças efetuadas. Sob essas circunstâncias, duas características distintivas são: primeiro, é mais como uma prática de artífices que pode receber ordens, mas a maneira de se alcançar o efeito desejado é mais adequado e contextualizado para cada caso; e em segundo lugar, por causa de sua decisão de como empreender, informado por conceitos profissionais, talvez assim saiba o que é melhor para sua equipe.

c) Pesquisa-Ação Política: A questão c da citação anterior refere-se às mudanças na cultura institucional. Quando se começa com tentativas de mudança ou análise das limitações desta cultura prevendo uma ação, deve-se nos engajar na política, porque isso significa cooperar com outras pessoas ou se opor a um sistema. Estar conectado à política requer ocupar espaços em esforços conjuntos para exigir uma mudança local, mas que reverbere de forma estrutural.

¹⁸³ TRIPP, 2005, p. 457.

¹⁸⁴ TRIP, 2005, p. 457-458.

d) Pesquisa-Ação Socialmente Crítica: Essa é de fato um modo diferenciado de pesquisa de ação política, e os dois se sobrepõem, porque quando você tenta mudar ou resolver as limitações do que você pode fazer, geralmente é o resultado de uma mudança em sua maneira de pensar sobre o valor final. Não se está procurando como tornar melhor o que já se fez, mas como tornar o mundo um lugar melhor em termos de justiça social. Objetivos como melhorar a igualdade social ou melhorar o atendimento a pessoas que possuem necessidades especiais ou deficiência, por exemplo, são comuns na pesquisa-ação Socialmente Crítica.

e) Pesquisa-Ação Emancipatória: Essa é outra variante da política, que visa claramente a mudar o *status quo*, não só para si e para os pares mais próximos, mas também para todo o grupo social em um âmbito mais amplo. Por exemplo, as feministas não queriam apenas ter o direito de votar para si mesmas, mas também queriam ter certeza de que todas as mulheres pudessem ter esse direito. Da mesma forma, a emancipatória é um modelo político que opera em uma escala mais ampla, portanto, deve constituir um esforço participativo e colaborativo, de natureza socialmente crítica.

5 METODOLOGIA DIACONAL

Na busca por uma aproximação dos conceitos pesquisa-ação e a diaconia, não podemos deixar de subsidiar a reflexão a partir de um conteúdo amplo, mas importantíssimo para a epistemologia diaconal. Embora não haja uma forma unificada de metodologia diaconal e que essa seja alimentada por teorias na interdisciplinaridade, de antemão já podemos afirmar que esse conteúdo e as intersecções nas múltiplas metodologias, encontram pontos em comum na discussão com a pesquisa-ação. Assim sendo, esse tópico servirá de conceituação para uma análise posterior das convergências entre os temas.

Com a reflexão sobre os métodos e metodologia diaconal, cabe-nos então, trazer argumentos de diversas fontes que nos referenciem a importância da sua utilização. Sabemos que a diaconia exercida por diferentes pessoas, não tem uma forma única de atuação na sociedade e na igreja, mas essa tem uma raiz identitária.

Mesmo que a diaconia tenha formas variadas de intervenção na sociedade e na Igreja, suas ações precisam corresponder a uma pressuposta metodologia. A raiz da ação diaconal é a fé em Jesus Cristo. É a mesma fé que motiva à reflexão entre teoria e prática existentes, atualmente, comparando-as com o discurso e a ação de Jesus.¹⁸⁵

De acordo com Beulke, metodologia vem do grego e significa “o caminho a ser usado para se alcançar determinado fim ou objetivo. É o modo de se proceder.”¹⁸⁶

A metodologia diaconal é imprescindível para a atuação de uma igreja que confessa a fé em Jesus Cristo. Tal afirmação brota da análise das ações de Jesus e das ações que temos hoje em nossas comunidades. Para muitas comunidades falta clareza e reflexão sobre suas ações que, por vezes parecem ser mais assistencialistas do que expressões da fé para a transformação da vida e do meio social.¹⁸⁷

As ações diaconais metodologicamente estruturadas com foco e objetividade podem mudar o contexto e fazer das pessoas protagonistas de suas próprias dificuldades e conquistas e, assim, tornarem-se personagens autônomas. Vemos, assim, a significância do uso de metodologias. O planejamento abre o horizonte e aprofunda o escopo do caminho a ser percorrido por meio da avaliação, discussão e ação, e esse é um caminho prático na práxis. Segundo Luiz Stephanou “Planejar é

¹⁸⁵ LENKE, Angela; PAIXÃO, Márcia Eliane L. da. **Metodologia diaconal**. São Leopoldo, 2006. P. 19.

¹⁸⁶ BEULKE, 1997, p. 14.

¹⁸⁷ LENKE, 2006, p. 20.

possível e necessário” e não requer conhecimento específico de doutorado ou pesquisa avançada. Para o autor, é preciso preparação e dedicação, como também tudo na vida.¹⁸⁸

No Dicionário do Movimento Ecumênico, a palavra Diaconia é apresentada de forma interessante, pois além de se falar do alicerce da diaconia para a construção de crenças, ele caracteriza a diaconia como manifestação ativa, principalmente em sua participação social. Assim sendo, para o dicionário, Diaconia é “o serviço responsável do evangelho através de atos e palavras prestado pelos/as cristãos/ãs em resposta às necessidades do povo”.¹⁸⁹

Além da reflexão feita até então sobre metodologia diaconal, precisamos nos voltar à identidade diaconal, mantendo a reflexão fixa ao que Jesus diz ao cego Bartimeu em Mc 10. 51: “Que queres que eu te faça?” O próprio Jesus advertiu, com esse ato e palavras, ainda que nas entrelinhas, de que é preciso refletir antes de agir. Isso significa perguntar às pessoas do que elas precisam. Ler o contexto significa perguntar pelas necessidades e ouvir a dor e os sofrimentos pessoais, e então entender como resolver os problemas de quem se ouve. As ações diaconais não devem ser assistencialistas, isto é, fazer coisas por alguém (sem ouvir o que ele ou ela espera).

Desta forma, não é uma ação passageira, mas é uma ação que deve ser planejada e direcionada de forma a atingir não só o propósito definido, mas também avançar na reflexão e ação. Como parte integrante da missão da igreja, a diaconia tem em sua metodologia três conceitos básicos: transformação, reconciliação e empoderamento, estes “indicam os propósitos fundamentais do trabalho diaconal e, ao mesmo tempo, mostram como se faz e em que valores se baseiam esse trabalho”.¹⁹⁰

Após a descrição acima, podemos afirmar que se queremos ações diaconais concisas e duradouras na Igreja e na sociedade, devemos priorizar o uso de metodologias e planejamento para isso.

¹⁸⁸ STEPHANOU, Luís. Planejar é possível e necessário. In: IECLB. Departamento de Diaconia; HERTEL, Hildegart. **Planejando as ações diaconais da comunidade:** e como que se faz isso? Porto Alegre: IECLB-Departamento de Diaconia, 2001. P. 32.

¹⁸⁹ LOSSKY, Nicholas. **Dicionário do Movimento Ecumênico.** Petrópolis: Vozes, 2005. p. 305.

¹⁹⁰ NORDSTOKKE, Kjell; FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. **Diaconia em contexto:** transformação, reconciliação, empoderamento: uma contribuição da FLM para a Compreensão e a Prática da Diaconia. Genebra: Federação Luterana Mundial, 2009. P.43.

Para a prática diaconal, a questão da metodologia é decisiva. Nenhum método é neutro, pois todos eles têm uma carga de valores. Por isso uma tarefa essencial consiste em identificar os métodos de trabalho que favoreçam os processos de participação e empoderamento, e que afirmem os valores básicos do trabalho diaconal.¹⁹¹

É impossível não destacar de que a metodologia diaconal traça cursos que buscam fundamentação na teologia bíblica e no modelo de Cristo como elemento norteador. Assim sendo, vale-nos ressaltar que ferramentas hermenêuticas estão a serviço de uma prática transformadora diaconal e uma das mais contextualizadas e utilizadas pela *ecumene* com vistas à práxis diaconal é a hermenêutica da suspeita, ao lado da leitura diaconal da Bíblia.

A assim chamada “hermenêutica da suspeita” pode ser uma ferramenta importante para introduzir perspectivas críticas na atividade diaconal. Hermenêutica significa “forma de interpretação” e requer uma mente inquisitiva. Isso implica perguntar: a quem servem os interesses que estão por trás do que se diz e se faz? O mundo e seus problemas da perspectiva das pessoas poderosas têm aparência diferente daquela da perspectiva dos grupos marginalizados. Uma diaconia bem planejada precisa levar em conta esse conflito e dar espaço às vozes que são ignoradas. Essa prática é de boa tradição bíblica e aponta na direção da diaconia profética.¹⁹²

Recorrendo a outras autorias sobre o tema da metodologia diaconal, encontramos no livro *Diaconia: Fé em ação*, um subsídio elementar para resumir o que lemos até aqui. Não há uma metodologia fechada, ela é aberta, porém seu foco está na metodologia transformadora de Jesus Cristo.

Falar sobre metodologia diaconal significa falar sobre o “jeito de fazer”, sobre “como fazer”. Também aqui não há receitas prontas. Cada situação, cada “tipo” de área diaconal tem questões específicas. Poderíamos pensar em algum “princípio básico”. E se falamos que nosso servir está baseado no servir de Jesus, podemos basear nosso jeito no seu jeito de agir.¹⁹³

Com vistas à conclusão desta explanação sobre metodologia diaconal, encontramos no livro *Diaconia: Um chamado para servir*, os passos de uma metodologia diaconal. Ainda que, como dito anteriormente, não existe um método fechado, o que existe são passos que precisam ser observados na elaboração de uma metodologia diaconal e aqui já temos uma prévia de onde pesquisa-ação e diaconia se encontram metodologicamente falando. Para ela, a metodologia diaconal é uma

¹⁹¹ FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2009, p. 59.

¹⁹² FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2009, p. 59.

¹⁹³ NORDSTÖKKE, 1998. p. 83.

espiral que conduz para fora, para a liberdade e a libertação. Os passos do método consistem em: Conhecer> Refletir/dialogar> Conscientização> Reconhecer> Problemas> Temas geradores> Situação-limite> Desafio> Inserção social intencional> Constrói mudanças> Avaliar Rever objetos> Novo conhecer>¹⁹⁴. Essa espiral traz elementos muito parecidos com o ciclo da investigação da pesquisa-social, abordado por Tripp. Nela, o ciclo acontece da seguinte maneira: Ação> Planejamento> Agir> Descrever> Avaliar> Investigação e assim sucessivamente.

Ainda que usando diferentes palavras, Beulke resume essa metodologia amparada na vida de Jesus:

Comparemos agora essa metodologia com a vida e agir de Jesus: Jesus *ia* ao encontro, *via* as pessoas, *conhecia* sua real situação (Mt 9.35). Ele *entendia* sua dor e sofrimento e *ouvía* o que tinham a dizer, a desabafar. Ele *andava* com as pessoas. Através do diálogo, da reflexão, auxiliava-as no reconhecimento de sua situação (Lc. 24.13). Ele usava elementos da natureza. Pessoas que o procuravam tornavam-se participantes da própria cura e libertação (Jo 9.1). Para que os leprosos fossem aceitos e reintegrados à sociedade, pedia que se mostrassem aos sacerdotes (17.14). [...] A prática diaconal movida pela fé no Cristo vivo, anuncia uma utopia que parte do real e depois se concretiza no cotidiano, no real possível. Por isso, é uma utopia integradora, não alienada.¹⁹⁵

Como um espiral, que desacomoda e impulsiona a lugares diferentes é que a autora caracteriza os passos da metodologia diaconal. Dessa forma, sinaliza um elemento importante quando se deseja estabelecer diálogo entre duas metodologias com finalidades diferentes, mas similares: a dimensão transformadora da diaconia, que logo mais abordaremos. Antes, em termos de metodologia, precisamos investigar em outro autor o tema da metodologia diaconal, ainda que ele não use esse nome. A teoria trazida por Dierk Starnitzke em sua pesquisa buscando em termos bíblicos e históricos o lugar de atuação da diaconia em diferentes tempos, sociedades e locais aponta para um novo rumo metodológico: diaconia como mediação.

Em síntese, eu a caracterizaria como o milagre da presença de Cristo. A igreja representa o lado interno: a reunião da comunidade local, na qual esse milagre da ressurreição e presença de Cristo sempre de novo é crido, compartilhado, celebrado e, às vezes, até experimentado. Em contrapartida, diaconia ocupa-se com as relações externas da igreja, sendo que uma compreensão meramente sócio caritativa de diaconia é a alargada por um novo aspecto fundamental: em última análise, o trabalho diaconal é expressão da promessa e dá fé de que, nessa relação externa as pessoas

¹⁹⁴ BEULKE, 1997, p. 18.

¹⁹⁵ BEULKE, 1997, p. 18.

que se acham fora da comunidade, portanto ali onde nunca se imaginaria, encontram Cristo.¹⁹⁶

Para o autor, então, a compreensão da diaconia como uma prática às vezes considerada frágil, humilde, bondosa e caridosa precisa ser urgentemente ressignificada, pois a diaconia, possui sim sua dimensão de servir, mas é uma ação que precisa entrar no rol das discussões teológicas e sociais, justamente por mediar as tensões ou diálogos entre Igreja e sociedade, em diversos contextos. A diaconia, para o autor e suas descobertas de pesquisa, é responsável por trazer à tona os problemas existentes no meio eclesial. Para isso, envolve elementos da sociedade civil na busca por eliminar sofrimentos, levando assim, a identidade de Cristo através de ações, mesmo onde sequer isso se imaginaria e em constante diálogo com áreas do saber, como psicologia, serviço social, enfermagem, pedagogia, entre outras. Não obstante, a diaconia tem potencial de estar em locais que muitas vezes nem se cogitaria estar como Igreja, nos cantos sujos e vielas estranhas. Essa foi a identidade de Jesus em seu ministério, essencialmente diaconal.¹⁹⁷

Encerrando, por ora, as considerações sobre metodologia diaconal, percebemos que o assunto, embora tenha sido tema de pesquisas relevantes, ainda é pouco explorado do ponto de vista da academia, talvez por justamente ainda não haver compreendido o que Starnitzke afirmou sobre o local da diaconia e sua importância. Outro fator que merece destaque é que é característico da diaconia na IECLB preocupar-se com o fazer e registrar pouco desse saber. Por detrás desta problemática há uma estrutura que cobra que se faça e não se reflita sobre; que obtenha resultados de alguma forma sem dar muita visibilidade à dimensão diaconal, embora ela seja essencial. E mesmo que não seja esse o tópico específico, é inevitável fazer críticas estruturais. A diaconia é exercida por muitas mulheres, mas autorizada por homens que ocupam cargos de lideranças na Igreja. Todavia, a metodologia diaconal, se discutida e refletida, dará voz e vez àquelas que são chamadas a executar, e isso questiona estruturas. Talvez isso explique por que precisaremos falar muito ainda sobre metodologia diaconal dando voz a quem se envolve na prática diaconal.¹⁹⁸

¹⁹⁶ STARNITZKE, Dierk. **Diaconia**: fundamentação bíblica, concretizações éticas. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2013. P. 59.

¹⁹⁷ STARNITZKE, 2013, p. 59.

¹⁹⁸ OLIVEIRA, 2020, p. 104.

5.1 Dimensões da atuação diaconal

Para fazer as considerações necessárias entre o tema da pesquisa-ação e seus referenciais teóricos em relação à diaconia e metodologia diaconal, precisaremos recorrer a um conteúdo relativamente novo dentro da epistemologia diaconal. Um livro lançado em 1995, *Diaconia: fé em ação*, por ocasião do Seminário Nacional de Diaconia, contando com a colaboração de diversas pessoas entre ordenadas e leigas, trouxe à tona os desafios atuais da diaconia. Desde então, esse conteúdo tem sido revisitado por diversas pessoas pesquisadoras. Contudo, o nome desafios foi dando lugar a dimensões da atuação diaconal. Dessa forma, nesse tópico, abordaremos, então, as dimensões da atuação diaconal, para posteriormente fazermos as devidas relações com a pesquisa-ação.

5.1.1 Dimensão transformadora

Falar sobre diaconia transformadora é praticamente abordar um dos aspectos mais relevantes para a epistemologia diaconal. Embora haja controvérsias sobre o tema, é possível e necessário afirmar que se uma prática dita diaconal não envolver a perspectiva transformadora em seu objetivo central, é possível negar-lhe o caráter de identificação como ação diaconal.

A seguir, queremos explanar com base em diferentes autorias, pontos importantes da diaconia transformadora que dão sentido à discussão que desejamos traçar ao final desta tese entre confluências no que tange aos temas diaconia e pesquisa – ação. Dessa forma, iniciamos com as palavras do livro *Diaconia: Fé em ação* sobre o tema da transformação:

Transformar pressupõe alterar. Neste processo de alterar, mudar, transformar, é muito importante não agir sem reflexão. Por isso quem atua na transformação precisa de "clareza teórica paixão existencial". A clareza teórica é saber o que transformar, como transformar e por que transformar. A paixão existencial é a vontade política, é a garra, é a convicção. Ambas as grandezas são motivadas pelo amor de Deus. O amor que Deus tem pelo ser humano e por toda a criação que geme que grita... podemos perguntar o que transformar? Sim, é preciso transformar estruturas quando estas servem como geradoras de morte.¹⁹⁹

¹⁹⁹ NORDSTOKKE, 1998, p. 83.

Para Kjell Nordstokke, a transformação envolve estes passos, clareza teórica e paixão existencial e a partir disso saber o que transformar e como transformar, o que já dialoga com a metodologia diaconal. Contudo, aqui já temos posto o que afirmamos ao início, saber o que transformar é quase o início de um planejamento diaconal.

Para compreendermos a importância da dimensão transformadora e de sua constante reafirmação, encontramos no Documento Diaconia em Contexto, da Federação Luterana Mundial um tópico em que essa dimensão é apontada como um dos propósitos fundamentais do trabalho diaconal.

Como parte integrante da missão da igreja, a transformação, a reconciliação e o empoderamento são também conceitos chave para a diaconia: indicam os propósitos fundamentais do trabalho diaconal e, ao mesmo tempo, mostram como se faz e em que valores se baseiam esse trabalho.²⁰⁰

Sendo assim, a transformação tem (ou deveria ter) lugar garantido no planejamento para a diaconia acontecer. Além do Diaconia em Contexto, o documento de mesmo teor lançado em 2006, Missão em Contexto descreve transformação como

[...] um processo contínuo de total reorientação da vida com todas as suas aspirações, ideologias, estruturas e valores. A transformação é um processo contínuo de rejeição daquilo que desumaniza e profana a vida, e de adesão àquilo que reafirma a santidade da vida e a presença de dons em todos e promove a paz e a justiça na sociedade.²⁰¹

Enquanto isso, no Diaconia em Contexto, encontramos ecos desta compreensão, mas se dão passos além na perspectiva de aproximar ao tema da diaconia.

Evidentemente, a transformação é um processo, mas, ao mesmo tempo ela traz consigo a visão do alcance de determinadas metas, chegando a uma nova situação, em que se respeita mais a dignidade humana, com paz e justiça para mais pessoas. Assim, a transformação está estreitamente ligada com o que pode ser designado como mudança, progresso ou desenvolvimento sociais. A partir de um ponto de vista teológico, a transformação é um lembrete da renovação constante da criação de Deus (em latim: *creatio continua*), dado que, a cada nova manhã, vivemos a experiência de que a escuridão da noite se transforma na luz de um novo dia que vai nascendo.²⁰²

²⁰⁰ NORDSTOKKE; FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2009, p.43.

²⁰¹ FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. **Missão em Contexto**: transformação, reconciliação, empoderamento. Uma contribuição da FLM para a compreensão e a prática da Missão. Curitiba: Encontro, 2006. P. 33-34.

²⁰² NORDSTOKKE; FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2009, p.43.

A transformação é parte fundamental de quem pratica a diaconia, que, se não almejar transformação, precisa rever seus parâmetros, conceitos, metodologias e práticas. Assim como o próprio evento da cruz foi transformador, aí, já na essência, em Jesus Cristo, percebemos que sua ação e seu ministério, essencialmente diaconal e transformador já tornou morte em vida, não apenas a sua, mas a de muitas pessoas com as quais Ele cruzou.

5.1.2 Dimensão profética

Na tentativa posterior de confirmar hipóteses e estabelecer diálogos entre pesquisa-ação e diaconia, não poderíamos deixar de falar sobre mais uma dimensão da diaconia: a diaconia profética.

Mas o que vem a ser diaconia profética? Profecia diferencia-se de diaconia, mas a diaconia é profética, isto é, ela age em nome de Deus. Anunciar antecipadamente, prever, anunciar por conjeturas. Assim se define a função do profeta. A diaconia profética se ocupa com o “amanhã”. Diaconia, o serviço de Deus ao próximo, tem como meta ser a presença concreta de Deus. Diaconia é um sinal do Deus conosco, Emanuel (Isaías 7.14). E esse sinal se dá através de sua ação onde a vida está ameaçada. Nessa realidade Deus quer agir, dizendo através de palavras e ações: basta! Assim como está, não pode continuar. é preciso uma conversão dos valores. Assim como Cristo testemunhou com sua ação: “*Façam como eu fiz*”.²⁰³

Apenas como forma introdutória de conceituar o tema já se percebe que essa dimensão da diaconia diz respeito a aquela que está diretamente ligada à dimensão anteriormente trabalhada. Diaconia profética é, então, aquela que vai denunciando o que necessita ser transformado na tentativa de anunciar o que pode vir a ser melhor um dia. Talvez essa seja a dimensão mais ousada e proativa da diaconia e que exige muita coragem de quem se dispõe a servir diaconalmente. É de extrema importância salientar que o termo diaconia profética nasce de uma nova compreensão do termo diaconia, não mais a visão de serviço humilde e resignado, conforme muitas vezes foi compreendida na diaconia moderna que nasce na Alemanha em 1836. Conforme visto anteriormente, por exemplo, Dierk Starnitzke foi um dos pesquisadores da área bíblica que aprofundou a compreensão de diaconia moldando-a como uma mediação de serviço essencial para uma estrutura. Não obstante, ele obteve essa compreensão a partir de outro pesquisador australiano John Collins, que em 1990 comprovou

²⁰³ NORDSTOKKE, 1998, p. 81.

exegeticamente que o termo diaconia significa além de serviço, é um ofício relevante concedido a alguém por uma autoridade.²⁰⁴ Isso está explícito no Novo Testamento, quando, por exemplo, lemos ministério, o que na versão grega era *diakonia* ou mesmo se evidencia em Jesus e sua missão messiânica de servir diaconal.

Por sua vez, a diaconia profética tem outra característica. Ela está relacionada com a natureza intrínseca da diaconia, que afirma que a tarefa profética é parte do mandato e da autoridade que Deus tem dado à igreja e à sua diaconia. Na tradição bíblica, a profecia surge como resposta à revelação divina e como um mandato dado por Deus ao profeta. *A palavra do SENHOR veio a mim dizendo...[...]*. Ser profético significa defender a justiça. Assim, por sua própria natureza, implica, principalmente a tarefa de desmascarar formas sistêmicas de injustiça e de promover a justiça, ou melhor: ser precursora a serviço dessa causa.²⁰⁵

Contudo, para Sebastião Armando Gameleira Soares, além de uma dimensão da diaconia, ela é uma questão identitária diaconal:

O anúncio da boa nova corresponde necessariamente à denúncia de tudo que faz com que as pessoas careçam de boas notícias. Na Bíblia, “evangelizar” é dizer a pessoas e grupos oprimidos que o livramento das mãos de seus opressores é realmente possível, pela força de Deus, que se manifesta na capacidade humana de mudar de vida coletivamente e de resistir. [...] Por isso, evangelizar, proclamar o evangelho do Reino, é sempre dar sinais de contradição. Se a questão humana mais radical é a da liberdade e de sua manifestação pelo exercício do poder, então, o evangelho será alvissareira notícia para quem se encontre expropriado de liberdade e poder, e será má notícia para quem se apropria do poder como mecanismo de defesa face ao medo de perder-se como pessoa livre. E o motivo pelo qual Jesus proclama simultaneamente bem-aventuranças e maldições (cf. Lc 6,20-26).²⁰⁶

A diaconia, assim sendo, em sua dimensão profética está com seus olhos fitos na análise do contexto e em constante vislumbre com seus paradigmas, inquietações, problemas e necessidades de transformação. Contudo, essa dimensão, como já explanado, possui o elemento da coragem como sua aliada nos desafios frente às conjecturas de morte que se apresentam cotidianamente. Talvez seja ousado dizer, porém, necessário, de que essa dimensão diaconal é como a sentinela da diaconia, que analisa os fatos, traça suas próprias conjecturas analíticas e dá voz às denúncias, renunciando aos males, anunciando a transformação mediante a ação.

²⁰⁴ COLLINS, John N. **Diakonia. Re-interpreting the Ancient Sources**. New York: Oxford University Press. 1990. P. 169.

²⁰⁵ NORDSTOKKE, 1998, p. 82 – 83.

²⁰⁶ SOARES, Sebastião Armando Gameleira. Diaconia e profecia. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v.39, n.3, p. 207-230, dez. 1999. P. 218. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/723/658 Acesso em 09. Set 2021.

5.1.3 Dimensão interdisciplinar/ecumênica

Sendo a diaconia, conforme Rodolfo Gaede Neto, uma disciplina em constante busca de conceituação²⁰⁷, ela possui sim, bases teóricas e metodológicas com foco na teologia, sendo essa sua área científica de referência. Porém, ao lidar na prática com outras áreas de conhecimento, se reafirma a necessidade de sua interdisciplinaridade e aspectos ecumênicos que novamente dialogam entre si.

A construção do Reino de Deus é um projeto Universal. Abrange toda a criação e humanidade. É nesta realidade que o projeto visa uma construção baseada nos valores de Deus. [...] As Igrejas Cristãs podem ser comparadas a uma grande família de formigas. Cada um faz sua parte na construção da casa. Cada uma tem a sua tarefa em seu lugar. Às vezes trocam a carga; outras vezes, a dividem. Carregam juntas, somam forças.²⁰⁸

Contudo, o argumento da interdisciplinaridade ganha substancialidade quando compreendemos que a diaconia é parte de um contexto plural e atua nesse contexto de tendências globais que afetam contextos locais. Não obstante a isso, esses contextos ainda estão em constante mudança, acelerada pelo ritmo da era digital, que torna cada vez mais curto o tempo entre o início e fim de uma geração em comparação com o início e o fim de outra geração.

Desta forma, para a leitura de contextos, é impossível enclausurar-se e realizar uma análise que não leve em consideração a multiplicidade de conhecimentos e percepções já feitas por outras áreas do saber, inclusive da visão teológica. Assim, a interdisciplinaridade, como uma dimensão da atuação diaconal, se fundamenta em dados, experiências, no empirismo de base teológica em diálogo inter e transdisciplinar.

Tal leitura do contexto é uma empreitada complexa pelo fato de que todos os contextos são multifacetados e exigem uma consideração interdisciplinar. [...] A análise do contexto precisa ser crítica, levantar questionamentos e revelar pressupostos. especialmente, é importante prestar atenção às histórias de pessoas marginalizadas e excluídas e da sua versão do porquê das coisas serem como são e onde elas vêm Esperança e possibilidade de mudança. Nesse processo de conhecer, analisar e classificar o contexto, é especialmente importante resguardar um espaço para os pontos de vista das mulheres e das pessoas jovens. [...] Como ação baseada na fé, a diaconia conecta a leitura do contexto com a leitura da Escritura Sagrada.²⁰⁹

²⁰⁷ GAEDE, 2021. P. 29.

²⁰⁸ NORDSTOKKE, 1998, p. 64.

²⁰⁹ FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2009, p. 13.

Embora o assunto ainda seja aprofundado nas próximas páginas, agora já é perceptível o quanto a diaconia da Igreja precisa estar atenta aos contextos, vozes e personagens envolvidos em sua ação. Além disso, para ouvir as vozes, contextos e personagens ela precisa estar ancorada nos múltiplos saberes que auxiliam no processo de dignificação desse ouvir. Outrossim, essa escuta atenta de leitura contextual, ainda necessita conhecer o que impacta o seu objeto de análise. Pois as tendências globais afetam contextos locais.

No tempo de hoje, o contexto local não pode estruturar sua vida no isolamento. Todas as situações locais são condicionadas também por tendências econômicas, religiosas, sociais, culturais e políticas mais abrangentes. Ademais, a realidade da globalização, em grande escala, determina a vida ecológica, econômica, social, cultural e mesmo a religiosa em todo o mundo.²¹⁰

Entretanto, somados a estes argumentos, encontramos fortes indícios de que toda essa globalização trouxe inúmeros desafios a cada contexto, bem como benefícios. Porém, sem levar em consideração esse fator, será quase impossível conjecturar ao redor de um planejamento mediante a diaconia em sua ação transformadora. A globalização precisa ser compreendida em sua ambiguidade dentro desta leitura ecumênica e interdisciplinar.

Por um lado, a globalização trouxe uma série de benefícios, em diferentes aspectos da vida, tais como a tecnologia da comunicação e o conhecimento científico. Também apurou a consciência para com questões sociais e de sofrimento humano ao redor do mundo, bem como a possibilidade de a gente reagir e responder a crises. [...] por outro lado, também existem impactos negativos da globalização e, muitos deles, severos, especialmente quando olhamos para a globalização econômica tal como vem sendo tocada por instituições e práticas financeiras e negócios internacionais.²¹¹

Concluindo esse tópico, temos a premissa de que problemas multifacetados, plurais e interdisciplinares exigem respostas tais quais, fundamentadas de forma empírica nas diversas ciências que envolvem o problema em questão conjugado a um contexto globalizado.

²¹⁰ FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2009, p. 13.

²¹¹ FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2009, p. 13.

5.1.4 Dimensão libertadora

A dimensão da libertação, dentro da epistemologia diaconal, ainda mais em terras latino-americanas, ganha especial destaque na Teologia da Libertação, já bastante estudada e sistematizada como um método de fazer e refletir sobre teologia a partir do contexto. Não obstante, a diaconia da Igreja absorveu esse conteúdo, sendo importante minimamente compreender seus pressupostos para compreender a sua dimensão libertadora.

A nova forma de fazer teologia cristalizou-se pela primeira vez, na obra *“Teología de la Liberación – Perspectivas”*, de Gustavo Gutierrez, em 1972. Não é uma obra definitiva, mas uma primeira sistematização. Trata-se de um novo modelo de fazer teologia; há uma intuição fundamental; coloca-se na história da Igreja e tem temas centrais.²¹²

Este novo modelo, com base na realidade da vida plural e de acentuados problemas sociais, baseou-se na vida diária para refletir (VER), avaliando os seus conteúdos à luz do evangelho de Jesus Cristo (JULGAR), agindo de acordo com o que viu e julgou (AGIR).²¹³ Recorrendo aos primórdios da história do povo de Deus, o termo libertação se dá com a origem do evento da Páscoa, no Antigo Testamento, a libertação do Egito e posterior liberdade que Cristo dá, com a salvação da morte eterna. Ambos os eventos remontam a um futuro escatológico, porém, esse futuro já almeja ser realizado na salvação das situações de morte já aqui.²¹⁴

Efetivamente, a teologia da Libertação, pode ser comparada com uma árvore. Quem nela só vê os teólogos profissionais só vê a galhada da árvore. Não vê ainda o tronco, que é a reflexão dos teólogos e demais agentes, e menos ainda vê todo o raizame que está por baixo da terra e que sustenta a árvore toda: tronco e galhos. Ora, assim é a reflexão vital e concreta, embora submersa e anônima, de dezenas de milhares de comunidades cristãs, que vivem sua fé e a pensam em chave libertadora.²¹⁵

Tendo esse brevíssimo retrospecto de características da Teologia da Libertação, fazemos a ponte para a diaconia em sua dimensão libertadora. Dessa

²¹² INSTITUTO DE PASTORAL DE JUVENTUDE. Teologia da Libertação: história e conteúdo. [s.l.]: Instituto de Pastoral de Juventude, 2007. P. 11.

²¹³ SINNER, Rudolf Eduard von. **Correntes teológicas contemporâneas**: Teologia da Libertação II – Alguns conceitos-chave para entender o método. Anotações da Aula de Teologia sistemática II. São Leopoldo, 2009. Material do acervo pessoal do pesquisador.

²¹⁴ BRANDT, Wilhelm. O serviço de Jesus. In: NORDSTOKKE, Kjell. **A diaconia em perspectiva bíblica e histórica**. São Leopoldo: Sinodal, 2003. P. 13.

²¹⁵ BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo. **Como fazer Teologia da Libertação**. Petrópolis: Vozes, 1986. P. 24.

forma, rememoramos de que toda a diaconia da Igreja deve ser libertadora. Contudo, essa libertação deve ser de toda opressão que causa sofrimentos nas diferentes fases e situações da vida acontecendo através da ação que promove transformação ou então a redução dos danos causados. Assim, quem atua pela diaconia quer libertar pessoas daquilo que causa escravidão.²¹⁶

Ao falarmos de libertação devemos lembrar que não se trata unicamente de uma libertação individual. Como já foi dito, a libertação, implica no outro. No Antigo Testamento, na história do povo de Deus, temos um exemplo de como essa libertação se dá. Deus não quer libertar apenas os oprimidos, mas também os opressores. A história do faraó do Egito e das dez pragas mostra isso bem claro. No livro de Êxodo podemos ler esse fato. Nesse exemplo, Deus também quis libertar o opressor de sua postura opressora. Para que a libertação possa ocorrer de forma coletiva, as pessoas que se encontram em estado de opressão precisam juntar forças. Sem organização, sem valores e esforços coletivos, que são compatíveis com a proposta de libertação, ela não poderá acontecer.²¹⁷

A diaconia em sua dimensão libertadora almeja a liberdade e a libertação, a partir do evangelho diaconal de Jesus. Para quem é oprimido ou oprimida, essa libertação vem para que se possa viver a plena comunhão de direitos e deveres na sociedade e da comunidade, indo e vindo sem barreiras. Para quem é opressor ou opressora essa liberdade quer estar evidenciada na ausência de exigências que quem ocupa essa posição vive, sendo vítima do sistema que requer essa postura de tornar-se a si e a outras pessoas escravas de sofrimentos que geram mais sofrimentos. Não obstante, essa libertação se evidencia quando há justiça e igualdade em todas as camadas da sociedade, preferencialmente excluindo as que suprimem vozes e rostos e criam níveis de mais ou menos valia.

5.1.5 Dimensão ecológica

A ecologia é um desafio à atuação diaconal das Igrejas, em geral. Isso se dá pelo fato de que por anos, a dimensão da sustentabilidade não foi incluída na discussão, ou quando incluída, se resumiu ao fato do cuidado com o meio ambiente, excluindo todas as demais implicações existentes e que culminam na reflexão sobre o tema. Entretanto, a dimensão ecológica da diaconia contrapõe a esse modelo e tenta colocar o ser humano não como centro da criação, mas como parte integrante,

²¹⁶ NORDSTOKKE, 1998, p. 62.

²¹⁷ NORDSTOKKE, 1998, p. 63.

tão fundamental quanto outra e qualquer criatura. Uma das primeiras vezes em que o tema aparece como dimensão ecológica na academia, contrapondo ao sistema androcêntrico é quando por ocasião do Seminário Nacional de Diaconia de 1995, coordenado pelo Departamento de Diaconia da IECLB, se elaborou sob a coordenação da Diaconisa Hildegart Hertel e do P. Dr. Kjell Nordstokke, o material Diaconia: Fé em ação.²¹⁸ Sob esse tema, o livro assim o diz

Quando cristãos assumem esse desafio e atuam em defesa do ambiente ecológico, ocorre o que podemos chamar de *diaconia ecológica*. Ela implica valores, atitudes e prática concreta. É ação em nome de Deus, Criador do céu e da terra. Dessa maneira tem uma marca de identidade cristã e a mais do que respeito pela mãe terra. O respeito que temos por Deus de se estender também à natureza. O ser humano só é completo quando considera o meio no qual vive. Esse meio é a essência do próprio ser humano.²¹⁹

Aqui já existe elementos que influenciam a uma mudança na compreensão do contexto e a incorporação do tema da sustentabilidade em sua maior amplitude e não apenas o cuidar da criação ou desenvolvimento de ações paliativas. O objetivo aqui não é desmerecê-las, mas reconhecer que elas são apenas ações de cunho emergencial que não tem maior potencial de mudar uma forma de ser ou agir, transformando. Além disto, o livro, apesar de que de forma sucinta trabalha o tema, levanta aspectos relevantes que questionam o sistema no qual estamos imersos: “Como explicar que o lucro e a ganância podem levar o ser humano a adulterar e a prostituir a mãe terra em seu processo natural? A balança comercial – produzir para exportar – é a meta que se persegue. E isso a qualquer preço.”²²⁰

Desta forma, pensando em questões metodológicas, a dimensão ecológica aponta para a necessidade de alocar a figura de quem pratica a diaconia, bem como quem está envolvido em um processo de transformação de uma situação, em meio ao contexto. Isso significa não acima, nem abaixo, mas ao centro juntamente com todo o demais que também é central, compreendendo que o que se faz tem repercussão no todo e que uma ação deve ser desenvolvida pensando no que aquilo reverberará.

²¹⁸ OLIVEIRA, 2020, p. 48.

²¹⁹ NORDSTOKKE, 1998, p. 65 – 66.

²²⁰ NORDSTOKKE, 1998, p. 66.

5.1.6 Dimensão intercessora

A dimensão intercessora da diaconia se ocupa com sua expressão litúrgica e pedagógica, e através destas motiva para a prática diaconal que brota da expressão da fé diaconal.

A diaconia intercessora nos faz olhar para o contexto em que vivemos e interceder pelas pessoas e pelo mundo. Exemplos: olhar para nossa realidade e lembrar das dores do mundo orando para que Deus tenha misericórdia (*Kyrie Eleison*, em grego: 'Senhor, tem piedade'); Olhar e interceder pelas pessoas em sofrimento para que Deus estenda a sua mão cuidadora sobre elas; olhar para os dons que recebemos, orando para que Deus faça de nós instrumentos de seu cuidado para promover a vida.²²¹

Atuando na forma de intercessão e motivando para que pedagogicamente o culto seja espaço celebrativo e de aprendizado em conexão com o contexto é que a dimensão intercessora da diaconia acontece. A citação do material Juventudes e Diaconia aponta para o *Kyrie Eleison*. Entretanto, a intercessão da diaconia acontece já na prerrogativa mais básica do culto, que é a de que ele é um serviço de Deus, diaconia de Deus ao seu povo.²²² Dessa forma, o culto como diaconia estende o serviço de Deus na forma de cuidado para a humanidade e o contexto. Na liturgia do culto cristão, podemos mencionar elementos essencialmente diaconais como a acolhida, o *Kyrie Eleison*, a oração de intercessão, a liturgia da ceia, a bênção e o envio.²²³ Outrossim, a diaconia intercessora acontece no culto e para fora dele através das orações de intercessão e *Kyrie Eleison*, que iniciam sua concretude com a bênção e o envio.

Apesar da forte ligação entre o *Kyrie Eleison* e a oração dos fiéis (oração de intercessão), ambos possuem características e conteúdos diaconais distintos. De um lado, o *Kyrie Eleison* representa o reconhecimento de Deus como o Senhor, no qual a comunidade cristã deposita sua confiança, reconhecendo que não existe outro Deus além d'Ele. Por outro lado, o *Kyrie Eleison*, em sua origem, é um apelo coletivo da comunidade em prol das aflições do mundo e pela paz mundial, buscando a salvação e a libertação dos perseguidos e oprimidos. Para a comunidade cristã, isso se traduz em um testemunho de sua fé. Enquanto a oração de intercessão é um momento mais

²²¹ IECLB. Coordenação do Trabalho com Jovens e Programa de Intercâmbios; CONAJE.

Juventudes e Diaconia: Livres para transformar o mundo. Porto Alegre, 2015. P. 7

²²² GEORG, 2006, p. 104

²²³ GEORG, 2006, p. 103-148

individual e de petições específicas da comunidade cristã, colocando a Deus suas aflições e preocupações concretas, o *Kyrie Eleison* é um clamor coletivo pelas dores do mundo. Entretanto, ambos conectam a comunidade com o seu contexto local ou global, sendo assim a diaconia da intercessão, podendo alcançar lugares que a diaconia em sua dimensão prática local não alcançaria, sendo assim sua extensão. De igual forma, os grupos de oração ou orações em momentos específicos em espaços diversos, também possuem essa característica diaconal.²²⁴

A oração de intercessão e o *Kyrie Eleison*, conseqüentemente a dimensão intercessora da diaconia, no que tange ao culto cristão, encontram sua concretização na bênção e no envio. Dessa forma, despede-se da convivência com os companheiros e companheiras de fé, no culto, e retorna-se à vida diária. No entanto, pessoas batizadas continuam sendo parte da Igreja de Cristo no mundo, manifestando o poder de Jesus Cristo em suas vidas cotidianas. Abençoados e abençoadas por Deus e a partir do impulso dado pelo envio, todos e todas se despedem e se apressam para vivenciar do bem, a diaconia.²²⁵

5.1.7 Dimensão política

A dimensão política da diaconia trata de assegurar sua relação com os serviços disponíveis para que se consolide o processo de desenvolvimento de ações e transformações esperadas. Almeja-se, contudo, superar narrativas que conduzam ao desenvolvimento econômico capital como única forma de superação de conflitos e vulnerabilidades. Entretanto, ela acontece em espaços onde o político e as políticas acontecem, pois atua pela lógica dos serviços.²²⁶

A diaconia política contribui na construção de políticas públicas que asseguram condições dignas à vida das pessoas. Para isso, somos motivados e motivadas a participar dos espaços de decisão, proposição e fiscalização em órgãos governamentais, como os diversos conselhos municipais, por exemplo. Da mesma forma, podemos participar de

²²⁴ GEORG, 2006, 121-122

²²⁵ WHITE, 2005, p. 184

²²⁶ SCHAPER, Valério Guilherme. Diaconia e Desenvolvimento: Reflexões a propósito de uma diaconia encarnacional. In: **Diaconía: la transformación en las manos de Dios**, Ginebra, 2017. P. 27. Disponível em: <https://americalatinacaribe.lutheranworld.org/sites/default/files/documents/dmd-lac-diaconia-es-pt.pdf>

organizações não governamentais e movimentos sociais que buscam garantir os direitos e o bem-estar de todas as pessoas.²²⁷

Desta maneira, ao tratarmos da dimensão política da diaconia, estamos estabelecendo vínculos possíveis de serem trabalhados desde uma dimensão macro até a micro de questões contextuais, atuando em conjunto com Centros de Referência em Assistência Social, poder público, Conselhos Municipais de Direitos, entre outros. Estas são formas de mitigar as separações que foram criadas de que a igreja está fora do mundo ou que igreja e política não possuem conexões, confundindo com política partidária. Além do mais, a dimensão política da diaconia reafirma e auxilia na concretização da prática diaconal qualificada, que não olha para o ser humano como corpo, alma e espírito e muito menos para a sociedade como Religião, fé, política e economia como assuntos tabus. Uma vez inseridas no contexto, estas grandezas sociais têm incidência uma sobre a outra, e assim já pensava inclusive Lutero quando fala sobre a doutrina dos Dois Reinos. Ele afirma que reino espiritual e o mundo, embora um seja visto e o outro não, um acontece concomitantemente com o outro e incide politicamente de forma mútua.²²⁸ Assim sendo, diaconia política acontece na dimensão do desenvolvimento de ações que visam transformação integral de contextos de sofrimento.

5.1.8 Dimensão prática

Embora todas as dimensões tenham sua importância, a dimensão prática merece enfoque especial, pois essa costuma ser associada com uma prática não refletida, pois para o senso comum, prática é prática, deve ser feita e não refletida.²²⁹ Dessa forma, ao mencionarmos a dimensão prática da diaconia, o fazemos sob o olhar da diapraxis²³⁰.

Assim posto, a diaconia - também na forma de diapraxis - abre o espírito das pessoas para a transformação, o empoderamento e a reconciliação até em contextos com tensões religiosas como no caso de muitos países da Ásia. [...] A diapraxis dá testemunho da compreensão cristã de que todos os seres humanos receberam do criador a mesma vocação de amar ao próximo, de

²²⁷ IECLB; CONAJE, 2015, p. 7

²²⁸ SCHAPER, 2017, p. 53

²²⁹ MILLER-MCLEMORE, Bonnie J. Cinco mal-entendidos sobre a teologia prática. In: **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v.56, n.2, p.204-226, dez. 2016. P. 221. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/719/632> Acesso em: 28 fev. 2023

²³⁰ RASMUSSEN, Lissi, (Ed.). Bridges Instead of Walls. In: **Christian-Muslim in Denmark, Indonesia and Nigeria**. Genebra: LWF. P. 208-209

ser o próximo da pessoa necessitada. Certamente há boas razões teológicas para interpretar a história do bom samaritano, em Lucas 10, como uma parábola sobre *amar ao próximo como a si mesmo*, que vale para qualquer pessoa, sem distinção de fé.

A partir desta afirmação, pode-se concluir de que a prática diaconal traz imbuída em seu conceito, uma dimensão prática que envolve e engaja a grupos e pessoas, em caráter ecumênico e público, estabelecendo parcerias e refletindo em conjunto sobre suas ações. Paulo Freire compreende a práxis como um elo “entre um modo de interpretar a realidade e a vida e a consequente prática que decorre desta compreensão levando a uma ação transformadora”²³¹

Assim sendo, reafirmar a dimensão prática da diaconia é trazer à tona que a diaconia é uma disciplina essencialmente prática da teologia. Apesar disso, a própria teologia prática ainda está em busca de conceituação e definições mais precisas. Isso acontece por conta de que o modelo de refletir teologia prática ainda tem influência europeia, que compartimenta os saberes em metodologias passo a passo. Isso tende a definir prática como algo técnico e não essencialmente teológico, ainda que haja avanços significativos. Entretanto, a Teologia da Libertação, para Lothar Carlos Hoch, situa socialmente a teologia, trazendo, assim uma contribuição ímpar quando abre o diálogo teológico entre teoria e prática em solo latino-americano.²³²

Afirmando-se, então, que teologia prática é a relação teológica entre teoria e prática, o que se acentuou com a Teologia da Libertação, logo, diaconia é prática que aproxima contextos sociais das teorias e da fé que visam o cuidado e a promoção da transformação e dignidade da vida. Ademais, isso sempre é feito de forma refletida e planejada em conjunto, pois a vida e os contextos de dificuldades não são marionetes de uma ação a ser desenvolvida, mas são protagonistas daquilo que se almeja realizar.

5.1.9 Dimensão da acessibilidade

A importância da acessibilidade como um elemento fundamental para promover a diaconia transformadora é evidente quando consideramos o ministério de

²³¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. rev. e atual. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2011. P. 325

²³² HOCH, Lothar Carlos. O lugar da teologia prática como disciplina teológica. In: SCHNEIDER-HARPPRECH(Org.). **Teologia prática no contexto da América Latina**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo, SP: ASTE, 2005. P. 27-29

Jesus. Ele transformou a mesa em um local acolhedor e inclusivo, removendo quaisquer restrições ou barreiras à participação das pessoas, independentemente de quem fossem. Isso nos leva a questionar, a partir da dimensão da acessibilidade, por que ainda existe barreiras que dificultam ou impedem a participação das pessoas em nossa sociedade e comunidades, se o Evangelho alude à inclusão e não a exclusão.²³³

Para refletir sobre isso, podemos recorrer às ideias do pesquisador brasileiro em inclusão de pessoas com deficiência, Romeu Sasaki, que aborda a acessibilidade de maneira abrangente. A acessibilidade vai além da arquitetura física e engloba diversos tipos de barreiras, como a barreira de comunicação, metodológica, programática e atitudinal.²³⁴

É fundamental que a Diaconia considere essas barreiras para que todos possam se reunir à mesa da partilha e, assim, promover a transformação. O livro "Caminhos de Comunhão: orientações sobre acessibilidade" oferece orientações práticas para tornar as comunidades mais acessíveis e inclusivas, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva como um todo. Embora essa reflexão parta da realidade das pessoas com deficiência, é importante destacar que a acessibilidade beneficia a todos, como afirmou Flávia Filippine, pois onde a acessibilidade está presente, todas as pessoas desfrutam de uma melhor qualidade de vida. Além disso, é essencial lembrar que todas as pessoas têm dons e limitações, como mencionado no texto de 1 Coríntios 12.12-31, que compara a comunidade a um corpo de Cristo, enfatizando a interdependência entre os membros. Portanto, todos podem estar em diferentes posições ao longo de suas vidas, promovendo acesso e inclusão em diferentes momentos.²³⁵

Para criar comunidades mais inclusivas, podemos abordar seis tipos de acessibilidade, segundo Romeu Sasaki²³⁶:

a) A acessibilidade arquitetônica envolve tornar espaços físicos acessíveis a todas as pessoas, incluindo rampas de acesso, sinalização tátil nas calçadas,

²³³ JANDREY, Carla Vilma. A dimensão da acessibilidade como fundamental para pensar diaconia transformadora. **Seminário de Diaconia Compartilhando a mesa**, Porto Alegre/RS. 21-24/11/2022.

²³⁴ SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. In: **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16

²³⁵ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Caminhos de comunhão: orientações sobre acessibilidade**. Porto Alegre, RS: IECLB, São Leopoldo, RS: Sinodal, 2017. P. 16.

²³⁶ SASSAKI, 2009, p. 10-16.

banheiros adaptados e estacionamento preferencial, permitindo que pessoas com diferentes necessidades possam chegar a vários locais, como templos e salões comunitários;

b) A acessibilidade programática busca garantir que todas as pessoas possam participar plenamente da vida comunitária, eliminando regras invisíveis que podem excluir pessoas vulneráveis socialmente ou desencorajar sua participação na igreja.

c) A acessibilidade metodológica se concentra em adaptar métodos de aprendizagem para atender às diferentes formas de aprendizado, considerando diferentes estilos e habilidades. Isso envolve o uso de recursos variados, como imagens, símbolos e dinâmicas, para promover a compreensão e o diálogo;

d) A acessibilidade na comunicação assegura que a linguagem verbal, visual e digital seja compreensível por todas as pessoas, incluindo a disponibilidade de intérpretes de língua de sinais, por exemplo;

e) A acessibilidade atitudinal diz respeito à maneira como nos relacionamos com as pessoas, enfatizando o respeito pelas diferenças e pela dignidade de todas as pessoas, sem preconceitos, pena ou julgamento. É importante denunciar e agir contra a discriminação e a violência;

f) Acessibilidade Instrumental aborda a adaptação de dispositivos tecnológicos ou analógicos para torná-los mais eficazes no dia a dia abrange uma ampla gama de objetos e instrumentos, como ferramentas, máquinas, materiais de escrita, como lápis e canetas, além de computadores e outros equipamentos. Essa prática envolve a otimização e personalização desses recursos para atender às necessidades individuais e melhorar sua utilidade em diversas atividades diárias.

Ao promover a dimensão da acessibilidade da diaconia, pode-se criar um ambiente inclusivo onde todas as pessoas podem se reunir e, assim, sem nenhuma barreira de nenhum tipo, possibilitar a transformação e a reconciliação.

5.2 Metodologias em diálogo

Uma conclusão evidenciada ao longo do texto de forma explícita é que ambos não possuem uma metodologia única e nem conclusiva, mas partem do contexto e da sua real necessidade para fundamentar a intervenção ou formulação de técnicas e práticas com vistas ao que se quer pesquisar ou mudanças a promover. Nisto há maior

concordância ainda, há uma pungente necessidade e foco de transformação de uma prática e seu contexto, para melhorar ambos, prática e contexto.

Outro ponto a ser salientado é o de que não é possível um diálogo comprometido com o contexto não a partir de uma perspectiva hierárquica. A postura de promoção da igualdade em todos os sentidos é que fará a diferença no contexto. Se não houver comprometimento para a mudança e nem promoção do protagonismo de todas as pessoas envolvidas, haverá barreiras a serem transpostas, pois o resultado esperado estará prejudicado. Quando se almeja ações para fins de pesquisa, ambas pressupõem não haver figuras segregadas entre quem pesquisa ou é objeto de análise, ou agente diaconal e pessoa ajudada. Quando ao longo do desenvolvimento de uma prática e suas implicações não há empoderamento e protagonismo, corre-se o risco de se permanecer nesse ponto até haver uma intervenção com vistas ao avanço da pesquisa e da ação.

Por disporem de metodologias híbridas, tanto a diaconia quanto a pesquisa-ação, a partir desta tese, se chega à conclusão de que o planejamento permitirá estabelecer de fato o método a ser executado para se avançar na pesquisa-ação em diaconia. Ele deverá levar em consideração cada uma de suas particularidades para o diálogo. A pesquisa-ação pode ser técnica, prática, política, socialmente crítica e emancipatória, ao ponto em que não podemos negar a intersecção entre estas características ainda mais quando falamos das dimensões da diaconia denotadas em diferentes expressões como as instituições, de forma emergencial, individualizada, institucional e organizada.²³⁷ As dimensões da diaconia se conectam com os tipos de pesquisa-ação da seguinte maneira. Dimensão da acessibilidade está conectada com a pesquisa-ação técnica, pois ambas visam trabalhar de forma técnica para produzir mudanças no ambiente. A dimensão prática está conectada com a pesquisa-ação prática, visando justamente o que seus nomes requerem, uma prática contextualizada. A dimensão política se conecta com a pesquisa-ação política, na crítica pelos sistemas que oprimem em busca de mudanças no sistema. A intercessora se igualmente se compromete com a prática daquilo pelas mudanças daquilo que se espera e intercede.

²³⁷ Diaconia emergencial refere-se àquela que é praticada como forma de atender a uma demanda emergencial como a fome, para depois atacar seu motivo. Diaconia individualizada é aquela que cada pessoa pratica como sua prática diaconal diária. Diaconia institucional se constitui através das redes que atende a uma causa específica, p.ex., ILPI's, instituições de longa permanência para pessoas idosas. Diaconia organizada refere-se à prática diaconal organizada em grupos de paróquias ou comunidades. NORDSTOKKE (org.), 1995, p. 28.

A dimensão ecológica pode ser vinculada com a pesquisa-ação socialmente crítica, na busca de tornar o mundo um local melhor em termos de justiça socioambiental. A dimensão libertadora está conectada com a pesquisa-ação emancipatória, na busca da liberdade de um sistema que oprime indivíduos e grupos. A dimensão interdisciplinar/ecumênica está conectada com a pesquisa-ação prática, pois na busca pela qualificação de uma prática, ambas são ecumênicas e interdisciplinares. Já a dimensão profética pode ser relacionada à pesquisa-ação política, na denúncia da injustiça e do anúncio da graça de Deus. Por último temos a transformadora que é a finalidade de ambas as metodologias, da diaconia e da pesquisa-ação que visa a qualificação de uma prática, a partir da investigação. Dessa forma, conclui-se que a pesquisa-ação em diaconia requer levar estas dimensões e características em questão, as quais são importantes elementos para balizar o método a ser elaborado a partir disso.

Há algo que é necessário salientar como característica complementar entre os temas analisados. A pesquisa-ação pressupõe anotações, redações, registros de tudo o que tenha sido analisado. Posteriormente, estes dados são tabulados e na maioria das vezes se tornam artigos científicos, dissertações, teses ou teses. No contraponto, a diaconia, quer qual seja o contexto em que é desempenhada, já é fato provado de que ela faz muitas ações e transforma muitas situações, porém poucas vezes registram-se os fatos para posterior análise ou apresentação na forma de trabalhos científicos, dificultando assim a perpetuação de saberes e descobertas. Na maior parte das vezes, as ações desenvolvidas pela diaconia das igrejas, apenas compõe relatórios que são apresentados em falas e não registrados ou arquivados. Quanto às razões, não há dúvidas de que são muitas. Existe a questão ministerial, pois a diaconia ainda é considerada um ministério inferior. O gênero está envolvido, pois servir é considerado ação de submissão e fraqueza, então naturalmente associado às mulheres, conferindo-lhes lugar de menos valia. Todas estas são questões a serem debatidas e questionadas, o que em espaço oportuno será feito. Por ora, continuaremos desenvolvendo a proposta metodológica com base no referenciado até então. Contudo, a pesquisa-ação contribui para a diaconia, justamente nesta lacuna encontrada, pois auxilia no registro acadêmico do labor desempenhado diaconalmente.

5.3 Proposta metodológica para a pesquisa-ação em diaconia

A partir da conclusão de que o método vislumbrado é híbrido, alguns elementos se tornam imprescindíveis como o planejamento para que ele não se torne uma análise demasiadamente ampla que não foque no objeto de pesquisa. Contudo, ele também permite usar metodologias diversas para compreender e analisar o tema em questão. O ponto em que não se pode haver negligência é a relação que todo esse processo tem com o contexto em que se insere. Dessa forma, a proposta metodológica deve considerar em primeiro lugar, o contexto, suas histórias, pessoas envolvidas e raiz da situação apresentada.

A proposta do projeto de pesquisa-ação em diaconia, referente a esta tese foi devidamente submetida ao Comitê de Ética da Instituição e contou com um formulário específico para a proteção de dados, bem como foi feita a coleta e assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Além disso, um formulário específico dos dados individuais foi elaborado, preenchido e assinado.

A proposta da pesquisa-ação em diaconia levou em consideração o aprendizado da diaconia em suas dimensões, bem como os tipos de pesquisa-ação, ambos apresentados anteriormente. Desta maneira ela foi, então, uma mescla de metodologias. Ela foi baseada no estudo feito e demonstrado nessa tese e previu os seguintes passos metodológicos:

- 1 - Análise do contexto na perspectiva social e histórica;

- 2 - Estudo Bíblico com foco metodológico no Ver, Julgar e Agir para o desenvolvimento do terceiro passo;

Nesse ponto, o texto bíblico do cego Bartimeu (Mc 10.46-52) foi a referência para o diálogo do contexto com a metodologia diaconal, aproximando a pesquisa-ação da identidade diaconal, que é Jesus Cristo e sua ação transformadora. Propõe-se aqui, a metodologia da Teologia da Libertação para as necessárias aproximações epistemológicas. O primeiro passo pressupôs novamente analisar cuidadosamente o contexto em que se insere, agora, mais propriamente dita, a situação, cuja detectou-se necessária intervenção.

(VER) O que nossa comunidade tem visto? Quais sofrimentos estão ao nosso redor? (Sugestão de dinâmica) Conversa sobre o contexto social em que se

situa a paróquia ou comunidade ou mesmo a casa de pessoas que a integram; [...]²³⁸

Após ver, a próxima ação foi o julgar:

(JULGAR) Como entender e avaliar à luz do evangelho de Jesus Cristo as situações que vemos? (Dialogar e anotar, pois isto fundamenta o próximo passo) Julgar é buscar entender, colocar sob o olhar do evangelho determinada situação. Assim sendo, como vocês julgam? Julgar, aqui, não significa apontar o dedo para erros, mas buscar entender o que acontece, estabelecendo o diálogo com quem sofre. Assim se empoderam as pessoas em situação de sofrimento, para que unindo esforços, cheguem a possíveis soluções. Deve, portanto, haver reflexão e diálogo. Jesus dá esse passo quando pergunta: “O que queres que eu te faça?”²³⁹

Depois de uma análise acurada à luz da identidade diaconal em textos bíblicos, se passou então, para uma ação:

(AGIR) A diaconia, quando bem pensada, sonhada e planejada é capaz de tirar pessoas do sofrimento, mas também de envolver e tocar pessoas que nunca deram muita importância ao serviço de amor pela fé e, quem sabe, desafiá-las a encontrar um espaço para vivenciar seus dons na comunidade através de um grupo de diaconia. Assim sendo, vamos agir! Por onde vamos começar? (Dialogar, anotar ações possíveis) Agir diaconalmente significa refletir, se envolver, conhecer a situação - para depois fazer. Não se trata de fazer qualquer coisa, ou fazer por fazer.²⁴⁰

3 – A partir da análise, criou-se de um grupo estudo, com o seguinte planejamento:

- a) Perguntar no grupo de estudos quem se interessa em fazer parte do grupo de diaconia. Também fazer contato com outras, bem como pessoas que não participam de nenhum grupo da comunidade, pois estas muitas vezes se engajam e se encontram na diaconia;
- b) Marcar uma outra reunião, já tendo em vista uma pequena ação e meta para que o grupo sinta, ainda que em pequenas doses como é vivenciar diaconia (pode ser campanha de alimentos, roupas etc.);
- c) É importante que se tenha uma liderança compartilhada no grupo, mas mesmo que o grupo seja o executor da diaconia, a comunidade deve ser envolvida, seja nas doações ou na indicação de famílias a serem ajudadas se esse for o caso;
- d) Definir uma primeira frente de trabalho do grupo baseado no que o estudo Ver, Julgar e Agir apontou;
- e) Estabelecer uma meta a ser alcançada por essa primeira frente de trabalho;
- f) Manter reuniões mensais;
- g) Se doações e trabalho crescerem, pensar, a médio prazo num espaço para sediar encontros do grupo, sempre trabalhando temas também com o grupo.²⁴¹

²³⁸ OLIVEIRA, Dionata R. de. Igreja que ama serve. In: IECLB. **Caderno de estudos 2022**: Amar a Deus e às pessoas. Porto Alegre: Núcleo de Produção e Assessoria da IECLB. 2022. P. 32.

²³⁹ OLIVEIRA, 2022, p. 33.

²⁴⁰ OLIVEIRA, 2022, p. 34

²⁴¹ OLIVEIRA, 2022, p. 34.

4 – Destinou-se pelo menos um ano para o desenvolvimento do grupo em ações e acompanhamento;

5 – Houve a dados coletados no diário de campo dialogando com os conceitos obtidos nesta tese, cujo foco foi a definição de diaconia e conversão. O primeiro ponto de análise foi o foco nos cinco tipos de conversão encontradas na pesquisa bibliográfica e sua relação com a diaconia. Essas são a tríplice figura da pessoa convertida, encontrada em Hervieu – Léger (mudança de religião, sem religião aderindo a uma e conversão interna)²⁴², e Torres (conversão mágica)²⁴³ e Lutero (conversão diária)²⁴⁴:

6 – Foram analisadas as respostas a partir de questionário pessoal com o grupo da pesquisa-ação. As perguntas tiveram como base os cinco tipos de conversão e foram as seguintes:

-Quais as dificuldades e possibilidades existentes no trabalho diaconal para que se possa cativar pessoas de outras igrejas a participarem da IECLB ou a retornarem ao convívio de sua igreja? (mudança de igreja);

-Quais as dificuldades e possibilidades existentes para que pessoas sem religião possam ingressar na IECLB a partir do trabalho da diaconia? (sem igreja para uma igreja);

-Quais as dificuldades e possibilidades para que pessoas da IECLB sem participação possam se engajar no convívio comunitário a partir do trabalho da diaconia? (conversão interna);

-Quais as dificuldades e possibilidades existentes no trabalho diaconal da IECLB para que as pessoas possam mudar suas vidas de forma integral? (conversão mágica);

-Quais as dificuldades e possibilidades existentes no trabalho diaconal da IECLB para que as pessoas diariamente entendam que necessitam de mudanças em sua forma de ser e de lidar com o mundo e com as pessoas? (conversão diária).

7 – Espera-se que o grupo continue após essa pesquisa-ação e seja um grupo permanente de ação diaconal na Paróquia, contando com o apoio de ministro ou

²⁴² HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008. P. 8.

²⁴³ ROCHA, Emerson; TORRES, Roberto. O crente e o delinquente. In: SOUZA, Jessé; GRILLO, André. **A ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2009. P. 223.

²⁴⁴ LUTERO, 2012, p. 116.

ministra e instâncias superiores e que esse continue atuando pela transformação, assim como poderá ser modificada a prática diaconal da Paróquia em análise.

8 – A criação do grupo de estudo tinha como objetivo a qualificação do trabalho realizado pelo grupo de diaconia e grupo de retalhos. A partir do questionário, ações, intervenções e diálogos, o grupo pode perceber que, embora sejam dois grupos que formaram um para estudo, poderia haver mudanças no jeito de seu trabalho e na forma como se relacionam com a sua paróquia, ministro e ministra, diretorias, grupos e lideranças. Entre os dois grupos passou a haver maior interação e ações em conjunto. Assim sendo, também decidiram aderir a uma qualificação do seu trabalho, tendo um acompanhamento maior às famílias atendidas, a partir de cadastros. Ao falarem sobre seu grupo e como ele foi criado, viram que muitas práticas foram perdidas e que elas traziam mais pessoas para o grupo com o envolvimento de jovens, crianças, OASE, presbitério etc. Ao início dos trabalhos essas pessoas eram mais ativas no contato e na divulgação. Com a pesquisa-ação perceberam que essas práticas se perderam. Outra mudança observada foi a de que decidiram se empenhar mais pelo acolhimento das pessoas que se aproximavam da diaconia ou retalhos, pois houve uma automatização dos serviços. Outra mudança que houve no grupo como melhoramento de sua prática é a decisão de que elas deveriam de ter um momento para estudar diaconia em conjunto, continuando com o grupo de estudos para não apenas fazer diaconia sem avaliar e trocar saberes. Assim, decidiram se reunir sempre nas últimas quartas-feiras do mês. Neste dia, cada pessoa é convidada para trazer um prato de comida para partilhar e assim lembrar e praticar novamente o acolhimento interno no grupo, na partilha e no trabalho realizado. Outro assunto a ser trazido como melhoramento de uma prática é que essas pessoas repensaram sua forma de interpretar a doação feita. Elas se empenharam em doar sem pensar no que quem recebe vai fazer ou não, se vai cuidar ou não. Entretanto, se dispuseram a apoiar para que haja a transformação da forma como essas pessoas se relacionam com os recursos delas a partir do acompanhamento. Assim sendo, concluímos que neste quesito, a pesquisa-ação atingiu seu objetivo de pesquisar, observar e produzir a reflexão de forma que essa reverbere em ação que qualificou a prática de um grupo.

5.4 Análise de perguntas e respostas apresentadas

Após a pesquisa-ação, que produziu conteúdo para a análise de dados a partir de diário de campo, diálogo e questionário aplicado, o material, devidamente guardado e assegurando o anonimato das pessoas envolvidas, foi analisado. A base para a análise partiu de perguntas que levaram em consideração cada um dos 5 tipos de conversão descobertos, que são: mudança de igreja, sem igreja aderindo a uma, conversão interna, conversão mágica e conversão diária. A metodologia utilizada para a análise dos dados coletados na pesquisa-ação em diaconia baseou-se no livro *Investigação Qualitativa* de Bogdan e Biklen. Para a análise qualitativa dos dados recorreu-se ao referido método, descrito a seguir.

“1. Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.”²⁴⁵

Na investigação qualitativa, os dados são coletados diretamente do ambiente natural, e quem pesquisa desempenha um papel fundamental de mediação instrumentalizada. Eles e elas investem tempo significativo em escolas, famílias e comunidades para explorar questões educacionais, podendo usar equipamentos como câmeras ou gravadores, mas muitas vezes se limitam a anotações em cadernos. Mesmo quando usam equipamentos, os dados são coletados em contexto e complementados com informações de interações diretas. Os registros manuais são revisados minuciosamente, considerando a estes como a principal ferramenta de análise.²⁴⁶

“2. A investigação qualitativa é descritiva”.²⁴⁷

A pesquisa qualitativa é descritiva e se baseia na coleta de dados em forma de palavras ou imagens, em oposição a números. Os resultados da pesquisa incluem citações que servem para ilustrar e fundamentar as apresentações. Os dados coletados podem ser transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros. Os pesquisadores qualitativos evitam reduzir esses dados a símbolos numéricos, preferindo analisá-los em sua riqueza original, respeitando a forma em que foram registrados.²⁴⁸

²⁴⁵ BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa**. Tradução de Luciana de Oliveira da Rocha. Porto: Porto Editora, 2003. P. 47.

²⁴⁶ BOGDAN, BIKLEN, 2003, p. 47.

²⁴⁷ BOGDAN, BIKLEN, 2003, p. 48.

²⁴⁸ BOGDAN, BIKLEN, 2003, p. 48.

3. “Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.”²⁴⁹

A pesquisa qualitativa se concentra na análise de como as pessoas negociam significados e como certos termos, rótulos e noções se estabelecem. Isso envolve investigar a história natural de atividades ou eventos estudados. Por exemplo, em estudos sobre ensino integrado nas escolas, examina-se inicialmente as atitudes dos professores e professoras em relação às crianças, investigando como essas atitudes se refletem nas interações diárias e afetam as atitudes iniciais.²⁵⁰

“4. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva.”²⁵¹

Os investigadores e investigadoras que utilizam uma abordagem qualitativa adotam um método indutivo para analisar os seus dados. Em vez de recolherem informações com o intuito de confirmar hipóteses pré-concebidas, constroem conceitos e teorias à medida que os dados específicos que coletam se vão agregando. Essa abordagem é chamada de teoria fundamentada, na qual a teoria se desenvolve a partir de elementos individuais de informação interligados, seguindo uma abordagem ascendente em vez de descendente.²⁵²

“5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.”²⁵³

Na abordagem qualitativa, o significado desempenha um papel crucial, pois os pesquisadores e as pesquisadoras têm interesse em compreender como diferentes pessoas atribuem significado às suas vidas, o que é referido como "perspectivas participantes". Eles exploram conjecturas feitas pelas pessoas sobre suas vidas e o que consideram como "dados adquiridos". Existe, desta maneira, um esforço para entender adequadamente essas perspectivas. Aborda-se o uso de vídeos para mostrar gravações a participantes, comparando suas interpretações com as de quem informa. Outros e outras compartilham rascunhos de artigos ou transcrições de entrevistas com participantes principais e verificam verbalmente suas perspectivas em comparação. Apesar de alguma controvérsia em torno desses métodos, eles refletem

²⁴⁹ BOGDAN, BIKLEN, 2003, p. 49.

²⁵⁰ BOGDAN, BIKLEN, 2003, p. 49.

²⁵¹ BOGDAN, BIKLEN, 2003, p. 50.

²⁵² BOGDAN, BIKLEN, 2003, p. 50.

²⁵³ BOGDAN, BIKLEN, 2003, p. 50.

a preocupação em registrar de forma precisa como as pessoas interpretam significados.²⁵⁴

Desta forma, buscou-se, nesta pesquisa, a análise a partir desta metodologia. Primeiramente serão apresentados, embasadas em teorias e autorias, os temas que foram gerados a partir do contexto e diálogos, locais, saberes e experiências únicas de cada pessoa. A pesquisa-ação, tanto na análise do diário de campo, quanto no questionário aplicado gerou um total de 25 temas para a discussão. O critério para a seleção de quais temas seriam analisados se deu a partir do método de Bogdan e Biklen. Primeiramente a leitura atenta das respostas foi feita, juntamente com a análise da pesquisa de campo. Então, em uma segunda leitura das respostas, os temas foram grifados e as respostas de cada pessoa foram comparadas para analisar similaridades e divergências. Depois observou-se os temas de maior significado para o contexto, a partir do número de vezes que apareciam nas respostas também durante o processo de aplicação da pesquisa-ação. O critério para a seleção ou não de assuntos foi se eles apareceram mais do que uma vez. Estes foram elencados para a análise na tese, salvo uma exceção, pois o tema era similar, mas divergia demais dos outros, então ganhou um tópico para si. Eles serão apresentados na ordem que aparecem no questionário, referente a cada uma das perguntas. Primeiramente, cada tópico será analisado a partir das respostas das pessoas participantes da pesquisa-ação. Posteriormente serão analisados os temas a partir de referências. O diário de campo também segue a mesma lógica, embora não tão rígida quando a análise das perguntas. Na próxima parte, cada um dos temas gerados pela pesquisa-ação em diaconia dará nome a cada um dos tópicos e serão divididos em dificuldades e possibilidades, conforme as perguntas estão elaboradas.

²⁵⁴ BOGDAN, BIKLEN, 2003, p. 50.

CONCLUSÃO DA SEGUNDA PARTE

Com a elaboração dessa parte, visou-se estabelecer parâmetros e testar se a pesquisa-ação seria possível de ser aplicada junto às práticas diaconais de transformação de contextos. Dessa forma, ao estabelecer paralelos históricos entre pesquisa-ação e diaconia, percebe-se já em suas gêneses, argumentos que permitem afirmar de que ambas teorias e práticas nascem com um objetivo comum que é o de modificar ou transformar uma prática ou um contexto que necessitasse de intervenção.

O que se percebe também é que tanto a pesquisa-ação quanto a diaconia, possuem pontos que auxiliam quanto os que dificultam o processo. Como exemplo, vimos que se corre o risco de tornar a análise entorno do objeto de pesquisa demasiadamente ampla. Isso ocorre porque o método se torna híbrido, recorrendo a diversos outros métodos e áreas de conhecimento para concretizar o resultado, sendo necessária uma decisão minuciosa de a quais métodos dentro do método recorrer para responder à pergunta central.

Todavia, apesar de se vislumbrar possíveis entraves, o que é salutar e necessário, conseguimos afirmar testada e aprovada a problemática que era averiguar a possibilidade de uma pesquisa-ação em diaconia, estudando, em conjunto, mas também individualmente teorias que envolvem pesquisa-ação e diaconia. Isso se dá quando se percebe que há similaridades no objetivo pela transformação de uma prática, bem como no modo com que se estabelece a prática em suas dimensões estudadas. Por exemplo, enquanto a diaconia é profética e denuncia os males anunciando a mudança, a pesquisa-ação será socialmente crítica. Ambas são práticas. A categoria política acontece também enquanto uma é claramente política, em seu sentido mais amplo e outra é libertadora, profética e interdisciplinar.

Não obstante, foi deveras importante encontrar uma forma de superar a lacuna identificada, e que para um trabalho de pesquisa possui muita relevância, que é a amplitude que pode ser encontrada em um método que permite diálogos com tantos outros. Para isso, foi fundamental pensar em como seria aplicar a metodologia, ainda que essa ainda deva ser analisada e sofra alterações ao longo do percurso. Entrementes, podemos afirmar que a pergunta sobre “Como a diaconia pode dialogar com o tema da conversão, em parâmetros bíblicos e na história da Igreja, de forma a identificar lacunas e possibilidades com vistas à conversão nas múltiplas

possibilidades em que ela é possível, através da pesquisa-ação?” pode ser respondida com uma pesquisa-ação em diaconia.

**TERCEIRA PARTE: POR QUE ARRAZOAIS SOBRE ESTAS COISAS
EM VOSSO CORAÇÃO (MC 2.8)? ANALISANDO OS DADOS
COLETADOS NA PESQUISA-AÇÃO**

INTRODUÇÃO À TERCEIRA PARTE

Esta parte está dividida em duas. Os capítulos 6 a 10 analisam as respostas obtidas no questionário da pesquisa-ação, levantando 25 temas, cujos dão título a cada um dos tópicos dos capítulos. O capítulo 11, por sua vez, trata de analisar o diário de campo. A análise do questionário e do diário de campo, como dito ao final da parte anterior, baseiam-se no método investigação qualitativa de Bodgan e Biklen, que visa uma investigação qualitativa e descritiva dos dados, interessando-se pelo processo e analisando os dados de forma indutiva, valorizando cada significado gerado por ele. É necessário salientar que a correção gramatical de alguma resposta trazida pelas pessoas no questionário só foi feita em poucos casos, quando o erro comprometia a compreensão do escrito. No entanto, para valorizar o empenho de cada pessoa participante, seus saberes e formas de expressá-lo, tentou se manter a forma original do escrito, pois esta também é uma das premissas da análise segundo o método, valorizar o contexto e os saberes de cada pessoa, na forma como eles são manifestos.

A pesquisa ação foi aplicada em uma paróquia de uma cidade de porte pequeno, no interior do Rio Grande do Sul. A cidade está situada em uma região próxima a rios e córregos, o que a torna suscetível a enchentes e a outras catástrofes naturais. Não obstante, ainda que basicamente todo o município esteja vulnerável, a maior parte da população em vulnerabilidade social vive próxima às margens dos rios, pois eram os terrenos mais baratos para se comprar e alguns ainda são ocupações sociais, não havendo escrituras ou maior interesse da parte do poder público de providenciar os serviços necessários para minimizar os efeitos das catástrofes. Diante de todo este cenário, no início dos anos 2000, quando uma diácona esteve trabalhando na paróquia, foi criado um grupo de diaconia para atendimento a famílias em situação de dificuldades do município e cercanias. O grupo iniciou com ações pequenas de atendimento local a necessidades, mas conforme o voluntariado e a experiência foram aumentando, se pode trabalhar para atender a mais famílias. Assim sendo, pensaram uma forma de poderem manter a sustentabilidade financeira sem ficar dependendo de doações. Então, se criou um brechó e a partir das vendas, se compra o que falta nas doações recebidas. O grupo atende a demandas diferentes, tentando sempre apoiar as reais necessidades de quem busca por ajuda. Querem ser então, apoio para a transformação da dificuldade pela qual alguém possa estar

passando. As ações deste grupo se estendem como apoio ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e sempre acontecem em parceria com demais instituições com iniciativas semelhantes no município e arredores. O grupo atende a demandas para fora de seu contexto e inclusive para fora do estado, enviando doações para o Paraná, Santa Catarina e São Paulo. O segundo grupo que compõe esta pesquisa é o grupo de retalhos. Ele foi criado como uma extensão do grupo de diaconia, a partir de uma enchente em 2017, quando receberam muitas doações de roupas. Algumas estavam sem condições de serem doadas. De outro lado surgiu a necessidade de cobertas e cobertores. A liderança do grupo de diaconia foi buscar apoio para saber como fazer as cobertas de retalhos e decidiram iniciar atendendo a uma demanda contextual e que continuou como uma ação contínua. Dessa maneira, as roupas sem condições de doação se transformaram em retalhos ou enchimento das cobertas. A cada ano são doadas muitas cobertas, o que se intensifica no período de inverno.

A paróquia em que estes grupos estão vinculado possui 101 anos e foi iniciada em 1922, com um pastor vindo da Oceania para atender à localidade. Também um diácono da Alemanha atendeu à comunidade. Esta paróquia possui 7 comunidades e 1 ponto de pregação, não tendo muitas distâncias a serem percorridas, embora a maior parte delas seja em estradas não asfaltadas, o que torna o percurso mais complexo. Muitos ministros e ministras passaram pela Paróquia neste tempo e uma das marcas mais relevantes destes 101 anos é a passagem de uma diácona que iniciou o grupo de diaconia. A paróquia possui cerca de 1700 pessoas membras e se localiza entre a cidade e o meio rural. Salienta-se que dados pessoais, bem como locais exatos estão omitidos, para a proteção de dados, cujos serão mantidos em sigilo e guardados. Seus nomes foram substituídos pelos pseudônimos Pessoa 1 a 10..

6 CONVERSÃO DE UMA IGREJA PARA OUTRA

Este capítulo servirá para a análise dos dados coletados no questionário utilizado como base para subsidiar a reflexão sobre o tema da Conversão nesta pesquisa-ação. A pergunta que foi respondida nesse momento é: Quais as dificuldades e possibilidades existentes no trabalho diaconal para que se possa cativar pessoas de outras igrejas a participarem da IECLB ou a retornarem ao convívio de sua igreja? Segue adiante, a análise das respostas obtidas. As respostas foram divididas em dois blocos, como aponta a própria questão, dificuldades e possibilidades. Isso se dá por uma questão de organização das respostas adequando a estas ao método de Bodgan e Biklen. Um deles abordará as dificuldades encontradas pelas pessoas no que tange à pergunta. O outro bloco trará as possibilidades para que aconteça isso a que a pergunta está se referindo.

A conversão de uma igreja para outra, como já visto, representa uma socialização secundária em que muito pode ser completamente diferente daquilo que a pessoa estava acostumada em sua igreja anterior. Diversas vezes esta é a motivação principal que faz com que haja a busca por uma nova igreja, por discordância teológica ou no jeito de compreender algum tema. Ainda há também as motivações como as discordâncias ou brigas entre famílias que, por mais que tenham acontecido há anos, são condicionadas à história destas famílias fazendo com que haja a busca por não dividir espaços comuns.

Desta forma, neste capítulo, busca-se entender como a diaconia pode estar relacionada com esse processo de mudança de religião, pois acontece que o trabalho desenvolvido por grupos ou comunidade atrai para a igreja. Também há casos em que surge o interesse de pessoas para a igreja a partir da diaconia, por sentir o acolhimento. Entrementes, a vivência da espiritualidade diaconal pode despertar a vontade de que alguém retorne para sua religião, pois percebe que pode iniciar algo semelhante em sua comunidade de fé. Seja ingressar em uma igreja ou retornar para a sua, vejamos o que a primeira pergunta do questionário da pesquisa-ação pode contribuir para a pesquisa.

6.1 Dificuldades

No tocante aos temas levantados concernentes à questão das dificuldades apresentadas para se cativar pessoas de outras igrejas para a IECLB ou retornarem ao convívio de suas igrejas, alguns temas se sobressaem em perspectiva de grupo e pessoal. Em relação aos temas que mais apareceram no grupo, temos a problemática do voluntariado, a dificuldade de compreensão sobre diaconia e a percepção de que o grupo não se sente valorizado como deveria pela comunidade a qual está vinculada. Em perspectiva de respostas pessoais, sobressaem-se críticas à estrutura rígida das instâncias da Igreja, o fato de não reconhecerem a diaconia como forma de ingresso na Igreja, a não necessidade de capacitação para a diaconia, a inibição de pessoas e quando nosso jeito é muito conservador enquanto Igreja, por isso não conseguimos cativar pessoas. Cada um dos tópicos a seguir é um tema que apareceu nas respostas trazidas pelas pessoas participantes do questionário desenvolvido para a pesquisa-ação.

6.1.1 A difícil compreensão do voluntariado

O primeiro tema que merece atenção é o tema do voluntariado. As respostas sobre o tema se manifestam através dos seguintes trechos extraídos do questionário:

Acho que seja também um lindo trabalho pois foi de voluntária na diaconia que eu me animei a criar esse grupo do retalho, só que um grupo sem religião pois se eu usar o nome daí IECLB não vou arrumar pessoas para ajudar, pois na diaconia a maioria das pessoas que ajudam não tem nada a ver com a IECLB, o porquê eu também gostaria de saber mesmo sendo um grupo ecumênico é complicado. Um diz não tenho tempo, outro - não vou pois não gosto da fulana; outra-não vou pois não trabalho de graça; outra - não vou porque só dá fofoca; outra um dia eu apareço (nunca); outra não boto a mão em roupas de morto; outra dá desculpa ainda de ser de outra igreja; falta gente que queira participar; falta mão de obra depois temos que lavar todo o material antes de pôr para doação, tudo precisa de mãos para acontecer. Se eu fosse e exigir que focem da religião, o grupo já não tinha mais. Vou indo até papai do céu permitir.²⁵⁵

Distintos elementos aqui se apresentam como emblemáticos. O primeiro é o fato de que a Pessoa 1 afirma a necessidade de que esse grupo, o de retalhos não tenha uma vinculação explícita com a IECLB, incorrendo no medo de que isso afaste

²⁵⁵ PESSOA 1. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

peças. Aqui existe uma identificação e preocupação de valorização do caráter ecumênico da diaconia também, quando ela mesma afirma que o grupo é ecumênico e nas entrelinhas está dito que essa é uma característica do grupo. Vários trechos também demonstram o desafio que é o trabalho com pessoas voluntárias e de igual forma a dificuldade que é trazer mais pessoas para o grupo. As desculpas, segundo a Pessoa 1 podem ser muitas, falta de tempo, distância, ou mesmo a falta de compreensão de que um trabalho voluntário pode não ter o retorno financeiro, mas que se ganha em outras tantas dimensões da vida. A preocupação pelo vínculo direto com a Igreja e o afastamento ou dificuldade em conseguir novas pessoas se demonstra um desafio para a prática diaconal, na perspectiva de trabalhar para que as pessoas possam se vir a ingressar na Igreja a partir da diaconia.

Eu acredito que a dificuldade que as pessoas tem é que pensam que a gente vai convidar para entrar para a igreja IECLB, e não para ajudar aqui no grupo por que aqui não tem religião, aqui é cada uma de uma religião diferente, daí ficam com medo de ajudar e participar de atividades de outra igreja que não sejam das delas. Porque querendo ou não tem que ter comprometimento mesmo que seja para ajudar a fazer uma coberta ou arrumar roupas para doações, que as pessoas pensam que como tem tantas outras coisas para fazer não sabem o bem que faz, fazer o bem para o próximo.²⁵⁶

Em relação a esse trecho, apresentam-se novos elementos para a discussão sobre o voluntariado. A Pessoa 2 atribui o fato de que há receio de que possíveis novos e novas integrantes, creiam que serão convidados e convidadas não só para auxiliar no grupo, mas que pensem que deverão deixar suas igrejas também. Além do mais, o comprometimento necessário é outro fator que dificulta qualquer movimento dentro do prospecto de trazer pessoas para a comunidade, pois, segundo ela, há pouca vontade de realmente estar comprometido pela tarefa assumida. Uma das dificuldades que vem sendo nítida e já se materializa nesta resposta é o fato de que se apresenta como uma dificuldade associar o nome da Igreja a um trabalho desenvolvido. Assim, preferem não falar muito sobre a Igreja, mas falar mais da diaconia ou do grupo em si, sem mencionar muito a quem está vinculado.²⁵⁷ Outro trecho, agora da Pessoa 4, reforça o tema acima mencionado. “Além disso, note que as pessoas têm medo de participar dos trabalhos de grupos da comunidade por medo

²⁵⁶ PESSOA 1. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

²⁵⁷ PESSOA 2. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

de serem convidadas a assumir cargos o que requer comprometimento. Falta de tempo.”²⁵⁸ Existe medo de que possam ter que assumir mais compromissos do que poderiam ou quereriam, o que pode ser uma característica já percebida pela observação do fluxo e demanda de trabalho dos próprios grupos.

Eu faso parte desse grupo sou desta congregação. Nossa dificuldade no grupo é a mesma de todos, conseguirmos que as pessoas entrem no trabalho diaconal, muito difícel conseguir voluntários, que muito se ouve não temos tempo, não trabalho de graça se fulano estiver no grupo eu não vou e assim por diante. Podemos insistir mas a resposta é sempre a mesma, até posso ajudar mas não quero compromisso quando der eu vou dar uma mãozinha.²⁵⁹

Trazendo esse último trecho, da Pessoa 5, se nota que o tema se repete diversas vezes com mesmo tom e ressoa como uma constante no grupo. Entretanto, nesse mesmo dia da questão aplicada, perguntou-se se elas convidavam mais pessoas para participar do grupo, o que foi dito que pouco ou quase nada. Algumas experiências negativas foram estopim para que elas desistissem da tarefa de convidar mais gente para o grupo ou para a participação na comunidade de fé. Outra fala constante é de que as pessoas não estão muito dispostas a trabalhar voluntariamente. “Falta espírito diaconal nas pessoas, poucas acolhem, a maioria quer saber se vão receber algo em troca, inclusive o dinheiro.”²⁶⁰ Não existe assim um espírito dadivoso nas pessoas, o que segundo o grupo gera essa desmotivação, conforme afirma a Pessoa 7.

Sobre o voluntariado, ainda há muito o que avançar na reflexão do grupo e isso se manifesta como uma dificuldade para se trabalhar a questão de ingresso de novas pessoas na Comunidade de fé. Um diagnóstico possível já aqui é de que, dentro do próprio grupo, não há uma clara compreensão entre se tornar voluntário e ingressar na IECLB, o que faz com que tenham medo de trabalhar o assunto no diálogo com outras pessoas. Dessa forma, esbarram em uma questão ética a ser pensada, sistematizada e explanada para que se resolva conflitos internos, para depois, se pensar nos processos externos. Contudo, as questões ao redor do tema são fatos que antecedem a era pós-moderna.

²⁵⁸ PESSOA 4. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

²⁵⁹ PESSOA 5. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

²⁶⁰ PESSOA 7. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

A era cristã dá um novo rumo para a Caridade. Aliás, o serviço ao próximo era visto apenas como Caridade. Mas é na era cristã que se acrescenta um novo ingrediente para a Caridade: o aspecto religioso. Essa mudança acontece a partir da conversão do imperador Romano Constantino, em 313 d.C., para o cristianismo (Decreto de Milão). Essa mudança consolida a fé cristã e estabelece novos rumos para as relações sociais.²⁶¹

A igreja, como local de muito envolvimento com práticas caritativas, sempre contou com o protagonismo voluntário de pessoas para o desenvolvimento de suas práticas, assumindo muitas tarefas como estas ao longo dos tempos. Porém, essa caridade também foi assunto de práticas de abuso e dominação.

Infelizmente, foi em nome da Caridade e das suas mais diferentes formas de atuação que a exploração e a dominação política e ideológica foram praticadas. Essa postura de dominação e abuso do poder eclesial se manifestou na prática da venda das indulgências. Nesse momento da história surge o questionamento de Martim Lutero diante de uma prática eclesial contrária ao evangelho.²⁶²

É necessário ressaltar que estamos diante de um tema recorrente na sociedade. Não é surpreendente que isso não esteja resolvido, mesmo no século XXI. Isso se dá por diversas questões que ainda vivemos como sociedade e são frutos das permanências históricas, temáticas que tem consequências e efeitos até hoje.

Após lermos as respostas do questionário, queremos abordar o voluntariado a partir de autorias. Conceituando o tema encontramos uma explanação sobre ele nas seguintes palavras de Maria Olivia Dias:

a) Gratuitidade, que se refere às pessoas que trabalham em regime de doação gratuita, sem interesses lucrativos; b) Voluntária, as pessoas realizam uma acção livre, não obrigada; c) Organizada, geralmente, quando se fala de voluntariado referimo-nos mais a pessoas que desenvolvem um trabalho de ajuda social, ligadas a uma organização institucionalizada, mesmo com características informais, com independência e reconhecimento público ou privado; d) Compromisso, pois assume-se um dever, com alguma actividade estável, embora o tempo ou a acção sejam reduzidos; e) Finalmente, o bem-estar da comunidade. Não se considera voluntário social aquele que se encontra ligado à organização e se limita apenas a objectivos de proselitismo da própria organização, cuja acção não contribua directa ou indirectamente para a melhoria de vida dos serviços sociais e da comunidade onde desenvolve o seu trabalho.²⁶³

Sua conceituação de voluntariado traz elementos interessantes para a discussão aqui proposta, pois se enquadra na dinâmica eclesiástica, abordando

²⁶¹ PAIXÃO, 2004, p. 149.

²⁶² PAIXÃO, 2004, p. 149.

²⁶³ DIAS, Maria Oliveira. Voluntariado e Solidariedade - Realidades Complementares. In: **Didaskalia**. Lisboa, v. XXXI (2001), p. 125-151, 2001. P. 127.

características do voluntariado cristão e que serão encontradas manifestas nas respostas do questionário aplicado na pesquisa-ação em diaconia. Ao abordar suas características, também evidencia seus limites, tais quais serão polemizados no questionário. O que se afirma, tanto na teoria quanto na prática, é que existe um objetivo expresso, apesar das dificuldades trazidas pelo assunto: melhorias no serviço oferecido, apoio manifesto e acolhimento proporcionado, sendo isso, como já visto na tese, diaconia transformadora. Após abordarmos a conceituação do tema a partir de uma teórica da área da teologia, da Universidade Católica de Portugal, nos aproximamos da conceituação, a partir de uma teórico-prática da diaconia, brasileira e luterana:

O exercício do trabalho voluntário, que se baseia no amor de Deus, terá uma atuação na sociedade pautada na ética cristã. Para isso acontecer é necessário que a pessoa que deseja cuidar do outro tenha um preparo. Esse preparo tem a ver com o conhecer as motivações que levam uma pessoa a ser voluntária num determinado trabalho, o que ela sabe fazer, qual o seu tempo disponível, como enxerga outra pessoa, se está disposto/a a contribuir na transformação social. Isso tudo perpassa a fé, pois essa vê o outro como um semelhante que necessita de atenção para sair do lugar que causa a opressão.²⁶⁴

Percebe-se nesse trecho, assuntos que também aparecem na discussão do questionário da pesquisa-ação, abordando temas como a importância da formação para quem quer desempenhar um bom voluntariado. A seguir, será falado sobre a função profética, ligada à diaconia profética, da pessoa voluntária.

Essa é a função profética da pessoa voluntária: ela está vinculada com o sujeito necessitado e envolve-se para que a mudança estrutural também aconteça. Aqui vale lembrar a importância da atuação de grupos e comunidades que se empenham pelo resgate da dignidade. As ações coletivas e com parcerias tem mais força. Nesse sentido prestaram um serviço e mais do que boa ação, pois faz-se necessário o vínculo com a outra pessoa. Esse é um dos desafios do voluntariar-se. É necessária uma relação coerente entre os valores da pessoa voluntária e a identidade cristã, para que a ação junto ao sujeito necessitado seja transformadora. A coerência da fé impulsionou uma ação em direção à construção de uma sociedade fraterna.²⁶⁵

A partir do levantado até aqui, a dificuldade expressa e sua necessária solução para o avanço do tema é a compreensão, por parte do grupo, de ministro ou

²⁶⁴ PAIXÃO, Márcia Eliane L. da. Uma reflexão sobre o voluntariado. In: **Práticas Diaconais: subsídios bíblicos**, São Leopoldo, 2004. P. 153.

²⁶⁵ PAIXÃO, 2004, p. 153.

ministra local de que se fale mais sobre voluntariado, participação no grupo e na comunidade, de forma que isso não continue gerando vínculos negativos, por alguma razão associados a que a Igreja quer cobrar ou quer ter mais gente pagando sua contribuição. Essa dificuldade faz com que as próprias pessoas membras da Igreja evitem o assunto de convidar pessoas para o convívio e voluntariado na própria diaconia, afastando-as da comunidade de fé. Nos parece que surge já aqui, um novo argumento para a reflexão, de que a conversão não proselitista, não acontece para a Igreja e sim, para uma causa pela qual ela expressa seu desejo de mudança nas estruturas sociais e conjunturas familiares. A conversão, nesse caso, e para concluir e introduzir um possível elemento que se mostra como chave para a compreensão do tema, acontece para uma causa e não para uma determinada religião.

6.1.2 A difícil compreensão da diaconia

O segundo imbróglio que se apresenta no questionário feito ao grupo é que é difícil explicar sobre diaconia, que isso afasta quando é muito teórico e se revelam críticas à diaconia que é pensada e refletida, como se ela fosse ruim para a prática. Nesse ponto se revela uma tensão que não é apenas acadêmica, emerge da prática e possui diversas fontes como o machismo estrutural, o “pastorcentrismo” e o lugar de menor valor associado ao ministério diaconal diante do pastoral. Não faremos aqui conceituações sobre diaconia, uma vez que na primeira parte ela já está feita. Mas traremos o tensionamento que se mostra nesta parte do questionário da pesquisa-ação.

A questão polemizada sobre a compreensão e entendimento sobre diaconia é destacada pelo grupo que respondeu o questionário da pesquisa-ação. Já na primeira resposta vemos: “Sendo eu de outra religião (católica) tenho muita dificuldade de entender o que é diaconia, mas eu me empenho no grupo do retalho.”²⁶⁶

Na fala da Pessoa 1 fica exposta uma questão externa, que possivelmente apenas expressa uma problemática da Paróquia. Ainda é necessário trabalhar a compreensão de diaconia internamente, pois mesmo havendo um grupo forte que se empenhe pelo tema quase que diariamente, ainda se está muito focado no fazer e não no tematizar e tensionar temas que possam vir a auxiliar na compreensão de diaconia

²⁶⁶ PESSOA 1. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

ou mesmo o tema da Diaconia em perspectiva bíblica e teológica. Isso explica o porquê de que uma pessoa vinda de fora demonstre desconhecimento sobre o tema da diaconia, mesmo vindo participar da proposta de ação do grupo. Há sinais também de que há muita intenção de ação e pouca reflexão e diálogo sobre os temas, o que poderia auxiliar na mitigação sobre as dúvidas do que é diaconia.

Creio que as dificuldades estão muito nas lideranças, desde a comunidade até o mais alto escalão da IECLB. A palavra diaconia assusta, são poucas as pessoas que sabem o real significado da palavra. Precisamos sair mais da zona de conforto e aplicar a diaconia, ir ao encontro dos necessitados e não ficar esperando eles chegarem até você. Não adianta escrever mais um folder para divulgar a diaconia, se a realidade dos nossos membros talvez seja o alto índice de analfabetos funcionais. O folder no meu entendimento é normalmente uma divulgação muito teórica. Por essa razão muitos acabam saindo da nossa igreja e procuram outras onde podem exercer seus dons a serviço do próximo sem se preocupar em se tem formação teológica ou não.²⁶⁷

Nesse trecho, encontramos várias temáticas às quais necessitamos dar individual atenção. Embora as questões se conectem entre si, o movimento de contemplá-las separadamente se faz necessário para que se possa compreender seus desdobramentos. A primeira questão que aparece é a dificuldade nas lideranças, pois a partir dela que se constrói a segunda frase afirmativa de que a palavra diaconia assusta. A segunda temática a ser desdobrada é a que as pessoas não conhecem o real significado da palavra diaconia. A terceira é o sair da zona de conforto. A quarta é a questão de *folders* de divulgação e o quanto são eficazes para a compreensão da palavra diaconia, ou se são muito teóricos. O quinto e último assunto é a formação para a diaconia. Dessa forma, todos os assuntos se interseccionam na dificuldade de compreender o que é diaconia.

O primeiro assunto é o problema das lideranças, desde a comunidade até o mais alto escalão da IECLB, como dito pela Pessoa 3. Em partes, a afirmação se justifica no fato de que parece não haver conhecimento da diaconia, por parte das lideranças da Igreja, salvo algumas que trabalham no ministério, ou tem experiências muito próximas à diaconia ou são voluntárias no trabalho diaconal. Dessa maneira, em não havendo maior conhecimento sobre diaconia pelas lideranças, elas acabam não fomentando a práxis diaconal e nem valorizando a diaconia como algo essencial

²⁶⁷ PESSOA 1. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

na Igreja, salvo o período da pandemia em que se percebeu que a ação diaconal foi a principal resposta da IECLB ao COVID-19.²⁶⁸

Sobre não conhecer o trabalho diaconal da IECLB, merece atenção o fato de que isso vem sendo trabalhado há anos na Igreja, tendo inclusive um departamento de diaconia que incentivava a divulgação do tema, com pessoas contratadas para tal tarefa. Contudo, o assunto da conceituação da diaconia não pode ficar restrito a uma época, pois se faz necessário sempre retrabalhar o tema. Lideranças podem e devem atualizar seus conhecimentos e há lideranças novas que podem ter a oportunidade de começar a aprender sobre diaconia desde seus tópicos mais básicos. Essa forma de sempre conceituar novamente a diaconia é uma constante no que hoje se chama Coordenação de Diaconia.

Percebe-se aqui o olhar para os ciclos que se completam e se reiniciam transformados, sem perder sua essência. Provavelmente já não foi a mesma geração do Seminário Nacional de 1995 que participou do de 2019. Dessa forma, salienta-se a importância da atuação da Coordenação de Diaconia, atuando de forma cíclica, porém em constante movimento, alertando para que novas gerações também tenham a mesma oportunidade de trabalhar com o conceito diaconia, num constante aprofundamento teológico em forma de seminário. Há que se mencionar, com grande louvor, essa preocupação da parte da Coordenação de Diaconia da IECLB que, após seu Seminário Nacional de 2019, cujo tema foi diaconia, retornará a temas específicos em seus seminários, sendo que para 2020 estava previsto um seminário sob o tema da diversidade étnico-racial, impedido pelas medidas de distanciamento social como enfrentamento ao vírus COVID-19.²⁶⁹

A exemplo da coordenação e suas ações, parece que existe uma necessidade de que se trabalhe sempre a conceituação de diaconia e seus temas centrais, na busca pela mitigação do desconhecimento sobre a palavra e sua prática. Isso aconteceria valorizando o saber adquirido na capacitação para a prática diaconal, o que parece ser um movimento sem data pré-definida para terminar.

O assunto que apareceu na sequência foi o de sair da zona de conforto. Esse permanece como um dos maiores desafios para o trabalho diaconal, pois quem está realmente envolvido ou envolvida com a diaconia, dificilmente terá a possibilidade de entrar nesta zona. As questões com as quais se depara quem atua pela diaconia sempre desacomodam provocando sucessivas ações. Talvez o que se queira dizer aqui é que quem não está envolvido ou envolvida com a diaconia precisa sair de sua

²⁶⁸ OLIVEIRA, Dionata Rodrigues de; PAIXÃO, Márcia Eliane Leindecker da. Diaconia, Crises e COVID-19: Da adversidade à transformação. In: **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, vol. 12, nº 1, p. 178-197, 2021. P. 181.

²⁶⁹ OLIVEIRA, 2020, p. 100.

zona de conforto, ir ao encontro de pessoas e permitir que ambos os contextos sejam transformados. Soma-se aqui, uma categoria teológica recentemente defendida por João Henrique Stumpf, a diaconia do encontro, representando uma transformação para ambas as pessoas envolvidas.

De igual modo, um encontro autêntico só pode acontecer entre pessoas que se respeitam e se interpretam como iguais em termos de dignidade. Nesse sentido, uma diaconia do encontro, necessariamente, precisa promover processos de empoderamento com aqueles que estão do lado desfavorável da situação, além de pensar e articular processos de formação continuada com todas as pessoas envolvidas no processo, para que tenham consciência da realidade que habitam.²⁷⁰

Para se sair da zona de conforto se necessita estar disposto ou disposta a ir ao encontro de quem é diferente, pensa de outras formas e age de distintos jeitos.

O quarto tema que aparece é a questão dos *folders* e o quanto são efetivos para a divulgação da diaconia. Na fala da Pessoa 3 existe um tom de crítica aos materiais produzidos. Não se faz necessário aqui repetir o que já foi dito, porém, esse tema vai ao encontro do que já se viu no tópico anterior, quando se falou em formação.²⁷¹ De igual modo a produção de materiais, que poderia ser uma boa alternativa para a divulgação, acaba sendo colocado lado a lado com a questão da formação, de que é desnecessário, pois não agrega, na visão da Pessoa 3. Em seu imaginário, o fazer é mais eficaz do que o pensar e refletir sobre o que se faz. Assim já relembramos o último assunto da fala da Pessoa 3, a não necessidade de formação teológica em distintos níveis para quem faz diaconia.

Sintetizando, o não conhecimento da diaconia se dá pela falta de articulação das próprias lideranças, como essa Pessoa 3 que atribui esse assunto a outras pessoas alegando que, na sua perspectiva diaconia se faz e não se forma para. Essa mentalidade é um obstáculo a ser vencido para a divulgação da diaconia. Se não houver disposição para isso, podemos afirmar que a diaconia não será mais bem conhecida, pois ela se mistura assim, a assuntos como o fazer desenfreado da ação, que incorre em assistencialismo.

²⁷⁰ STUMPF, João Henrique. **Diaconia do encontro**: o fenômeno do encontro da comunidade com contextos de sofrimento como acontecimento privilegiado para o despertar da sensibilidade e consciência diaconal. São Leopoldo, RS, 2021. 391 p. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2021. P. 199.

²⁷¹ PESSOA 3. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

A Pessoa 4, quando menciona esse tema, vai muito ao encontro da Pessoa 3. Assim ela diz: “creio que as dificuldades se iniciam, ao tentarmos explicar o que é diaconia tendo em vista que a teoria é que se prega é muito mais fácil que a prática.”²⁷² De igual maneira a Pessoa 7: “pelo nosso conhecimento a diaconia é um trabalho muito discutido dentro de gabinetes, mas pouco colocado em prática na diaconia da nossa igreja.”²⁷³ E não foge da mesma linha de pensamento a Pessoa 9: “as pessoas precisam conhecer melhor a palavra diaconia. Diaconia requer compromisso com Deus e Jesus Cristo e com o seu propósito.”²⁷⁴ Podemos sublinhar que esse problema é, de fato, uma barreira para que o grupo avance em propostas e ações. Parece haver um grande dilema com quem desempenha a tarefa do pensar e não apenas do fazer. Isso seria um movimento normal vindo de quem desempenha a tarefa do pensar como mais importante do que o fazer e não o oposto. Existe uma desigualdade nesta equação que necessita de um olhar cuidadoso para que se consiga, veementemente o que propõe a Pessoa 9, entender que o compromisso de quem se envolve com a diaconia é com Deus, com Cristo e seu exemplo diaconal.

Após estas falas, precisamos mencionar que a teologia prática em si, já é alvo de críticas, na perspectiva de Bonnie Mclemore, infundadas. “O último mal-entendido – que a teologia prática é em grande parte, se não totalmente, empírica, descritiva, interpretativa, e não normativa, teológica e, em alguns casos (eu ousaria dizer), cristã – é menos um mal-entendido do que um lapso.”²⁷⁵ Nesse artigo, após fundamentar, de que a teologia prática precisa ser pensada e refletida, ela argumenta de que não é porque é prática que não se precisa teorizar, afinal de contas, não se trata de uma prática e sim de uma práxis, onde se requer um aprimoramento das ações.²⁷⁶ A diaconia, como uma disciplina multifacetada, dentro da teologia prática que, ao mesmo tempo, também é multidisciplinar, ainda sofre com outro elemento: o machismo estrutural e o pastorcentrismo, ambos parte de uma consciência necrófila,

²⁷² PESSOA 4. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

²⁷³ PESSOA 7. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

²⁷⁴ PESSOA 9. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

²⁷⁵ MILLER-MCLEMORE, 2016, P. 221.

²⁷⁶ MILLER-MCLEMORE, 2016, p. 220.

ambicionada pelo poder e dominação de sua consciência em detrimento de outros saberes e partilhas.²⁷⁷

Abordar estes aspectos anteriormente tem sua razão de ser, pois a história da Diaconia no Brasil vinculou diaconia com mulheres e com serviço. Duas grandezas socialmente desvalorizadas e foram colocadas na periferia da teologia e vistas como questões secundárias. Na IECLB, a diaconia tanto ministerial, quanto a voluntária é realizada por mulheres em sua maioria (IECLB. Seminário Nacional de Diaconia, 1997). Amparados pelas construções sociais da sociedade patriarcal, a igreja também seguiu o modelo de hierarquização entre as áreas da teologia.²⁷⁸

Elementos como os que serão vistos posteriormente, denunciam a existência desse pecado estrutural, como, por exemplo, quando se questiona que diaconia não precisa formação e sim boa vontade. Usualmente funções ligadas ao serviço, são desempenhadas por mulheres, e historicamente, lhes foi negada a formação e o estudo, como uma barreira a ser superada.²⁷⁹ Assim brotam questões do tipo: para que estudar se diaconia é prática? Ao mesmo tempo, na própria estrutura eclesial da IECLB, em documentos se percebe que a diaconia foi colocada nesse lugar, quando, por exemplo, um documento da IECLB, de 1978, traz o seguinte:

Diaconia é serviço de cujo desempenho podem ser encarregadas pessoas especialmente treinadas. Certas atividades exigem preparo e formação. Pode haver necessidade, inclusive, de instituições diaconais, como já podemos observar em At 6. E, no entanto, diaconia permanece sendo uma tarefa que, no fundo, não é delegável. Cristo dela incumbe todos os seus discípulos. Podem, e devem servir no lugar onde estão, com os recursos que tem. O essencial não é a formação e, sim, a disposição. Comunidade cristã é, por excelência, uma comunhão de serviço.²⁸⁰

Aqui percebe-se a marginalização do tema da formação para a diaconia de forma a estabelecer, como um erro histórico, de que não é necessário preparo, mas sim prática, em algumas frentes de ação diaconal. Ao passo em que Dionata Rodrigues de Oliveira traz o seguinte:

Entretanto, há que se salientar que o posicionamento do Conselho Diretor da Igreja registra algo que carece de análise crítica. Conforme visto na nota 78,

²⁷⁷ FROMM, Erich. **El corazón del hombre**, Breviario. México, Fondo de Cultura Económica. 1967, p. 41

²⁷⁸ PAIXÃO, Márcia Eliane L. da. Diaconia e Gênero. In: **Diaconía: la transformación en las manos de Dios**, Ginebra, 2017. P. 65-76. Disponível em: <https://americalatinacaribe.lutheranworld.org/sites/default/files/documents/dmd-lac-diaconia-es-pt.pdf> Acesso em 15 Jul. 2022.

²⁷⁹ CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1995. P.387.

²⁸⁰ IECLB. **Diaconia Evangélica: Síntese e proposta**. São Leopoldo: CEM, 1988. 8 p. (Documentos da IECLB4). Introdução. (s/n).

há duas formulações estranhas ao desenvolvimento do tema diaconia: “Certas atividades exigem preparo e formação” e “essencial não é a formação”. Aqui temos um “velho amigo” do senso comum que introduz um pensamento de que para a diaconia, como teologia prática, não é necessária reflexão, afinal de contas, como afirma o senso teológico comum “prática é prática”.²⁸¹

Seguindo a reflexão, também enaltece as estruturas dominantes presentes nesse referido documento, denunciando-as.

Há também uma sutileza sobre hierarquias a ser questionada nesta citação. Majoritariamente, a diaconia e o ministério diaconal são espaços de atuação de mulheres, quer seja no ministério ordenado ou na prática comunitária. Assim sendo essa citação evidencia que, um conselho, em sua maioria composta por homens, decide que um espaço de bastante protagonismo de mulheres não deve ter por essencial a formação, e sim, a disposição para o fazer. Desvela-se, então, o senso comum por detrás de uma reflexão e que faz notar alguns entraves e porquês de o departamento não ter ido ainda além do que logrou êxito. Há uma tensão que brota do machismo estrutural, pois diaconia, como dito, é um espaço de proeminente atuação de mulheres. Não menos importante, porém complementar e consequente, há uma hierarquia entre os ministérios diaconal e pastoral, em que um ocupa o lugar da formação e da liderança, legando ao outro a prática resignada e calada de receber ordens de quem é formado para ocupar cargos.²⁸²

Desta forma, falar sobre diaconia foi colocado nesse lugar de que é difícil, mais fácil é praticar, sem necessária formação. Essa é uma mentalidade a ser combatida, como já vem sendo, porém, ainda se demonstra com empecilho para a ação diaconal.

Embora seja necessário dissociar o pastorcentrismo de patriarcalismo, o desafio para as mulheres na diaconia é ainda maior quando há confrontos com pastores e pastoras, mas principalmente pastores que consideram o ministério diaconal inferior ao ministério pastoral na IECLB. Não obstante, a estrutura da Igreja, por si só, é bastante pastorcêntrica e existe preferência pela contratação de pessoas do ministério pastoral em detrimento de outros ministérios específicos. Assim, diante dos tantos desafios no ministério diaconal, exercido por mulheres, ainda existe a necessidade de transpor as barreiras existentes em relação à compreensão de que o ministério diaconal não é inferior em conhecimento, capacitação e em reconhecimento por parte da Igreja. Contudo, também é necessário frisar de que existem experiências positivas principalmente na relação entre mulheres no ministério, quando pastoras se tornam aliadas no combate ao machismo e pastorcentrismo.²⁸³

²⁸¹ OLIVEIRA, 2020, p. 44.

²⁸² OLIVEIRA, 2020, p. 44-45.

²⁸³ BRAKEMEIER, Ruthild; OLIVEIRA, Dionata Rodrigues de; VELTEN, Josiane. Histórias e caminhos da ordenação de mulheres ao ministério diaconal. In: **Coisas do Gênero**: revista de estudos feministas em teologia e religião, São Leopoldo (RS), v. 8, n. 2, p. 40-54, 2022. P. 52. Disponível em: https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/genero/article/view/1959/1723 Acesso em: 6 fev. 2023.

Desta forma, a pergunta pelo desconhecimento sobre a diaconia passa por um silenciamento de saberes e fazeres contextualizado nos corpos de pessoas que se dispõem a servir, em sua maioria mulheres, às quais legou-se historicamente lugar e tarefas consideradas de menos valia. Isso gera consequências para dentro da práxis diaconal, cuja pergunta recorrente é: é necessário formação para fazer diaconia? Talvez seja mais fácil apenas realmente fazer, mas sem reflexão, não há possibilidades de maiores transformações.

Sendo, assim, não se pode dizer que é difícil entender a diaconia, e sim de que ela é constantemente colocada em um lugar de difícil compreensão, pois seguidamente as tensões entre o saber e o fazer são colocadas em lados opostos, como personagens antagônicas em um enredo.

6.1.3 A desvalorização do trabalho diaconal

Outro assunto que aparece como a percepção do grupo é a tensão existente na constante desvalorização da ação diaconal. Esse tema aparece de distintas formas no questionário da pesquisa-ação. Aqui, novamente é possível fazer pontes com o tópico anterior, o que nos remete aos temas presentes no dia a dia da sociedade e da igreja, o machismo estrutural, o os preconceitos e prejuízos que deixam marcas nos corpos e nas vidas das pessoas. De igual forma, o pastorcentrismo deixa marcas na vida de quem decide optar por outro ministério não pastoral na IECLB e não encontra seu espaço, pelo fato de que não está no topo da hierarquia ministerial. Diga-se que há muitas experiências positivas de coleguismo ministerial entre pastores, pastoras, diáconos, diáconas e diaconisas. Contudo, ainda não se rompeu esse *status* do ser pastora ou pastor na Igreja, mesmo havendo ações que atuem no enfrentamento desta tensão.

Esse tema da desvalorização da diaconia aparece como assunto trazido pelo grupo, pois se mostra em mais do que uma resposta. E nas respostas se percebe a necessidade premente de um olhar mais atencioso para quem desempenha a tarefa diaconal, pois elas se sentem desprezadas por fazerem algo que não traz benefícios diretos para a comunidade, mas que pode impactar positivamente o contexto.

A Pessoa 6 assim o diz:

Mas aquelas pessoas que praticam a diaconia todos os dias, mas não estão em dia com as contribuições não são olhadas, são tratadas com indiferença,

se você parar e observar vai perceber isso. Nas Trocas de ministros, presbitérios e lideranças, os mesmos não dão a continuidade ao trabalho que os grupos já estão exercendo, faltam acordo e ajuste entre ambos. Precisamos de um olhar diferente aos nossos membros, valorizando o que cada um faz e tem a oferecer.²⁸⁴

Não obstante, a Pessoa 9 corrobora com esse argumento: “Às vezes quem faz diaconia, mas não pode pagar a contribuição não é valorizada.”²⁸⁵ A questão se apresenta bastante complexa nesse trecho do questionário. Aqui, quem é voluntário ou voluntária afirma sentir-se menos valorizada por seu dom do que por seu dinheiro e que sua doação em voluntariado, que muitas vezes desgasta e cansa, se mostra menos importante do que a contribuição financeira. Há que se salientar que ambos são importantes, mas a percepção desta pessoa é a de que o esforço feito recebe até desprezo por lidar com o que é desprezado pela comunidade local, o que não dá lucro. Dificilmente as pessoas atendidas pelos projetos diaconais, mesmo que decidam ingressar no quadro de membresia da comunidade, poderá dar uma contribuição financeira em um valor alto para a comunidade. Isso corrobora para que a diaconia não seja vista e nem valorizada como deveria. Além disso, sua fala aponta para o desajuste que existe quando ocorre troca de ministros ou ministras em paróquias, não dando continuidade aos planejamentos para a continuidade de ações que, eventualmente, estavam funcionando bem até então, o que traz desarticulação, desentendimentos, novos jeitos que levam seu tempo para serem assimilados.

A Pessoa 8 assim nos fala: “isso eu acho que tem uma inegurança entre as pessoas, é preciso, que o grupo da diretoria, ou os pastores, fazer visita, nos membros que sabem que são da igreja. Eu tenho um ditado que os pastores devem procurar as suas ovelhas.”²⁸⁶ Essa constatação emerge nesse contexto como uma resposta ao parágrafo anterior, denunciando que essa desvalorização não acontece apenas na esfera da comunidade entre membros ou lideranças. Outrossim, ela provém da parte de ministros e ministras também, que fazem visitas a alguns da igreja, mas p.ex., a quem não é da igreja, mas é do grupo, não são feitas visitas, segundo o grupo, perdendo a oportunidade de cativar a estas pessoas para a IECLB, por falta de contato ou atenção. Da mesma forma, a afirmação dá a entender que as pessoas atendidas

²⁸⁴ PESSOA 6. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

²⁸⁵ PESSOA 9. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

²⁸⁶ PESSOA 8. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

pelo projeto poderiam ser visitadas para receberem convites para a participação na vida da igreja.

O lugar de servir sempre foi considerado indigno e por isso legado ao papel de menos valia e subserviência feminina. Márcia Paixão afirma o seguinte:

No Período Primitivo (5 milhões de anos atrás – do Australopithecus até o Homo Sapiens) aconteceu a divisão de tarefas entre homens e mulheres. Institui-se a família, o papel sexual e social, a introdução da autoridade. Na Grécia antiga (1600 a.C) o lugar da mulher era o espaço doméstico. A mulher era mãe e esposa, mas socialmente invisível e subalterna, dedicada aos trabalhos domésticos e à criação das crianças. Fora de casa a mulher era considerada tentadora, era sedutora (do homem) e desviava-o de suas tarefas. A feminilidade era considerada perdição, mal e desordem.²⁸⁷

Desta forma, sendo considerada perdição, mal e desordem, às mulheres lhes foram concedidos os lugares que homens não quiseram ocupar, o de servir.

Com esses conceitos foram se instituindo as relações de gênero ao longo dos tempos. A desigualdade se instalou com “naturalidade”, pois afinal, as mulheres valem menos. Dessa forma, as mulheres vão se constituindo em “anjos do lar”, servindo aos outros e totalmente abnegadas de si, enclausuradas com as questões domésticas.²⁸⁸

Isso se deu de tal forma que as próprias mulheres foram assimilando para si o conceito e o sentimento de menor valor diante da sociedade e incorporando como parte de seus trejeitos a submissão, a opressão pela beleza, as características de zeladora e cuidadora, prendada e do lar, sendo motivo de vergonha quando alguma mulher não atinge esses objetivos. Márcia Blasi atribui a isto, o que se chama de a vergonha como o pecado das mulheres. Primeiro vejamos o que ela diz sobre vergonha:

A vergonha é um sentimento de ter algo errado com o seu próprio ser, um sentimento de ser responsável por tudo de errado que acontece consigo mesma e com as outras pessoas. A vergonha faz com que a pessoa procure se esconder das outras pessoas e até de si mesma; é um sentimento que impede a pessoa de procurar ajuda e de perceber que é possível ser amada por aquilo que ela é.²⁸⁹

²⁸⁷ PAIXÃO, 2017, p. 66.

²⁸⁸ PAIXÃO, 2017, p. 67.

²⁸⁹ BLASI, Márcia. **Por uma vida sem vergonha**: vulnerabilidade e graça no cotidiano das mulheres a partir da teologia feminista. São Leopoldo, RS, 2017. P. 31. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2017 Disponível em: http://dSPACE.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/811/1/blasi_m_td167.pdf Acesso em 25 Ago. 2023.

Baseada em Ivone Gebara, Blasi dialoga com o seu conceito sobre o feminino como mal de não ter, não poder, não saber e não valer²⁹⁰ e a partir disso define em sistematização teológica, a vergonha como o pecado das mulheres.

Resumindo, se para os homens o pecado é o orgulho, a autonomia, o poder, o amor-próprio, então para eles a redenção é o auto sacrifício, a obediência, a submissão e amor às outras pessoas. Quando esses conceitos são universalizados, não somente deixa-se de reconhecer o pecado das mulheres, como eles também são transformados em virtude cristã. Para as mulheres vale o contrário, a vergonha como pecado é o auto sacrifício, a obediência, a submissão e o amor excessivo às outras pessoas. A redenção para elas é o orgulho saudável, autonomia, poder e amor-próprio.²⁹¹

Desta forma, o servir, atribuído à mulher virtuosa é, ao mesmo tempo, vergonha quando não atingido segundo os padrões esperados pela sociedade machista do capitalismo. Assim, a diaconia, sendo função desempenhada majoritariamente por mulheres, desde os tempos neotestamentários até o diaconato moderno é uma função desvalorizada e sem lugar de privilégios na conjuntura social, pois é esperada que cumpra seu dever e não que as pessoas sejam reconhecidas por sua ação.

Em relação à diaconia ser desvalorizada, é possível afirmar que não. Ela, em si, não é desvalorizada e muito se tem falado sobre diaconia. A desvalorização acontece com as pessoas que decidem optar pelo voluntariado na diaconia, em sua maioria mulheres, que trabalham com o empobrecimento em prol do bem de pessoas que não teriam muito o que ofertar em termos financeiros para a igreja. Do outro lado, ministerial, o ministério diaconal foi e é historicamente desvalorizado pela hierarquia que se criou entre o ministério da palavra e o do servir, como se ambos fossem unidades utópicas e pudesse haver essa estrutura que enaltece uns em detrimento de outros.

6.2 Possibilidades

Em relação às possibilidades que se criam no trabalho diaconal, pensando no tema da conversão de uma Igreja para a outra, as respostas obtidas apontam, evidentemente, para duas direções. A primeira delas é o necessário investimento na

²⁹⁰ GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio**: Uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000. P. 69.

²⁹¹ BLASI, 2017, p. 76.

divulgação da diaconia, o que tem relação com as dificuldades de que pouco se sabe sobre ela. O segundo tema que aparece é o do acolhimento nas diversas instâncias desde o acolhimento dentro do grupo até o acolhimento de quem procura a Igreja por necessidade de cuidado diaconal.

6.2.1 A divulgação da diaconia

O tema da divulgação e da comunicação é algo recorrente dentro das organizações, bem como é latente a necessidade de constantemente se atualizar em relação às formas de se comunicar, pois boa parte do sucesso ou da falta dele, em planejamentos e execução de ações depende dela. Assim como no subtópico anterior, se vê que a diaconia é pouco conhecida e divulgada. Aqui, uma possibilidade que aparece e é reafirmada no questionário realizado no grupo de estudo é a da sua divulgação e atualização constantemente, como se o projeto a ser desenvolvido dependesse dela.

Das respostas obtidas no questionário da pesquisa-ação, grande parte das respostas salientou como possibilidade missionária a divulgação da diaconia. Como respondido pela Pessoa 1:

Acredito que as redes sociais nos dias de hoje ajudam bastante na divulgação do nosso trabalho final somos procurados para divulgar o nosso trabalho em escolas, assistência social, grupo de mães, outras cidades também já fomos ensinar e divulgar o trabalho com essas visitas aproveitamos para convidar as pessoas a virem até nós e conhecer mais de perto como trabalhamos, pois explica o que não importa a religião, nem cor nem raça ou nível social pois nosso objetivo é só poder ajudar o próximo sem olhar a quem. Muitos não tem como virem até nosso espaço uma do grupo vai até a pessoa fazer uma visita e ver no que ela gostaria de ajudar.²⁹²

Esta primeira resposta, já em sua primeira linha, salienta as redes sociais como apoio para a divulgação e que a partir delas são convidadas a falar sobre o trabalho em diversos lugares demonstrando assim que querem ser igreja inclusiva e atrativa no seu jeito de ser e de agir. Nesse sentido, atribuem às redes sociais um elemento distintivo, cujo é a disposição de não apenas divulgar, publicar ou repostar, mas, sim, a ação de ir ao encontro e demonstrar abertura para estar com as pessoas que desejarem essa interação, tendo conhecido o trabalho diaconal via mídias sociais.

²⁹² PESSOA 1. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

Nesse mesmo sentido, a Pessoa 2 menciona de que é necessário e produtor de divulgar.

Eu acredito que nos dias de hoje as redes sociais divulgam nosso trabalho dentro da igreja. Somos convidados a ir às escolas divulgar nossos trabalhos. Temos muitas pessoas que trabalham em casas com a semente que vamos plantando. Procuramos sempre convidarmos sem olhar a religião.²⁹³

Existe semelhanças entre a resposta da Pessoa 1 e da 2, podendo ter havido diálogo entre as duas para construir sua escrita, o que evidencia a sintonia e talvez influência de ambas entre si. Porém, o elemento humano é novamente visto como o diferencial, divulgando com propósito de fazer o contato e a troca de saberes acontecer.

[...] isso em primeiro lugar ir aos grupos das coordenações e explicar o real significado da palavra diaconia, tanto dentro da IECLB quanto em outras congregações a maioria não sabe o que significa, temos que pedir espaços nas escolas para podermos divulgar o nosso trabalho, sermos mais próximos e atenciosos com nossos jovens irmãos de fé, com certeza eles se sentiriam mais motivados a participar, dar mais espaço dentro da nossa igreja para que possam exercer atividades diaconais. se alguém estiver doente, você ou alguém da paróquia faça uma ligação se não der tempo para visitar, mostre seu interesse em diferente do seu credo, isso vai motivá-los a irem na igreja. Mostrar e explicar as obras de misericórdia, coisa a maioria não sabe nem do que estamos falando (“tive fome e me deste de comer, tive sede e me deste de beber, era forasteiro e me hospedastes, estava nu e me vestistes, enfermo e me visitaste; preso e fostes me ver”). Levando uma imagem com as obras eles compreenderiam bem melhor do que estamos falando.²⁹⁴

A Pessoa 3 do questionário acrescenta um novo elemento à discussão. Para ela existe a necessidade de galgar espaços de discussão do assunto da diaconia levando formação sobre ela onde quer que for possível. Assim sendo, poderiam ser realizadas visitas intencionais e com conteúdo previamente pensado, inclusive com recursos visuais para que se entenda visualizando o que é diaconia na prática, como falado por essa pessoa: “Levando imagem com as obras de misericórdia...”

[...] mostrar para as pessoas que doaram um pouco de seu tempo para o trabalho diaconal ou da vida na comunidade não é uma perda do mesmo e sim um ganho em conhecimento, companheirismo e amizade. Tem pessoas

²⁹³ PESSOA 2. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

²⁹⁴ PESSOA 3. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

que apenas querem doar seu tempo para ajudar o próximo. E isso está além da religião.²⁹⁵

Somando-se aos argumentos já explanados, a Pessoa 4 menciona a relevância de se falar sobre o voluntariado doando tempo para o trabalho diaconal, pois esse fortalece as ações, mas também se ganha em diversos aspectos. Essa é mais um exemplo que atesta o quanto é importante a divulgação, da diaconia e de ser falado sobre voluntariado, o que é salientado pela Pessoa 5.

Eu acredito que se tiver mais divulgações dos trabalhos dentro da igreja, nas escolas nas prefeituras. Oferecer parcerias também com a Caritas católica. Ir ao encontro e não esperar que venham a nós. Divulgando o trabalho e ter credibilidade da comunidade com certeza teremos também mais membros retornando para suas igrejas. Podemos também levar trabalhos para serem feitos em suas casas. Por exemplo crochê, bordados, tricô, pinturas, consertos de roupas. Procurar o próximo.²⁹⁶

Esta pequena fala aborda em si diferentes assuntos, que merecem atenção. A mais evidente delas e já bastante abordada é a divulgação dos trabalhos da diaconia. Contudo, a partir desta divulgação, em distintas mídias, se fala nas importantes parcerias ecumênicas a serem estabelecidas pelo fortalecimento da diaconia, sem “inventar a roda”, mas somar forças a um trabalho já existente, o que muitas vezes é mais produtivo do que iniciar várias pequenas ações de menor impacto. O outro tema abordado é a credibilidade que a ação da divulgação pode proporcionar. Uma vez existindo transparência e divulgação de onde os recursos são empregados na forma de uma prestação de contas aberta, esse conjunto de ações tem a capacidade de atrair pessoas para o grupo e para a comunidade ou mesmo de motivar pessoas, organizações ou empresas de fazerem suas doações. A última questão trazida nesta fala aponta para o trabalho a ser realizado no “corpo a corpo”, divulgando, mostrando o que é feito, convidando diretamente para participarem da diaconia, como sendo capaz e atrair pessoas para o convívio comunitário.

Já para a Pessoa 10 o que se sobressai é:

Uma possibilidade seria falar mais sobre o trabalho diaconal, o que é Diaconia, falar sobre a teologia da IECLB, falar sobre como o serviço diaconal mudou ou transformou a vida das voluntárias, mas essa não é a nossa prática. Nesse sentido somos mais “pata” do que “galinha”, ou seja, sabemos

²⁹⁵ PESSOA 4. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

²⁹⁶ PESSOA 5. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

do “tamanho” do nosso servir transformador e auxiliador e não precisamos ficar falando do “tamanho” dele.²⁹⁷

Ela traz críticas ao seu próprio grupo usando a metáfora da pata e da galinha, em que a pata coloca um ovo enorme, mas não faz barulho, enquanto a galinha anuncia seu ovo cacarejando. Dessa metáfora, a galinha vende melhor seus ovos do que a pata, justamente pela divulgação. Segundo essa pessoa, o testemunho público deveria de acontecer mais, pois essa transformação real de vidas a partir do cuidado diaconal poderia cativar pessoas para o convívio comunitário ou mesmo para o grupo.

Essa linguagem se apresenta como algo do mundo das mídias digitais, na qual a Igreja está inserida.

A comunicação, se bem administrada, oferece a qualquer empresa agilidade e clareza, sendo ela a responsável pelo desenvolvimento humano e de sua organização. Tudo o que é construído, ou destruído, é pela comunicação ou falta dela. Em todas as esferas da atividade humana, as mais variadas sempre estão relacionadas com a utilização da comunicação. Dessa forma podemos perceber que a comunicação como um todo, serve para organizar e controlar. As mudanças contínuas e as formas de adequação criam uma nova realidade, pois as empresas cada vez mais têm necessidade de comunicar-se com todos os públicos para poder serem mais competitivas.²⁹⁸

Quando falamos em comunicação e divulgação, estas não se referem apenas aos processos externos de publicidade, mas à fluência na comunicação desde níveis mais internos como a comunicação entre o grupo. Esse parece ser um caminho para se obter bons resultados, partindo-se da fluência das informações e processos dentro de um grupo, para então lograr-se êxito na divulgação e comunicação para fora do grupo. Mostra-se assim, o trabalho realizado, como sendo um catalizador de novos e potenciais colaboradores e colaboradoras.

Como Igrejas históricas inseridas na era digital, e resistente a algumas de suas facilidades, elas ainda são muito conservadoras e temerosas em relação às mídias e às novas formas de comunicação. Contudo, conforme Hjarvard, as práticas e os imaginários religiosos vão se tornando cada vez mais dependentes da mídia.²⁹⁹ Assim, textos já anteriores à pandemia do COVID-19, já apontavam para a

²⁹⁷ PESSOA 5. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

²⁹⁸ SOUZA, Bruno Rodrigo de; FANTINI, Laisa Juliana Zucco; DALLAGNOLI, Simone; MORESCO, Sonia. **A importância da comunicação nas organizações**. FATESC, Brusque/SC. 2009. P. 1.

²⁹⁹ HJARVARD, S. **The Mediatization of Culture and Society**. New York: Routledge, 2013. P. 80.

necessidade do desenvolvimento da habilidade de lidar com os novos meios de comunicação. Assim nos diz Moisés Sbardelotto:

O crer contemporâneo é marcado pela pulverização e disseminação de práticas, linguagens e gestos de “bricolagem religiosa” de caráter maleável, fluido e disperso, centralmente marcados por processos comunicacionais. Por isso, os estudos sobre o fenômeno religioso precisam ultrapassar, além de uma certa “análise paroquial”, também uma “análise empresarial”, deixando de abordar a “mídia” apenas como as grandes empresas industriais de produção de informações. Inúmeros eventos recentes nos apontam que vivemos um período marcado, mais do que por “meios de massa”, por uma “massa de meios”, em que as mídias se revelam como um sistema complexo de agentes sociais e tecnológicos diversos, voltados para a interação pessoal e a comunicação social em constante mudança, que vão além das práticas e dos interesses da indústria cultural ou das instituições eclesiais.³⁰⁰

Desta forma, percebe-se que a comunicação é fator fundamental para oferecer algo à sociedade, face a tantas outras ofertas que se encontram facilmente na palma da mão. Isso não significa abandonar tradições, mas sim reinventá-las na necessidade vital de continuar comunicando na linguagem do povo. A pandemia veio para firmar a necessidade das novas mídias e acelerou sua consolidação.

Em sua participação na Missio, a igreja precisa entender como as pessoas lidam com a mídia, ou seja, perceber como as pessoas interagem com essas linguagens. Falando de forma prática, um trabalho comunitário em tempos de distanciamento social deve partir da verificação de quais são as mídias mais recorrentes entre as pessoas participantes da comunidade e como elas compreendem e se compreendem por meio do uso dessas linguagens; isto é, como tais mídias impactam no cotidiano das pessoas. Nesse processo, um outro passo se soma: respeitar a linguagem dentro de seus próprios parâmetros.³⁰¹

Se antes da pandemia já se apresentavam sinais de falha na comunicação e divulgação da diaconia, do meio para o fim dela, os sinais foram evidentes de que a diaconia da Igreja está mais preocupada com o fazer do que com o divulgar. Isso faz incorrer no erro de tornar algo tão prático que sua teoria é desconhecida e já não consegue comunicar mais efetivamente, pois já é cultural a aceitabilidade do seu fazer pouco refletido. Contudo, há esforços para que ela seja mais discutida e divulgada, crescendo vertiginosamente após o início da pandemia a urgente necessidade de se falar sobre diaconia. Procurando no Portal Luteranos, por exemplo de que a diaconia

³⁰⁰ SBARDELOTTO, Moisés. Religião pública: desdobramentos da midiatização da religião na cultura digital. **Tear Online: liturgia em revista**, São Leopoldo, v.3, n.1, p. 73-86, 2014. P.77. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/tear/article/view/2053/2227> Acesso em 13 mar. 2023.

³⁰¹ ADAM, Júlio César; REBLIN, Iuri Andréas; SALDANHA, Marcelo Ramos. Igreja em rede e liturgia online, é possível?. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 60, n. 2, p. 598-609, 2020. P. 604. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/59/48> Acesso em 13 mar. 2023.

passou a ser parte das notícias do portal e que está sendo mais divulgada. Contudo o caminho ainda é longo.

Desta forma, a partir da teoria e da prática, podemos afirmar de que sim, se faz necessário estar constantemente divulgando a diaconia e suas ações práticas, para então poder fazê-la mais conhecida em nossa Igreja e na *ecumene*. Tornando a diaconia mais conhecida, temos a possibilidade de torná-la parte fundamental do testemunho público da fé, fazendo com que mais pessoas conheçam esse serviço da Igreja.

6.2.2 Acompanhamento e cuidado ao grupo e às pessoas atendidas

Como sendo um tema diaconal, o cuidado não poderia ficar de fora do que consta no questionário realizado para o desenvolvimento da pesquisa-ação. Nesse tocante, o tema se desenvolve em duas ramificações que confluem. O primeiro é o cuidado de si e entre si, no grupo de diaconia. O segundo é o cuidado e acompanhamento a quem é atendido pelo grupo de diaconia e retalhos. Dessa forma, analisaremos o tema subsidiando as reflexões que seguem a partir do questionário da pesquisa-ação.

Para a Pessoa 6, o tema se evidencia no dia a dia do grupo:

Em nossa comunidade a diaconia é o único grupo que conseguiu continuar com o seu trabalho mesmo com algumas dificuldades, mesmo com mudanças de pastores continuamos desenvolvendo nossas atividades com membros da IECLB e de outras religiões, somos um grupo ecumênico, isso prova e quer dizer que não interfere em nada para quem realmente quiser fazer parte de um grupo de diaconia. Estamos sempre voltados ao próximo sem nenhuma remuneração. O nosso trabalho não tem limites de alcance vai muito além da nossa comunidade e da nossa igreja, chegamos aos mais carentes, levando assim uma palavra de Esperança, de fé de amor e reconciliação. Levando agasalho, comida, cama, remédios, ajuda para conseguir uma vida mais digna e melhor, fazendo visitas mensais às gestantes sempre orientando os cuidados para com os recém-nascidos. Incentivando as pessoas é possível sim, trazer mais membros para **interagir** [grifo nosso] na nossa igreja.³⁰²

Além do todo do cuidado estar expresso nas ações que são desenvolvidas pelo grupo, pois sua ação é majoritariamente cuidar de forma concreta de quem necessita apoio nas situações de vulnerabilidade, a citação expressa a missão e visão do próprio grupo que é sem remuneração, ecumênico, voltado ao próximo, levando

³⁰² PESSOA 6. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

amor, esperança, agasalho, comida, visitando a algumas pessoas, orientando, visando vida digna e melhor. Assim, ela mesma chega a uma importante conclusão, de que a interação é que pode trazer pessoas para a igreja ou para o grupo e não o convite forçado ou insistência descabida. O cuidado, como constituição ontológica, aqui, se evidencia na interação, sendo ela importante força motriz para o desencadeamento do tema que estamos pesquisando: a dialogicidade entre diaconia e conversão.

Para a Pessoa 7, fica evidente a importância de ser parte de um grupo onde o cuidado pode ser vivido intensamente entre as pessoas do grupo, bem como com as famílias acompanhadas. “Precisamos acolher encorajar ver o melhor que cada pessoa possa fazer para que se sinta bem. Nunca usar a Caridade em proveito próprio. Na diaconia podemos desabafar umas com as outras e ouvir o desabafo das famílias atendidas.”³⁰³ Dentro desta premissa, existe um potencial terapêutico nesse grupo. A primeira expressão de cuidado abordada nessa curta resposta é sobre poder desabafar umas com as outras. Esse fator parece, nas respostas apresentadas, ser como algo que as motiva à permanência no grupo e como sendo motivação de que a partir do cuidado ali sentido, se possa cuidar de outras pessoas, que tem outras necessidades. É como uma resposta ao estímulo de se sentir cuidado e cuidada e assim externalizar isso na forma de cuidado.

Este estímulo está expresso também na resposta da Pessoa 8, que assim diz: “Fazer visita, acolher, participar da igreja com vontade de ajudar. Não me senti acolhida na OASE, mas na diaconia sim. Na diaconia pude superar meu luto, na OASE não consegui encontrar esse espaço. A diaconia é espaço de cuidado umas das outras.”³⁰⁴ Ela traz essa resposta para a pergunta sobre a conversão de uma igreja para a outra, abordando o aspecto pessoal e a importante ação de ir ao encontro das pessoas. Isto traz à tona mais uma vez o aspecto do cuidado e como ele traz possibilidades para o tema da diaconia e conversão, desde experiências pessoais a coletivas.

O segundo aspecto evidenciado é o de ouvir às famílias atendidas e demonstrar-lhes cuidados que vão além do fato de entregar algo ou doar repasses. O

³⁰³ PESSOA 7. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

³⁰⁴ PESSOA 8. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

envolvimento e o cuidado com as pessoas atendidas se mostram como uma possibilidade concreta de interação e aproximação das vidas das pessoas com suas dificuldades com a comunidade de fé. Esta, por sua vez oferece, ou deveria oferecer espaços de cuidado e espiritualidade para quem sofre ou quer externalizar gratidão por apoios já recebidos por determinado grupo ou pela comunidade de fé. Assim, o cuidado se manifesta como constituição ontológica e possibilita o fortalecimento de um grupo ou de uma comunidade religiosa.

Novos argumentos são acrescentados pela Pessoa 9, cuja demonstra sinais de que a diaconia foi o que a fez se aproximar da IECLB, ainda que, por razões familiares, não saiu de sua igreja de berço.

O grupo ecumênico e isso é uma oportunidade. Não me senti bem com o trabalho do brechó na minha igreja, a luterana. Os grupos são fechados e não ouvem a opinião de outras pessoas. Não me senti bem nas servas, já esse grupo de diaconia ele acolhe, a liderança é acolhedora, contudo, já tenho minha religião e não mudaria para a IECLB. Apesar da troca de pastores o trabalho continuou. Falar mais sobre diaconia. Concluo que é mais fácil convidar as pessoas para participar do grupo, do que para a igreja, pois falar de igreja espanta.³⁰⁵

Dos diversos aspectos abordados por este trecho, no que tange ao assunto do cuidado, encontramos exatamente o que falamos nesse tópico: as possibilidades do trabalho diaconal, para que pessoas de outras religiões se cativem pela igreja e talvez decidam ser parte dela, por aproximação ou interação. Essa pessoa decidiu ser parte do grupo, pois nos trabalhos semelhantes em sua igreja se sentia excluída e não via acolhimento. Já na diaconia da IECLB, sentiu confiança na liderança e acolhimento e cuidado no grupo, por isso decidiu se somar a essa iniciativa, sendo que ela mesma fala que é mais fácil convidar as pessoas para participar e agir por uma causa do que diretamente para uma igreja, sendo ela um exemplo do que isso significa. Contudo, há razões que a fazem permanecer em sua igreja, porém, podemos afirmar que ela foi convertida para uma causa da igreja e isso se deu pela interação e pelo cuidado sentido.

Para a Pessoa 10, sente-se, em sua resposta, que diaconia é toda essa dimensão de cuidado expressa na vida e sentida nas diferentes fases da vida. Ou então, que ela pode dar respostas aos sonhos que se tinha e ainda não se haviam

³⁰⁵ PESSOA 9. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

conseguido realizar. Cuidar e ser cuidada possibilitou o preenchimento de algum sonho não concretizado.

Percebo que o trabalho diaconal realizado pelas integrantes do Grupo de Diaconia é sem pretensão de agradar as pessoas que buscam auxílio, mas de acolher de boa vontade, auxiliar naquilo que a outra pessoa necessita naquele momento. Esse servir alegre e traz um novo sentido para a vida delas. Numa ocasião duas voluntárias compartilharam que estão realizando uma atividade que gostariam de ter feito em sua vida profissional (tinham o sonho de ter uma loja de roupas).³⁰⁶

Ainda que semelhante ao que foi dito anteriormente, essa resposta agrega um novo significado ao cuidado como dimensão ontológica. Aborda, em si, a questão do sentido que diaconar traz à vida delas, conferindo alegria e novo sentido. Além do mais, para duas voluntárias, como dito, a Diaconia e seu brechó possibilitaram a realização de um sonho antigo de abrirem uma loja. Lógico que não estão ali apenas para isso, mas encontraram no voluntariado nesse grupo a motivação para cuidar de outras pessoas e cuidar de si fazendo algo que sempre tiveram vontade de concretizar.

Embora haja três temas apresentados nos parágrafos anteriores, cuidado de si e entre si, bem como o cuidado às pessoas acompanhadas, todos estão conectados com um tema chamado por Carla Vilma Jandrey em sua pesquisa como o cuidado enquanto constituição ontológica. Ela apresenta o tema desta forma, após pesquisas com base em teóricos e teóricas da área do cuidado.³⁰⁷ Resumidamente, para se chegar a esse conceito de Martin Heidegger, ela adota o cuidado que tem a ver com a essência do ser humano, sendo esse fruto do cuidado, não sendo possível imaginar sua existência sem ele.³⁰⁸ De Leonardo Boff, ela traz o que ele conclui a partir de Heidegger, o cuidado como um modo de ser, e sendo a figura humana diretamente ligada ao cuidado, ela projeta cuidado em tudo o que projeta e faz.³⁰⁹ Dessa pesquisa, ela ainda aborda o teólogo luterano Lothar Carlos Hoch, afirmando, então que o

³⁰⁶ PESSOA 10. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 1- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

³⁰⁷ JANDREY, Carla Vilma; GAEDE NETO, Rodolfo. **O cuidador familiar de pessoa idosa: o desafio de cuidar de quem cuida.** São Leopoldo, 2009. P. 51. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2009 Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/73/1/jandrey_cv_tm204.pdf

³⁰⁸ HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** Parte I. Petrópolis: Vozes, 1988. P. 264.

³⁰⁹ BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra.** 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. P. 91.

cuidado é uma condição primária humana³¹⁰, sem o qual não temos chance de sobrevivência e ainda segundo Boff, sem o qual o ser humano define e morre³¹¹, concluindo então, que o cuidado é uma constituição ontológica, que precisa estar presente no grupo, para que ele se mantenha, bem como ser estendido a quem é acompanhado pelo grupo que, se sentido cuidado, cuida de quem necessita apoio.

De acordo com o dito acima e para responder à questão que dá origem a esse tópico, podemos afirmar, a partir dos argumentos encontrado, de que sim, é fundamental pensar a dimensão do cuidado dentro do grupo e externalizá-lo para as pessoas atendidas por ele. O cuidado é fator essencial para o ser humano e a partir dele se criam vínculos que favorecem o fortalecimento e a permanência de um grupo, bem como pode acontecer a cativação de pessoas para se aproximarem do grupo, interagindo com ele e com a comunidade de fé. Essa cativação pode conduzir ao interesse de pessoas pela participação na vida da comunidade de fé, sendo assim estabelecido o diálogo entre diaconia e conversão.

³¹⁰ HOCH, Lothar Carlos. Educação evangélica a partir do conceito de vocação. In: **Lições**, São Leopoldo, n. 1, 3º trimestre de 1985. P. 25 ss.

³¹¹ BOFF, 2008, p. 34.

7 CONVERSÃO DE SEM IGREJA

Dentre os temas que aparecem no questionário aplicado relacionados à questão: “Quais as dificuldades e possibilidades existentes para que pessoas sem religião possam ingressar na IECLB a partir do trabalho da diaconia?”, são o proselitismo e as suas marcas, a falta de permanência e comprometimento das pessoas com o grupo e qual a missão e produto que a diaconia tem a oferecer diante de um contexto religioso que oferece curas, milagres e outros produtos. De igual modo ao tipo de conversão anterior, a análise estará dividida em dois blocos, dificuldades e possibilidades, na busca por uma interpretação mais próxima ao método de análise aplicado à pergunta que traz consigo estes dois conceitos. Abaixo, seguirão as análises feitas para cada uma destas questões.

7.1 Dificuldades

Em relação às dificuldades que aparecem quando se trata do tema da conversão de pessoas sem igreja, aparecem alguns tópicos que transcendem o tema em questão. O proselitismo, cujo medo de praticar é real na IECLB, faz com que a própria instituição se melindre em relação ao assunto, pois percebe-se que por já haver quem faça, não se quer repetir o ato. A falta de comprometimento é outra realidade que dificulta a conversão de pessoas sem igreja, pois dentro da própria igreja isso acontece, quando pessoas não se comprometem a viver e ser igreja. Também, externamente, há quem procure a igreja e logo depois de um tempo a deixa, por desinteresse. A última das questões que aparece é a pergunta por qual é a oferta da diaconia, uma vez que outras igrejas oferecem curas, milagres, prosperidade. A seguir analisaremos a cada um desses pontos aqui abordados.

7.1.1 A influência do proselitismo para o trabalho diaconal

Conforme já visto na primeira parte, o proselitismo deixou suas marcas negativas na história e fez com que o tema da conversão recebesse um significado pejorativo de violência religiosa em prol do crescimento de uma religião. Além do mais, no século XXI, continua deixando rastros de violência racial, de gênero, intolerância

religiosa e afins³¹², tomando proporções estratosféricas na dinâmica social influenciando opiniões e se posicionando social e politicamente. Isto foi escancarado, por exemplo, nas eleições de 2018, em que o uso da intolerância religiosa e demais tipos de ódio advindos do proselitismo conectados com as correntes fundamentalistas religiosas foram fatores essenciais para a vitória do candidato Jair Messias Bolsonaro, que construiu sua candidatura e posterior vitória à presidência do Brasil com base no ódio, desde o ano de 2014.³¹³

Para a Pessoa 1, o medo do proselitismo é real. Conforme ela diz “Muitas vezes as pessoas acham que a gente está ali para tentar tirar as pessoas das suas religiões, por mais que convidemos e explicamos, não adianta, porque acham que o nosso trabalho ou objetivo da diaconia não é valorizado.”³¹⁴ A sua escrita deixa evidente a desconfiança que existe em relação ao tema do convite para a interação entre as pessoas do grupo com as pessoas de fora ou até mesmo as que são atendidas e acompanhada. Essa premissa faz com que haja vergonha ou medo de fazer convites para as pessoas, pois isso pode parecer uma tentativa de evangelizar ou catequizar alguém. Por outro lado, como muitas igrejas fazem a sua evangelização dando itens de alimento ou de necessidade primária para as pessoas condicionando isso à proposta de salvação, batismo, entrar no quadro de membresia da igreja e afins, se cria esse ambiente de desconfiança de ambas as partes. Então, tanto quem recebe quanto quem doa perde a oportunidade de interação e convívio.

Para a Pessoa 10, a questão vai ainda um pouco além. Ela acredita que existe uma descrença em um sistema que já se mostrou falho em diversas questões.

Eu acredito que a dificuldade para trazer uma pessoa sem religião é justamente essa questão que é porque a pessoa sem religião já está descrente do sistema, das igrejas de modo geral. As igrejas se tornaram um comércio onde tu tens valor só quando tu tens dinheiro, quando tu estás em dia, quando tu contribuis, quando tu fazes além e se doa, ainda que aquilo não seja o teu trabalho. Sobre as dificuldades das pessoas sem religião virem

³¹² SANTOS, Milene Cristina Santos. **O Proselitismo religioso entre a Liberdade de expressão e o Discurso de ódio: a “Guerra santa” do Neopentecostalismo contra as Religiões afro-brasileiras.** Brasília, 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Mestrado em Direito Estado e Constituição, Brasília, 2012. P. 63ss.

³¹³ CIOCCARI, Deysi. O atentado contra Jair Bolsonaro: Imagem e a violência nas eleições de 2018. In: **LIBERO**. ANO XXI - No 42 JUL. / DEZ. 2018. P. 128.

³¹⁴ PESSOA 1. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 2- aplicado no mês de agosto de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

para a nossa. Eu vejo em primeiro lugar muito receio daquilo do que elas não conhecem e elas já estão desmotivadas, elas já estão sem rumos.³¹⁵

O primeiro ponto abordado por ela é que existe essa descrença e na sequência ela apresenta sua argumentação. Algumas igrejas são chamadas de comércio, por estarem associadas a pedidos de montantes significativos de dízimos, ofertas ou bens que as pessoas possuem em troca de bênçãos ou promessas. Outro fator que gera descrença é quando essa bênção ou promessa não acontece. Dessa forma, aqueles e aquelas que foram iludidos e iludidas com as promessas percebem que já doaram seu bem e mesmo assim não atingiram o resultado esperado com essa barganha. Além disso, existe o que foi mencionado anteriormente, as evangelizações que fazem convites insistentes para que pessoas entrem na sua igreja.

Um outro assunto abordado pela Pessoa 10 é o fato de que vivemos em um contexto em que muitas pessoas já se encontram sem rumo ou expectativas, devido a diversos problemas pessoais, conjunturais ou familiares. Dessa forma, e talvez até já tenham buscado ajuda nas promessas que lhes foram feitas por igrejas, e não as encontrando, caíram no descrédito. Estas e outras pessoas, conforme a resposta da Pessoa 10, por sua vez, não conhecem sequer a palavra diaconia, então temem se aproximar da igreja ou do grupo de diaconia, por desconhecerem a proposta ou associarem com outras experiências negativas que vivenciaram.³¹⁶

Além dos argumentos acima, precisamos nos lembrar de que o evangelicalismo e fundamentalismo latino-americano é fortemente influenciado pelos movimentos de avivamento espiritual dos Estados Unidos. Esse insuflou inclusive movimentos similares na própria IECLB, como o movimento Encontro³¹⁷, com tendências de apelo às emoções, evangelizações e chamados públicos ao arrependimento e à conversão.³¹⁸ Além disso, esse movimento de avivamento trouxe consigo ainda mais forte o proselitismo e os movimentos de evangelização pela conversão para uma determinada religião, estigmatizando termos como o ser evangélico ou ser evangélica. Isso causou o condicionamento do termo à sua

³¹⁵ PESSOA 10. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 2- aplicado no mês de agosto de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

³¹⁶ PESSOA 10. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 2- aplicado no mês de julho de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

³¹⁷ MOVIMENTO ENCONTRO, (20-), (s/n).

³¹⁸ SIMÕES, E. S., & SILVA, A. R. C. (2016). Fundamentalismo e evangelicalismo latino-americano. **Anais Dos Simpósios Da ABHR**, (2). 2016. (s/n).

insistência para que alguém seja da sua igreja.³¹⁹ Desta forma, encontramos o cenário que temos, de que existe medo em fazer convites relativos à religião, uma vez que isso pode ser confundido com algo insistente e pedante proselitista para mudar de igreja ou entrar na sua. Isso, por sua vez, aparece como uma das dificuldades enfrentadas pelo grupo em que foi realizada a pesquisa-ação.

7.1.2 Falta de comprometimento no trabalho da diaconia

Ainda que vinculado ao tema do voluntariado abordado no tópico anterior, nesta pergunta aparecem novos elementos para polemizar a questão do voluntariado. Contudo, aqui se expressam questões como o comprometimento com o trabalho e a permanência no grupo após passada a empolgação inicial dos trabalhos. Esse assunto está diretamente conectado com a identidade do voluntariado, quem é, como é, por que é e por que deixa de ser.

A pesquisa-ação apontou essa questão nas respostas desta pergunta. Para a Pessoa, as percepções que se tem ao abordar os assuntos descritos anteriormente são realmente verdadeiras e ela o menciona na ótica da história do grupo.

Olhando para trás e ver como nosso trabalho foi, e ainda é gratificante, percebi como as pessoas se afastaram do nosso convívio. No começo do nosso trabalho conseguimos atingir muito mais pessoas, era tudo novidade. DIACONIA ninguém tinha ouvido falar nessa palavra, a curiosidade bateu forte em cada um e cada uma, pessoas sem Religião, pessoas de vários credos, homens, mulheres e até crianças vinham participar. O tempo passou, os mais idosos continuaram, homens e mulheres começaram a achar besteira ajudar o próximo, começou desconfiança dentro da equipe mesmo tendo todo mês o acerto de contas. Tentamos uma diretoria, ninguém aceitou nenhum cargo, ficamos à deriva.³²⁰

Em sua opinião, isso dificulta o trabalho com pessoas, pois desarticulou muito as iniciativas como o acompanhamento que se tinha a famílias que buscavam ajuda para suas vulnerabilidades e com isso, já nem se sabe mais quais delas tem ou não uma religião. O grupo que existe, de certa forma, se tornou um executor de ações e foi sendo sobrecarregado pelas demandas e tarefas, diminuindo em número e não conseguindo angariar mais integrantes. Assim, algumas vezes se sentem à deriva, pois o comprometimento de diversas partes está enfraquecido. Esse sentimento foi

³¹⁹ SIMÕES; SILVA, 2016, (s/n).

³²⁰ PESSOA 2. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 2- aplicado no mês de agosto de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

potencializado na pandemia, quando se viram na necessidade de fazer cada vez mais ações, mas não tinham o êxito esperado ou tinham que escolher quem recebia o auxílio e quem esperaria por ajuda. Contudo, a Pessoa 2, ser parte do grupo ainda é gratificante, apesar dos percalços.

Já para a Pessoa 4,

Esta pergunta foi difícil de responder, já que não temos cadastro das pessoas e não sabemos se elas têm ou não uma Igreja. Mas penso que é difícil se tornar membro da nossa Igreja, pois muitas vezes as pessoas não tem tempo para fazer um curso para entrar na Igreja. Também tem que pagar e nem todas famílias conseguem pagar a mensalidade da Comunidade. As pessoas que vem na Diaconia ou no Retalho passam trabalho na vida, são pobres e não podem pagar e quando ouvem que precisa pagar, tem vergonha de assumir e preferem não ir mais na Igreja, pois não tem condição para isso.³²¹

Nesta resposta está explícito que as vulnerabilidades das pessoas, quer sejam as voluntárias ou as que são atendidas, são barreiras que impedem o acesso à comunidade e aos seus espaços, pois existe a vergonha, o medo de não corresponder, ou de não conseguir pagar. Também existe a questão de como se tornar membro ou membra se não há recursos para ir a um curso de novos e novas membras? Para a Pessoa 4, existe barreiras sociais que distanciam as pessoas apoiadas e a comunidade de fé, não sendo essa um espaço acessível para quem quiser interagir com ela, mas não possui os recursos esperados para conseguir chegar até lá. Ainda há de ser salientado que, há quem possa chegar até o grupo ou à comunidade, mas como acompanhar financeiramente festas, passeios, visitas? A dimensão da acessibilidade é algo a ser pensado a partir desta resposta.

As pessoas 5 e 6 expressam questões similares. Para a 5:

Quem procura a diaconia ou o Retalhos se impressiona que trabalhamos voluntárias na Comunidade e acham um absurdo não receber um pagamento. E ainda se impressionam que pagamos a Igreja todo mês, além de ajudar. Dessa forma, não querem vir para a Igreja ou ajudar no grupo.³²²

A partir desta resposta, conclui-se que o comprometimento com o voluntariado também é algo que está em crise, atualmente. Essa mesma sentença aparece de distintas formas em outras perguntas e respostas, mas aqui ela aparece como uma evidente dificuldade encontrada para que as pessoas venham a ser parte da igreja ou

³²¹ PESSOA 4. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 2- aplicado no mês de agosto de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

³²² PESSOA 5. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 2- aplicado no mês de agosto de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

do grupo, revelando-se a nível de comprometimento mediano com a diaconia e voluntariado da sociedade e mesmo da comunidade local.

Sempre ouço a pergunta: Vocês fazem isso de graça? Eu não ia ajudar de graça. Por isso o trabalho da diaconia às vezes não tem mais gente e falta mão de obra pra nos ajudar. As pessoas não querem compromisso e muito menos um cadastro na Igreja ou pagar a Igreja. Por isso, a não ser que a pessoa manifeste interesse, eu dificilmente convido pra ajudar na Diaconia ou no Retalhos. E nem pra igreja, porque eu não sei se ela vai ter condição de pagar, mesmo que seja muito menos do que o dízimo das Igrejas Pentecostais.³²³

O último dos pontos em que o tema do comprometimento aparece nesta questão é justamente no que isso acaba tendo como resultado. A conclusão a que a Pessoa 7 chega é de que existe esse pensamento de pagar a igreja, fazer cadastro e seguir burocracias existentes. Isso faz com que perca o interesse de convidar mais pessoas para serem parte do grupo e da igreja, sendo inclusive melhor, talvez, deixá-las sem uma igreja. A Pessoa 7, em sua resposta, inclusive faz pré-julgamentos, antecipando a questão de se a família ajudada teria condições de arcar com sua contribuição ou não, refutando qualquer possibilidade de diálogo na diretoria ou com ministro ou ministra local. Mais uma vez fica nítido que não existe um esforço para facilitar o acesso das pessoas à comunidade de fé adaptando-se às situações pessoais que elas apresentam.

Sobre este assunto, encontramos no livro *Novo Voluntariado Social*, algumas pistas para a reflexão. Desta forma, para compreender a identidade do voluntariado religioso vinculado à diaconia, distintos elementos vêm à tona, o que aborda Márcia Paixão no livro referido no parágrafo anterior:

Compreender as dimensões da ação, da práxis social da igreja na realidade Brasileira tem a ver com as suas motivações para o exercício do voluntariado. Pensando no voluntariado religioso, especificamente o luterano, não podemos passar de largo da ética luterana. Essa afirma que o sujeito vai ajudar/servir ao outro não para alcançar um lugar no céu mas como gratidão ao amor de Deus pela humanidade. Então, podemos afirmar que essa ética corresponde à ação da igreja no mundo, tendo como seu interlocutor, a outra pessoa. Essa outra pessoa é seu semelhante. Esse semelhante pode estar numa situação de sofrimento, injustiça ou opressão, mas isso não constitui desigualdade entre os seres humanos.³²⁴

³²³ PESSOA 10. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 2- aplicado no mês de agosto de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

³²⁴ SILVA, Jacqueline Oliveira; PAIXÃO, Márcia Eliane L. da. **Novo voluntariado social: teoria e ação**. Porto Alegre: Dacasa Editora, 2004. P. 79.

Com base na autora encontramos a ética fundamental do voluntariado luterano, que prima, pelo menos na teoria e em muitos casos na prática, em vivenciar atividades voluntárias, não como forma de alcançar a salvação, mas como meio de externalizar a gratidão pelo amor de Deus pela humanidade. Entretanto, para além disto, aliam-se questões antropológicas e sociológicas, uma vez que a religiosidade e a religião são socializações primárias. Ou seja, elas estão imbricadas no crescimento e desenvolvimento humano no seio familiar e assim, não podem ser ignoradas.³²⁵ Segundo uma pesquisa realizada por Jacqueline Oliveira Silva, o perfil das pessoas voluntárias apresenta-se da seguinte maneira:

As frequências encontradas quanto essas variáveis indicam maior concentração do sexo feminino (34,1%), com 52,6% das mulheres solteiras. a maior parte dos cadastrados não respondeu à questão profissão (54,9%). Entre os respondentes, a maior frequência é de estudantes (25,7%). Quanto ao nível de escolaridade, a frequência de maior expressão é com o terceiro grau completo (32,7%). A disponibilidade de tempo dos voluntários é menor que 4 horas semanais em 70% dos casos, apesar de apontarem, em 71,9% o desejo de uma vinculação permanente à atividade direta. A área de interesse mais citada foi cultura, com 35,25% das referências. As pessoas que compõem o cadastro analisado conhecem a ONG por indicação em 51% das citações.³²⁶

Sendo esse o perfil de uma ONG da sociedade civil, alguns aspectos se diferenciam daquilo que se encontra no voluntariado na IECLB. Contudo, há pontos convergentes que merecem uma análise cuidadosa. João Stumpf aborda, em sua pesquisa, o perfil das pessoas envolvidas com a diaconia na IECLB.

Os dados mostram-se claros ao afirmar que o principal grupo de pessoas que se envolve com a diaconia comunitária na IECLB são as mulheres com mais de 55 anos (resposta dada por 14 Sínodos), o qual é seguido pelo grupo das mulheres adultas de 29 até 55 anos (resposta dada por 12 Sínodos). Os homens adultos de 29 a 60 anos ocupam o terceiro lugar (resposta dada por 06 Sínodos) enquanto os homens com mais de 60 anos ocupam o quarto lugar (resposta dada por 04 Sínodos).³²⁷

A partir desta análise do contexto civil e eclesiástico podemos afirmar de que as mulheres são as principais protagonistas ativas nos trabalhos voluntários desenvolvidos, sendo em sua maioria acima de uma idade em que já se está à espreita de uma aposentadoria ou já se encontra aposentada. Outro dado a ser observado na pesquisa de Jacqueline Oliveira Silva é a motivação pela qual as

³²⁵ BERGER; LUCKMANN, 2001, p. 173-174.

³²⁶ SILVA; PAIXÃO, 2004, p. 114.

³²⁷ STUMPF, 2021, p. 150-151.

peças se tornam voluntárias. As motivações são diversas. Entretanto, o cuidado como constituição ontológica se sobressai na pesquisa, sendo que a partir do trabalho voluntário, as pessoas compreendem a relação entre si e outras pessoas bem como com o mundo. Elas podem, todavia, ajudar a quem precisa, aprender em conjunto, auxiliar a quem sofre, promover transformação social e amenizar problemas sociais. No voluntariado também existe o risco da intenção da expiação quando se faz alguma ação em busca de expiar pecados.³²⁸

Contudo, o tema do comprometimento é um tema sensível a ser visto. Na pesquisa apresentada por João Stumpf, está posto que 77,8% assinalaram 3 em suas respostas, em uma escala de 1 a 5, atestando assim, que membros e membras da igreja estão de forma mediana comprometidas com a diaconia comunitária. Esse nível de comprometimento ainda não parece estar refletido na profundidade das ações desenvolvidas, e sim ainda estar em camadas mais superficiais como doações para quem trabalha com a diaconia poder continuar seu trabalho, seja em roupas, itens ou repasses para instituições.³²⁹ Dessa forma, vemos, por exemplo, que existe 78 grupos de diaconia na IECLB, excluindo aqui grupos de visitação ou afins.³³⁰

Além desta questão da baixa profundidade no comprometimento, ainda existe, em toda nova iniciativa, uma desistência natural de pessoas por múltiplas causas. Segundo Jacqueline Oliveira Silva, as pessoas deixam de ser voluntárias, na maior parte das vezes por questões de vulnerabilidades. Isso entra em consonância com a questão do perfil das pessoas que trabalham no voluntariado e suas situações pessoais. Mulheres são vítimas em potencial do empobrecimento, das questões de cuidar do lar e da família e então intercorre o cuidado com filhos e filhas, netos e netas, condições de deslocamento e seu custo. Além disso, demais voluntários, em boa parte também não desfrutam de posições de privilégio e precisam renunciar a isto por sua sobrevivência. Outros temas que entram em conflito e causam desistências são falta de preparo para a tarefa, pois se negligência essa questão ou decepções com a tarefa ou a estrutura que a fomenta. Assim, existe uma perda significativa de pessoas em iniciativas voluntárias estendendo-se para a diaconia na maior parte das comunidades.³³¹

³²⁸ SILVA; PAIXÃO, p. 118-123.

³²⁹ STUMPF, 2022, p. 135.

³³⁰ STUMPF, 2022, p. 133.

³³¹ SILVA; PAIXÃO, 2004, p. 128-130.

Um dado que, de igual modo se sobressai na pesquisa de João Stumpf é o comprometimento de ministras e ministros com a diaconia comunitária. Em uma escala de 1 a 5, 77,8% atestaram que estariam apenas no número 3 de comprometimento firmado com a diaconia em suas comunidades. Embora seja um número do meio, esse dado demonstra que as pessoas ficaram indecisas na hora de responder, adotando um número mediano, não confirmando esse compromisso.

Após dito isto, percebemos que existe sim, por um lado, um comprometimento extremo com a diaconia, da parte das pessoas que verdadeiramente estão empenhadas no labor diaconal. Por outro lado, existe pouco empenho e compromisso da comunidade e de ministros e ministras para com a diaconia. Isto se explica quando da verificação dos fatos de que a tarefa da diaconia é majoritariamente realizada por mulheres para com pessoas marginalizadas, o que aparentemente não atrai ou desperta interesse.

7.1.3 O produto da diaconia face a uma sociedade de mercado

Em tempos pós-modernos, a religião e a religiosidade se tornaram um assunto que cada vez mais vem sendo individualizado e existe artigos que desde 2010 já atestam a categorização da religião como algo cada vez mais individualizado.³³² Dessa forma, a religião ou a religiosidade torna-se líquida e a mercantilização da fé vai se tornando concreta, pois necessidades coletivas passam a ter menor importância em detrimento dos anseios pessoais.

Isso de fato fica evidente quando as pessoas participantes do grupo de diaconia trazem seus questionamentos acerca do assunto.

No começo, nós tínhamos como melhor apresentar nossa missão, era visível: cestas básicas, remédios, consultas, material escolar, exames médicos e tantas outras. Hoje, isso tudo é suprido pelo serviço público. Então, temos que inovar a cada dia, mas não é fácil, nós luteranos e tantos outros precisamos VER PARA CRER. O Apóstolo Paulo, Guiado pelo Espírito Santo, deixa claro que recebemos a salvação pela Graça de Deus, por meio da Fé em Jesus Cristo. E isso não basta para nós, queremos coisas palpáveis. Enquanto isso, as Igreja Pentecostais gritam e prometem a cura e a salvação de tantas outras

³³² BOBSIN, Oneide. Experiências religiosas contemporâneas e individualização. In: **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 51, n. 2, p. 304-318, dez. 2011. P. 305. Disponível em: http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/210/229 Acesso em 22 Jul. 2023.

coisas, o que não tem na Igreja Luterana. Preferem ir onde a promessa é visível e não pela fé.³³³

De alguma forma, na fala da Pessoa 3 existe uma comparação entre as teologias luterana e de outras igrejas. Em sua fala deixa evidente que as pessoas precisam ver para crer e compreender o que está sendo feito ou doado de concreto. Entretanto, em tom de autocrítica, essa pessoa também traz a teologia luterana afirmando que, segundo o apóstolo Paulo, a salvação não vem por obras. É interessante pensar que essa pessoa se dá conta de que o assunto traz utopias necessárias de serem abordadas com crítica e autocrítica, pois enquanto isso, principalmente as igrejas pentecostais e neopentecostais têm adotado tons agressivos e proselitistas, ofertando soluções pelas quais as pessoas esperam diante de seus anseios e preocupações. Conclui-se que, na fala da Pessoa 3, ela espera polemizar o tema, para que de fato se fale sobre ele e busque alternativas que não sejam a inércia, diante do que acontece em outros lugares.

Para a Pessoa 6, está anexa a questão de que esse grupo e essa comunidade oferecem algo até mais coerente e melhor do que igrejas que gritam e prometem, mas estas que falam mais alto sabem fazer melhor propaganda e divulgação do seu produto.

As igrejas tipo da Assembleia de Deus ou Universal oferecem cura, milagres, dinheiro. A gente sabe que isso é furada, mas eles conseguem oferecer algo concreto. E nós o que oferecemos? As doações talvez, mas falamos muito pouco do que fazemos, então, às vezes não somos valorizadas nem pela comunidade, pois o trabalho não rende pra igreja, e sempre pede doação pra ela.³³⁴

Nesta fala, existe, de igual forma, crítica e autocrítica. Contudo, se apresenta uma tentativa de solução em relação ao assunto em questão: a divulgação. Entretanto, nem sempre é fácil, pois a comunidade não valoriza o trabalho da diaconia e retalhos. Assim se entra novamente no ciclo que antes já foi abordado. Existe a desvalorização, por diversas razões que como uma reação em cadeia atinge a todo o trabalho.

A diaconia não tem um produto como o grupo de retalhos. Nosso trabalho é a doação e o repasse de itens, a partir do que vendemos no brechó. Então,

³³³ PESSOA 3. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 2- aplicado no mês de agosto de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

³³⁴ PESSOA 6. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 2- aplicado no mês de agosto de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

se sabemos que tem uma família precisando, fazemos a doação. Ou fazemos chegar um armário que foi doado. Assim, não conseguimos acompanhar cada caso que chega pra nós. Não há tempo, nem pessoa e nem espaço para acompanhar os casos. Assim, não temos cadastro feito. Isso tinha lá no começo, mas ficou difícil.³³⁵

Para a Pessoa 9, como dito na citação acima, há bastante trabalho a ser feito. Entretanto, esse ainda não é algo visível. Porém, salienta que o grupo de retalhos tem algo visível, diferente da resposta anterior. Para a Pessoa 9 falta tempo, recursos, pessoas e um cadastro feito para poder acompanhar para quem e para onde vai o dinheiro ou a doação empregada. E embora se saiba que um cadastro ajudaria, não existe uma disposição, pensando que seria uma demanda a mais para quem já está sobrecarregada no grupo. As pessoas, em uma perspectiva individualista estão cada vez mais focadas em resultados e produtos.

Bauman (2001) evidenciava, em seu estudo de sociologia, a 'modernidade líquida', a crise da identidade presente na pós-modernidade, identidade essa tratada como mercadoria, mercado, produto, em um distanciamento programático do indivíduo de sua própria essência. Outro sociólogo, Maffesoli (2006-I), alerta para a ruptura do indivíduo com sua individuação, no mergulho das vivências coletivas indissociadas. O cenário da pós-modernidade torna-se caótico pela ruptura brutal do indivíduo com sua essência, crenças, valores, identidade em uma fragmentação psíquica na qual o indivíduo vive distante de seus dons naturais (HILLMAN, 1996). A rota e o destino perdidos que eleva consideravelmente a ansiedade na pós-modernidade, faz com que essa se transforme em elemento cultural (LOPEZ, 1997). A ansiedade vira transtorno por que desconfigura a existência, as vivências, a identidade e a socialização.³³⁶

Uma vez desconfigurada a socialização, de fato, essa necessidade humana primária, acaba cedendo lugar para a exaltação da importância da dimensão do eu. A religião, por mais que se preocupe em produzir teologias que levem em consideração essa coletividade, não pode negar a existência de correntes individualizantes dentro do universo e imaginário religioso brasileiro. A sociedade de mercado faz com que os produtos que beneficiem essa faceta humana e solucionem seus problemas seja enfatizada, nascendo, assim a dificuldade pela preocupação pelo que é visível de ofertas dentro da religião. Estas se apresentam como uma dificuldade enfrentada pelas igrejas históricas, pois sua tendência não é trabalhar com produtos e ofertas, mas na medida do possível salientar o transcendente. Conforme afirma Wanda

³³⁵ PESSOA 9. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 2- aplicado no mês de agosto de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

³³⁶ DE LIMA, Jorge Antônio Monteiro. A pandemia do desespero. In: **Revista Mosaico-Revista de História**, v. 14, n. 2, p. 94-100, 2021. P. 96.

Deifeldt, isso é ainda mais sensível no sul global, em específico na América Latina e Caribe.

Em alguns lugares do Caribe e da América Latina, grande parte da população vivia abaixo da linha de pobreza e era especialmente suscetível à atração da teologia da prosperidade. Mas também entre as classes abastadas houve grande interesse pelo evangelho da prosperidade, pois ele corrobora muitas de suas aspirações sociais. A riqueza e o sucesso são interpretados como evidência externa do favor divino. Nesse contexto, a bênção financeira é o desejo de Deus. Assume-se que a fé, o discurso positivo e as doações para os ministérios cristãos aumentam a riqueza material do fiel. A mensagem é que esses benefícios estão ao alcance de todos, desde que estejam em conformidade com os ensinamentos da igreja.³³⁷

Diante desse cenário, as religiões acabam tendo que responder minimamente aos anseios de uma sociedade hedonista, individualista, imediatista, estes que, na sociedade de consumo, são sacramentados pela Teologia da Prosperidade.³³⁸

A teologia da prosperidade ensina que Deus quer que seus seguidores sejam saudáveis e ricos. Para os milhões que vivem fora da prosperidade, o sofrimento é visto como castigo de Deus, mas essa punição pode ser revogada por meio de boas obras (que incluem assistir ao culto, sessões de oração e cura, bem como doações financeiras através do dízimo). As boas obras, por sua vez, são recompensadas por Deus em forma de sucesso, bens materiais ou saúde. A teologia da prosperidade interpreta a Bíblia como um contrato entre Deus e os seres humanos: se os seres humanos tiverem fé, Deus cumpre suas promessas de segurança e prosperidade.³³⁹

Assim sendo, no universo de significados e significâncias, brota um questionamento sobre qual é o produto concreto da diaconia e o que ela oferece às pessoas face à enormidade de ofertas do mundo religioso.

Diante da sociedade de mercado, o produto da diaconia existe e de forma concreta, pois pode modificar de forma real a vida de pessoas. São doações, aconselhamento, acompanhamento, propostas que a longo prazo podem transformar realidades. Porém, há consciência de que não se podem ofertar soluções miraculosas. Entretanto, grupos de diaconia não podem querer interferir em questões mais

³³⁷ DEIFELT, Wanda. Teologia Luterana como desafio ao fundamentalismo religioso e à teologia da prosperidade. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v.57, n.2, p. 333-349, dez. 2017. P. 341. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/313/261> Acesso em: 27 Mar. 2023.

³³⁸ PAULA, Robson Wander de. **Teologia da prosperidade**: adaptação da religião à lógica da sociedade de consumo. 2013. P. 105. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) Faculdade de Humanidades e Direito, Programa de Pós Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/261/1/ROBSON%20WANDER%20DE%20PAIVA.pdf> Acesso em: 27 mar. 2023.

³³⁹ DEIFELDT, 2017, p. 341.

profundas que não lhe dizem respeito, como soluções mágicas para problemas que não estão ao alcance do fazer de pessoas voluntárias. Há problemáticas que devem ser encaminhadas para pessoas profissionais de determinadas áreas, atuando assim, na vida das pessoas, sem agir de forma charlatã ou irresponsável. Pode-se também, propor mais divulgação do que vem sendo feito, mostrando assim, que há um produto concreto e que promove transformação no contexto.

7.2 Possibilidades

Em relação às possibilidades que se criam, quando o tema é sobre a conversão de pessoas sem denominação religiosa, os temas que surgem são: a formação para a diaconia em todos os níveis da igreja, para os ministérios não diaconal de maneira a estarem minimamente preparados para motivar para a diaconia; se nossas comunidades são acessíveis a todas as pessoas; divulgação e oferta de um produto da diaconia e as necessárias parcerias e vínculos para o desenvolvimento de uma ação diaconal. Dessa forma, a exemplo dos tópicos anteriores, abordaremos um a um nas páginas que seguem.

7.2.1 Formação sobre diaconia para todos os ministérios da igreja?

A temática da formação já foi abordada em distintos aspectos no texto, bem como aparece na pesquisa. Contudo, nesse momento, ele aparece como uma problemática dentro das possibilidades a serem trabalhadas. Aqui, destaca-se a necessidade de capacitação para a diaconia focada no ministério da igreja, incluindo os ministérios não diaconal, que são catequético, missionário e pastoral. Essa não é uma reivindicação nova e pelo que se pode perceber, não se espera que sejam profissionais da área da diaconia. Entrementes, almeja-se que possam minimamente conhecer a diaconia e motivarem para que ela aconteça. O questionário da pesquisa-direção direciona o tema para uma responsabilidade conjunta.

Muito difícil essa tarefa dentro da diaconia, a não religiosidade pode vir a ser uma dificuldade para que a pessoa se apegue a atividades. Uma pessoa com religiosidade, em tese, tem as aptidões necessárias para atividades que busquem minorar as dificuldades e/ou o sofrimento dos semelhantes. Isso não significa que venham a participar da nossa vida na IECLB, a Diaconia, ao meu parecer anda sozinha, se tivesse mais apoio dos ministros, da paróquia e suas comunidades creio que seria diferente... Em primeiro lugar, precisamos mudar o Ensino no Pastorado dentro da Teologia, para daí sim

trabalhar em conjunto. Não temos o apoio da entidade maior, se temos está muito errado, temos que ser um todo, se não, nada vai adiantar.³⁴⁰

A fala da Pessoa 1 retrata uma desconexão entre o trabalho diaconal e a vida comunitária de fé. Isso poderá ser abordado de forma mais aprofundada na parte do acolhimento, mas isso se revela uma dificuldade e possibilidade ao mesmo tempo. Se bem explorado, a comunidade apoiar a diaconia se converte em uma ação missionária de maior relevância no contexto em que estas se inserem. Todavia, se não houver diálogo, inexistem chances de que as pessoas busquem a comunidade após serem acolhidas em seu trabalho diaconal. A forma de acolhimento e hospitalidade precisam ser repensadas, bem como o modelo tradicional da comunidade operar e acolher as pessoas.

Para a Pessoa 2 é necessário também uma descentralização das atividades pastorais como sendo o cerne da vida cristã. Existe uma supervalorização da figura pastoral, fazendo com que até mesmo pessoas de outros ministérios precisem aprender o ofício pastoral em detrimento de seu ministério específico.

Os ministros estão preparados na teologia para pregar e não fazer Diaconia, não é culpa deles, mas sim, da entidade. Um dia perguntei para uma Diácona qual a função dela, ela respondeu: posso até pregar. Os próprios Ministros bloqueiam as atividades Diaconais, eles priorizam a pregação, pois foram preparados só para isso.³⁴¹

Chama atenção que com a mudança na formação, passando tudo para o bacharelado em teologia, o que antes era específico de cada ministério se perdeu ao longo dos últimos anos, por diversas razões, impondo a necessidade de que todos os ministérios soubessem fazer tudo o que diz respeito à vida comunitária, vivendo mais intensamente a missão interna em detrimento da externa. Uma das razões foi a dificuldade de a igreja acolher aos ministérios específicos. Contudo, é também verdade que se avançou na teologia da diaconia, o que também precisa ser salientado.

O assunto demonstra-se de importante valia e carece de mais pesquisas e referências na área, levando em consideração que, em território brasileiro, a Faculdade EST foi pioneira em ter uma cátedra de diaconia no bacharelado em

³⁴⁰ PESSOA 1. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 2- aplicado no mês de agosto de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

³⁴¹ PESSOA 2. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 2- aplicado no mês de agosto de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

teologia. Isso aconteceu apenas em 1998³⁴² e segue sendo uma disciplina em busca de conceituação, por sua amplitude e dinamicidade.³⁴³

Desta forma, pesquisadores e pesquisadoras da área ressaltam a questão da formação da seguinte maneira:

*Tanto em comunidades quanto em instituições deve haver participação das pessoas atuantes no planejamento, execução e avaliação de objetivos e atividades.

*Encontros semanais quinzenais ou mensais da equipe de trabalho para o preparo das atividades, a troca de informações, a reflexão.

*Diante das dificuldades buscar caminhos em equipe.

*Promover encontros com pessoas de outras comunidades/instituições afins.

*Promover encontros e seminários, convidando assessores/as, profissionais, obreiras/os diaconais, para estudar temas de interesse e necessidade.

*Participar de encontros promovidos pelo município outros órgãos públicos e entidades que estejam ligadas ao trabalho desenvolvido.

*Participar de encontros a nível distrital, regional e nacional na IECLB. Depois de participar é preciso planejar o encontro para o repasse de informações/aprendizado para as/os demais.

*Conhecer outros trabalhos através de visitas, livros, filmes.³⁴⁴

Para as autorias do livro *Diaconia: fé em ação*, a questão passa pela formação contínua, que muitas vezes é negligenciada, além é claro, da necessária formação de qualidade para alguém se tornar ministro ou ministra diaconal na igreja. Leve-se em consideração que esse livro foi lançado antes de a diaconia ser um componente curricular acadêmico. E esse permanece sendo um desafio a ser afirmado. Se faz necessária a diaconia como componente, mas também ampliar sua visão a partir da transversalidade.

Beulke aborda que,

Mas, mais do que uma disciplina específica de Diaconia, nas Faculdades de Teologia, é necessário que as diversas disciplinas teológicas integrem a dimensão diaconal. A seu ver (Paul Philippi), a teologia deveria estar permeada pela diaconia. Assim como o fermento leveda uma massa toda, a diaconia deveria permear toda teologia. Urge tratar a diaconia com pergunta teológica central.³⁴⁵

Enquanto os textos acima tratados retratam necessidades da década de 90, as memórias do Conselho Nacional de Diaconia da IECLB, bem como seu planejamento missionário abordam o assunto como uma demanda ainda atual. O

³⁴² GAEDE, 2021. P. 14.

³⁴³ GAEDE, 2021. P. 30.

³⁴⁴ NORDSTOKKE (Org.), 1998, p. 86.

³⁴⁵ BEULKE, Gisela. O lugar da diaconia na teologia. In: IEPG. Escola Superior de Teologia; HOCH, Lothar Carlos. **Garimpando na lavra da diaconia**: coletânea I. São Leopoldo: IEPG, 1998. P. 180.

extrato da ata do Conselho Nacional de Diaconia de abril de 2016 cita a importância da capacitação ministerial para o trabalho diaconal com pessoas idosas³⁴⁶

A reunião de 5 de maio de 2021 aponta para uma dimensão semelhante, englobando formação para o sacerdócio geral de todas as pessoas que creem, incluindo o ministério com ordenação. “Formação para a promoção de uma cultura diaconal em comunidades e Sínodos para que as pessoas entendam diaconia como mais do que uma ação de doação, mas uma ação que envolve e que transforma efetivamente no contexto.”³⁴⁷

Além desta, a reunião de agosto de 2022, através do planejamento missionário, aponta a necessidade de assessorar a igreja em sua formação para o ministério diaconal, bem como na formação para a diaconia em sua transversalidade para os demais ministérios.³⁴⁸

Desta forma, percebe-se que argumentos antigos e novos referenciam algo de relevância para o desenvolvimento da diaconia na IECLB e isso é reforçado pela pesquisa-ação em diaconia: É necessária melhor formação para a diaconia em âmbito geral, mas principalmente para os ministérios. Entrementes, a Pessoa 1 afirma que existe possibilidades dentro da diaconia para que pessoas sem religião possam vir a ser parte da IECLB mediante o trabalho diaconal, porém, é necessário um esforço pela formação e maior conhecimento da diaconia por parte dos ministros e ministras da IECLB. Além disso, é necessário repensar toda a questão do pastorcentrismo na igreja, sendo o pastor ou a pastora quem está em maior número no ministério da igreja.

Com base nos argumentos, pesquisa-ação em diaconia e reflexões, conseguimos concluir de que existe uma premente necessidade de qualificação da formação em distintos níveis sobre diaconia, mas principalmente no que tange à formação de ministros e ministras da IECLB. Isso quer seja para o ministério diaconal, com maior foco na profissionalização para a diaconia ou para os demais ministérios, pois em seus campos, essas pessoas serão formadoras para essa ação.

³⁴⁶ CONSELHO NACIONAL DE DIACONIA. São Leopoldo. **ENCONTRO ANUAL DO CONSELHO NACIONAL DE DIACONIA** – CONAD 15 E 16 DE ABRIL DE 2016. Acervo virtual. P. 1.

³⁴⁷ CONSELHO NACIONAL DE DIACONIA. São Leopoldo. **Memória da Reunião do Conselho Nacional de Diaconia (CONAD)**– CONAD 5 de maio de 2021. Acervo virtual. P. 2.

³⁴⁸ CONSELHO NACIONAL DE DIACONIA. São Leopoldo. **Conselho Nacional de Diaconia – CONAD**. 19 a 21 de agosto de 2022. Acervo virtual. P. 22-23.

7.2.2 O desafio de ser uma igreja acessível

A Pessoa 3 assim o diz, na pesquisa-ação:

Dentro do nosso trabalho Diaconal aconteceu um fato novo, uma pessoa com muitas dificuldades veio até nós, pedindo para participar na nossa Igreja, conversamos, dei os horários dos cultos e ela agradeceu muito, disse que nosso trabalho de repasse de itens e apoio com alimentação a motivou a ingressar. Fui toda empolgada falar com o Ministro pois foi a primeira vez que isso aconteceu. Resposta que tive, se ela aparecer vou receber ela e até fazer o cadastro dela na comunidade... Ela nos procurou por ser uma pessoa carente sem condições, não é a hora de os Ministros fazer uma visita para a mesma? Fazer cadastro que dizer, registrar e dar o famoso carnê... Só mudando toda a estrutura da IECLB.³⁴⁹

Casos como esse não são isolados dentro do contexto da IECLB. Contudo, quando eles acontecem, parece que a igreja não está preparada para lidar com eles. No próprio grupo, apenas no tempo de acompanhamento ao grupo da pesquisa-ação, três casos ocorreram, com pequenas diferenças entre si, um deles será abordado na pergunta 4. Contudo, a resposta para todos sempre se apresenta como uma barreira, tornando o caminho para se tornar membro ou membra da IECLB algo inacessível. Nesse caso mencionado pela Pessoa 3, se espera que a pessoa venha e cumpra todos os requisitos do que é ser uma pessoa evangélica de confissão luterana no Brasil. Se faz necessário carnê, inscrição, curso, registro, deixando de lado a acolhida esperada por quem se aproxima de um contexto diferente. A crítica da Pessoa 3 aponta para a necessidade de adaptação de quem vem de fora e estava sem uma religião e não do acolhimento e adaptação de quem a recebe, tornando o caminho e o espaço mais acessível e acolhedor.

Do conhecimento produzido na área da inclusão de pessoas com deficiência, podemos adotar os conceitos básicos de acessibilidade e inclusão. Um dos principais teóricos e ativistas da área, Romeu Sassaki define estes conceitos, combinando teoria e sua prática na defesa e garantia de direitos de pessoas com deficiência. Sobre o conceito de acessibilidade, ele traz o seguinte:

As seis dimensões são: arquitetônica (sem barreiras físicas), comunicacional (sem barreiras na comunicação entre pessoas), metodológica (sem barreiras nos métodos e técnicas de lazer, trabalho, educação etc.), instrumental (sem barreiras instrumentos, ferramentas, utensílios etc.), programática (sem barreiras embutidas em políticas públicas, legislações, normas etc.) e atitudinal (sem preconceitos, 2 estereótipos, estigmas e discriminações nos

³⁴⁹ PESSOA 3. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 2- aplicado no mês de agosto de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

comportamentos da sociedade para pessoas que têm deficiência). Portanto, a acessibilidade é uma qualidade, uma facilidade que desejamos ver e ter em todos os contextos e aspectos da atividade humana. Se a acessibilidade for (ou tiver sido) projetada sob os princípios do desenho universal, ela beneficia todas as pessoas, tenham ou não qualquer tipo de deficiência.³⁵⁰

A estas dimensões ainda está em discussão sobre a dimensão digital, com a ascensão da tecnologia e aceleração do uso dos meios digitais.³⁵¹ Contudo, uma conclusão a que teóricos e teóricas desta área chegaram é a de que o tema da acessibilidade e seus desdobramentos práticos também trazem melhora significativa para a vida de pessoas sem deficiência.

A acessibilidade não se resume à questão arquitetônica, pois existem barreiras de outros tipos que dificultam a vida de muitas pessoas. Por exemplo: o que é mais fácil: subir uma escada ou uma rampa? Ler um texto escrito com uma letra pequena ou grande? É importante frisar que a acessibilidade é boa para todas as pessoas, pois “onde passa uma pessoa com deficiência, todas as pessoas passam com mais qualidade de vida” (Flávia Filippine).³⁵²

De igual maneira, o conceito de inclusão vem fortemente imbuído da epistemologia produzida através das teorias da área da pessoa com deficiência, embora, o assunto seja pauta de igual relevância para as teorias LGBTQIA+, *Queer*, estudos de gênero, etnias, culturas, tradições, entre outros. Porém, o tema LGBTQIA+ sequer apareceu na pesquisa de campo, e pouco aparece na pauta de assuntos da igreja. Englobamos a ele no tema da acessibilidade. Entretanto, ele carece ainda de muita discussão na igreja. O tema acessibilidade é abordado por Romeu Sasaki nesta perspectiva.

Inclusão, como um paradigma de sociedade, é o processo pelo qual os sistemas sociais comuns são tornados adequados para toda a diversidade humana - composta por etnia, raça, língua, nacionalidade, gênero, orientação sexual, deficiência e outros atributos - com a participação das próprias pessoas na formulação e execução dessas adequações.³⁵³

De igual forma, agentes diaconais e comunidades não podem ignorar na prática, a acessibilidade como uma de suas dimensões fundamentais.

³⁵⁰ SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. In: **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009. P. 1-2.

³⁵¹ GOVERNO FEDERAL. **Acessibilidade digital**. Brasília/DF, 201-. s/n. Disponível em <https://www.gov.br/governodigital/pt-br/acessibilidade-digital#:~:text=Acessibilidade%20Digital%20%C3%A9%20a%20elimina%C3%A7%C3%A3o,maneira%20efetiva%20com%20as%20p%C3%A1ginas> Acesso em 09 Mai. 2023.

³⁵² IGREJA EVANGÉLICA DE CONFESSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2017, p. 16.

³⁵³ SASSAKI, 2009, p. 1.

Jesus em seu ministério fez da mesa um local para todas as pessoas, era uma mesa acessível e inclusiva. Não há restrição e barreiras para participação, pois para ele todas as pessoas são importantes, do jeito que são. A partir disso, precisamos nos perguntar: por que na sociedade e em nossas comunidades existem barreiras que dificultam ou impedem a participação de pessoas? Se o Evangelho é inclusão, por que há exclusão?³⁵⁴

As barreiras e restrições impostas, talvez de forma imperceptível, automática ou pela manutenção da tradição se apresentam como temas a serem repensados quando o assunto é acolher uma pessoa que não possui religião no meio da IECLB. É necessário lembrar que, muitas vezes, as pessoas vêm de tradições religiosas familiares, culturas, orientação sexual ou formas de pensar diferentes daquela em que membros e membras da IECLB estão imersas. Essa se apresenta como uma possibilidade dentro da pesquisa-ação, mas não está isenta de críticas pela pessoa que levantou esse tema.

Podemos afirmar que existe iniciativas inclusivas e acessíveis na IECLB e que buscam diálogo. Entretanto, respondendo à pergunta que dá origem a esse tópico, salientamos que ainda se tem muito a fazer para que a igreja seja de fato acessível a pessoas que, por alguma razão e motivadas por algum trabalho diaconal que a acompanhou, queiram fazer parte da IECLB. A dimensão diaconal da acessibilidade ainda é um tema em busca de concretização para que se alcance uma igreja atrativa, inclusiva e missionária.

7.2.3 A importância do pertencimento e da identidade

Quando falamos em oportunidades para se trabalhar o tema da conversão de pessoas sem religião para uma religião, é impossível não mencionarmos a relevância desses dois temas: pertencimento e identidade. Sendo a conversão uma socialização secundária, como visto na primeira parte, para que ela se torne concreta, deve haver o desenvolvimento dos temas do pertencimento e da identidade para que ela ocorra.

Estes são os pontos para os quais apontam as pessoas 4, 5 e 6 em nossa pesquisa-ação. Para elas, tudo se trata de uma questão relacional, de sentimento de pertença e identidade a ser elaborada em conjunto e não apenas por quem se aproxima da igreja mediante um trabalho diaconal. Entrementes, para a Pessoa 4:

³⁵⁴ JANDREY, 2022. (s/n).

Quando temos a possibilidade de mostrar nosso trabalho na diaconia, mesmo sendo de outros credos, nos fortalece para continuar convidando as pessoas para participar, porque dando a cara a tapa para todos ver que por mais que ajude um pouco o próximo, faz bem. Mostrando que por mais pequeno que seja o gesto com serenidade e transparência é muito gratificante mesmo que se for separando uma roupa para ser doada ou só para ir conversar e escutar umas palavras que às vezes precisamos falar, ou um abraço que precisamos.³⁵⁵

Na perspectiva desta pessoa, uma oportunidade reside quando se pode mostrar o seu trabalho, ainda que seja na prática, pois ele pode gerar vontade de pertencimento a quem atendido ou atendida pela comunidade de fé ou seu grupo de diaconia. Por outro lado, a Pessoa 4 está falando de sua identidade, pois, para ela, seu trabalho diaconal é constante pertencimento moldando sua identidade líquida, sendo ela consolidada a cada vez que pode atender a alguém ou falar sobre o que desenvolve ou produz.

Nesse mesmo sentido, a Pessoa 5 expressa a constante necessidade de ir ao encontro de quem necessita e talvez não tenha nenhuma religião. Ela acaba indo na direção de uma busca ativa para evitar a falta de sentido para a existência desse ser humano, sendo que a fragilidade em relação ao pertencimento e uma identidade poderia, inclusive, desencadear um suicídio. “Procurar ser amiga ou amigo e conversar até a amigo ou amigo se converter para participar com a gente. Às vezes nem precisa ir atrás, elas ou eles vem e procuram, porque necessita de fé. Pois até quando perdeu a fé, procuram o suicídio.”³⁵⁶

Entretanto, não basta, conforme a Pessoa 6, trabalhar o pertencimento e quando a identidade estiver minimamente firmada, parar de trabalhar o pertencimento. Para ela, o trabalho da diaconia cativa por si só. O desafio reside na manutenção do desejo de uma pessoa permanecer na comunidade ou no grupo de diaconia.³⁵⁷ Isso atesta o que falamos anteriormente sobre a identidade líquida e a constante necessidade de retrabalhar o pertencimento, para constantemente retrabalhar a identidade, pois se ambos não estiverem conectados, existe chances de um desencantamento ou perda desta pessoa pelo sentido de estar ali. Segundo a Pessoa 6:

³⁵⁵ PESSOA 4. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 2- aplicado no mês de agosto de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

³⁵⁶ PESSOA 5. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 2- aplicado no mês de agosto de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

³⁵⁷ PESSOA 6. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 2- aplicado no mês de agosto de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

A diaconia é um prato cheio para ir buscar e querer fazer parte de um grupo ou da Igreja, pois oferece algo concreto para fazer e uma causa para se entreter. Porém, chamar pessoas para vir pra Igreja ou ajudar na diaconia é uma coisa, manter elas no grupo ou na Igreja é outra, tem coisas que atrapalham. Mas tem coisas boas, temos um fundo de emergências pra ajudar pessoas.³⁵⁸

Nesse mesmo sentido de pertencimento, vínculos e identidade, as pessoas 7, 8, 9 e 10 manifestam sua opinião com algumas nuances diferentes das anteriores. Dessa maneira, para a Pessoa 7:

As parcerias que recebem e depois repassam são importantes, pois elas fazem nosso trabalho chegar às vezes até bem longe, tipo no Paraná. Repassamos doações pro Lar Padilha, pra uma senhora de Taquara que doa na vila e até pra mais longe. Essa parceria ecumênica é um bonito testemunho da diaconia da nossa Igreja. Tínhamos que falar mais dela. Há também uma assistente social que é parte do grupo e nos ajuda a ver quem precisa ajuda, ela media entre a sociedade e a Igreja.³⁵⁹

Para ela, existe uma forte identidade ecumênica no grupo, que as permite estabelecer vínculos entre si, uma vez que o grupo tem pessoas de diferentes religiões, porém, majoritariamente da IECLB. Por conseguinte, o grupo, a partir de sua identidade ecumênica e contatos consegue fazer com que suas doações e testemunho possam chegar para além das fronteiras do município e isso, para ela, deveria de ser mais bem trabalhado. Talvez, quem recebe essas doações nem toma conhecimento de quem fez com que elas chegassem até o estado do Paraná, por exemplo, como mencionado pela Pessoa 7. Assim, se perdem possibilidades de exercitar o testemunho público do que a igreja, e o grupo de diaconia, vem fazendo para minimizar as dores de quem sofre. Segundo ela, isso seria uma oportunidade de divulgar a igreja e cativar pessoas sem religião para o meio da IECLB.

A Pessoa 8 dá uma resposta prática à inquietação da Pessoa 6, que menciona que é difícil manter uma pessoa na igreja. Para a 8 existe um fator decisivo para que ela permaneça no grupo e na igreja, que é o pertencimento, contínua partilha da vida e das suas agruras e alegrias.

O que me mantém na diaconia é que aqui me sinto realizada e posso até fazer meus aniversários com o grupo. Aqui posso exercer algo bom, pelas pessoas. Minha vida já conquistei tudo o que precisava, agora posso ajudar. Os vínculos que temos aqui também são possibilidades de trazer gente, aqui

³⁵⁸ PESSOA 6. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 2- aplicado no mês de agosto de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

³⁵⁹ PESSOA 7. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 2- aplicado no mês de agosto de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

tem integração, rimos e choramos. O foco do grupo é apoiar gente de fora, mas também sentimos que somos apoio uma pra outra. Além do foco a convivência mentem o grupo.³⁶⁰

A Pessoa 8 demonstra na prática que o foco do grupo é apoiar pessoas de fora, enxergando, porém, de que esse grupo de diaconia da Comunidade da IECLB auxilia às de dentro do grupo também em sua vida diária em distintas dimensões. A primeira delas é que podem fazer algo pelas pessoas que vem em busca de apoio e ajuda. A segunda se demonstra no caráter poimênico que o grupo tem, podendo esse ser oportunidade para acolher pessoas para o grupo e para a igreja, conseqüentemente. A Pessoa 8 trata de dois assuntos diretamente. Aqui aparece o tema do que atrai pessoas para conhecer o grupo mais de perto, que se demonstram de duas formas, ou no pedido de apoio ou no voluntariado. Não obstante, ela apresenta o que pode cativar para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento criando identidade que mantém pessoas próximas e engajadas.

Para a Pessoa 9, o seu relato confirma, tudo o que foi dito anteriormente, o sentimento de pertencimento criando identidade é fundamental e não pode ser substituído por nenhum outro, valorizando as pessoas por seus dons e não por sua contribuição e nisso reside uma oportunidade para trazer pessoas sem religião para a IECLB, mostrando que existe um espaço onde se pode servir e vivenciar o amor, além de ser auxiliado ou auxiliada em suas necessidades.

Eu acredito também que a possibilidade de trazer essa pessoa para a Diaconia é justamente a gente mostrar que existe um espaço aonde ela consegue trabalhar essa solidariedade que deveria existir na igreja. Onde ela sinta esse espaço da Diaconia e veja que ele abrange um espaço aonde a igreja ela faz, onde a ação da igreja, ação principal que deveria ser igreja acontece na doação da e na valorização da pessoa. É onde há as possibilidades delas, os dons dela podem ser aproveitados para ajudar os outros. É aonde o teu trabalho, onde a tua fé, eles são usados em prol do outro independente da comunidade que faz parte. Eu vejo que talvez muitas pessoas, dentro da própria e IECLB não saíram da nossa comunidade por causa do nosso grupo de diaconia. A gente tem os casos aqui na nossa cidade de pessoas que vão pra Taquara ou para outras cidades assistir os cultos e contribuem com o nosso grupo de diaconia. Isso acontece porque muitas vezes não aceitam o sistema que é adotado aqui na nossa IECLB, onde o dinheiro vale mais do que a pessoa em si. Mas no nosso grupo de Diaconia, ele é um espaço aonde elas podem se sentir bem ou se sentir acolhidas e aonde o dom delas vale mais do que o dinheiro.³⁶¹

³⁶⁰ PESSOA 8. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 2- aplicado no mês de agosto de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

³⁶¹ PESSOA 9. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 2- aplicado no mês de agosto de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

O exercício do amor, na forma do voluntariado é algo bastante interessante e que vai na contramão da sociedade pós-moderna tem prezado no individualismo. Esse se demonstra frágil, pois o ser humano é um ser relacional.

Quando as necessidades sociais (de amor/relacionamento) não estão satisfeitas, a pessoa não consegue se adaptar socialmente, torna-se hostil em relação aos demais, acarretando em um isolamento e à solidão. No entanto, quando essas necessidades estão supridas, há um melhor rendimento profissional do indivíduo.³⁶²

Quando o individualismo não responder mais ao anseio de alguém, de alguma maneira ficará expressa de forma contundente a necessidade de estabelecimento de relações, ainda mais quando alguma necessidade básica não está contemplada, como o alimento ou afins. Portanto, para a Pessoa 9 essa é uma grande oportunidade de se cativar pessoas para um grupo e através dele, para o convívio comunitário desde que esse mantenha o pertencimento como fator atrativo para a permanência de pessoas nela.

A Pessoa 10 sintetiza o que foi dito até então e reafirma todas as possibilidades ditas anteriormente. Dessa forma, ela corrobora para a argumentação de que pertencimento e identidade são missionários em sua essência e que mesmo sendo parte de um contexto líquido e em constante mudança, tem sua base em questões transcendentais e imutáveis, advindas de Jesus Cristo. Isto assegura sua solidez na ação e na missão, ainda que todo o entorno e forma seja mutável.³⁶³ Essa mesma identidade é a identidade diaconal: a fé em Jesus Cristo que conduz a ações de amor.

A possibilidade eu vejo que passando a conviver dentro do trabalho diaconal, a pessoa começa a entender que não precisa de muita coisa para fazer parte dele e para fazer diaconia. O primeiro passo é ter boa vontade, ter força de vontade e quando tu começa a fazer, tu começa a entender que fazer o bem a outras pessoas é algo tão grandioso. Tu começa a perceber a felicidade do outro, a satisfação de poder amenizar a dor do outro, de poder matar a fome e a sede é tão simples. Parece se pouco coisa, mas que para a pessoa necessitada é grandioso. É algo muito grande e muito valioso. Então, toda vez que alguém chega no espaço da diaconia e está comprando, ali já é um momento de dizer o que você está fazendo com o dinheiro e que será um ato de diaconia: “com isso aqui tu está me ajudando a levar roupa para outras pessoas, levar a coberta para outras pessoas, você vai conseguir tirar a dor do outro através de uma caixa de remédio, você vai conseguir fazer com que nós vou transformemos esse dinheiro para levar uma comida”. Através de

³⁶² FERNANDES, Jair José Moreira; PEREIRA, Francisco Wendell Fontenele. **A PIRÂMIDE DE MASLOW EM PLENO SÉCULO XXI**. 2016. P. 5.

³⁶³ WACHHOLZ, Wilhelm. Sola gratia e livre-arbítrio: a certeza da salvação na teologia de Martim Lutero. In: **Teocomunicação**, v. 49, n. 1, p. e31612-e31612, 2019. P. 8.

uma peça de roupa usada, a gente faz grandes gestos como Jesus Cristo também fazia. Fazer o bem sem olhar a quem.³⁶⁴

Dessa forma, pertencimento pode ser definido de distintas formas, entretantes, das áreas da pedagogia social e do serviço social, podemos extrair as conceituações do tema que nos permitem compreendê-lo melhor.

Pertencimento é quando uma pessoa se sente pertencente a um local ou comunidade, sente que faz parte daquilo e conseqüentemente se identifica com aquele local, assim vai querer o bem, vai cuidar, pois aquele ambiente faz parte da vida dela, é como se fosse uma continuação dela própria.³⁶⁵

Percebe-se que o pertencimento é um tema necessário de ser resgatado e trabalhado nos espaços que almejam o seu crescimento numérico pensando na possibilidade de haver o desejo de ingresso de uma pessoa sem religião na IECLB. Assim sendo, diferente da socialização primária, onde o desenvolvimento da identidade acontece de uma maneira mais natural do que no caso da conversão, em que isso é parte de um processo, desencadeado pelo sentimento de pertença. Havendo esse sentimento, o envolvimento é maior e gera o compromisso de quem está nesse intento de ingressar em uma nova religião mediante um trabalho pelo qual foi atendido ou atendida e houve um encantamento inicial.

Da área do serviço social lemos que o pertencimento se dá a partir de grupos onde cada pessoa se sente ou não parte integrante e a partir disso, desenvolve o compromisso. “Grupos de pertencimento: Grupos aos quais ao longo da vida uma pessoa participa (familiares, escolares, profissionais, de amizade), que são fundamentais para a construção da identidade individual e social.”³⁶⁶

Como visto, o termo identidade aparece em ambas as conceituações, pois para o seu desenvolvimento é necessário que o pertencimento tenha sido bem trabalhado com quem se aproxima do convívio da igreja. Sobre a conceituação do termo identidade, podemos adotar o conceito de Zygmunt Bauman. Segundo seu livro “Comunidade: a busca por segurança no mundo atual”, ele defende que a construção da identidade é um processo sem fim, sujeito à experimentação e à mudança, com um caráter indeterminado que faz com que seja continuamente construída ao longo

³⁶⁴ PESSOA 10. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 2- aplicado no mês de agosto de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

³⁶⁵ MORICONI, Lucimara Valdambri. **Pertencimento e identidade**. Campinas, SP. 2014. P. 14.

³⁶⁶ CNAS/CONANDA. **Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes**, 2009. P. 97.

da vida, sendo também essa uma identidade líquida.³⁶⁷ Dessa maneira, uma vez que o pertencimento é desenvolvido, a identidade é gerada e a partir dele consolidada. Ainda assim se faz necessário o contínuo desenvolvimento de um pertencimento, com vistas à contínua e assertiva resposta às mudanças promovidas diariamente na identidade que cerca a quem está participando de algum grupo ou religião. Identidade, então, não é um conceito estanque, mas mutável.

De acordo com estes relatos, pertencimento e identidade são temas importantíssimos para se conseguir cativar pessoas sem religião atendidas por grupos de diaconia para dentro do convívio comunitário ou grupo de diaconia. A causa da diaconia, segundo elas, é motivo o suficiente para cativar a uma pessoa para atuar pela mesma causa ou para manifestar o desejo de conhecer a igreja que desempenha esse trabalho. Contudo, apesar de oportunidades, não podem ser temas esquecidos, pois seu esquecimento pode fazer incorrer na perda de pessoas que possam ter manifestado seu desejo por maior conhecimento e ingresso na igreja. Pertencimento e identidade devem ser temas perenes desenvolvidos em grupos ou nas comunidades de fé. Ambos os temas são temas baseados na forma de ação de Jesus, por isso são tão importantes, sendo assim, parte integrante da Identidade diaconal.

³⁶⁷ BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar. 2003. P. 21.

8 CONVERSÃO INTERNA

A pergunta respondida na pesquisa-ação sobre esse tópico tem relação com a conversão interna, ou seja, aquela que acontece, conforme já visto na primeira parte, quando uma pessoa redescobre o apreço por sua própria religião a partir de um fato ou de um grupo. A pergunta respondida nesse tópico foi: Quais as dificuldades e possibilidades para que pessoas da IECLB, sem participação ativa, possam se engajar no convívio comunitário a partir do trabalho da diaconia? As respostas nos conduziram aos temas que trataremos a seguir.

8.1 Dificuldades

No tocante ao tema das dificuldades, o primeiro assunto que aparece são os conflitos multigeracionais que podem ocorrer entre os próprios grupos comunitários, e que se acentuam quando envolvem os grupos de jovens. Também a questão de motivar pessoas para o exercício do voluntariado de alguma forma no grupo ou na comunidade de fé se mostra como algo a ser mais bem trabalhado. E por último, temos a aversão ao público-alvo da diaconia, como a aporofobia que é a aversão à figura da pessoa pobre, pois dentre as múltiplas justificativas que isso se dá, temos a de que elas não conseguem contribuir financeiramente como as demais pessoas que também são membras da paróquia. Segue, então, a abordagem dos temas encontrados no questionário da pesquisa-ação em diaconia.

8.1.1 Conflitos organizacionais e multigeracionais

Esta tese, já em sua parte inicial, teoriza conceitos a partir da área da sociologia. Com o tema dos conflitos não poderia ser diferente. Esse se trata de um assunto pertence ao tema das socializações, como visto anteriormente, pois verte das e nas relações e dos relacionamentos construídos e consolidados em um grupo ou sociedade, em cujo local se encontram as socializações primárias e secundárias de uma pessoa.

Então, segundo o questionário da pesquisa-ação, para a Pessoa 7, não há vontade mesmo de resolver conflitos e sim apenas o desejo de criticar sem dialogar,

como dito por Moran, são pessoas que só enxergam e criam problemas em suas organizações ou são organizações problema.

É difícil lidar com algumas críticas que vem para a diaconia da comunidade. Um exemplo é de que essa nossa diaconia não é diaconia, pela forma como trabalhamos e fazemos as coisas. Porém, para quem nos disse isso, buscamos conversar e entender qual a razão dessa fala, mas não obtivemos nenhuma resposta concreta. Pode ter sido apenas dificuldade de relacionamento com o grupo e muitas pessoas fogem do embate para resolver questões pessoais e isso prejudica o grupo.³⁶⁸

A inexistência de uma cultura de resolução de conflitos parece incomodar pessoas do grupo da pesquisa-ação, pois isso apenas causa mais discórdia e dissociações, sem uma busca por uma escuta ativa e atenta ao que cada pessoa pensa e diz.

A Pessoa 8 sintetiza a razão pela qual as pessoas agem desta forma:

Falta espírito diaconal nas pessoas e elas já não sabem mais a importância de ser voluntário. Além disso, há quem transfira para o grupo conflitos não resolvidos com pessoas do grupo ou entre os grupos da paróquia. Outro problema é que existe quem misture coisas pessoais e seus assuntos com o do voluntariado, criando conflitos desnecessários. Há pessoas que não vão à igreja, pois podem encontrar quem não gostam lá, mas às vezes tomam Santa Ceia juntos.³⁶⁹

O desenvolvimento do que a Pessoa 8 nomeia como espírito diaconal poderia ser uma saída para a superação desta dificuldade apresentada, pois o olhar do cuidado sobre o conflito visa sua resolução.

Assim sendo, conflitos são sociações, ou relações interpessoais, frutos de socializações.³⁷⁰

O significado sociológico do conflito (Kampf), em princípio, nunca foi contestado. Conflito é admitido por causar ou modificar grupos de interesse, unificações, organizações. Por outro lado, pode parecer paradoxal na visão comum se alguém pergunta se independentemente de quaisquer fenômenos que resultam de condenar ou que a acompanham, o conflito é uma forma de sociação. À primeira vista, isso soa como uma pergunta retórica. Se todas as interações entre os homens é uma sociação, o conflito, - afinal uma das interações mais vivas, que, além disso, não pode ser exercida por um indivíduo sozinho, - deve certamente ser considerado como sociação. E, de fato, os fatores de dissociação - ódio, inveja, necessidade, desejo, - são as causas da condenação, que irrompe por causa deles. Conflito é, portanto, destinado a resolver dualismos divergentes, é uma maneira de conseguir

³⁶⁸ PESSOA 7. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 3- aplicado no mês de setembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

³⁶⁹ PESSOA 1. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 3- aplicado no mês de setembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

³⁷⁰ BERGER, LUCKMANN, 2001. P. 173-174.

algun tipo de unidade, mesmo que seja através da aniquilação de uma das partes em litígio.³⁷¹

Desta forma, e a partir desta autoria, percebe-se que os conflitos são o oposto de uma dissociação, embora muitas vezes sejam causados por ou resultem em fatores dissociativos. Entrementes, os conflitos são necessários para a manutenção e administração de um espaço em que existe pessoas que de forma organizada formam uma comunidade, associação, instituição, etc. Como consequência, os conflitos são inevitáveis, uma vez que essas entidades possuem distintas características, histórias, tradições e costumes nas pessoas que a compõe, incidindo sobre seu sistema organizacional ou de forma multigeracional, que são os conflitos entre gerações.

Os conflitos organizacionais são tratados por José Manuel Moran como intrinsecamente ligados às pessoas, comparando pessoas e organizações.

As organizações são como as pessoas. Encontramos organizações mesquinhas, fechadas, autoritárias, voltadas para o passado, que repetem rotinas, que são incapazes de evoluir. Existem outras organizações que evoluem periféricamente, que só fazem mudanças cosméticas, de fachada, sem mexer no essencial. Existem também organizações deslumbradas, que mudam de acordo com as modas, com os gurus de plantão, que adotam acriticamente as novidades, em que o marketing é mais importante que a realidade. Há, finalmente, organizações que possuem uma visão integrada, aberta, flexível das pessoas, dos seus objetivos, do seu futuro. Organizações interessantes são as que veem, em cada problema, um desafio. Organizações problemáticas são as que enxergam mais os problemas do que as oportunidades e fazem desses novos problemas.³⁷²

Sabendo disso, podemos dizer que os conflitos acontecem nas organizações ou em nosso caso, comunidade de fé ou grupo de diaconia devido a que cada pessoa dentro dela possui histórias, cultura, tradição, jeitos e formas diferentes de pensar e agir, podendo reagir a cada distinta situação em busca de sociação de uma maneira diferente, gerando assim, possíveis dissociações. Também é verdade, e assim o disse Moran de que existe quem enxerga mais problemas do que oportunidades e essa é uma força motriz certa para conflitos.

Outro fator de importante análise é o intergeracional. Além das pessoas serem diferentes, muitas delas ainda vêm de gerações diferentes que aprenderam a lidar com o digital ou não, com as mídias ou fora dela, datilografando ou usando apenas a

³⁷¹ SIMMEL, Georg. O conflito como sociação. In: **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 10, n. 30, p. 568-573, 2011. P. 568.

³⁷² MORAN, José Manuel. **Desafios na comunicação pessoal**. São Paulo/SP: Paulinas. 2007. P. 193.

tela do celular ou computador. Entre as gerações *Baby Boomers*³⁷³, *X*³⁷⁴, *Y*³⁷⁵ ou *Z*³⁷⁶ existe circunstanciais diferenças e que determinam sua relação com os seus entornos sociais.

Tomando como exemplo apenas o modo como cada geração desempenha seu trabalho, podendo-se deslocar o assunto para o ambiente de como lidam em demais organizações e instituições, encontramos o seguinte:

Atualmente estão inseridos no mercado de trabalho várias gerações cada qual com suas particularidades, estímulos e percepção sobre sua trajetória profissional. Características como disciplina, estrutura, construção, alicerce de carreira, estabilidade, segurança e lealdade representam os *baby boomers*. Posterior a eles, a geração X pode ser descrita com ceticismo, tolerantes, egoístas, autônomos, compulsivos por trabalho. Buscando uma estabilidade entre pessoal e profissional aliada ao bem-estar. Optando por permanecer por muitos anos na mesma empresa, na ânsia de subir de cargo. Na sequência, a geração Y composta por adultos, habilitados no uso de redes sociais e suas tecnologias, sem estrutura, desafiador, instantâneo, empreendedores, com desdém para subordinação. Tendem a procurar por

³⁷³ A geração Baby Boomers é identificada por abranger indivíduos com idades aproximadas entre 50 e 70 anos. Essa designação surgiu nos Estados Unidos da América logo após a 2ª Guerra Mundial, devido ao alto índice de natalidade registrado nesse período. SILVA, E. T. da. (2017, dezembro). **Tecnofobia**: comportamento e possíveis sintomas em pessoas das gerações x e Baby Boomers que residem em Parnamirim-RN. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. P. 31.

³⁷⁴ A geração X, que é composta pelos filhos dos Baby Boomers, possui uma duração de tempo relativamente menor em comparação com outras gerações. Esses indivíduos nasceram entre as décadas de 60 e 70 e são marcados por uma sensação de instabilidade devido ao mundo em constante transformação. CHIUZI, R. M.; GONÇALVES P. B. R.; LORENZINI. F. G. **Conflito de gerações nas organizações**: um fenômeno social interpretado a partir da teoria de Erik Erikson. Temas em Psicologia. 2011. P. 581.

³⁷⁵ De acordo com especialistas, aqueles que nasceram entre 1981 e 1990, com idades entre 28 e 37 anos, testemunharam um período histórico marcado por um notável avanço tecnológico, estabilidade econômica, reconhecimento da infância como uma fase crucial na vida humana e a consolidação da liberdade democrática das pessoas. NOVELLI, V. A. M.; LEITE, M. C; SITTA, M. I. U. **Mediação da informação**: usuários gerações veteranos, baby boomers, x, y, e z. Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, São Conrado, Rio de Janeiro/RJ. 2010. P. 4-5.

³⁷⁶ Compostos por indivíduos constantemente envolvidos em interações por meio de dispositivos móveis e engajados em causas sustentáveis, não é possível estabelecer com precisão o período exato da Geração Z. É provável que esses participantes sejam da Geração Y, considerando que muitos especialistas têm indicado que seu nascimento ocorreu aproximadamente na década de 1990 e no início dos anos 2000. O termo "Z" deriva de "zapear", que se refere à ação de mudar rapidamente de canal na televisão, buscando algo satisfatório ou por hábito. Em inglês, o termo "zap" significa "fazer algo rapidamente" e também pode ser associado à "euforia". Atualmente, esses indivíduos estão ocupando as salas de ensino médio e fundamental, colocando fim à predominância de métodos de ensino tradicionais e expositivos. Alternar entre a exposição do conteúdo e atividades não é mais suficiente, pois o uso da tecnologia tornou-se essencial para captar a atenção desses jovens por parte dos educadores. TOLEDO, P. B. F. **O comportamento da geração Z e a influência nas atitudes dos professores**. Simpósio de Excelência em Gestão da Tecnologia (SEGeT), Resende, Rio de Janeiro/RJ. 2012. P. 5.

superar adversidades que surgem. Priorizam empregabilidades mais que ocupação.³⁷⁷

Ainda sobre esse comportamento, entra em questão toda a volatilidade, tecnologia *modus operandi* da geração Z, já conectada às causas e pautas da sustentabilidade. Entretanto, a sociação do conflito acontece quando se percebe, que as gerações são complementares e não concorrentes, o que autorias da área da psicologia social dizem.

As diferenças de competências descritas acima não são antagônicas para o mercado de trabalho, são complementares, são competências desenvolvidas por cada geração, sobre os meios disponíveis para suas aprendizagens. No entanto, todos os indivíduos de diferentes gerações podem desenvolver a competência pertencente a outra geração, basta estar disposto, motivado e adaptado as mudanças daquele momento histórico. Exemplos destas adaptabilidades: A geração Baby Boomers aprendeu a datilografia, e teve que se adaptar aos computadores da X, posteriormente tiveram que se adaptar aos notebooks e tabelas avançadas de Excel, com programas específicos da geração Y. E atualmente está tendo que adaptar-se aos Smartphones, a realidade virtual, substituindo os encontros reais, da geração Z.³⁷⁸

Estes conflitos com sociações (ou disassociações) parecem fazer parte da rotina do grupo de diaconia de nossa pesquisa-ação. A questão aparece em três respostas de forma bem evidente. Já na Pessoa 1, ela está presente, quando ela fundamenta sua resposta.

Algumas pessoas se afastam ou não se envolvem porque tem dificuldades de relacionamento com quem está lá, seja nos grupos, ou mesmo com as pessoas que participam dos cultos. Não se permitem estar no mesmo lugar onde a outra pessoa está, por que tem desafetos. A frase “enquanto esse estiver ali, não irei participar” é histórica. Essa postura e pensamentos não permitem que haja mudanças para melhor. Há conflitos e desafetos familiares que são trazidos para o ambiente comunitário e a vida de fé destas e outras pessoas são afetadas. Há também aquelas pessoas que não concordam com posturas dentro da igreja ou o grupo e na vida social tem outra postura, falta coerência e isso interfere na participação de pessoas afastadas do convívio comunitário.³⁷⁹

Os conflitos aparecem como uma dificuldade pensando o reengajamento ou a conversão de pessoas afastadas, retornando ao convívio religioso. As histórias e diferenças são demasiadas vezes levadas em consideração quando o assunto é a participação em um grupo ou mesmo da comunidade de fé. Os desafetos não são

³⁷⁷ RIBAS, Hatany Yuri R.; DE FREITAS, Raphael SI. **Conflito organizacional, multigeracional**. Universidade Evangélica de Goiás. 2019. P. 7.

³⁷⁸ RIBAS; FREITAS. 2019. P. 8.

³⁷⁹ PESSOA 1. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 3- aplicado no mês de setembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

suficientemente resolvidos, ou não há interesses para resolvê-lo, muitas vezes motivado pelo fator de que quem esteve envolvido no conflito primário, talvez já tenha morrido e as mágoas e histórias permaneceram.

Dito isto, podemos afirmar de que existe inúmeros conflitos organizacionais e multigeracionais que se apresentam como dificuldades para que as pessoas tenham o desejo de se converter dentro de sua própria religião, redescobrando onde que poderia se engajar nela, como a partir do trabalho diaconal.

8.1.2 A motivação de pessoas

Conforme já visto, o tema da motivação em suas nuances apareceu e continuará aparecendo nesta pesquisa-ação. Seja motivação para o trabalho, voluntariado, para a diaconia. Propriamente dito, aqui, ele aparece como uma dificuldade evidenciando uma falta de motivação das lideranças para com quem desempenha o papel de diaconar. Isso se demonstra como um tema que transita entre as áreas da psicologia social. Sobre o conceito de motivação, podemos perceber que ele se constitui como um problema epistemológico que encontrou lugar vital na vida das pessoas. Para desempenhar alguma tarefa, elas precisam de fatores motivacionais. O que torna sua conceituação desafiadora. Frequentemente se afirma que existe duas visões, mais ou menos contraditórias, sobre a essência humana. Uma delas argumenta que o ser humano é essencialmente racional, capaz de fazer escolhas e dotado de livre arbítrio, consciente das motivações por trás de suas ações e, portanto, responsável por elas. Por outro lado, há aqueles que afirmam que, por sua natureza, o ser humano é irracional, e que seus impulsos e desejos devem ser controlados por meio das sanções impostas pela sociedade.³⁸⁰ Dentro desses dois lados abordados, reside a motivação humana, vindo de si e do ambiente externo.

Assim sendo, é necessário naturalizar e tratar do tema motivação como algo construído coletivamente. Na resposta da Pessoa 2, isso fica evidenciado, quando se fala de desmotivação como uma culpa individual e coletiva, que aparece como uma dificuldade para que pessoas sem religião ingressem na IECLB.

Fico pensando na falta de incentivo, ou seja, é uma das maiores dificuldades. Ou talvez no momento que vivemos em que a maioria das pessoas pensa

³⁸⁰ COFER, Charles. N.; **Motivation and Emotion**. Glenview: Scott, Foresman and Company. ThriftBooks, Phoenix. 1972. P. 23-27.

apenas no seu próprio bem-estar, não querem ver o quanto tem pessoas que necessitam não apenas de coisas materiais, mas um abraço de conforto ou uma palavra de incentivo para continuar lutando. Nisso coloco um pouco de culpa em nós que trabalhamos diaconia, que às vezes por falta de tempo, já que estamos cada vez mais em número reduzido. Às vezes, nós mesmos sofremos com desânimo e decepções.³⁸¹

Contudo, a Pessoa 2 reconhece que nem tudo depende do incentivo externo para o bom andamento do trabalho. Ela reconhece que isso acontece por conta de inúmeros fatores como a sobrecarga de trabalho, a falta de mais pessoas, as próprias histórias pessoais. Todos estes se apresentam como temas geradores de desmotivação pessoal.

Entretanto, a exemplo da Pessoa 2, mais forte ainda é para a Pessoa 3 a falta de motivação externa como quase determinante para o sucesso ou insucesso de uma tarefa desempenhada ou para a continuidade de um grupo.

Para participar da diaconia não basta só ser convidado a participar, a pessoa tem que ter vontade de ajudar, de botar a mão na massa. Tem que ter um pouco de vocação para o trabalho. Quando nos deparamos com a falta de apoio da comunidade, temos que ser muito persistentes para prosseguir.³⁸²

Ainda que na teoria, essa motivação seja algo superado como antiquado, em termos organizacionais, na prática, existe uma premente necessidade de saber motivar a pessoas para o que lhes foi confiado realizar, inclusive o incentivo para que as pessoas saibam acolher e mesmo possam convidar a quem não participa de nenhuma denominação religiosa.

O trabalho diaconal é pouco falado dentro da igreja na pregação, não é culpa dos ministros, pois a cartilha vem pronta para eles. O trabalho diaconal é exercido diariamente, não tem um minuto de folga não somos incentivados nos cultos a exercer essas atividades. A pregação nos parece vazia, muito difícil sairmos da igreja fortalecidos com a palavra, pois parece não ter nada a ver com o que se pratica diariamente.³⁸³

Antropologicamente falando, na fala da Pessoa 4, é crucial que as pessoas sejam motivadas para a diaconia em todas as esferas da vida comunitária, como sendo um “fio vermelho” das relações e para a formação. Quando a prédica não está conectada com o cotidiano das pessoas, ela se mostra sem sentido para a fé da

³⁸¹ PESSOA 2. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 3- aplicado no mês de setembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

³⁸² PESSOA 3. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 3- aplicado no mês de setembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

³⁸³ PESSOA 4. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 3- aplicado no mês de setembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

comunidade. Diaconia, para a Pessoa 4 é o que realiza essa conexão entre a comunidade, vida de fé, espiritualidade tornando-a em algo concreto e vivido no dia a dia de quem está naquele espaço. Nisso, para ela, reside uma dificuldade para que pessoas sem religião ingressem na vida da igreja, pois a comunidade não se mostra interessada no dia a dia de quem procura a comunidade e possui suas necessidades, sejam elas emocionais, materiais ou espirituais.

A fala da Pessoa 4 se materializa na resposta da Pessoa 5, que reflete sobre uma vida de fé ativa no amor. Para ela, não basta ser cristão ou cristã e viver a fé apenas para si.

Meu pensamento: igreja para mim é onde se aplica e se incentiva a palavra de Deus, indiferente se for no quarto, na sala ou em qualquer lugar, desde que respeitemos as leis do criador. Se eu ficar na minha casa atendendo e repassando as obras da misericórdia, eu creio que estou fazendo uma boa ação, se eu for na igreja só pra marcar presença, aí sim meu pecado não tem perdão. É muito pouco um culto por ano para falar sobre diaconia, as pessoas não sabem nem o que significa isso. Fazer diaconia dá muito trabalho, e muitos pastores preferem passar longe dessa palavra.³⁸⁴

Para a Pessoa 5, a falta da motivação para a diaconia e o seu ensino prático de concreta vivência da fé, faz com que as pessoas vivam sua fé de forma individual e individualista, sem se interessar pelas necessidades das demais pessoas. Falta, em sua perspectiva, o incentivo de falar mais sobre o tema, para que mais pessoas possam manifestar o desejo de se integrarem à missão diaconal da igreja. Assim, mais pessoas e as sem religião poderiam conhecer melhor a IECLB e eventualmente ingressarem como membro ou membra em alguma comunidade de fé. Ainda segundo a Pessoa 5, ressaltando a teologia radical aqui demonstrada, é “um pecado sem perdão”, ir para a igreja apenas por ir marcando presença. Segundo ela, a verdadeira fé se demonstra na prática, nos dias da semana.

Para a Pessoa 6, a motivação deve ser constante para as pessoas, inclusive para aquelas que já estão há anos na igreja ou as que recém decidiram ingressar na vida comunitária.

Chamar para o trabalho é complicado, tem que ter comprometimento, vocação e entender o que é. Vejo pelo meu exemplo pessoal, precisei entender a diaconia experimentá-la na prática para então me engajar nela. Assim sendo, diaconia lida com o voluntariado e esse é um problema não só na nossa igreja, mas em outras também. Quando nosso grupo começou tinha

³⁸⁴ PESSOA 5. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 3- aplicado no mês de setembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

gente de todas as comunidades e me pergunto por que elas deixaram o nosso grupo. Algumas respostas poderiam ser o envelhecimento, a preocupação com a pandemia, a falta de valorização. Precisamos engajar essas pessoas novamente.³⁸⁵

Para haver engajamento, segundo a Pessoa 6, se faz necessário a constante motivação para os trabalhos realizados, pois sem ela, nenhum trabalho, nem mesmo fora da IECLB se sustenta por muito tempo.

Não obstante, ao conceito pode ser acrescido um terceiro elemento. Ao analisar minuciosamente a palavra "motivo" e sua aplicação, é possível observar que, em sua definição, é necessário fazer referência a três elementos: a ação de um indivíduo; a condição biológica interna associada a ele; e a situação externa envolvida.³⁸⁶ Assim sendo, ela acaba se tornando a causa central de mal-entendidos em grupos sociais, e isso não seria diferente no contexto religioso, onde a sensibilidade humana é demonstrada de uma forma mais evidente do que em outros espaços, como o mundo dos negócios, por exemplo.

Algumas pessoas afirmam que é necessário aprender a motivar os outros, enquanto outras acreditam que ninguém pode jamais motivar quem quer que seja. Essas duas maneiras de pensar são a ilustração da crença de que existem diferentes maneiras de justificar as ações humanas. No primeiro caso, pressupõe-se que a força que conduz o comportamento motivado está fora da pessoa, quer dizer, nasce de fatores extrínsecos que são, de certa forma, soberanos e alheios à sua vontade. No segundo caso, subjaz a crença de que as ações humanas são espontâneas e gratuitas, uma vez que têm suas origens nas impulsões interiores; assim sendo, o próprio ser humano traz em si seu potencial e a fonte de origem do seu comportamento motivacional.³⁸⁷

Contudo, para que o tema da motivação possa alcançar níveis satisfatórios de aplicação, se precisa superar os conceitos antigos do início do século encontrando recursos para se construir motivações coletivas e individuais, inerentes à humanidade.

Se, no início do século, o desafio era descobrir aquilo que se deveria fazer para motivar as pessoas, mais recentemente tal preocupação muda de sentido. Passa-se a perceber que cada um já traz, de alguma forma, dentro de si, suas próprias motivações. Aquilo que mais interessa, então, é encontrar e adotar recursos organizacionais capazes de não sufocar as forças motivacionais inerentes às próprias pessoas.³⁸⁸

³⁸⁵ PESSOA 6. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 3- aplicado no mês de setembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

³⁸⁶ ATKINSON, John William. **An introduction to motivation**. New York: Van Nostrand. 1964. P. 101.

³⁸⁷ BERGAMINI, Cecília W. Motivação: mitos, crenças e mal-entendidos. In: **Revista de administração de empresas**, v. 30, p. 23-34, 1990. P. 25.

³⁸⁸ BERGAMINI, Cecília. **Motivação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997. P. 23

Segundo a autora em questão, também não se trata de um passe mágico que muda positivamente a postura ou relação entre as pessoas através da motivação. Contudo, quando nos deparamos com o tema da desmotivação, ela é usada no linguajar dos negócios como uma falta ou culpa pessoal ou coletiva pela qual um insucesso é atingido. Dessa forma, ao falarmos em motivação ou falta dela, estamos justificando alguma improdutividade mascarando a desmotivação como uma culpa.

[...] não existe o pequeno gênio da motivação que transforma cada um de nós em trabalhador zeloso ou nos condena a ser o pior dos preguiçosos. Em realidade, a desmotivação não é nenhum defeito de uma geração, nem uma qualidade pessoal, pois ela está ligada a situações específicas.³⁸⁹

De acordo com as respostas trazidas nesta pergunta, a motivação se conecta com o tema da permanência, sendo algo complementar para o salutar desenvolvimento de um grupo ou a manutenção de uma pessoa em uma igreja ou grupo. Ainda que na teoria, a motivação seja complexa e diversa, levando em consideração diferentes fatores, na prática isso acaba se demonstrando de forma mais lenta e podendo ser gradualmente desenvolvida. Entretanto, motivar é crucial para que um grupo possa deixar de ver como dificuldade para que uma pessoa sem religião possa ingressar na vida comunitária na IECLB. E mesmo essa pessoa necessita de constante motivação para sua permanência na igreja.

8.1.3 Aversão ao público-alvo da diaconia

Embora não seja uma regra, agentes diaconais, em seus grupos diversos, quer seja diaconia, visitação, acolhimento ou em instituições diaconais, lidam majoritariamente com pessoas marginalizadas e fragilizadas do ponto de vista social, econômico e psicológico, enquadrando-se no conceito de ser uma família ou pessoa em situação de pobreza. Isso se constitui como uma dificuldade para quem trabalha no voluntariado diaconal, pois esse público não é bem-visto e nem bem aceito em muitos lugares. Ampliando o conceito de pessoa pobre, em sua maioria são negras, mulheres, indígenas, enquadrados em programas e políticas sociais.

Para a Pessoa 9, isso se revela pelo desconhecimento sobre diaconia, quando pessoas percebem que se lida com pessoas pobres e desprezadas gerando aversão ao engajamento.

³⁸⁹ BERGAMINI, 1997. P. 27.

Falta conhecer a diaconia, pois muitas vezes não sabem o significado da palavra ou nem mesmo querem saber o seu significado, pois veem no grupo de diaconia muito comprometimento e dedicação de tempo. Ou mesmo se vê que a diaconia lida com pessoas pobres e desprezadas e isso afasta do engajamento. Existe também muitas pessoas que sabem mandar, mas na hora de colocar a mão na massa fogem. Há uma dificuldade de que existe pessoas que querem reconhecimento pessoal pelo trabalho feito, não levando em consideração de que o mais importante é poder praticar a diaconia.³⁹⁰

Certamente, existe, por parte da Pessoa 9, um engajamento maior na diaconia, e conhecimento prático sobre, de que no trabalho diaconal se estabelecem contatos e vínculos com quem não tem valor monetário a agregar para aquele espaço, grupo ou comunidade. Dessa resposta, fica evidente a necessária reflexão de que poder apoiar alguém com vistas a melhores condições de vida é o que se faz de mais gratificante na diaconia e que a partir disso, quem é apoiado poderá desenvolver competências para apoiar e manter uma rede de ajuda. Entretanto, isso leva tempo e demanda dedicação e comprometimento.

Para a Pessoa 10, isso tudo implica em dificuldades em compreender o verdadeiro papel do voluntariado, pois não há uma aproximação desinteressada no grupo de diaconia. Sempre há questionamentos de todas as ordens, mas principalmente sobre qual a vantagem de apoiar a quem não dispõe de condições de auxiliar a paróquia financeiramente ou mesmo com suas aptidões físicas, por estarem debilitadas.

O voluntariado é pesado e incompreensível para algumas pessoas, pois demanda comprometimento, tempo, esforço e algumas pessoas dizem que isso é trabalhar de graça, sem recompensa nenhuma. Outra dificuldade é que como a demanda do grupo é muito grande, não é possível fazer visitas a quem é ajudado, ainda que exista algum controle nas doações, mas não é possível acompanhar caso a caso. Algumas doações do grupo de diaconia são destinadas inclusive para fora do estado, inviabilizando um acompanhamento próximo de famílias. Falando em famílias, existe casos em que o marido ou filho proíbem sua mãe ou esposa de ajudar voluntariamente no diaconia ou na comunidade perguntando: “o que vai fazer lá?” Ainda que algumas famílias até ajudam e ajudaram na diaconia, mas pararam.³⁹¹

A incompreensão beira ao radicalismo quando existe relatos, inclusive de famílias, maridos ou filhos e filhas que fazem questionamentos às mães e esposas sobre qual a vantagem que se tem de auxiliar a pessoas necessitadas e ainda de

³⁹⁰ PESSOA 9. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 3- aplicado no mês de setembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

³⁹¹ PESSOA 10. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 3- aplicado no mês de setembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

forma gratuita e voluntária e, não raramente com uma demanda expressiva de trabalho. Sendo assim, isso é pesado e incompreensível para algumas pessoas.

Outro aspecto interessante nesta fala e que aparece em outras respostas é a inviabilidade de acompanhar a pessoas e famílias ajudadas, pois as doações vão para locais distantes. Entretanto, o grupo parece ter se desinteressado pelo acompanhamento mais próximo a pessoas, uma vez que se dedicou mais ao repasse em emergências do que no acompanhamento e desenvolvimento propriamente dito.

Muitas pessoas fora dos grupos de diaconia preferem não estar diretamente em contato com o público atendido pela diaconia e reproduzem modelos de clubes e sociedades que doam valores para manter seu nível moral altruísta. Preferem não terem encontros com as pessoas que são ajudadas, mas terem encontros, chás, promoções beneficentes entre si. Isso se constitui como o modelo aporofóbico de sociedade, que sustenta preconceitos com o público empobrecido, imputando-lhes muitas vezes títulos como: vagabundagem, só sabem ter filhos, dependentes de bolsas do governo, pretos pobres e marginais, entre outros.³⁹²

Esta dicotomia se reproduz no modelo de ser igreja, mesmo que aos poucos venha sendo superado. Um pequeno exemplo é o encontro com pessoas em situação de rua, cujo cheiro, aparência e estigmas fazem com que sejam mantidas distâncias entre estas e as pessoas membras da igreja. Alguns espaços até acolhem esse público, mas em dia e local separado das demais atividades. Raras são as vezes em que encontros são proporcionados, para que ambos se conheçam e desmistifiquem seus preconceitos. A isto, podemos denominar de aporofobia, quando existe questionamentos sobre qual o benefício que estas pessoas pobres trazem à sociedade e porque deveríamos nos envolver mais com elas.

É o pobre que incomoda, o sem recursos, o desamparado, o que parece que não pode trazer nada de positivo ao PIB do país em que chega ou em que vive há muito tempo, o que, aparentemente, pelo menos, não trará mais do que complicações. É o pobre que, segundo dizem os despreocupados, aumentará os custos da saúde pública, tomará o trabalho dos nativos, será um potencial terrorista, trará valores muito suspeitos removerá, sem dúvidas, o "bem-estar" de nossas sociedades, nas quais indubitavelmente há pobreza e desigualdade, mas incomparavelmente em menor grau do que sofrem os que fogem das guerras e da miséria. É por isso que não se pode dizer que esses são casos de xenofobia. São amostras palatáveis de aporofobia, de

³⁹² CORTINA, Adela. **Aporofobia: A aversão aos pobres.** São Paulo: Editora Pergaminho, 2017. P. 44.

rejeição, aversão, temor e desprezo ao pobre, ao desamparado que, ao menos aparentemente, não pode devolver nada de bom em troca.³⁹³

Embora anos tenham se passado e a sociedade mudado muito suas características, estas foram mantidas como um modelo segregador, permitindo a afirmação de que a aporofobia é algo real, inclusive dentro da igreja. A partir destas respostas, podemos afirmar de que existe aversão ao trabalho diaconal, baseado sobretudo na aporofobia, aversão ao público-alvo da diaconia que são as pessoas fragilizadas e marginalizadas que talvez por um bom tempo não tenham como contribuir financeiramente com uma comunidade de fé e, por outro lado necessitem ajuda. Isso se apresenta como uma dificuldade para que a partir do trabalho diaconal, haja o engajamento de pessoas afastadas da comunidade. Percebe-se que pode haver dois tipos de afastamentos. Uma comunidade diaconal pode afastar pessoas aporofóbicas e por outro lado uma comunidade aporofóbica pode afastar quem possa estar interessado ou interessada em viver uma comunidade diaconal e acolhedora.

8.2 Possibilidades

Dentre os temas que aparecem como dificuldade para se lidar com o tema da conversão interna, o primeiro é a pergunta pelo culto como um espaço para se falar e aprender conjuntamente a diaconia, pois aparentemente, ele não tem sido espaço diaconal para algumas pessoas. O próximo assunto é a questão sobre a visitação e a hospitalidade, pilares da atuação diaconal e que podem ser aprofundados como tema de estudo e prática refletida nas comunidades e paróquias. Assim, segue a abordagem dos temas a seguir.

8.2.1 O culto é um espaço onde se deve falar sobre diaconia

Embora sejam duas áreas distintas dentro da Teologia Prática, não se trata de nenhuma descoberta acadêmica atual a afirmação de que a liturgia e diaconia formam um conjunto e são um imperativo a partir do batismo cristão e existe elementos essencialmente diaconais no culto cristão.³⁹⁴ Sendo a comunidade cristã, uma comunidade que possui sua identidade embasada em Jesus Cristo, essa por sua

³⁹³ CORTINA, 2017, p. 27.

³⁹⁴ GEORG, 2006, p. 103.

vez, em tudo o que faz, tem como primordial o seu exemplo. Dessa maneira, ao celebrar o culto, ela também reconhece nele a diaconia de Jesus Cristo.³⁹⁵

O assunto poderia ainda ser aprofundado, contudo já há pesquisas na área e com essa breve argumentação já se consegue visualizar a temática em diálogo com a pesquisa-ação. A Pessoa 1 traz justamente essa provocação, de que o culto deveria de ser um espaço em que se falasse mais sobre diaconia. “Ir a um culto onde possamos aprender como fazer mais e mais diaconia. Falar do real significado de ajudar o próximo, incluir isto na pregação dos cultos, é uma minoria que sabe o real significado.”³⁹⁶ Aqui reside uma possibilidade interessante a ser explorada do ponto de vista de que precisamos falar mais sobre diaconia e a tarefa diaconal da igreja, como forma de divulgar mais e de se fazer mais bem conhecida a diaconia, para que isso surta efeito e cativa mais as pessoas para a causa.

Esta resposta é complementada pela resposta da Pessoa 9, que explana justamente o que falamos anteriormente sobre a pregação ser o momento de vivência do culto e de suas partes.

Na minha visão, a gente está na diaconia para fazer diferente e para sentir o que o outro faz com a atitude que a gente tem a oferecer para ele. Porque quando se vai no culto se fica muito na teoria e a gente sabe que prática e teoria às vezes é diferente. Quando não se é mãe e tu vai levar o palpite sobre a criação de filhos, se sabe que na prática e não é bem assim. Ou então, muitas coisas que a pastora e o pastor nos dizem nos cultos como fazer, nós como seres humanos, na prática a gente sabe que a gente não consegue fazer ou é difícil a gente fazer. Então, a diaconia é essa prática que nos traz parece respostas com um sentido maior para aquilo que faz. A gente sente mesmo o que é ser igreja ou o que a gente gostaria que fosse igreja, uma igreja diaconal engajaria muito mais.³⁹⁷

Para a Pessoa 9, as questões aparecem como consequência uma da outra. Iniciando pelo culto, não se pode ficar apenas nisso, caso contrário, seria algo extremamente teórico e pouco prático. Entretanto, quando o culto se torna prático e instrutivo para a vida diária, se percebe as conexões entre a teoria e a prática, diminuindo a distância entre elas. Subsequentemente, a diaconia vivida oferece sentido para o ser igreja de Jesus Cristo diariamente, o que a torna uma igreja diaconal, engajando e cativando muito mais as pessoas. A possibilidade que essa

³⁹⁵ GEORG, 2006, p. 103.

³⁹⁶ PESSOA 1. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 3- aplicado no mês de setembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

³⁹⁷ PESSOA 9. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 3- aplicado no mês de setembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

pessoa nos traz é a de pensar a igreja como sendo diaconal ou pelo menos, colocá-la no caminho de se tornar diaconal, proporcionando maior envolvimento das pessoas. Existe uma crítica na fala da Pessoa 9 em relação à figura pastoral, que, algumas vezes pouco se envolve com a diaconia. Essa tensão também faz coro com argumentos anteriormente explanados, da tensão entre a teoria e a prática, evidenciando sinais de que existe uma hierarquia velada entre elas e que ao mesmo tempo quem realiza a prática diaconal se sente desprezada por quem “detém” a palavra.

Já para a Pessoa 10, o argumento passa pela vida como um todo e complementa as demais respostas. “Para mim, praticar diaconia é prazeroso. Procuro sempre me colocar no lugar da outra pessoa e me pergunto se fosse comigo como gostaria que agissem comigo?”³⁹⁸ Dessa forma, ela evidencia que é no dia a dia que a igreja faz a diferença na vida das pessoas e que o ponto de referência para a medida da ação é o nosso próprio eu e do que ele gostaria se fôssemos nós em situação similar.

As primeiras comunidades moldaram também sua reunião cultual a partir da diaconia. Sendo elas comunidades diaconais e realizando cultos diaconais, desde as origens, cunharam partes litúrgicas nitidamente diaconais, como o *Kyrie Eleison*, a oração geral da igreja, o preparo da mesa e ofertório, a eucaristia e o envio.³⁹⁹

Até então, já podemos afirmar que a diaconia tem, não apenas espaço no culto cristão, senão que ela é parte fundamental nele, de forma a que temos nele uma unidade inseparável, como diria Sissi Georg em sua pesquisa de doutorado. Contudo, ao longo do tempo essa unidade se desfez, sendo necessário o resgate desta identidade diaconal do culto cristão. Além do mais, diaconia e liturgia se conectam no papel de vivência da espiritualidade na prática do culto, que acontece nos intervalos entre uma celebração e outra, acontecendo assim, o que Nelson Kirst chamaria de a pregação do evangelho, diferenciando essa de prédica, sendo ela o momento do culto em que se ouve o sermão, como algumas tradições se referem.⁴⁰⁰

Assim sendo, a partir da teoria e da prática, a resposta que obtemos para essa pergunta é a afirmação de que o culto deve ser um espaço para se falar sobre

³⁹⁸ PESSOA 10. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 3- aplicado no mês de setembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

³⁹⁹ GEORG, 2006, p. 226.

⁴⁰⁰ KIRST, Nelson. **Rudimentos de homilética**. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007. P. 17.

diaconia, pois liturgia e diaconia são unidades indissociáveis. Assim, se pode promover formação para a diaconia enfatizando a importância e relevância do tema como propulsor de comunidades atrativas, inclusivas e missionárias.

8.2.2 A visitação e a hospitalidade

Ao falarmos em visitação e hospitalidade, lidamos com dois movimentos intensos que acontecem na vida comunitária. O ato de ir ao encontro das pessoas, bem como o ato de saber recebê-las no seio da comunidade de fé, para que a comunidade seja de fato inclusiva.⁴⁰¹ Um não pode estar desligado do outro, uma vez que a comunidade tem por objetivo a visitação como uma dimensão do cuidado para que as pessoas se sintam motivadas e cuidadas para a participação ativa na vida de fé comunitária.

Acolher a todos, incentivar, animar, mostrar, mas isso precisa vir da estrutura da IECLB. Deixar de se preocupar tanto com o dízimo, e ir mais atrás dos que precisam de apoio e ajuda. Não só quando estão doentes, ou quando morre alguém, se for uma pessoa que não frequenta a igreja, sendo visitada, convidada e incentivada ela com certeza vai começar a frequentar os cultos.⁴⁰²

A Pessoa 1 aborda em sua resposta a importância da hospitalidade e da visitação como forma de edificar a comunidade cristã. Percebe-se em sua fala a limitação de um acompanhamento mais próximo das pessoas da comunidade e possivelmente uma demanda não atendida por alguma razão por ministros e ministras da igreja. Essa possivelmente seja a rotina ministerial de quem trabalha em paróquia, absorvido ou absorvida pela agenda e os compromissos. Contudo, ela não explicita que essa seja uma função estritamente ministerial, deixando margem a que se interprete que mais pessoas podem desempenhar esse papel, tecendo sua crítica a toda uma comunidade que se preocupa mais com o dízimo e menos com o cuidado. Segundo ela, se o contrário fosse verdade, as pessoas se sentiriam motivadas a participar da vida comunitária.

É difícil escrever ou pensar nisso, mas não vejo muitas possibilidades de que pessoas que não fazem questão de participar do convívio comunitário, façam

⁴⁰¹ BEULKE, Gisela. A edificação de Comunidades Inclusivas. In: IECLB, Departamento de Diaconia; HERTEL, Hildegart (Org.). **Planejando as ações diaconais da comunidade:** e como que se faz isso?. Porto Alegre: IECLB-Departamento de Diaconia, 2001. P. 25.

⁴⁰² PESSOA 1. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 3- aplicado no mês de setembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

isso através do trabalho da diaconia. Não sei se é isto, na minha opinião, eu me sinto bem entre a comunidade, mas tive que me afastar uns 10 anos ficando com a mãe. Foi uma luta, mas com ela aprendi muito. Nesse tempo me senti sozinha, mas agora estou me recuperando de novo, participando de todos os grupos e a diaconia foi um dos grupos que me reaproximou da comunidade.⁴⁰³

A resposta da Pessoa 2 aborda aspectos utópicos em si. Ao mesmo tempo em que ela afirma que a diaconia não atrai, ela afirma de que se reaproximou da igreja a partir da diaconia, estando ela 10 anos afastada dela, sendo assim, quase uma pessoa sem religião. Com certeza, não intencionalmente, essa pessoa não vê possibilidades de ação missionária dentro da diaconia, porém, sem perceber, ela é um caso em que houve ação missionária a partir da diaconia, sendo esse tipo de conversão um limiar entre a conversão sem igreja e uma conversão interna.

A Pessoa 3 aborda diferentes aspectos em sua resposta.

Uma das possibilidades é o convite das voluntárias e pessoas envolvidas para os membros afastados de participar e se envolver no convívio comunitário, seja nos cultos, grupos..., falar do trabalho que realizam, o que esse servir trouxe para a sua vida, se houve mudanças, qual a compreensão de comunidade de fé que tem a partir desse envolvimento. Mostrar o que fazem é uma possibilidade de cativar pessoas para o trabalho e o engajamento na comunidade. Muitas pessoas são engajadas por uma causa e não por uma igreja. O que pode ajudar é que às vezes uma pessoa da família vai chamando a outra para ajudar e se envolver no trabalho da diaconia e isso chama para o convívio da comunidade. Um caso que pode ser relatado como exemplo de conversão é ou de um marido de uma senhora do grupo. No início, ele não gostava que a esposa participasse, pois ela estava muito sobrecarregada. Quando o grupo mudou um pouco o seu jeito de ser, ele percebeu que ela também estava mais feliz e passou a apoiar o grupo fortemente. Isso aconteceu também quando o grupo de diaconia passou a apoiar mais instituições e não só uma. Se tinha o sentimento de que uma instituição estava explorando sua esposa.⁴⁰⁴

Ao tratar de diferentes temas, algo fica explicitado, a visitação e a hospitalidade são fatores fundamentais para ela. Isso se demonstra quando afirma que é necessário convidar pessoas voluntárias, membros e membras afastadas, seja para cultos e grupos. Salienta também a necessidade de cativar para uma causa e não necessariamente para uma igreja, como já visto em respostas de perguntas anteriores. A diaconia ou um grupo poderia ser essa causa. Foi o que aconteceu com

⁴⁰³ PESSOA 2. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 3- aplicado no mês de setembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

⁴⁰⁴ PESSOA 3. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 3- aplicado no mês de setembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

um senhor que não gostava de que a esposa participasse da diaconia, mas quando o grupo mudou um pouco seu jeito, ele também passou a auxiliar.

Ainda nesse tocante, a Pessoa 4 traz o aspecto poimênico que se vive dentro do grupo de diaconia como possibilidade missionária para pessoas sem religião, o que é reforçado pelas demais pessoas do grupo.

O espaço da diaconia ou do grupo de retalhos é um espaço para sair da rotina de casa. As mulheres que principalmente são as pessoas que se envolvem com a diaconia, geralmente ficam em casa, fazendo as tarefas, todo dia na mesma rotina. Ir para a diaconia ajuda a distrair a cabeça. Outro ponto importante é que o grupo hoje trabalha com um sistema de ressarcimentos. No início precisávamos tirar muito do nosso bolso para o trabalho da diaconia acontecer. Hoje como temos o brechó, o trabalho é autossustentável e há sempre prestação de contas, o que torna o trabalho transparente nas contas.⁴⁰⁵

Sutilmente o tema da acolhida no grupo e as dificuldades pessoais vão aparecendo nas respostas, ainda que logo a Pessoa 4 tenha buscado um outro ponto para sair da zona da argumentação pessoal. Porém, para ela é nítida a questão da acolhida pessoal e do cuidado que sente ao participar de um grupo onde possa falar de si e de suas preocupações, fazendo disso uma possibilidade missionária para atrair pessoas de fora da comunidade sem religião, pois de uma forma ou de outra, todas precisam de cuidado. O trabalho transparente se demonstra também nesta direção, de que é um trabalho que inclui a todas as pessoas sem onerar custos a elas, pois muitas vezes não é possível arcar com todos os custos e o trabalho é voluntário. No mesmo sentido a Pessoa 5 responde ao questionário.

Uns tempos atrás ajudávamos sempre o mesmo lugar e as pessoas achavam ruim que só ajudávamos esse lugar. Foi preciso diversificar os apoios a grupos diferentes. Além disso, é preciso falar que o grupo se apoia e abraça, ou seja, é terapêutico e existe cuidado entre nós.⁴⁰⁶

Como complemento às respostas, temos referências que evidenciam a importância da visitação e conseqüentemente da hospitalidade como parte fundamental da igreja que cuida. Não obstante, esses dois elementos são de fundamental importância para a prática da diaconia, demonstrando-se como uma possibilidade missionária, tanto na teoria, como na prática.

⁴⁰⁵ PESSOA 4. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 3- aplicado no mês de setembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

⁴⁰⁶ PESSOA 5. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 3- aplicado no mês de setembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

É muito claro que pertence à dimensão do cuidado a espiritualidade. O cuidado e a espiritualidade é que dão sentido a determinações humanas que estão ancoradas à vida em um sentido transcendental em um sentido amplo da vida, pois espiritualidade refere-se com a integralidade da vida, com o corpo, com a mente e com o espírito, com relações humanas, vida social, cultural e até mesmo política. A espiritualidade é também a relação com o transcendente, com Deus e não deixa de ser uma busca incansável do ser humano pelo sentido da existência humana.⁴⁰⁷

Esse ponto é evidenciado por teóricos e teóricas da área da diaconia, afirmando inclusive que essas são características diaconais já desde a igreja antiga.

A diaconia da igreja antiga caracteriza-se por dois movimentos que partem de sua identidade cristológica: o primeiro é a *visitação*, a disponibilidade de ir ao encontro da pessoa necessitada ou excluída. O outro é a *hospitalidade*, quem implica receber essa mesma pessoa e incluí-la no ambiente próprio mais importante, principalmente na comunhão de mesa.⁴⁰⁸

Em termos bíblicos, existe consistente fundamentação para a prática da visitação e hospitalidade. Podemos mencionar o envio dos 70 (Mc 6. 7-13), admoestações sobre a hospitalidade (Rm. 12. 13; 1Pe 4.9; Hb 13.2). Também precisamos mencionar que a diácona Febe era chamada de a protetora de muitas pessoas (Rm. 16.2). O próprio tema da liderança comunitária exigia hospitalidade (1Tm 3. 2; 5. 10).⁴⁰⁹ Jesus inúmeras vezes visitou e comungou da mesa, comparando inclusive o Reino de Deus com um banquete (Mt 22.1-14).⁴¹⁰

Também hoje a visitação e a hospitalidade constituem eixos fundamentais da prática diaconal. A partir desse fato é possível fazer algumas observações importantes: a) A prática da visitação e hospitalidade não exige recursos financeiros, não depende de construções ou verbas do exterior. Não existe nenhuma comunidade tão pobre que não possa realizar algo nesta área. b) Para a prática da visitação e hospitalidade ser diaconal, é preciso que se dirija aos excluídos e esquecidos. [...]. c) Todos podem participar da prática de visitação e hospitalidade. Ela não é tarefa só do pastor ou do obreiro diaconal.⁴¹¹

⁴⁰⁷ SCHMIDT, Carina Inês. **Ministério da visitação comunitária: desafios e estímulos**. São Leopoldo, RS, 2019. 68 p. Dissertação (Mestrado Profissional) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2019. P. 29 Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/1006/1/schmidt_ci_tmp650.pdf Acesso em 04 Abr. 2023.

⁴⁰⁸ NORDSTOKKE, Kjell. Diaconia. In: SCHNEIDER-HARPPRECH(Org.). **Teologia prática no contexto da América Latina**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo, SP: ASTE, 2005. P. 279.

⁴⁰⁹ GAEDE NETO, Rodolfo. Banquetes de vida: a diaconia nas comunhões de mesa de Jesus. In: **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 50, n. 2, p. 306-318, jul. 2010. P. 307. Disponível em: http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/104/96 Acesso em 4 Abr. 2023.

⁴¹⁰ NORDSTOKKE, 2005, p. 280.

⁴¹¹ NORDSTOKKE, 2005, p. 280.

Conforme visto, visitação e hospitalidade estão na identidade histórica da a o diaconal. Tais argumentos encontrados em outras pesquisas justificam o fato de que mais uma vez o tema aparece de forma expressiva nas respostas do questionário da pesquisa-a o.

Por det rs de visita o e hospitalidade temos a palavra cuidado que aparece como possibilidade missionária dentro das respostas. Cuidado que se desvela em  mbitos diferentes como com as finanças, pois isso dá credibilidade, mas também, cuidado entre si, no grupo. Sentir o apoio e o abraço em diferentes situa es, motiva as participantes a falarem sobre o grupo e como se sentem estando nele. Isso enfatiza o que já vimos anteriormente, de que a causa motiva mais do que propriamente a igreja e que na causa reside possibilidade de missão. Nesse caso, ela oferece cuidado, na visita o e hospitalidade, permitindo assim, que as pessoas conheçam a comunidade de f  atrás da diaconia.

9 CONVERSÃO MÁGICA

Sobre a conversão mágica sabe-se que ela não é diretamente ligada à teologia evangélica de confissão luterana. Embora, necessitemos tratar do tema em questão, pois a IECLB está inserida em uma realidade em que o mítico e o místico se mesclam. Como exemplo, temos as teologias pentecostais e neopentecostais, bem como as religiões afro-brasileiras e o espiritismo, que lidam com possessões, curas e milagres de uma forma bem mais acentuada do que a IECLB. Sendo assim, de alguma forma, isso gera expectativas para as pessoas que estão na IECLB, de que essa “mágica aconteça”, de que um parente pare de beber ou fumar, que se alcance o milagre esperado, etc. Adaptando à realidade da IECLB, encontramos a seguinte pergunta: Quais as dificuldades e possibilidades existentes no trabalho diaconal da IECLB para que as pessoas possam mudar suas vidas de forma integral? Sobre as respostas encontradas, em suas dificuldades e possibilidades discorreremos a seguir.

9.1 Dificuldades

O primeiro dos temas que aparece no questionário da pesquisa-ação como dificuldades de se trabalhar a relação entre diaconia e conversão quando o tipo de conversão é a mágica ou integral, é a pergunta se há má intenção na diaconia. Outro é sobre a possibilidade de haver cansaço nas pessoas voluntárias que estão envolvidas no dia a dia da diaconia na IECLB. Assim sendo, a seguir abordamos aspectos relacionados a estes temas e que podem auxiliar na reflexão sobre o tema que estamos estudando.

9.1.1 Pessoas mal-intencionadas na diaconia

Percebe-se que, nas respostas da pesquisa-ação, o tema das pessoas mal-intencionadas recebe um destaque especial. Das 10 pessoas que responderam ao questionário, 7 delas relatam sobre a problemática. Ainda se poderia dizer que ele aparece de duas maneiras diferentes, mas complementares, havendo má intenção de quem busca auxílio e tem a pretensão de se aproveitar da sua situação e assim tirar proveito do grupo. Por outro lado, existe também quem se aproxime para ser

voluntário no grupo buscando algum proveito para si, como dinheiro ou mesmo levar dos produtos de que a diaconia dispõe para sua casa.

Dentro desse tema da dádiva entraram as respostas para a questão das dificuldades para que pessoas possam mudar sua vida de forma integral a partir do trabalho da diaconia. As respostas se complementam, mas aparecem em dois blocos, um deles é o de pessoas mal-intencionadas que se aproximam do grupo de diaconia visando vantagens ou pagamento por seu trabalho e outro é pessoas ajudadas que nem sempre precisam, mas pedem ou mesmo revendem o que ganham.

Iniciando pelo tema das pessoas que buscam vantagens e não entendem que o trabalho é voluntário, o tema é abordado pelas pessoas 1, 4, 6 e 7 na pesquisa-ação. Cada uma traz consigo aspectos diferentes dela. A Pessoa 1 reporta o seguinte: “Pessoas mal-intencionadas sempre buscam tirar proveito de tudo.”⁴¹² Essa fala é trazida pela Pessoa 1, que em outras muitas vezes, em outras perguntas fala da dificuldade de que se compreenda o que é voluntariado e o compromisso de que ele necessita. Em outras respostas, ela relata de que as pessoas esperam receber em troca ou que acham um absurdo não serem pagas pelo trabalho feito e tempo empenhado. Há também familiares que desincentivam a quem quer ser voluntário ou voluntária, questionando por que fazer algo sem receber em troca. Isso aparece como uma dificuldade para que pessoas possam mudar de vida a partir do trabalho da diaconia, pois há uma barreira interna de quem impeça esse movimento com seus interesses.

Para a Pessoa 4, existe reflexões que precisam ser feitas, até mesmo para repensar como vem sendo desempenhada a tarefa da diaconia e mostrar o que é diaconia, como fazer, por que fazer. Atualmente, não se compreende bem o que é e isso gera mal-entendidos, ainda mais quando surgem problemas diferentes dos quais se estava habituado a atuar. “Só sei que há DIACONIA está precisando de Socorro urgente para saber lidar com as dificuldades que estão surgindo. Pessoas mal-intencionadas sempre buscam tirar proveito de tudo.” Para a Pessoa 4, também há quem queira tirar proveito das situações e para ela é necessária formação para aprender a lidar com os novos desafios contextuais⁴¹³ e as rápidas mudanças sociais

⁴¹² PESSOA 1. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 4- aplicado no mês de outubro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

⁴¹³ PESSOA 4. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 4- aplicado no mês de outubro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

a que estamos submetidos e submetidas principalmente após a virada dos anos 2000. Essa é uma perspectiva que vem surgindo dentro da diaconia, pois se percebeu ao longo dos anos de que os temas são diferentes e necessitam de abordagens metodológicas diferentes.

Para a Pessoa 6, existe quem tente se beneficiar do espaço da diaconia como descarte do que não quer mais e está em um estado péssimo de conservação, talvez nem servindo para doação.

Às vezes nos parece que a diaconia é lugar de descarte, desta forma algumas pessoas entendem que os pobres podem receber qualquer coisa e isso dificulta para que as pessoas tenham vontade de mudar de vida, pois receberam da igreja o que algumas pessoas pensam “o meu lixo, é ouro para o outro”, muitos doam o pior.⁴¹⁴

Aqui o espírito da dádiva vem totalmente imbuído de retribuição, quando se espera ter o direito de descartar algo levando para a comunidade de fé ou espaço da diaconia, pois se paga a contribuição. Não obstante, também se doa algo, não pela dádiva, mas pelo descarte e pela questão de que quem recebe, na visão de doadores e doadoras, por não ter nada, não merece algo bom ou melhor.

Contudo, creio que o caso mais emblemático desta resposta seja a reação de uma pessoa do próprio grupo de diaconia e retalhos, caso trazido pela Pessoa 7.

Duas histórias me marcaram. A primeira delas é quando estávamos pintando bolachas no Natal para doar e uma senhora quando estava pintando colocou poucas bolinhas na bolacha alegando que quem recebe a doação come qualquer coisa. Outro caso aconteceu em relação ao projeto almofadas do coração, desenvolvido em parceria com o Sínodo. Uma senhora não costurou bem e colocou menos enchimento dentro da almofada. Quando questionada sobre a atitude, pois a almofada requer mais enchimento, ela respondeu: “Cavalo dado não se olha os dentes”. As pessoas se sentem felizes ao receber a almofada, mas há quem pensa que pode dar ou fazer de qualquer jeito. Dessa forma, para mim fica a pergunta como mudar a vida de alguém dando o que tenho de pior. Podemos pensar no caso de um emprego. Como alguém vai conseguir um emprego se a roupa for ruim e ela não tem para comprar melhor?⁴¹⁵

Nesses casos, a decepção em relação à dádiva aconteceu entre pessoas do próprio grupo de diaconia e retalhos, quando as voluntárias alegaram que quem recebe pode comer qualquer coisa ou que “cavalo dado não se olha os dentes”. Aqui

⁴¹⁴ PESSOA 6. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 4- aplicado no mês de outubro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

⁴¹⁵ PESSOA 7. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 4- aplicado no mês de outubro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

existe uma outra questão importante para a reflexão. Na ótica destas pessoas, quem pratica o voluntariado pode fazê-lo de qualquer forma, pois é trabalho gratuito. A fonte desta crença está no mercado de trabalho que exige que o pago seja bem-feito, enquanto o voluntariado pode ser de qualquer forma, sendo a utopia sedutora do mercado.⁴¹⁶

No oposto, temos a questão da dívida que se apresenta, quando as pessoas não reconhecem a dívida de serem ajudadas, colocando suas necessidades acima de tudo e considerando suas inferioridades como maior do que qualquer espírito de dívida. Assim desvalorizam o que ganham ou nem cuidam, ou mesmo não precisando mais, ainda buscam ajuda, não abrindo espaço para quem esteja em uma situação pior. Esse tema é abordado pelas pessoas 2, 3 e 5.

Tem aqueles que não precisam e sempre estão lá pedindo, mas procuramos ajudá-los. Para não passarmos por pessoas de má fama. Está cada vez mais difícil ajudar as pessoas de qualquer forma, as pessoas aceitam as doações sejam de móveis, cesta básica, roupas, remédios, louças, etc. Gratidão só no momento, na semana seguinte você procura por eles para ver como estão e já encontra praticamente todo o material doado na rua.⁴¹⁷

Aqui se cria uma relação de dependência. Enquanto um lado espera receber e ver o que pode pegar para si de melhor do que já eventualmente tenha ganhado, quem doa espera que quem é ajudado ou ajudada faça o melhor com o que recebeu. Existe, nesse caso desconfiança em ambos os lados. Entretanto, parece ser desmotivador quando uma doação se mostra não cuidada ou jogada fora, na rua, quando todo um esforço foi feito para que aquilo chegasse até uma família. Segundo ela, não há gratidão de algumas pessoas que recebem a doação. Há uma preocupação com o que fazer em relação a essa situação, parecendo ser necessário ensinar a todos e todas como proceder no desapego após a doação, ou como cuidar melhor quando se recebe uma. Parece haver uma disputa entre quem doa e quem recebe, sendo que quem recebe está querendo sempre mais e melhor, pois não tem condições e quem doa espera que se cuide do que foi recebido, ainda que nem esteja em tão bom estado de conservação, mas doam pensando, como ela mesmo diz, em não passar uma “imagem de má fama”. Novamente, ambos os lados estão esbarrando no verdadeiro espírito da dívida, que não busca nenhum tipo de retribuição.

⁴¹⁶ GODBOUT, 1998, P.44

⁴¹⁷ PESSOA 2. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 4- aplicado no mês de outubro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

Para a Pessoa 3, há suspeitas de que não há valorização do que é recebido como doações.

Está tudo muito fácil, se alguém tiver algo melhor descartamos o anterior, em vez de devolver ou passar adiante colocam no lixo. Precisamos fazer um esforço muito grande para mostrar que nosso trabalho DIACONIA é sem fins lucrativos, e também não é para benefício próprio, que tudo o que fizermos é para aqueles que realmente necessitam sejam pessoas bem carentes ou para famílias que estão passando por um momento de dificuldade (perda de emprego, doença, etc.).⁴¹⁸

O objetivo, sendo ela é apoiar de fato quem necessita por estar numa real situação de dificuldade. Porém, há quem procure algo melhor, descartando o que foi recebido. Também, claramente se percebe um movimento crescente de revendas de usados no país, o que envolve trabalhos como esse realizado pelo grupo, o que pode explicar também a procura repetida de pessoas pelo trabalho oferecido pela diaconia.⁴¹⁹ O trabalho da diaconia, em alguns lugares se tornou fonte de renda para famílias que sobrevivem de brechós e revendas.

Ainda temos a resposta da Pessoa 5, que traz um questionamento que demonstra que ainda se necessita trabalhar o tema da dívida em grupos de diaconia, mas que também traz a realidade das doações e da desvalorização do item da parte de quem as recebe. Também a falta com a verdade e motivação para a exploração do grupo de diaconia, parece uma preocupação constante do grupo da pesquisa-ação.

Pode haver dificuldades como mentiras e intenção de explorar quem está doando ou explorar o grupo de Diaconia. Nos aborrece quando há quem queira usar e explorar a diaconia. Para nós fica a pergunta: será que a diaconia tem sempre o dever de ajudar, sem ao menos comprometer quem é ajudado?⁴²⁰

Em sua pergunta, existe a questão do comprometimento de quem é ajudado ou ajudada. Isso demonstra uma maior vontade de interação e acompanhamento de quem recebe as doações, o que o grupo deixou de realizar, por questões de demandas. Ainda a Pessoa 3 expressa sua posição sobre o tema baseada na questão da gratidão, que é fundamental para a compreensão do espírito da dívida:

⁴¹⁸ PESSOA 3. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 4- aplicado no mês de outubro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

⁴¹⁹ AGÊNCIA BRASIL. **Comércio de itens usados cresce 48,5% na pandemia**. 2021. s/n. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-09/comercio-de-itens-usados-cresce-485-na-pandemia> Acesso em 22 Mai. 2023.

⁴²⁰ PESSOA 5. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 4- aplicado no mês de outubro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

Ainda existe casos de gratidão de pessoas que recebem doações, ou outro tipo de ajuda, principalmente mulheres grávidas. É bom demais, quando ela retorna para mostrar o bebê que ajudamos com enxoval e/ou medicamentos e exames para o mesmo. Procuro acompanhar a gravidez das gestantes, com visitas por alguém da paróquia que faz parte de um grupo de diaconia ou mesmo agentes de saúde. Não só gestantes, mas também pessoas com enfermidade.⁴²¹

Sobre isso nos relata Jacques T. Godbout, em um artigo sobre a dádiva:

Mas, antes de abordar esse tema, uma palavra acerca desse "fenômeno social total", como dizia Marcel Mauss. O que é a dádiva? De modo negativo, entende-se por dádiva tudo o que circula na sociedade que não está ligado nem ao mercado, nem ao Estado (redistribuição), nem à violência física. De modo mais positivo, é o que circula em prol do ou em nome do laço social.⁴²²

Em suma, para o autor, existe dois lados do mesmo tema, o negativo e o positivo. O negativo seria aquilo que se compreende como troca, não ligado ao mercado, nem ao Estado, mas as trocas sociais que se faz como resposta a estímulos individuais, como o simples exemplo da frase popular "É dando que se recebe" e por isso se espera algo em troca. De outro lado, existe a questão positiva sobre dádiva que é o que atua em prol de laços socialmente criados e que de fato são respostas genuínas a estes estímulos. E esse não é, para o autor, apenas um modo pelo qual algumas pessoas vivem, é um modelo societário.

Uma primeira característica de um sistema de dádiva consiste no fato de que os agentes sociais buscam se afastar da equivalência de modo deliberado. Isso não significa que a dádiva seja unilateral. Pode sê-lo, mas essa não é uma característica essencial sua. Geralmente, ao contrário, há retribuição, e muitas vezes maior do que a dádiva. Mas a retribuição não é o objetivo. É um equívoco aplicar a ela o modelo linear fins-meios e dizer: ele recebeu depois de ter dado, portanto deu para receber; o objetivo era receber, e a dádiva era um meio. A dádiva não funciona assim. Dá-se, recebe-se muitas vezes mais, mas a relação entre os dois é muito mais complexa e desmonta o modelo linear da racionalidade instrumental.⁴²³

A relação construída, socialmente, sobre a dádiva se expressa em diversos espaços da sociedade. De um lado, existe pessoas que estão dispostas a apoiar e ajudar em alguma ação ou iniciativa, esperando o que vão receber em troca. Essa recompensa esperada, se apresenta também de muitas maneiras. Há quem espere reconhecimento financeiro pelo trabalho que desempenha e se sente lesado por não

⁴²¹ PESSOA 3. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 4- aplicado no mês de outubro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

⁴²² GODBOUT, Jacques T. Introdução à dádiva. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, p. 39-52, 1998. P.44 .

⁴²³ GODBOUT, 1998, P.44.

receber o que é esperado. Também há quem espere o reconhecimento em forma de menções honrosas, presentes e reconhecimento público. De outra forma, existe pessoas ajudadas, ou que buscam por auxílio, que também esperam dádivas por suas condições inferiores de vida e condições de trabalho. Assim, o espírito da dádiva, em sua essência, desmonta essa busca por um resultado, um bem, uma compensação ou pagamento pelo qual se espera. Outrossim, a dádiva afirma que, muito se dá, sem esperar retribuição, e que mesmo em disparidade perante um sistema complexo de relações, na ótica do capitalismo, essa relação ainda é de igualdade entre todos e todas, pois dádiva é dádiva e não recompensa ou premiação.

A partir destas respostas, podemos afirmar que o uso da expressão pessoas mal-intencionadas revela-se como parte do preconceito também existente no grupo de diaconia e em sua maior parte o desconhecimento sobre o que seria mal-intencionadas como um traço de caráter. O que existe são pessoas que culturalmente podem vir a querer tirar proveito e isso se revela como decorrência da falta da vivência de um verdadeiro espírito da dádiva, que não espera retribuição, mas que doa e se doa pela transformação diaconal. Isso é fruto de um contexto cultural, individualista e capitalista, que cria essa cultura de tirar proveito diante das situações onde a oportunidade surge. Há pessoas que esperam ganhar em troca do trabalho que é voluntário na diaconia e há também quem não saiba valorizar as doações recebidas. Em ambos os lados, há pessoas que se relacionam com interesses próprios com a diaconia e seus grupos. Contudo, é necessário um trabalho de contínua reflexão e compreensão mais profunda do porquê isso acontece, pois não basta apenas um julgamento premeditado dos acontecimentos.

9.1.2 O cansaço das pessoas voluntárias

Um dos temas que também apareceu como resposta na pesquisa ação e que se mostra como uma dificuldade para pensar que as pessoas possam mudar sua vida de forma integral a partir do trabalho da diaconia é o cansaço que apresentam as pessoas ligadas ao voluntariado diaconal. Para a Pessoa 9, o cansaço se demonstra quando as pessoas não levam o grupo ou uma situação que mereceria respeito a sério. Assim, elas têm a sensação de que estão perdendo tempo que poderia ser investido em outras atividades, mas tem que atender quem não valoriza o tempo que é voluntário do grupo.

Algumas vezes nos sentimos desmotivadas. Um fato que aconteceu conosco foi quando parentes de uma pessoa falecida ligaram para o grupo de retalhos oferecendo as suas roupas. Contudo, não era uma doação, pareciam inclusive estar rindo no momento da ligação, queriam vender as roupas e se isso não bastasse ainda queriam que buscássemos as peças. Isso deixou um clima pesado em nosso grupo e tem a capacidade de nos fazer perder a vontade de continuar o trabalho. Se nós estivermos desmotivadas, como vamos conseguir mudar a vida de alguém?⁴²⁴

Nesse caso, o cansaço, somado à situação conflito, que aconteceu perto do final do ano, quando as pessoas se encontram mais sensíveis e cansadas, foi um fator desmotivador para o grupo. Sobre estas roupas, inclusive a presença delas ali atrapalhava o trabalho desenvolvido. A pergunta ao final da resposta deixa evidente a dificuldade de se trabalhar para que uma pessoa mude de vida a partir da diaconia. A desmotivação sentida pelo grupo e seu cansaço não permitiriam o acolhimento, cuidado e aproximação saudável o suficiente para que houvesse qualquer transformação na vida de alguém, pois eram elas que, naquele momento precisariam sentir-se transformadas apesar da situação vivida.

Para a Pessoa 10, um fator que dificulta o trabalho, também se apresenta na desvalorização do tempo que elas dispõem, quando pensam que a diaconia é um local de descarte ou de despejo do que não se quer mais, impedindo assim, que pessoas possam, de fato, mudar de vida. Os itens em mau estado não motivam ninguém para mudanças.

Uma situação extremamente complicada é quando esperam que o nosso grupo seja apenas um local que serve de frete gratuito para outro lugar, ou seja, não doam para nós, mas para outros lugares e ainda esperam que levemos até lá. Quando isso acontece, isso nos deixa lá embaixo, nos desanima, por isso decidimos que não buscamos e nem intermediamos doações, salvo algumas exceções.⁴²⁵

A relação que algumas pessoas da comunidade local construíram com o grupo não é a de espera que alguém possa mudar de vida a partir do cuidado diaconal, mas é a de que ali é um lugar para descarte do que não se quer mais. Dessa forma, o grupo não se sente empoderado e muito menos motivado para motivar alguém para uma mudança integral de vida, pois como vão incentivar mudanças se o que às vezes

⁴²⁴ PESSOA 9. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 4- aplicado no mês de outubro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

⁴²⁵ PESSOA 10. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 4- aplicado no mês de outubro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

se doa, pode ser pior do que aquilo que as pessoas já têm? O cuidado através da doação de itens em bom estado motiva para a transformação de vida.

Estas questões aparecem nas respostas das pessoas 8, 9 e 10 no questionário da pesquisa ação. Para a Pessoa 8, existe inclusive a pressão por fazer mais, sentindo a culpa de não conseguir atingir o objetivo da pergunta que norteia esse bloco de reflexões.

Nosso grupo se sente cansado, pois os tempos mudaram, nós envelhecemos e gostaríamos de fazer mais do que conseguimos fazer, mas não é possível. Isso nos faz pensar que nosso impacto poderia ser maior na cidade, porém damos o nosso máximo e é isso que conseguimos. Quem sabe se fizéssemos mais, as pessoas mudariam suas vidas de forma integral?⁴²⁶

O tema desta resposta reside no fato de que as pessoas do grupo se sentem cansadas e sobrecarregadas, e mesmo fazendo muito, gostariam de fazer mais, culpando-se por não atingir metas maiores ou por não terem maior impacto na comunidade local. Em nenhum momento se menciona a questão da importância do tempo do ócio ou do descanso para poder continuar desempenhando bem aquilo que já fazem e possui um impacto expressivo no local onde atuam. A questão do envelhecimento também aparece como fator limitador, por outro lado, mesmo afirmando que não existe nenhuma nova liderança se somando, o grupo não menciona na pesquisa-ação que fez alguma atividade para motivar o voluntariado de novos integrantes além do convite boca a boca. Aparentemente, o grupo tem uma rotina do “para-isso” e se firmou nela como sua força motriz, sem pensar nos não-para como tempo intermediário para outras questões importantes envolvendo a diaconia como motivar mais pessoas. Acaba sendo, para elas, mais fácil continuar fazendo tudo sozinhas e como sempre foi do que ensinar novas lideranças.

Sobre esse tema do cansaço, podemos afirmar que ele é tratado por algumas autorias como sendo um sintoma de uma sociedade que se encontra nesta mesma situação.

O cansaço de esgotamento não é um cansaço da potência positiva. Ele nos incapacita de fazer qualquer coisa. O cansaço que inspira é um cansaço da potência negativa, a saber, do não-para. Também o Sabah, que originalmente significa parar, e um dia do não-para, um dia que está livre de todo para-isso, para falar com Heidegger, de toda e qualquer cura. Trata-se de um tempo intermédio. Depois de terminar sua criação, Deus chamou ao sétimo dia de sagrado. Sagrado, portanto, não é o dia do para-isso, mas o dia do não-para,

⁴²⁶ PESSOA 8. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 4- aplicado no mês de outubro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

um dia no qual seria possível o uso do inútil. E o dia do cansaço. O tempo intermediário é um tempo sem trabalho, um tempo lúdico, que se distingue também do tempo heideggeriano, que no essencial é um tempo de cura e de trabalho. Handke descreve esse tempo intermediário como um tempo de paz. O cansaço tem um fator de desarme. No olhar longo e lento do cansado a decisibilidade cede lugar a uma serenidade.⁴²⁷

Han nos traz em seu livro “A sociedade do cansaço” de que essa sociedade está cansada pelo excesso de produção e foco no hiperdesenvolvimento, e que isso à conduz a um cansaço como o do esgotamento citado acima, que exige o descanso como resposta a essa alta produtividade. Entrando nas vias teológicas de fato, como o autor diz, Deus chamou o dia de descanso de sagrado, demonstrando que, mesmo Ele, em sua onipotência, decidiu descansar após o trabalho da criação.

Han também chama a atenção para o tempo do “para-isso”, que é um tempo focado em algo, em atividades, compromisso, produção e resultados, mas que o tempo intermediário se mostra como decisivo para a sobrevivência humana. O tempo do não-para fazer algo, mas sim dia em que o inútil e o ócio tomam importante espaço na reflexão e no trabalho desenvolvido. Assim sendo, o ócio devolve a serenidade onde antes apenas existia cansaço. Nossa sociedade e grupos estão cansados, pois medem a qualidade do tempo através do “para-isso” e não através do “não-para”, assimilando o que vive a sociedade do cansaço e da produção exacerbada.

Desta maneira, podemos afirmar de que as pessoas voluntárias estão cansadas, assim como a sociedade está cansada e esgotada das tentativas frustradas de conseguir produzir resultados sem atingir metas maiores. Também se percebe uma autocobrança para que isso se torne concreto, sem margens para erros ou correção de rumos, na tentativa de viabilizar um trabalho mais efetivo e menos cansativo. O voluntariado precisaria ser repensado na dinâmica social, permitindo mais tempo não-para como tempo ocioso de criatividade e menos tempo “para-isso”, com foco em produção e resultados.

9.2 Possibilidades

Dentro do aspecto da conversão mágica, reinterpretando a ela como mudança integral de vida, pode-se refletir de que é possível trabalhar o tema na IECLB de uma forma responsável e criteriosa, teologicamente comprometida com a transformação

⁴²⁷ HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015. P. 76-77.

de uma situação conflituosa. Entretanto, ela demanda a observação das possibilidades existentes concretas para que isso aconteça. Dentre os temas que apareceram na pesquisa-ação em diaconia, como possibilidades de se promover conversão como mudança integral de vida, estão o tema do empoderamento de quem é ajudado, a gratidão de quem recebe apoio e a importância do registro das atividades que são desenvolvidas, pois os grupos estão acostumados a fazer diaconia e não a registrar o que fazem. Sobre estes temas trataremos a seguir.

9.2.1 O empoderamento das pessoas acompanhadas pela diaconia

Sobre o que tange a esse tocante, o tema do empoderamento, transformação e protagonismo foi pauta das respostas das pessoas 1, 2, 4 e 5 quando se falou sobre as possibilidades para que pessoas pudessem, através do trabalho diaconal, terem suas vidas transformadas de forma integral.

A Pessoa 1 assim escreve: “Pessoas bem-intencionadas podem sim mudar as suas vidas de forma integral. Elas vão pedir ajuda na hora difícil, aí aproveitam essa ajuda e vão à luta para o amanhã.”⁴²⁸ É interessante lembrar de que, nas dificuldades, apareceu que as pessoas mal-intencionadas dificultam o trabalho. Entretanto, a Pessoa 1 também soube reconhecer de que há pessoas que buscam ajuda para saírem da situação em que se encontravam, visando suporte para os momentos periclitantes. E de que isso é uma possibilidade de trabalhar a conversão como uma forma de mudança integral de vida.

Já para a Pessoa 2, ela afirma de que essas pessoas, ainda que tenham vontade, é nosso dever e oportunidade procurar por elas e cuidá-las, para que possam sair da situação vivida. “Eu acho que quando as pessoas precisam de apoio, devemos procurá-las, para que a gente da diaconia possa ajudá-las, porque muitos se sentem envergonhados. Devemos dar a maior força para todos. Isso é só gratidão da parte de Deus, poder estar compartilhando.”⁴²⁹ Sua reflexão reflete a importância de um olhar sistêmico sobre a questão analisada e pessoas encontradas. Nas entrelinhas, está dito que cada caso é um caso e que para haver uma mudança integral, se faz

⁴²⁸ PESSOA 1. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 4- aplicado no mês de outubro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

⁴²⁹ PESSOA 2. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 4- aplicado no mês de outubro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

necessário apoiar a quem necessita de uma forma próxima e personalizada, afinal de contas as necessidades são diferentes.

Para a Pessoa 4, o tema das pessoas bem-intencionadas se repete, reafirmando o tema do protagonismo e autonomia de quem é apoiado ou apoiada por um projeto diaconal.

Pessoas bem-intencionadas podem sim mudar suas vidas de forma integral. Elas vão pedir ajuda na hora da dificuldade e aproveitam essa ajuda e vão à luta para melhorar. Mesmo em meio às dificuldades de dias sombrios são gratos por tudo o que recebem, tomam como estímulo para um recomeço.⁴³⁰

A repetição do tema permite a análise de que existe casos positivos, mas que o grupo, durante a pesquisa-ação, passava por um período de cansaço de final de ano, após um ano com seus desafios e frustrações. Entretanto, se menciona mais de uma vez no grupo que estas pessoas, empoderadas e protagonistas, podem sim mudar de vida a partir do apoio dado pela diaconia e que percebem que estas tomam isso como um estímulo para o recomeço diante de adversidades convertendo-se assim em seus caminhos.

A Pessoa 5 traz um exemplo de mudança de vida que inclusive levaria a pessoa ajudada a ser parte da comunidade de fé, mas foi desestimulada para isso.

Um exemplo positivo é um casal de professores que estavam em dificuldades e estavam para se separar. Sabendo da situação e reconhecendo que aquele casamento não tinha mais solução, o grupo de diaconia resolveu ajudar. Para saírem da dificuldade precisavam da separação, mas não tinham como se separar, pois nenhum deles tinha como montar uma casa nova. A diaconia doou sofá e outras coisas para a casa como balcão, pia e outros itens. Assim, puderam se separar, entenderam o papel do grupo de diaconia na vida deles e ficaram muito felizes. O casal, percebendo a importância da ajuda que tiveram, logo que se estruturaram, quiseram ajudar o grupo de diaconia. A professora, motivada pela doação e apoio quis ir na igreja, mas se falou a ela de que não precisa ir e que o objetivo não é ter novos membros.

Este exemplo é um caso emblemático diante do que estamos estudando. Nesse caso, a possibilidade foi criada a partir do grupo de diaconia, houve mudança de vida integral e o desejo de, por gratidão vir a se somar à comunidade de fé que foi suporte para essa família na dificuldade. Porém, ao se aproximar da comunidade de fé, de cujo grupo de diaconia recebeu ajuda, ela foi desincentivada a se tornar membro. Esse acontecimento corrobora, na prática, com o que vimos na primeira

⁴³⁰ PESSOA 4. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 4- aplicado no mês de outubro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

parte dessa tese. A IECLB, como igreja de tradição histórica protestante, para não incorrer no medo do proselitismo, diversas vezes se recusa ao convite e pouco sabe como acolher diferentes tradições religiosas quando pessoas mudam de denominação religiosa, buscando a IECLB como seu local para a vivência da sua espiritualidade.

Para haver uma real transformação, precisamos nos ater ao tema do protagonismo. Caso contrário falhamos teologicamente com um conceito que é fundante para a Igreja Cristã, o Pentecostes.

Como conceito teológico, o empoderamento relaciona-se com a compreensão bíblica da criação: todo ser humano é criado à semelhança de Deus, com capacidades e aptidões, independentemente de sua aparente condição social. Ademais, relaciona-se com a promessa de Pentecostes: Quando o Espírito Santo descer sobre vocês, vocês receberão poder e serão minhas testemunhas (...) até nos lugares mais distantes da terra (Atos 1.8). A história de Pentecostes conta como os discípulos foram transformados, como foi superado seu medo, como suas perguntas do passado foram substituídas por palavras que proclamavam os poderosos feitos do Senhor, e sua linguagem se transformava de acordo com o contexto que os rodeava. A igreja está convicta de que Deus continua a dar poder às pessoas, não somente aos apóstolos e a outras pessoas que assumiram liderança, mas especialmente àquelas que, raras vezes ou nunca, ganham oportunidade para falar. Essa convicção deveria determinar a ação diaconal, sua metodologia e sua escala de prioridades.⁴³¹

Desta forma e teologicamente falando, já no Pentecostes está relatada uma história de transformação pessoal de superação de medos, incertezas e indecisões a partir do empoderamento que um evento promoveu com os discípulos. A partir dali, houve a expansão missionária, viagens e novos lugares foram alcançados com o agir transformador de Jesus Cristo, promovendo diaconia e cuidado a muitas pessoas.

Do ponto de vista social, empoderar tem distintas características. Uma delas, associada ao que estamos tematizando nesse tópico, seria a promoção do protagonismo e não apenas empoderar, sendo seu uso intransitivo.

Empoderar como verbo intransitivo configura uma perspectiva emancipatória de empoderamento, processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitem ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão (HOROCHOVSKI e MEIRELLES, 2007), com o objetivo, conforme destaca Friedmann (1996), de reequilibrar a estrutura de poder na sociedade. Nessa perspectiva de empoderamento, o Estado e a empresa estão sujeitos à responsabilização social, aumentando os poderes da sociedade civil na gestão de seus próprios assuntos (FRIEDMANN, 1996).⁴³²

⁴³¹ FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2009, p. 45.

⁴³² BAQUERO, R. V. A. EMPODERAMENTO: INSTRUMENTO DE EMANCIPAÇÃO SOCIAL? – UMA DISCUSSÃO CONCEITUAL. In: **Revista Debates**, 6(1), 173. 2012. P. 179.

Enquanto isso, o uso transitivo do verbo empoderar, aponta para o risco do controle que se pode ter sobre outras pessoas quando se diz que se visa empoderar. Em outras palavras, empoderar pode ser uma ação passiva desempenhada por quem detém o poder ou o conhecimento e coercitivamente o emprega sobre quem está vivendo um processo de desenvolvimento do protagonismo.

Usado transitivamente, empoderar significa dar poder a outro, compartilhando alguns poderes que determinados profissionais devem ter sobre outros. Dessa forma, o profissional é visto como agente de empoderamento, e permanece como sendo o ator controlador, definindo os termos da interação. Os indivíduos ou grupos relativamente desempoderados permanecem como objetos da relação, como os receptores da ação externa, numa atitude passiva. A afirmação "precisamos empoderar esse ou aquele grupo" reforça a ação de um indivíduo/grupo sobre outro indivíduo/grupo, considerados incapazes de sua própria ação de poder.⁴³³

O processo do empoderamento necessita desta reflexão, pois a forma como vai ser desenvolvida incide diretamente sobre o resultado a ser alcançado ou não. Quando alguém é empoderado por outras pessoas, ela continua sob o seu comando e tem autonomia controlada. Quando ela é empoderada e protagonista desse processo, se desenvolveu ferramentas para que uma situação pudesse mudar de forma significativa dentro do prospecto de transformação esperada.

A partir dos argumentos teóricos e práticos, podemos afirmar de que o protagonismo é essencial de ser trabalhado quando se almeja a transformação de vida integral de alguém ou de um contexto que passa por uma situação de vulnerabilidade em sua vida. Não obstante, quem apoia a estas, precisa estar ciente de que empoderar não é controlar ou "dar o poder" a outrem. Para haver transformação de vida integralmente, convertendo-se assim o modo de viver, é necessário que agentes diaconais e público-alvo estejam em sintonia respeitando limites e tempo de cada processo vivido, instrumentalizando-se e sendo suporte mutuamente pela transformação.

9.2.2 O registro dos fatos como memória pessoal e coletiva

Diante do que já vimos, concluímos que vivemos em uma sociedade cuja identidade é líquida e que se expressa manifesta na individualização e globalização. Entretanto, em toda essa dinâmica social líquida, histórias vão sendo registradas,

⁴³³ BAQUERO, 2012, p. 179.

algumas em livros didáticos, revistas científicas informativos de instituições e afins. Já outras são parte de uma memória pessoal e coletiva, nem sempre sendo registrada como deveria, pois como vimos, agentes diaconais não se preocupam tanto com o registro e mais com o realizar.

Nesse sentido emerge as respostas das pessoas 3, 6, 7, 8, 9, 10 no questionário da pesquisa-ação.

Para a Pessoa 3, embora exista dificuldades e pessoas que desprezam o trabalho da diaconia, existe aquelas pessoas que se espelham seguindo assim o exemplo de serviço e amor diaconal.

Divulgar mais dentro das paróquias do projeto almofadas do coração com certeza trará muito retorno. A IECLB tem muitos trabalhos diaconais sendo feito dentro das suas paróquias e comunidades, mas é preciso ter o apoio dos ministros e ministras para divulgação, são eles o carro chefe da diaconia dentro das comunidades. Enquanto algumas pessoas acham o trabalho diaconal muito bonito, esses espelham nele temos também o contrário, mas vamos continuar a acreditar num mundo melhor, é preciso continuar a ser bom com o próximo, acreditar que Deus possa nos ajudar orientando o nosso caminho para nunca cansarmos de ser bons.⁴³⁴

Para ela, a história vivida, contada e relatada é capaz de mobilizar pessoas através do testemunho que é dado pela diaconia. Por isso, se faz necessária a soma de forças pelo projeto que se quer realizar e se mostra de indescritível valor o registro daquilo que se fez visando que mais pessoas possam tomar como exemplo para suas vidas, comunidades e paróquias.

Para a Pessoa 6, o registro de tudo o que se faz é necessário, corroborando com o que a Pessoa 3 nos diz. Porém, aqui o fator cansaço e o grande envolvimento nas ações diaconais parece ser um impedimento para que isso aconteça.

Geralmente, quando começo meu dia com ações, fico o dia inteiro envolvida com isso. Por um lado, isso cansa, mas é um bonito testemunho diaconal. Também vejo que seria importante registrar o que acontece, às vezes nos esquecemos disso e o quanto isso pode nos inspirar para novos trabalhos e não acompanhamento de outras pessoas, melhorando o nosso jeito de agir e promovendo mudanças integrais de vida.⁴³⁵

A reflexão feita pela Pessoa 6 demonstra a importância do registro dos fatos, pois, com ele, além de se poder contar o que já foi desenvolvido e feito para as

⁴³⁴ PESSOA 3. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 4- aplicado no mês de outubro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

⁴³⁵ PESSOA 6. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 4- aplicado no mês de outubro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

próximas gerações, ainda se pode autoavaliar práticas, melhorando o jeito de se fazer para que possa de fato haver mudanças integrais na vida de quem é apoiado por um projeto diaconal.

Para a Pessoa 7, cada doação é uma oportunidade de mostrar o grupo ou a comunidade a quem é ajudado, mas também para quem vir a conhecer aquela história posteriormente de que ali se encontra uma oportunidade de mudança de vida.

Cada doação é uma oportunidade de conversão e mudança, pois ela oferece algo a quem é ajudado, e nós do grupo, tentamos não apenas ofertar algo, mas junto com esse algo ofertar amor e diaconia, para que entendam que aquela doação é uma oportunidade de conversão e mudança de vida.⁴³⁶

Nesse relato se percebe a proeminência da ação diaconal em seu potencial de mudança de caminhos, de vida, de ascensão diante de uma situação desgastante e conflituosa de vulnerabilidades. O registro destas atividades poderá servir de modelo para o desenvolvimento de outras ações e de inspiração para quem desejar fazer algo parecido. Também para quem é ajudado ou ajudada, a ação serve como fonte de motivação pessoal para mudanças e o seu registro demonstra que algo foi feito e que efetivamente pode mudar a vida de alguma pessoa.

Para a Pessoa 7, o registro do que se fez vai além da inspiração para novos trabalhos na área da diaconia e atendimento a pessoas em situação de vulnerabilidade social. Nesse caso específico houve o acompanhamento da situação em um cadastro específico, pois era algo muito recorrente e envolveu inclusive denúncias à delegacia da mulher e assistente social, pois vinham perguntar à comunidade sobre essa família.

Uma história que tem nos comovido e preocupado, mas não sabemos o que é verdade ou não é de uma grávida que veio nos pedir ajuda. Ela tem medida protetiva em relação ao marido, que foi acusado de violência contra ela. Essa senhora pediu ajuda da comunidade e do grupo de diaconia para algumas doações e o grupo percebeu as marcas no seu corpo e o medo em relação ao marido. Antes de ela ter a medida protetiva, incentivamos para que ela fosse denunciar se ela apanhava em casa. Ela disse que só verbalmente, mas nós vemos a marca no seu corpo. O grupo e a comunidade ajudou orientando, pois ela parece também ter pouca experiência na vida e trabalhou até quase o parto. Não sabemos o que é verdade ou o que é mentira, pois percebemos que ela conta algumas histórias para um e outros para outras. Percebemos que mesmo com medidas protetivas, o marido parece ter voltado para casa e ela sustenta o agressor. A questão da conversão aqui foi que o grupo teve a coragem de dizer para ela denunciar e a amparou para uma mudança de vida doando itens de necessidade de primeira. Ainda queremos

⁴³⁶ PESSOA 7. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 4- aplicado no mês de outubro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

ver como essa senhora está, mas consideramos esse um dos casos mais difíceis que já tivemos. Gostaríamos de formação para casos difíceis que lidamos, como esse, para melhorar nosso trabalho.⁴³⁷

Nesse caso, o registro do acompanhamento serviu para que polícia ou investigações e acompanhamento do CRAS do município pudessem saber como que estava aquela família e havia sondagens sobre violência doméstica. Se não houvesse esse registro de acompanhamento, o grupo estaria sem conhecimento da situação, não podendo auxiliar a essa mulher que pediu ajuda e ali encontrou apoio e orientação para as suas dificuldades. Houve, nesta situação, diaconia profética. Também se despertou, aqui, a necessidade de formação para casos específicos e sobre como lidar com eles.

Para a Pessoa 9 envolver as pessoas e registrar os fatos permite conversões integrais mútuas. Quem se envolve com a diaconia, pode ter sua vida mudada pelo voluntariado e exercício da diaconia. Quem recebe ajuda, tem sua situação transformada. Para além disso, quem ler no futuro sobre o que foi feito, pode também ter sua vida mudada pela motivação ao voluntariado ou por saber que existe um grupo que lhe pode servir de apoio e ajuda nas dificuldades.

Percebo que algumas pessoas gostam quando convidamos elas para ajudar no grupo de diaconia. Algumas não querem compromisso, mas quando vem no grupo de diaconia no dia de doações ou de brechó, não querem simplesmente comprar ou pedir ajuda, mas ajudam a organizar o espaço como uma forma de retribuição por aquilo que ganharam e isso é muito importante. Envolver pessoas no voluntariado pode ser uma bonita possibilidade de conversão integral, pois elas percebem a importância do trabalho que estão realizando e a diferença é que podem fazer na vida de outras pessoas.⁴³⁸

Segundo ela, ao perceberem a diferença que pode ser feita na vida de outras pessoas através da diaconia, quem realiza o voluntariado ou pode ler sobre alguma ação realizada, pode ter em sua vida pessoal uma transformação significativa que seja como uma conversão integral, mudando seus caminhos. A conversão integral na vida de quem é ajudado se dá quando essas percebem que recebem apoio para saírem daquela situação e que agora possuem os instrumentos necessários para deixar o lugar de sofrimento. Não obstante, há situações em que uma mudança não é possível,

⁴³⁷ PESSOA 8. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 4- aplicado no mês de outubro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

⁴³⁸ PESSOA 9. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 4- aplicado no mês de outubro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

porém, ao sentir a amenização de um sofrimento, uma pessoa já tem sua vida mudada substancialmente.

O registro destas informações, nesta pesquisa-ação fez com que a Pessoa 10 percebesse uma relação profunda da ação desenvolvida com as sete obras de misericórdia (Mt 25). Isso em si, já atesta a importância do registro das informações e ações.

Agora escrevendo e conversando com outras mulheres sobre esse nosso trabalho de escrever e pensar sobre o grupo de diaconia e retalhos, conseguimos entender as obras de misericórdia. De alguma maneira, vivemos elas. Damos de comer, já levamos água potável quando a enchente aconteceu, por exemplo, visitamos pessoas doentes ou mesmo aquelas que se encontram solitárias em casa, presas em sua depressão, vestimos pessoas, já ajudamos algumas a encontrar abrigo no município e auxiliamos quando alguém está de luto e precisa de ajuda ou até mesmo cantamos nos velórios. É bom saber que seguimos o exemplo de Jesus e das suas obras de misericórdia. Essa é uma bonita motivação e possibilidade para que falemos mais sobre o nosso trabalho e a sua identidade em Jesus.⁴³⁹

Desta forma, ao falarmos sobre o registro das memórias, não podemos nos esquecer de que o fenômeno das memórias também é algo múltiplo e de que nesta multiplicidade, a diaconia lida com distintas memórias, inclusive e principalmente as que são legadas ao esquecimento. Estudos do Departamento de Memórias da UNICAMP afirmam que:

Memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos etc.). Existe uma memória individual que é aquela guardada por um indivíduo e se refere às suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, isto é, no qual esse indivíduo foi socializado.⁴⁴⁰

Nesse caso, pode-se dizer que as memórias são orais, passadas adiante através do conhecimento popular e tradição oral. Ainda existe outro tipo de memória que é a coletiva.

Há também aquilo que denominamos de memória coletiva, que é aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes pelos grupos dominantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla. Ela geralmente se expressa naquilo que chamamos de lugares da memória que são os memoriais, monumentos, murais, arquivos, bibliotecas, hinos oficiais,

⁴³⁹ PESSOA 10. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 4- aplicado no mês de outubro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

⁴⁴⁰ DE MORAES SIMSON, Olga Rodrigues. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. In: **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, n. 6, p. 14-18, 2003. P. 14.

quadros e obras literárias e artísticas que exprimem a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade.⁴⁴¹

Esta memória é facilmente encontrada em distintos contextos e locais, muitas vezes enaltecendo figuras patriarcais em detrimento dos feitos de mulheres ao longo a histórias como um passado coletivo de realizações.

Ainda existe outro tipo de memória e essa com a qual a diaconia lida diariamente em sua atuação, conjuntura e contexto e que explica o porquê de existir fatos ou feitos não registrados ou que demoram para serem registrados.

Como contrapartida, ou outro lado da moeda, existem as memórias subterrâneas ou marginais que correspondem a versões sobre o passado dos grupos dominados de uma dada sociedade. Estas memórias geralmente não estão monumentalizadas e nem gravadas em suportes concretos como textos, fotografias, CD Roms, obras de arte e só se expressam quando conflitos sociais as evocam ou quando os pesquisadores que se utilizam do método biográfico ou da história oral criam as condições para que elas emerjam e possam então ser registradas e analisadas. Depois desse processo, elas passam então a fazer parte da memória coletiva de uma dada sociedade. Essas memórias subterrâneas geralmente se encontram muito bem guardadas no âmago de famílias ou grupos sociais dominados nos quais são cuidadosamente passadas, de geração a geração, através de relatos, músicas, quadras poéticas, ocasiões em que os membros do grupo se auxiliam mutuamente na tarefa de relembrar, cada um contribuindo com detalhes que detonam processos rememorativos dos outros participantes. É o que denominamos uma construção compartilhada da memória.⁴⁴²

Diferente da memória coletiva, memórias subterrâneas ou marginais são uma construção compartilhada em que muitas pessoas compartilharam do fato ou participaram da realização e só então, após o fato concluído ou realizado é que acontece a partilha e a construção coletiva da memória. Tais memórias são evocadas após muito trabalho árduo e cansativo, o que explica a dificuldade no registro dos acontecimentos da diaconia, pois já existe a sobrecarga, a dificuldade de convencer diretorias e comunidades locais, estabelecer parcerias e não resta tempo e nem motivação para o registro daquilo que foi feito para além da prestação de contas.

Mostra-se, desta maneira, de que as memórias são de importante valia para o desenvolvimento de um trabalho. Ainda que haja uma preocupação maior em fazer do que se escrever ou registrar de alguma forma, é parte crucial de um planejamento poder avaliar à prática que se está tendo como grupo, pois isso permite reflexões como essa feita pela Pessoa 10, cuja percebe uma relação teológica em sua prática,

⁴⁴¹ DE MORAES SIMSON, 2003, p. 14-15.

⁴⁴² DE MORAES SIMSON, 2003, p. 15.

que pode estar automatizada. Assim sendo, frisamos novamente de que é salutar registrar os fatos como memórias coletivas e individuais, não deixando com que práticas e saberes sejam condenadas ao anonimato e desconhecimento, pois nesse local não serão fonte de reflexão, avaliação e motivação para o desenvolvimento da diaconia na IECLB.

10 CONVERSÃO DIÁRIA

Ao olharmos para os temas que aparecem na pesquisa-ação em diaconia nas respostas concernentes à conversão diária, percebemos que os temas repetem a pauta de outras perguntas e respostas. Dessa forma, nas dificuldades, diferente dos demais tipos de conversão, não nos ateremos às epistemologias que emolduram o tema, mas sim, mencionaremos quais são e onde já houve sua explicação, partindo diretamente para as respostas trazidas pelas pessoas que participaram da pesquisa.

10.1 Dificuldades

Dentre as dificuldades encontradas, lemos novamente sobre o tema do Encontro, da falta de incentivo, as pessoas mal-intencionadas em relação ao trabalho diaconal e os conflitos que podem ser gerados com as paróquias e comunidades onde a diaconia está acontecendo. A seguir, abordaremos estes temas.

10.1.1 O encontro com a diaconia transforma

Sobre a temática do Encontro como categoria teológica, a teoria abordada por João Stumpf em sua pesquisa de doutorado e o tema já foi trabalhado nesta tese. Nesse tocante, o encontro apenas faz sentido quando transforma ambos os contextos, de quem auxilia e pratica a diaconia, bem como de quem recebe esse apoio. Isso transparece na fala das pessoas 1, 2 e 10, cujas analisaremos a seguir.

“Mesmo enfrentando muitas dificuldades, no dia a dia do nosso trabalho é possível o comprometimento com a sociedade, especialmente a parcela mais vulnerável. Embora às vezes estejamos muito cansadas do trabalho.”⁴⁴³ À categoria teológico-diaconal do encontro, a Pessoa 1 acresce as dificuldades que os encontros que a diaconia proporciona tem. Ela aborda então o que já vimos sobre o cansaço que todo esse encontro gera, pois ele exige mais do que a doação. Além dela, se faz necessário estar ali na disposição de ouvir problemas, conflitos, casos de doença e outros casos até mesmo sem uma solução aparente. Então, além do cansaço físico,

⁴⁴³ PESSOA 1. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 5- aplicado no mês de novembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

é despertado pelos encontros diaconais o cansaço mental, pois há um compromisso social de engajamento que demanda.

Para a Pessoa 2, o encontro é uma oportunidade de conhecimento e crescimento pessoal, mas lidar com pessoas e depositar a confiança nelas, nem sempre é tão fácil.

A diaconia me deu a oportunidade de vivenciar as dificuldades de meu próximo, me solidarizar com essas pessoas, com as comunidades, de ter um sentimento de utilidade, de missão aqui na minha estada, além disso, também pude perceber como as pessoas ainda são solidárias quando incentivadas a ajudar e auxiliar o próximo tendo a convicção de que essas pessoas realmente precisam e que não estão sendo enganadas no seu ato de solidariedade. Às vezes é difícil confiar nas pessoas ou mesmo lidar com as suas dificuldades de vida.⁴⁴⁴

Existe sempre uma dúvida pairando sobre as ações diaconais, principalmente motivadas pela desconfiança que se cria, quando se vê que as doações acontecem, mas quem as recebe, segundo a visão de quem doa, algumas vezes não as valoriza e nem cuida do item recebido. Estes, não raras vezes, segundo pessoas que doam, podem ser encontrados facilmente nas esquinas, são moeda de troca para drogas ou logo são destruídos e se pede por novas doações. Isso cria uma atmosfera de desconfiança nos encontros sendo uma dificuldade para a conversão diária, pois conflitua com o que as pessoas vêm tentando diariamente viver, nas relações com outras pessoas e com a criação.

Para a Pessoa 10, os encontros podem sofrer “atravessamentos” necessitando melhorar a comunicação para que ele possa ser mais efetivo no que tange ao tema da conversão diária.

Os fretes podem ser um problema para o nosso grupo pois muitas vezes nem sabemos o que fazer ou como fazer com que nos doam e as pessoas ainda esperam que levemos o frete adiante. Isso nos deixa sem ação e muitas vezes sem saber dizer não diante do caso que vem e isso afeta a nossa relação com as pessoas e com o mundo. Tentamos sempre atender bem, mas como fazer isso ou dizer não sem magoar as pessoas ou sem ferir os seus sentimentos quando querem doar algo ou quando nos pedem um frete para doar algo adiante? Tem coisas que também não sabemos resolver, como por exemplo, o Caritas de Taquara nos pede doação enquanto o Caritas da nossa cidade vem nos trazer doações, parece que não se conversa ou que falta comunicação.⁴⁴⁵

⁴⁴⁴ PESSOA 2. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 5- aplicado no mês de novembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

⁴⁴⁵ PESSOA 10. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 5- aplicado no mês de novembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

Aqui, aparentemente existe uma dificuldade de comunicação ou organização. As entregas ou fretes, além de ser um tema que preocupa o grupo, ainda tem gerado alguns desconfortos no grupo e com as pessoas com as quais ele se relaciona, sendo fonte de mágoas ou mal-entendidos. Assim, como a própria Pessoa 10 nos diz, “Isso nos deixa sem ação e muitas vezes sem saber dizer não diante do caso que vem e isso afeta a nossa relação com as pessoas e com o mundo.” Ao afetar a sua relação com as pessoas e com o mundo, vai na contramão do que propõe a conversão diária, que, conforme já visto, faz menção à fé que diariamente lembra da importância da conversão e do arrependimento em direção a que as pessoas melhorem sua relação com outras pessoas e com a criação. Assim sendo, a falta de comunicação ou mesmo organização gera mal-entendidos, gerando conflitos que impedem a vivência da conversão diária.

Desta forma, podemos afirmar de que o encontro ele realmente transforma pessoas em perspectiva pessoal na direção da conversão diária. Contudo, é necessário aperfeiçoar os detalhes que podem causar conflitos para que essa conversão diária aconteça através da transformação promovida pelo encontro.

10.1.2 Voluntariado e conversão

As pessoas 3 e 4 sobre o tema do voluntariado. Entretanto, ele é de relevância para essa pergunta, pois o voluntariado, tratado anteriormente diz respeito a uma perspectiva pessoal de trabalho desenvolvida em algum grupo, projeto ou organização, geralmente de cunho diaconal ou social. Os locais onde o voluntariado acontece promovem muitos encontros que podem ser transformadores e gerar conversão, não isentas de dificuldades.

Para a Pessoa 3:

As dificuldades se mostram em fazer as pessoas que não participam de nenhuma ação em favor do bem-estar das pessoas mais vulneráveis, entenderem que ajudar não precisa necessariamente ser doação de dinheiro, que ajudar pode ser com a doação de um pouco do seu tempo, um pouco de carinho uma palavra amiga.⁴⁴⁶

Certamente, no voluntariado reside a oportunidade de haver encontros e conversões pessoais diárias, pois ao lidar com muitos temas, muitos de cunho

⁴⁴⁶ PESSOA 3. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 5- aplicado no mês de novembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

ontológico relacionados às perguntas existenciais da teologia, sempre existe possibilidade de conversão e mudanças na forma de lidar com o mundo e com as pessoas. Entretanto, quem está vendo o trabalho desenvolvido pode não entender o desprendimento empregado pelas agentes diaconais, desvalorizando seus esforços, gerando dúvidas e desconfortos. A ajuda que se dá vai além do material ou do dinheiro, muitas vezes um diálogo ou escuta ativa pode ser o auxílio necessário assertivo.

Para a Pessoa 4:

Nós que já estamos nesta caminhada muitas vezes ouvimos somente críticas. Ninguém faz trabalho voluntário esperando aplausos, mas o mínimo de respeito das pessoas, infelizmente o momento em que vivemos as pessoas preferem pensar somente em si e não se envolver com os problemas alheios.⁴⁴⁷

A Pessoa 4 ainda menciona a falta de respeito que pode ocorrer com quem pratica a diaconia. Isso também se relaciona a temas já abordados anteriormente como o público que a diaconia atende, pois ele pode gerar repulsa para uma sociedade do consumo e da produtividade. O individualismo também aparece como assunto complexo diante da conversão diária, pois impede que as pessoas interajam entre si, gerando desconfortos.

Portanto, podemos afirmar de que o voluntariado promove conversão diária através da ação diaconal, mas que a dificuldade de compreensão das pessoas que não são voluntárias atrapalha o processo de conversão, bem como a desvalorização da diaconia e conflitos que se pode ter por atender públicos menosprezados pela sociedade. Essa dificuldade reafirma a desconfiança que já foi falada anteriormente, o que incide sobre a relação das pessoas entre si e com a criação.

10.1.3 Pessoas mal-intencionadas atrapalham

Sobre esse assunto, já o trabalhamos de diferentes maneiras, inclusive em comparativo sobre as bem e as mal-intencionadas, quando abordamos a conversão mágica. Entretanto, ao constar nas respostas da conversão diária, ela demonstra ter sua relevância, inclusive de forma transversal para o tema da conversão em geral.

⁴⁴⁷ PESSOA 4. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 5- aplicado no mês de novembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

A Pessoa 5 descreve o tema da seguinte maneira: “A gente procura fazer o bem a todas as pessoas, mas nem sempre se contentam. Mas é bom ter um bom diálogo com as pessoas, ter muito amor e fé é o principal. É Deus conosco.”⁴⁴⁸ Essa pessoa já aponta para as decepções que podem ser geradas a partir do contato e atendimento a quem necessita de apoio, pois nem sempre se contentam. Também é verdade que a sua resposta deixa margem a dúvidas sobre quem não estaria contente, pois podem ser as pessoas do grupo de diaconia ou comunidade de fé. Entretanto, esse descontentamento, indiferente de com quem for, é fator que dificulta o tema da conversão diária, pois ao lidar com as decepções, gera-se dúvidas concernentes ao ser humano.

A Pessoa 6 explana o cansaço que o grupo vem vivendo e o desgaste que isso vem gerando nas participantes do próprio grupo de diaconia ou retalhos: “O grupo está cansado e há decepções, mas também há coisas boas. Às vezes é difícil contato entre o grupo, pois são sinceras demais umas com as outras, porém tentam expressar os seus sentimentos sem ofender, mas querendo ajudar.”⁴⁴⁹ Ao tratar do tema da conversão diária, logo o grupo associou o tema com o contato e reciprocidade. Afirmou-se, assim, de que a conversão diária, a partir do trabalho diaconal também tem a ver com o contato que as próprias agentes diaconais têm entre si. Se um trabalho é conflituoso, ele dificulta a harmonia e reciprocidade pacífica. Fica evidente de que já houve, e talvez ainda haja, pessoas mal-intencionadas no voluntariado do trabalho diaconal.

Para a Pessoa 7, a tarefa da conversão diária nos aponta para a necessidade de falar e fazer acontecer diariamente a diaconia, pois as necessidades se apresentam diariamente.

Algumas pessoas têm consciência de que é importante doar, outras já são muito apegadas às suas coisas, não conseguindo sequer doar um trapo velho, pois acham que ainda vão usar aquilo. Porém, queremos que as pessoas recebam o que se tem de melhor para doar, mas nem todas têm essa consciência e se precisa conversar sobre a importância entender que isso é para todo dia, lembrar que precisamos ajudar todos os dias as pessoas e não só uma vez a cada tanto tempo.⁴⁵⁰

⁴⁴⁸ PESSOA 5. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 5- aplicado no mês de novembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

⁴⁴⁹ PESSOA 6. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 5- aplicado no mês de novembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

⁴⁵⁰ PESSOA 7. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 5- aplicado no mês de novembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

Nesta resposta reside uma argumentação prática de como vivenciar a conversão diária através da diaconia. Sendo assim, o compromisso assumido no voluntariado não deve se basear na conformidade de que há pessoas mal-intencionadas.

Nesse mesmo sentido argumenta a Pessoa 8 em sua resposta:

Quando falamos da relação das pessoas com o mundo e com a criação, precisamos lembrar do quão apegadas elas são as coisas que tem, parece que vão levar consigo quando morrerem tudo o que tem e assim muitas vezes não dou coisas boas. e algumas ainda querem, quando tem coisas boas vender e não doar, que nem a gente conversou uma outra vez e isso deixou um peso muito grande no grupo.⁴⁵¹

As pessoas 7 e 8 afirmam de que o compromisso da conversão diária se mostra em trabalhar para que se compreenda de que uma doação que visa transformar uma realidade não deve ser do que está sobrando ou não se usa mais, por estar em um péssimo estado de conservação. As doações devem ser do melhor possível para que possa, verdadeiramente, promover mudanças na vida de alguém, inclusive na de quem doou.

A Pessoa 9 também corrobora com essa questão ampliando o assunto para diversos níveis, como a própria paróquia, porém aponta para uma solução: pedir apoio a instâncias sinodais quando necessitam aprender em conjunto como lidar com um tema complexo.

Tem sempre uns pepinos que precisamos resolver, que vem como conflito para o grupo, embora nosso grupo não tenha muitos problemas. Um caso complicado é quando as pessoas do ou alguma coisa, mas não conseguem se desapegar e algumas trazem consigo histórias difíceis de vida, situações complicadas que não sabemos como ajudar, pois, geralmente ajudamos quando ações. Estamos precisando aprender a ajudar quem vem ao nosso grupo para doar ou mesmo quando alguém vem comprar e conta histórias difíceis de se ouvir. Talvez um curso do sínodo possa ajudar.⁴⁵²

A pergunta geradora desse tópico tem como resposta de que sim, pessoas podem atrapalhar o assunto da conversão diária, pois elas geram desconfianças entre as pessoas, levando a discórdias e mal-entendidos que poderiam ser evitados. Entretanto, conforme visto no tópico 9.1.1, não seria correto atribuir juízo de valor se estas pessoas estariam mal-intencionadas ou não. Porém, culturalmente e

⁴⁵¹ PESSOA 8. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 5- aplicado no mês de novembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

⁴⁵² PESSOA 9. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 5- aplicado no mês de novembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

influenciadas pelo individualismo e capitalismo, essas pessoas podem gerar conflitos, pois tentam levar vantagem em benefício próprio quando trabalham na diaconia ou recebem doações. De igual maneira, os conflitos que essas geram contribuem para que as pessoas não consigam confiar umas nas outras. Conversão diária é relembrar-se de que as relações humanas e com a criação carecem da lembrança diária de que se visa um mundo e ser uma pessoa melhor. Dessa forma, ao causar distúrbio nessa lógica, pessoas essas pessoas não contribuem para que as pessoas consigam converter-se diariamente.

10.2 Possibilidades

Muitas são as ações diaconais desenvolvidas em diferentes contextos sociais. Entretanto, como já visto, muitas destas sequer são nominadas ou registradas, ou quando são, isso se dá a partir de tabelas quantitativas de quantas cestas, roupas ou doações foram doadas. Contudo, a pesquisa-ação demonstra a necessidade de avaliar o impacto causado pela ação diaconal, bem como o crescimento pessoal e de grupo que pode haver diante do desenvolvimento de uma ação diaconal.

10.2.1 O impacto da ação diaconal

Para tratar do tema do impacto da ação diaconal, precisamos entender o impacto das ações que são desenvolvidas por um grupo ou projeto de comunidade de fé. Essa medição de impacto auxilia no processo avaliativo necessário de tematização quando se almeja um resultado visando mudança ou transformação de uma situação. Dentro disso, a dimensão ou característica essencial da diaconia se revela crucial, pois sem ser transformadora a diaconia nem é diaconia, pois esse é seu eixo central, transformação a partir das ações de Jesus Cristo, aquele que veio para transformar realidades e causar impacto nelas a partir da teologia da cruz.

Para a Pessoa 1, fica evidente que ao mostrar o bebê que nasceu ou para falar sobre uma cura ou alguém relatando que pode arrumar trabalho ou sair da situação graças ao apoio recebido, isso demonstra o impacto de uma ação diaconal comprometida com o evangelho de Jesus Cristo. Para ela, o impacto também se demonstra na possibilidade de atuar pelo evangelho de Cristo e sua diaconia, pois isso lhe dá sentido à existência e motivação para o dia a dia.

Para a Pessoa 2, o resultado e o impacto da ação diaconal se demonstram através dos números e resultados expressivos alcançados.

Este ano, nossos 2 grupos tiveram um impacto externo muito forte. Isso significa que pudemos ajudar muitas pessoas. Para se ter ideia, o grupo de retalhos doou em 2022, 7915 peças de roupas para pessoas que estavam necessitando. Por outro lado, o grupo de diaconia do 18000 peças de roupas. Também, no inverno, foram doadas 231 cobertas feitas de retalho. Dessa forma, percebemos que fizemos a diferença na vida diária das pessoas, dia a dia ajudando há muitas protegendo do frio e de doenças.⁴⁵³

Os resultados do trabalho desse grupo, embora pequeno, são extremamente expressivos e relevantes. Além dos números de doações, o grupo atinge uma região geográfica expressiva para o número limitado de integrantes. Diversas doações vão para além do estado, chegando até mesmo no estado do Paraná, como dito pela Pessoa 3.

É importante lembrar os locais para onde nossas doações chegaram, alcançando a muitas cidades. Foram feitas doações para Rolante, Taquara, Parobé, Porto Alegre, Novo Hamburgo, Imbé, Palmeira das Missões, Paraná, Guaíba, Jaquirana, São Paulo, Viamão, Nova Petrópolis, São Joaquim, Bom Jesus, São Francisco, Três Coroas, Rio de Janeiro, Escola Adventista.⁴⁵⁴

Desta forma, o impacto causado se torna maior ainda, pois podem alcançar diferentes contextos em necessidade, tornando-se exemplo de ação diaconal para outras frentes e trabalhos possíveis de serem desenvolvidas na igreja. Dessa questão reside uma possibilidade de impacto maior ainda, pois projetos como esse tem o potencial de se tornarem multiplicadores de ações diaconais que fazem a leitura dos contextos e atuam nesses de acordo com as necessidades elencadas.

Para a Pessoa 5, o impacto acontece majoritariamente em uma dimensão pessoal de transformação como o que ela relata na sua resposta.

Sentimos o reconhecimento e a valorização do nosso trabalho diariamente quando acontece casos como o que aconteceu essa semana. Uma senhora grávida veio nos convidar para sermos madrinhas do seu bebê. Talvez nem devamos aceitar o convite, mas isso para nós é motivo de Alegria e reconhecimento de um trabalho feito que fez a diferença na vida de uma pessoa.⁴⁵⁵

⁴⁵³ PESSOA 2. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 5- aplicado no mês de novembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

⁴⁵⁴ PESSOA 3. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 5- aplicado no mês de novembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

⁴⁵⁵ PESSOA 5. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 5- aplicado no mês de novembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

Este relato demonstra o impacto que uma ação teve na vida de uma família e em especial na vida de uma mulher que foi atendida pela diaconia em suas necessidades diante de uma gravidez. Ao se ver em apuros, ela procurou pela diaconia e foi atendida. Como resultado, ela queria que as pessoas que atendiam na diaconia fossem até madrinhas e padrinhos da criança. Isso as fez ter certeza de que atingiram o objetivo e impactaram positivamente de alguém.

Por último, o grupo se sente muito honrado e feliz por poder ser exemplo para outros grupos e projetos, inclusive internacional, recebendo visitas para mostrar o trabalho desenvolvido, como relata a Pessoa 10.

O nosso trabalho exemplo para muitos locais de fora. Já fomos visitados várias vezes, até mesmo por gente da Alemanha, dos Estados Unidos, da África e de inúmeros sínodos da nossa igreja. Em nosso grupo não desenvolvemos apenas uma forma de ajudar, mas sim, uma forma de ajudar pessoas, de apoiar quem ajuda nesse grupo voluntariamente, resolver conflitos que possam surgir entre nós ou na vida pessoal. Além disso, desenvolvemos uma rede de contatos para que as doações de fato aconteçam e possam chegar aonde necessitam delas. Somos ecumênicos e desenvolvemos trabalhos com outras igrejas também, que quando tem alguma necessidade mandam pessoas para nosso grupo de diaconia. Ou seja, diante disso temos que reconhecer o potencial que temos para fazer a diferença e transformar, pelo menos um pouco o nosso redor e a nossa forma de lidar com o mundo, com a criação e com as pessoas.⁴⁵⁶

Para essa pessoa, ser exemplo e poder apresentar seu trabalho, é reconhecer que se tem o potencial de fazer a diferença na vida de muitas pessoas, transformando realidade pessoais e locais, transformando a forma com que as pessoas lidam com quem está ao seu redor, bem como sua relação com o mundo e a natureza.

O compromisso cristão no mundo se dá através do discernimento ético e da vocação ao discipulado. Como diz o apóstolo Paulo: “Porque a nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência, de que, com santidade e sinceridade de Deus, não com sabedoria humana, mas, na graça divina, temos vivido no mundo e mais especialmente para convosco” (2 Coríntios 1:12). O amor ao próximo — vivenciando solidariedade e afirmando dignidade e respeito mútuo — se transforma no maior testemunho da cruz de Cristo. O propósito da vida cristã não é impor sofrimento ou buscar ganhos próprios, mas em tudo e em toda parte buscar tornar a graça de Deus visível em atos de bondade e misericórdia.⁴⁵⁷

Assim sendo, o compromisso cristão acontece quando uma ação de impacto é desenvolvida em um contexto que necessita de intervenção e ação, vivenciando

⁴⁵⁶ PESSOA 10. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 5- aplicado no mês de novembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

⁴⁵⁷ DEIFELT, Wanda. Teologia da cruz e diaconia transformadora. In: **Fé, Justiça de Gênero e Incidência Pública: 500 anos da reforma e diaconia transformadora**, Porto Alegre, RS, p. 65.

assim, solidariedade, amor ao próximo, respeito, buscando a dignidade. O impacto da ação pode ser medido se ele alcança esses patamares de ação, causando alguma transformação na vida de quem é atendido por esse serviço diaconal.

Com a cruz de Jesus, há uma identificação divina com o sofrimento humano e, em contrapartida, uma motivação humana de sofrer por causa desse Jesus (ou como ele). Nesse sentido, a cruz é consequência de uma vida coerente. Ela não é um sofrimento arbitrariamente imposto. Teologicamente, essa relação simbiótica da cruz como causa e consequência ofereceu duas interpretações distintas. Por um lado, a cruz visibilizou a violência sofrida pela comunidade cristã através do símbolo da cruz, onde os horrores sofridos por Deus são os mesmos que sofrem os e as mártires. Com isso, as dores do mundo são também as dores de Deus. Por outro lado, o sofrimento de Jesus na cruz também mostrou sua impotência diante da realidade de violência, onde não há alternativa além de sacrificar-se.⁴⁵⁸

Desta forma, a experiência da cruz é o parâmetro do impacto de uma ação diaconal. Se uma ação consegue demonstrar sinais de ressurreição em meio aos sinais de morte e convalescência, ela está atingindo seu objetivo central como diaconia transformadora.

Assim sendo, a pesquisa-ação em diaconia traz alguns insumos teóricos para a pergunta em questão. A Pessoa 1 assim relata em sua resposta sobre as possibilidades diante da conversão diária:

Depois de entendermos, no contexto, o significado da palavra diaconia, tudo se resume em gratidão. Todos os dias recebemos, de uma forma ou de outra o reconhecimento de quem ajudamos, seja com uma visita para nos mostrar o bebê que nasceu e que ajudamos como enxoval, fraldas e berço, ou uma pessoa que estava doente e se curou ou mesmo alguém que recebeu uma cesta básica ou doações de roupa ou simplesmente um abraço. Hoje não consigo me imaginar sem praticar algum tipo de diaconia, vamos envelhecendo, mas sempre existe algo que podemos fazer em favor do próximo.⁴⁵⁹

A partir destas respostas e da teorização do tema do impacto e diaconia transformadora, podemos afirmar que o impacto da diaconia acontece em níveis pessoais, locais e regionais. Quando uma ação transforma a realidade de uma família ou uma pessoa, ela possui uma ação de impacto pessoal. Caso uma ação impacte um bairro ou município, ele está agindo localmente para a transformação de uma realidade. Entretanto, se uma ação possui impacto regional, seguramente envolve mais do que uma comunidade de fé, ou mesmo envolve municípios, associações de

⁴⁵⁸ DEIFELT, 2017, p. 66.

⁴⁵⁹ PESSOA 1. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 5- aplicado no mês de novembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

bairro, CRAS ou lida diretamente com políticas públicas. Dessa forma, vemos que são muitas as possibilidades de ação para a diaconia e seu impacto pode acontecer de diferentes formas, dependendo da estruturação de um trabalho diaconal.

10.2.2 O crescimento pessoal na diaconia

O último dos temas a ser analisado nesta pesquisa-ação é a possibilidade de conversão, na perspectiva da conversão diária, e sua relação com o tema do crescimento pessoal. Em uma primeira análise, a dialogicidade desses acontece naturalmente, pois o crescimento pessoal pressupõe conversão e mudança diária.

Concluímos que a experiência religiosa dos participantes esteve relacionada ao desenvolvimento pessoal num sentido de mudanças subjetivas, particulares e singulares que trouxeram, como consequência, alterações comportamentais na vida cotidiana dos entrevistados. Essas mudanças de comportamento foram sentidas pelos participantes como algo importante para melhora da qualidade de vida⁴⁶⁰

Nesse artigo, a autora e o autor fazem uma série de entrevistas e diálogos com distintas pessoas de diferentes locais e diferentes histórias, concluindo, a partir destas entrevistas que a experiência religiosa está intrinsecamente conectada com a mudança de vida, comportamento, estilos de vida e crescimento pessoal. Dessa forma, suas ações e o seu engajamento religioso e sua prática social, determinam, inclusive sua melhora na qualidade de vida.

Isso está assim expresso pelas pessoas 4, 6, 7, 8 e 9 na pesquisa-ação em diaconia, afirmando inclusive que essa conversão diária reverbera no crescimento e desenvolvimento das ações do grupo de diaconia. Para a Pessoa 4 mudança, crescimento e conversão diária pressupõe uma caminhada mais longa com as experiências diaconais, envolvendo alegria e sentimento de grupo.

Eu mudei muito e cresci durante esse período trabalhando na diaconia. Meu jeito de ser era muito agitada e não sabia ouvir as necessidades das pessoas. Hoje consigo parar, ouvir, refletir e assim pensar como ajudar melhor as pessoas. Hoje não sou mais aquela pessoa agitada. Desenvolvemos muita confiança e alegria como grupo. Basta lembrar o caso do aparelho de ouvido. Temos uma pessoa em nosso grupo com dificuldade de audição e ganhamos um aparelho de ouvido muito antigo e grande. Logo lembramos dessa senhora com dificuldade, mas descobrimos que nenhum aparelho ajuda ela. Porém, o aparelho não coube de forma nenhuma no ouvido dela, mas mesmo

⁴⁶⁰ BAUNGART, Thais de Assis Antunes; AMATUZZI, Mauro Martins. Experiência religiosa e crescimento pessoal: uma compreensão fenomenológica. **Revista de Estudos da Religião**, v. 4, p. 95-111, 2007. P. 109.

na dificuldade, rimos muito do assunto, pois ela já é uma pessoa alegre por si própria.⁴⁶¹

As histórias vividas no grupo e pessoalmente contribuem para que esse desenvolvimento continue sendo efetivo, estando aí uma possibilidade para que as pessoas compreendam que todos os dias podem repensar sua relação entre si e com a criação. Assim como afirma a Pessoa 6, de que a diaconia tem o potencial de tornar as pessoas mais sensíveis.

Compreendemos que adquirimos uma forma melhor de lidar com mais cuidado e amor para com as pessoas, a diaconia nos torna mais humanos na relação um com o outro, depois ela nos toca quando permite que lidemos com os problemas de outras pessoas, que às vezes são bem parecidos com os nossos e nos emociona.⁴⁶²

A resposta da Pessoa 6 vai ao encontro do conteúdo anteriormente abordado da diaconia do Encontro. A diaconia, para ela, faz perceber a sensibilidade da vida, e o quão parecidos são os problemas de cada pessoa, compreendendo melhor umas às outras e sensibilizando para apoiar a quem necessita. Nesse mesmo sentido abordam as pessoas 8 e 9, afirmando a diaconia ser uma ação que sensibiliza e que fortalece para o cuidado, desenvolvendo consciência e crescimento pessoal.

A diaconia ajudam a desenvolver a consciência humana em nós, bem como nas outras pessoas, pois elas ficam diante de quem sofre podendo, se houver abertura, se envolver com suas histórias de vida e dificuldades pessoais. Isso nos permite amadurecer como pessoa e nos desenvolver como seres humanos.⁴⁶³

A Pessoa 9, além de falar da importância da diaconia como fator de crescimento pessoal e de grupo, ela ainda aborda uma série de possibilidades concretas para o desenvolvimento da ação diaconal.

A diaconia desperta o olhar da sensibilidade para com todas as pessoas que necessitam de um apoio moral, espiritual, doações, uma palavra, um abraço ou um gesto que pode fazer a diferença na vida dela, mas que para nós pode ser muito pequeno.⁴⁶⁴

⁴⁶¹ PESSOA 4. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 5- aplicado no mês de novembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

⁴⁶² PESSOA 6. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 5- aplicado no mês de novembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

⁴⁶³ PESSOA 8. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 5- aplicado no mês de novembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

⁴⁶⁴ PESSOA 9. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 5- aplicado no mês de novembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

Desta maneira, se afirma que a diaconia pode ser dar com apoio, palavra, ação, gestos concretos de solidariedade que impactam a vida de outras pessoas em necessidade. Para a Pessoa 7, envolve mais do que a sensibilização, trabalhar a diaconia na perspectiva da conversão diária é entender que ela é processo e desenvolvimento, conscientizando para a ação em níveis locais, regional e sendo ampliado para outras instâncias.

Esta é a primeira paróquia que vejo que tem um trabalho de roupas e doações organizado dessa forma. É uma grande dádiva perceber que o trabalho se sustenta vendendo para ter uma fonte de renda para poder ajudar outras pessoas. Além do mais, também auxilia as pessoas que doam a desenvolver sua noção de desapego dos bens materiais, fazendo com que elas percebam que o maior bem é a vida e o cuidado com ela.⁴⁶⁵

A fala da Pessoa 7 busca abordar o aprendizado conjunto da sustentabilidade que envolve os projetos e o desenvolvimento da importância de sua compreensão, o que também possui relação com a conversão diária, como um processo de mudança. Assim, para ela é importante que o projeto aprenda a se sustentar sozinho, ensinando também pessoas que elas podem se desapegar daquilo que não usam mais, doando para que sirva para outras pessoas.

A partir destas respostas, percebemos que existe crescimento pessoal na diaconia, e que a ação, quando desenvolvida com planejamento, devoção, cuidado, ela pode ser fator gerador de novas ações em prol do cuidado diaconal. Sendo assim, a diaconia tem relação com a conversão diária, pois é no cotidiano que as ações, mudanças, reações, dificuldades acontecem e é nesse mesmo cotidiano que elas são atendidas e solucionadas ou é nele que se almeja ao menos a diminuição de um sofrimento.

Até aqui analisamos as respostas da pesquisa-ação em diaconia, o que nos trouxe diversos insumos para a reflexão sobre diaconia e as possibilidades de conversão. No próximo capítulo, abordaremos questões práticas relacionadas ao diário de campo e sua análise, buscando maneiras concretas de lidar com cada um dos tipos de conversão encontradas nesta pesquisa de doutorado.

⁴⁶⁵ PESSOA 7. Participante do grupo de diaconia e retalhos da Paróquia. Questionário da pesquisa-ação-pergunta 5- aplicado no mês de novembro de 2022. Cf. APÊNDICE 1.

11 ANÁLISE SEGUNDO O DIÁRIO DE CAMPO

Este segundo momento de análise da pesquisa-ação visa dialogar com os conceitos extraídos a partir das respostas e interação com o grupo focal na pesquisa-ação para a produção de subsídios práticos para o trabalho diaconal em diálogo com cada um dos tipos de conversão. Dessa maneira, a partir da prática e da teoria se atinge a reflexão com foco no desenvolvimento da prática de um grupo para melhoria de seus projetos e trabalhos. Após cada análise, com base no diário de campo, serão elaboradas, a partir de uma metodologia diaconal já trabalhada nesta tese, indicativos teológico-diaconais para o desenvolvimento de cada um dos tipos de conversão a partir da diaconia na IECLB. A base para essa análise e proposições é o APÊNDICE 1, que se encontra anexo.⁴⁶⁶

11.1 Conversão de uma igreja para outra

Recapitulando o que já vimos, existe dois cenários principais em que um indivíduo "muda de religião". O primeiro ocorre quando ele rejeita explicitamente uma identidade religiosa herdada e assumida, optando por adotar uma nova crença. O segundo acontece quando ele abandona uma realidade religiosa imposta, da qual nunca havia verdadeiramente aderido, e escolhe adotar uma nova perspectiva espiritual.⁴⁶⁷

Dentre as dificuldades encontradas nas respostas da pesquisa-ação está o voluntariado. Segundo as respostas, o que se vê são lideranças enfraquecidas, envelhecidas e sempre elas realizando todas as atividades diaconais. Não existe, então, segundo as respostas, uma renovação ou maior interesse, pois as pessoas não estariam se doando tanto quando poderiam e ainda querem ganhar pagamento pela diaconia feita, sendo o voluntariado questionado severamente por quem não entende seu significado. Essa argumentação também se soma à outras respostas, de que essas lideranças estão cansadas e sobrecarregadas de desenvolverem todo o trabalho, não havendo quem lhes possa auxiliar nas demandas que não param de crescer diante das necessidades sociais.

⁴⁶⁶ APÊNDICE 1.

⁴⁶⁷ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 109-111.

Entretanto, no acompanhamento ao grupo se percebe que essas lideranças têm dificuldades de motivar novas pessoas para o trabalho diaconal, ficando presas ao método tradicional de convite aberto a quem quiser participar, deixando “as portas abertas” a quem quiser ser voluntário ou voluntária na diaconia. As mágoas criadas parecem atrapalhar o desenvolvimento desse ponto. Ao mesmo tempo, não há muitos convites diretos para que pessoas e grupos possam conhecer, apoiar e mesmo voluntariar por um dia na diaconia para conhecê-la.

No que tange ao voluntariado, recomenda-se o convite direto a pessoas e envolvimento de grupos em tarefas diaconais, para que se cresça conjuntamente no conhecimento e na prática diaconal, descentralizando o trabalho de uma ou duas pessoas que centralizam a governança do grupo.

Outra dificuldade detectada pela pesquisa-ação em diaconia é a dificuldade de que a diaconia, quer seja sua ação ou ministério seja compreendida. Não obstante, sabe-se que o trabalho diaconal vem crescendo em conhecimento e ações em comunidades da IECLB. Entretanto, a palavra diaconia ainda é desconhecida, pouco se sabe sobre o que faz alguém do ministério diaconal e apenas recentemente há esforços coletivos, após muita reflexão da estrutura central da igreja, através de seus órgãos decisivos para que se possa fazer algo mais focado visando a divulgação e melhoramento da formação para os ministérios não-pastoral na igreja. Assim sendo, é uma consequência lógica que a diaconia seja pouco conhecida, embora o contexto de aceleração da pobreza advindo da pandemia e da globalização tenham fomentado a diaconia como a ação concreta da igreja em meio aos sofrimentos. No grupo de diaconia e retalhos percebe-se que, ainda há sinais de desconhecimento da diaconia por parte do grupo da pesquisa-ação e as respostas da pesquisa assim o afirmam. Porém, também não há nenhuma iniciativa de estudo da diaconia, apenas reforçando-se que diaconia é prática e a partir dela se conhece o que a diaconia é.

Assim sendo, para que se possa superar essa dimensão do desconhecimento, é necessário se aproximar do conhecimento da epistemologia diaconal, de uma forma comunicativa e objetiva, sem ser rasa, formando pessoas para que estas saibam explicar o que é a diaconia e como ela acontece na IECLB.

Para esse tópico, como possível solução, recomenda-se ter tempo de estudo e reflexão sobre diaconia em grupos diversos, mas principalmente naqueles que atuam com a diaconia, para que haja preparo quando forem solicitadas a explicar e falar sobre diaconia. Outra possível forma de trabalhar sobre o assunto seria realizar

novamente uma rodada de visitas do grupo de diaconia aos demais grupos comunitários, mostrando-lhes a importância do trabalho diaconal não apenas dentro da igreja, mas para fora de seus espaços físicos.

Outro assunto é tematizado é a desvalorização da diaconia. É possível notar que o próprio grupo da pesquisa-ação valoriza a diaconia, mas pelas tentativas frustradas de fazer-se ouvir ou ter um espaço dentro da igreja, acabaram desistindo de algumas das ações que antes desenvolviam, quando havia uma diácona na paróquia. Reivindicar espaços de discussão e diálogo dentro da Comunidade de fé seria uma forma de fazer-se sentir valorizado o trabalho da diaconia, bem como envolver grupos em ações planejadas, conquistando espaços não através de reuniões, mas através da prática e da práxis.

Contudo, nas possibilidades apareceram ao mesmo tempo algumas de nossas fragilidades quando o tema é a conversão de pessoas de uma igreja para outra. Ao falarmos sobre a possibilidade de divulgar a diaconia, estamos não apenas mencionando de que ela deveria estar em panfletos, revistas, *cards*, postagens e mídias sociais. Outrossim, o tema do convite para fazer parte de um trabalho diaconal é uma possibilidade que se cria pensando na dinâmica e vida de fé do contexto brasileiro. O medo de fazer convites ou de oferecer a vivência de uma espiritualidade diaconal, como chamado de “produto” na pesquisa-ação é maior do que a habilidade de dialogar sobre fazer parte de um grupo ou comunidade de fé. Isso se dá pelo receio com o proselitismo.

Entretanto, o proselitismo, como já vimos, é um convite forçado, podendo ser até violento ou feito de fato para roubar membros de outras denominações religiosas, sem sequer nenhum vínculo com a nova igreja frequentada. A possibilidade aqui reside no fato de que não está sendo ofertado algo violento, cruel ou proselitista como feito até pouco tempo na história da igreja. A diaconia da IECLB, ao ser posta lado a lado com a conversão está ofertando a possibilidade de que essas pessoas tenham um espaço, consciente de seu lugar no mundo e obrigações. Sabe-se porém, que nem sempre as comunidades, ministros e ministras são acolhedoras e não ofertam espaço nenhum para quem deseja conhecer melhor a igreja.

Entretanto, algo deve ser salientado nesta tese. As pessoas na pesquisa-ação disseram que é mais fácil e compreensivo convidar quem queira ser parte de um trabalho diaconal do que convidar para a própria igreja em si, diretamente. Isso se dá

porque há descrédito e desilusão para com as instituições religiosas no cenário mundial.

Esse tópico ainda está conectado ao tema do acompanhamento a grupos e famílias atendidas pela diaconia. O grupo focal desta pesquisa não possui um cadastro de acompanhamento. Assim sendo, não consegue acompanhar da forma como gostaria a cada caso que lhes aparece. Contudo, ao acompanhar famílias e pessoas em necessidade, se conhece o contexto de onde ela vem e quais outros temas poderiam ser trabalhados de uma forma integral na vida dela e não apenas a doação feita que pode logo acabar ou ser destruída, pois não houve educação para tratar sobre como cuidar do que se ganha. Recomenda-se a grupos de diaconia ou quando há ações diaconais, de que o cadastro de atendimentos possa acompanhar a cada ação desenvolvida, para que se conheça melhor quem é o público atendido. Caso não seja possível fazer um cadastro minucioso, se pode anotar dados básicos do atendimento, envolvendo-se minimamente no atendimento e cuidado. Dessa maneira, se faz um acompanhamento mais bem qualificado de quem procura a diaconia. Não se deve ter medos ou receios de convidar ou motivar a que pessoas atendidas pela diaconia conheçam a igreja ou tenham momentos de espiritualidade com uma paróquia. Ao contrário, os convites são para se conhecer a própria instituição que já está apoiando uma situação de dificuldade mais de perto. Não se deve esquecer também de que há quem prefira se afastar de instituições religiosas.

Até aqui, vimos como, na prática, lidar com o tema da diaconia e conversão quando o público é de outra igreja. No próximo tópico, trataremos do assunto sobre como lidar com o tema da conversão quando as pessoas não são membras da IECLB.

11.1.1 Indicativos metodológico-diaconais para a conversão de uma religião para outra

- a) Conhecer: Buscar saber quem são as pessoas que buscaram a comunidade ou seu trabalho diaconal. Nesse caso, poderíamos já dizer que são pessoas que por alguma razão buscaram a diaconia para receber ou auxílio ou para doar algo e que tem sua religião, mas podem ter se interessado na IECLB. Maiores detalhes precisam ser buscados por quem atende a essas pessoas, pois a partir deles se sabe como cuidar delas. Um cadastro poderia auxiliar muito nesse momento.
- b) Serviços: Como apoiar ou envolver as pessoas que buscaram apoio? O que se tem à disposição? É possível uma rede de apoio? É necessário encaminhar o

caso, por ele ser grave? Aqui é o passo que pode garantir ou não a permanência desta pessoa na comunidade de fé, pois ao sentir cuidado ou poder auxiliar, ela se sente pertencente ao grupo. A visitação ou o acolhimento a ela é fundamental. Assim, se faz o levantamento de serviços disponíveis para atender e acolher a quem se aproxima da igreja.

- c) Articular: A partir do momento em que existe interesse de fora de pessoas para ingressar na igreja a partir e motivada pelo trabalho diaconal é o momento de buscar pessoas para que os serviços disponíveis possam de fato funcionar e serem colocadas em prática, para daí então partir para o próximo passo.
- d) Diálogos/Conscientização: Como se trata de uma mudança de religião, se faz necessário apresentar a igreja para a qual ela está decidindo ir. Não obstante, às pessoas da comunidade de fé recomenda-se explicar esse processo de que a diaconia está acolhendo pessoas de diferentes religiões e que elas podem ter dúvidas ou jeitos distintos do habitual.
- e) Transformar: A comunidade está preparada ou já foi possível perceber que seu jeito precisa ser trabalhado para então poder apoiar e acolher pessoas que vem de outras confessionalidades religiosas? A diaconia pode promover encontros para que se compreenda que o mais importante nesse momento é o cuidado e o desenvolvimento do pertencimento.
- f) Partilhar saberes: Se a comunidade de fé demonstrou estar ou foi mais bem preparada para a acolhida, esse é o momento do encontro entre comunidade e pessoas que foram cativadas pela diaconia, promovendo assim a troca de saberes e experiências em um espaço sadio de diálogo, com dinâmicas e confraternização. Assim se insere as pessoas aos poucos no novo contexto.
- g) Reconhecer problemas: Talvez a fase anterior tenha evidenciado lacunas que necessitam de cuidado e condução. Esse é o momento para fazer o levantamento do que não ocorreu como o esperado na experiência do encontro ou se ainda há alguma necessidade a ser atendida da parte das pessoas que se aproximaram da igreja. Nesse caso em especial, por se tratar de mudança de igreja, podem surgir conflitos teológicos ou de tradição, que devem ser trabalhados com cautela e sabedoria.
- h) Temas geradores de mudanças: A partir do momento em que o encontro acontece, surgem as possibilidades de aproximação e afinidades com grupos e iniciativas da comunidade. A diaconia sempre envolve e ela tem o potencial de

desenvolver nas pessoas que dela participam um sentimento de pertencimento, pois engaja e cria motivação para uma causa. Assim, iniciam-se as mudanças e a decisão pela permanência na comunidade de fé. Aqui também se poderia adaptar modelos de instrução na fé como cursos de novos membros, para que conheçam a igreja e saibam se realmente querem fazer parte dela.

- i) Situação limite: Ao sentir-se completamente pertencente, ainda pode haver dúvidas ou questionamentos em relação ao novo caminho descoberto. Dessa forma, a diaconia é fundamental, pois ao cuidar das necessidades das pessoas ou envolvê-las na prática da fé, ela está cuidando também de suas dúvidas possibilitando espaços seguros de crescimento conjunto e pessoal, onde se pode explicar sentimentos e dificuldades, bem como externalizar alegrias.
- j) Inserções intencionais: A visitação continua sendo o desafio quando se trata de uma pessoa que decidiu, a partir de um trabalho diaconal se aproximar da igreja. Ela não entrou pelo caminho tradicional, pois optou pela igreja a partir do que conheceu em seu viés prático. Dessa forma, cuidar, amparar, visitar e estar próximo continua sendo a inserção necessária para que alguém que decide mudar de religião se mantenha na convicção da decisão. Também quando conflitos de diversas ordens surgirem, como divergências com outras pessoas membras ou teológicas, a inserção acontece quando se busca a resolução desse para que não se transforme em um conflito que seja de difícil solução.
- k) Avaliação: nesse momento, ações concretas e visíveis se fazem necessárias. Uma delas é avaliar com a própria pessoa acolhida como foi seu processo de acolhimento. Também é o momento de partilhar com presbitérios e diretorias essa nova experiência. Aqui também a bênção para quem decidiu se tornar membro ou membra em culto acontece, fazendo assim a sua profissão pública de fé. Além disto, engajar pessoas no voluntariado sempre as mantém ativas na igreja, quer seja a função que ocupem.

11.2 Conversão de sem igreja

A segunda forma de conversão envolve um indivíduo que nunca esteve ligado a qualquer tradição religiosa e, por meio de uma jornada pessoal, descobre uma crença com a qual se identifica e decide finalmente se integrar a ela. Essa pessoa

percorre um caminho próprio, muitas vezes longo, até encontrar a religião na qual se reconhece e escolhe fazer parte.⁴⁶⁸

Diante desse enunciado, na pesquisa-ação surgiram os seguintes temas apontados como dificuldades para o trabalho da diaconia visando o acolhimento de pessoas sem religião na IECLB: Influência do proselitismo, falta de comprometimento para com o trabalho diaconal e a pergunta sobre qual é o produto ou oferta da diaconia diante de uma sociedade de mercado.

Sobre o tema da influência do proselitismo, nesta análise do diário de campo em diálogo com a pesquisa-ação, percebe-se um perfil tímido em relação ao convite para que as pessoas conheçam a IECLB. Na presente tese, argumentamos de que por ser uma igreja histórica a IECLB não tem essa preocupação de convidar pessoas atendidas em trabalhos diaconais e até possui medo de assim proceder, para não ser confundida com outras denominações religiosas. Isso se demonstra com maior intensidade nesse tipo de conversão, intensificando-se diante do desafio de lidar com o primeiro tipo de conversão, a de uma pessoa que muda de religião. Em uma fala do ministro local, no processo de desenvolvimento da pesquisa-ação, percebeu-se isso nitidamente. Ele respondeu a uma pessoa que se interessou por ingressar na igreja, a partir do trabalho da diaconia, de que ela não precisaria ingressar na igreja, pois essa não era a intenção da diaconia. Haveria o medo de não saber acolher o diferente? Por outro lado, o desafio se revela no contexto religioso brasileiro, quando outras denominações efusivamente buscam por estas pessoas que são atendidas pelo trabalho diaconal das comunidades da IECLB, mas pela falta do acolhimento e do convite são acolhidas em outras igrejas. Sugere-se, a partir desta pesquisa, haver maior interação entre o público atendido pela diaconia e a comunidade local. Outra possibilidade seria a de uma oferta de um local ou momento para a vivência da espiritualidade no projeto diaconal em questão, convidando as pessoas para fazerem parte dele, o que diferenciaria e muito do contexto agressivo proselitista brasileiro. Assim, a própria IECLB e esse grupo de diaconia e sua comunidade poderiam compreender de que a espiritualidade faz parte da integralidade do ser humano, ofertando espaços propícios para que de formas não-proselitistas as pessoas atendidas pela diaconia pudessem receber essa atenção e cuidado poimênico e espiritual. Essa oferta romperia com a proposta proselitista de apenas termos

⁴⁶⁸ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 109-111.

membros e membras, agregando valor moral à iniciativa de acolhimento gradativo na comunidade de fé.

Sobre a questão da falta de comprometimento da comunidade local e de ministros e ministras para com a diaconia, percebe-se que isso se cria a partir de tensões e histórico de crises mal resolvidas nas comunidades de fé, bem como a falta de formação sobre o tema da diaconia, nivelando-a a partir da doação de alimentos, roupas e outros itens. A diaconia como tema da fé não pode estar legada a um grupo como sendo o responsável por sua execução, e sim, esse é um tema transversal da eclesiologia luterana. Isso foi possível de ser notado pela pesquisa-ação, pois nesta localidade parece não estar tão bem integradas a diaconia e a comunidade e ainda mais desestruturada está a relação entre ministros locais e o grupo da comunidade. Por diversas vezes as falas, respostas e diálogos apontaram para o “nós e ela”, a diaconia e a comunidade, ou a diaconia e o ministro. Outras vezes, pareceu existir a existência de resistências ou desconfiança entre diaconia e comunidade. Ainda por vezes, apareceu a questão de que a diaconia, a exemplo de outros grupos comunitários possui donos ou donas, que não dão espaço para novas lideranças. Todos estes temas ainda necessitariam ser aprofundados, mas carecem de ser apresentados aqui como a prova de que existe uma tensão a ser resolvida e que se demonstra, possivelmente, em outras comunidades da IECLB, resultando em um descomprometimento com a causa da diaconia. Também deve ser dito de que esse descompromisso passa pelo mau entendimento do que é diaconia. Para algumas pessoas parece bastar doar, sem visar a transformação ou a saída de pessoas ou famílias de uma situação de dificuldade. Para outras, a motivação é o próprio bem-estar, pois ao doar, se estaria em dia com as obrigações sociais. Para outras pessoas ainda, a diaconia é a forma como se espera ser recompensada em bem pelo bem realizado. Assim sendo, é necessária formação para a melhor compreensão sobre diaconia e qual a sua motivação, bem como explicar de que as doações são apenas uma parte dela. Além disso, é preciso salientar que a diaconia é parte da igreja como um todo e não apenas de um grupo gestor de seus recursos. Trabalhar estes temas e resolver conflitos internos faz com que a igreja se torne mais atrativa, transparente e missionária.

Outro assunto que aparece como dificuldade é a pergunta sobre qual o produto que a diaconia tem a oferecer diante de um mercado religioso, como pode ser descrito o contexto religioso brasileiro. Durante a pesquisa-ação, o grupo esteve

inquieta com essa pergunta, motivada principalmente pelo contexto pentecostal, de matriz africana ou espírita no Brasil. Em sua maioria, são oferecidos produtos como sendo sua oferta para a vida das pessoas. Curas, milagres, trabalhos espirituais, bênção ou contatos com entes falecidos se mostram como alguns destes. Entretanto, ao longo da pesquisa e diálogos, o próprio grupo de diaconia e retalhos foi se autoanalisando e percebendo que o produto da diaconia se desdobra em dois centrais, que podem vir a ser outros mais. Um deles é o bem-estar e cuidado que estes grupos oferecem a quem for parte integrante dele. O grupo foi se autodefinindo como de cuidado, oração, trabalho conjunto, terapêutico, um local onde as partilhas e as falas são como cura para as preocupações do cotidiano. Outro produto é a possibilidade de cuidar de pessoas em seus mais diversos sofrimentos diários, como a fome, o desemprego, a falta de roupa, a perda de imóveis pelas enchentes, sendo feitas doações acompanhadas de conversas que também são terapêuticas para quem as recebe. Assim sendo, diante disso, se teve a dificuldade de perceber qual o produto da diaconia, e o próprio grupo foi respondendo a essa questão, criando uma oportunidade diante da adversidade. Dessa forma, ao se perguntar pela questão da conversão de pessoas sem religião e qual produto é possível de oferecer-lhes, a resposta mais plausível diante da pesquisa-ação é cuidado, espaço terapêutico, acolhimento, oração, trabalho conjunto, voluntariado.

Dentre as possibilidades elencadas estão a formação diaconal para todos os ministérios da IECLB (diaconal, catequético, missionário e pastoral), a IECLB como uma igreja acessível e o pertencimento e identidade a um grupo ou comunidade de fé.

A formação diaconal para todos os ministérios com ordenação da IECLB é apresentada como uma possibilidade para que pessoas sem religião venham a se sentir acolhidas na IECLB como sua igreja. Durante a pesquisa-ação percebeu-se grande preocupação por parte das pessoas que responderam ao questionário no sentido de que ministros e ministras da igreja, indiferente de sua ênfase ministerial pudessem ter uma formação voltada à diaconia como transversalidade na vivência da fé. Como dito em uma das respostas, uma diácona deu início ao grupo de diaconia e uma pastora deu continuidade. Entretanto se percebeu que elas tinham essa identificação com o conteúdo e prática e possuíam formação, embora diferentes, para a diaconia. Contudo, partia de uma preocupação pessoal das ministras, percebendo-se de que muito do movimento pela ação diaconal acontece com a motivação desses

e destas, podendo inclusive embargar um trabalho caso não haja sua identificação com a diaconia, como relatado pelo grupo. A sugestão diante desta demanda é que haja uma formação com foco na diaconia para todos os ministérios da IECLB, havendo maior aprofundamento dos temas diaconais para quem desejar o ministério diaconal na IECLB, evitando-se assim descaso e descomprometimento com algo que é tão importante para a vida da igreja, a diaconia.

O tema de que a IECLB é ou precisa ser uma igreja acessível também se demonstra como uma possibilidade para a conversão de pessoas sem religião. Salienta-se de que a IECLB, pelas respostas do grupo demonstra-se uma igreja com muitos espaços que promovem a inclusão. Há nela, grupo de mulheres, homens, diaconia, visitação, pessoas com deficiência, cultos e demais atividades. Entretanto, ainda há no que se avançar quando se trata do acolhimento de pessoas sem religião que decidem ingressar na IECLB. Sabe-se de que, muitas vezes, elas sequer conheciam a igreja antes do trabalho diaconal ou do momento em que decidiram ingressar na igreja. Dessa forma, recomenda-se que não haja barreiras que impeçam pessoas de ir e vir e vivenciar sua fé na IECLB. Algumas destas barreiras são impostas quando as pessoas não são bem acolhidas, ou quando logo se lhes impõe a necessidade de pagamentos ou burocracias a serem cumpridas, antes mesmo de que elas consigam estar engajadas e identificadas com a confessionalidade da igreja. Aqui se propõe uma inversão de pressupostos, primeiro acolhendo e tornando o espaço conhecido e acessível a quem é convidado ou convidada ou demonstra interesse em ser membro ou membra da IECLB.

O tema que encerra as possibilidades trazidas pelo grupo e que merece destaque, pois se enquadra em todos os temas, sejam eles possibilidades ou dificuldades é o pertencimento e identidade com um grupo ou comunidade de fé. O grupo de diaconia diversas vezes demonstrou que faz a diaconia por convicção e sentimento de pertença e identificação com as tarefas que desempenha, estando aí a centralidade da motivação e realização das ações diaconais. Dessa forma, o grupo imprimiu em suas respostas, diálogos, ações, reações diante das questões apresentadas o assunto do pertencimento e da identidade. Nesse conjunto, pôde-se analisar que um dos principais fatores para haver a identificação de uma pessoa sem religião com a IECLB é através do desenvolvimento do pertencimento e da identidade com a igreja, o que ocorre também a partir do acolhimento. Pertencer significa sentir-se parte ativa com vez e voz nos processos, debates e diálogos, contribuindo

efetivamente com seus dons, habilidades e competências no desenvolvimento de objetivos das comunidades de fé. Dessa forma, processos participativos são mais efetivos para que de fato haja esse sentimento de pertencimento, pois proporciona-se espaços saudáveis e inclusivos onde todos e todas podem posicionar-se e expressar-se, abrindo diálogo para concordâncias e discordâncias.

A seguir, veremos dificuldades e possibilidades de como experienciar o tema da diaconia e sua relação com a conversão interna. Também será explorado como a diaconia contribui para esse processo de desenvolvimento da fé que se converte dentro da própria religião, engajando pessoas para servir dentro da igreja em que já eram membros e membras, mas não faziam parte efetivamente dela.

11.2.1 Indicativos metodológico-diaconais para a conversão de pessoas sem religião

- a) Conhecer: Nessa etapa busca-se conhecer quem é, por que está ali, como acolher a uma pessoa e por quais eventuais razões não frequenta uma igreja, mas se interessou por uma;
- b) Serviços: A partir disso, os serviços possíveis são a comunhão, o acolhimento, a oferta de um grupo como o de diaconia para que possa entender que naquele espaço há compromisso com as causas das necessidades humanas. Isso pode mostrar-lhe algo diferente do que elas já conheceram ou até mesmo se afastaram;
- c) Articular: Uma vez conhecido e elencados os serviços disponíveis, é o momento de articular para que estes aconteçam. O engajamento em uma causa diaconal, doações ou envolvimento em geral com a diaconia, conforme visto na pesquisa, é uma possibilidade possível para buscar que as pessoas se sintam parte da comunidade e vejam que essa não fica apenas para si, mas olha pelas necessidades da vida. Também nesse momento é a oportunidade de fazer com que a pessoa crie vínculos que fortaleçam sua participação comunitária;
- d) Diálogos/Conscientização: Os diálogos então, se apresentam novamente em duas direções. Diretorias e grupos e pessoas sem religião. Uma vez sem religião, as pessoas precisam saber como e por que a comunidade de fé a está acolhendo desta forma. Para diretorias e grupos, é necessário falar do acolhimento e engajamento, desmistificando que para retornar é primordial contribuir e estar com tudo em dia, pois estes diálogos afastam as pessoas. O acolhimento em um grupo como o da diaconia pode ser auxílio para a conscientização das pessoas

engajando-se em um voluntariado. Seria, também, necessário, reavaliar a contribuição como critério para batizar, casar, confirmar ou sepultar? Mostrar trabalhos diaconais auxilia nesta conscientização de que existe preocupação não apenas consigo, mas para com o contexto.

- e) Transformar: Diante disso, o que é necessário transformar e qual foi a razão pela qual essa pessoa está buscando a comunidade de fé? Nesse caso, existe variantes. Talvez seja necessário cuidar e transformar a situação de sofrimento que a pessoa sem religião esteja passando, reafirmando o cuidado diaconal da igreja. Esse pode acontecer também mediante grupos de diaconia e a partir dele pessoas se sentirem cuidadas e amadas por sua própria comunidade de fé;
- f) Partilhar saberes: Partilhar saberes, nesse momento, é a escuta atenta que se dispõe a acolher e não a explicar razões ou motivos. Estar sem uma religião pode estar ainda conectado às magoas anteriores com alguma denominação religiosa ou à falta de identificação que alguma pessoa possa ter desenvolvido ao participar anteriormente de uma. Sendo assim, a diaconia comunitária pode ser esse elo para cuidar, visitar e acolher, fornecendo espaço de engajamento;
- g) Reconhecer problemas: Os conflitos naturalmente aparecerão à medida em que os diálogos e aproximações acontecerem. Muitos deles provavelmente estarão conectados às questões relacionais ou dificuldades pessoais vividas em outras igrejas com conflitos teológicos. Ou, algum conflito pode surgir mediante os aprendizados de alguém que nunca esteve ativamente em uma igreja. Outros problemas poderão ser questões financeiras, pois a contribuição é algo importante. Essa é a oportunidade de frisar que o convívio comunitário e presença diaconal é o que se almeja naquele momento e não carnês, contribuições e afins;
- h) Temas geradores de mudanças: Os temas serão oportunidades de se ressignificar a relação com a comunidade e mesmo de a comunidade poder mostrar sua determinação em ter uma outra relação, de cuidado e diaconia, com as pessoas. Assim, os temas surgem do convívio em que todos tem a oportunidade de expressar sua opinião e recebem escuta atenta às suas demandas e contribuições. Ninguém permanece em um lugar em que sabe que não é ouvido ou ouvida;
- i) Situação limite: O bom acolhimento, a reversão de valores, a possibilidade de engajamento (inclusive pela diaconia) e o cuidado como expressões de uma comunidade diaconal poderão ser determinantes para a permanência ou não de

alguém afastado da comunidade. Na falta destes, cabe uma inserção intencional, na tentativa de reverter a situação;

- j) Inserções intencionais: esse momento é uma oportunidade de reverter um possível afastamento ou falta de engajamento com a comunidade e com sua ação. Nesse sentido, a diaconia produz engajamentos e pode auxiliar na permanência de alguém, pois possui uma proposta de cuidado e valorização da vida, gerando impactos para fora dos muros da comunidade;
- k) Avaliação: O momento de avaliação da ação deve acontecer com o grupo de diaconia e sempre ouvindo às pessoas acolhidas, para que se sinta o clima de cooperação e valorização das pessoas do grupo.

11.3 Conversão interna

A terceira modalidade da figura do convertido é a do “re-afiliado”, do “convertido de dentro”: aquele que redescobre uma identidade religiosa que permanecera até então formal, ou vivida à mínima, de maneira puramente conformista.⁴⁶⁹

Dentre os aspectos que se apresentam como dificuldades para o trabalho diaconal contribuir para a conversão interna estão os conflitos organizacionais e multigeracionais e a aversão ao público com o qual a diaconia lida na maior parte de seu tempo, revelando-se, assim, uma face aporofóbica da sociedade brasileira e de algumas pessoas evangélicas de confissão luterana, que apresentam resistências quando o assunto é quem é apoiado pela diaconia.

Quando conflitos organizacionais ou multigeracionais acontecem, motivados por qualquer razão que seja, naturalmente ele impede que haja o desenvolvimento da moralidade ou espiritualidade humana. Isso não se demonstra diferente no contexto desta pesquisa-ação. O tema apareceu justamente nesta pergunta, a que aponta para a conversão de uma pessoa já membra, desenvolvendo nesta a vontade de efetivamente participar de sua comunidade de fé. No caso do grupo de diaconia pesquisado, salientou-se muitas vezes como estes conflitos organizacionais impedem que mais pessoas venham para o grupo de diaconia e se engajem em suas atividades. Não obstante a isso, tratou-se e se falou sobre o desinteresse de jovens pelas

⁴⁶⁹ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 109-111.

atividades diaconais. Saliente-se o grupo é composto de pessoas com mais de 50 anos e quando perguntadas sobre a interação com pessoas mais jovens, esse afirmou que não acontecia, pois os e as mais jovens não tinham interesse. Contudo, a última tentativa foi feita há anos e por uma ou duas frustradas, já não queriam investir nesse público, ou mesmo em novas pessoas, pois elas não têm interesse. Com essa prerrogativa, sempre se continuou contando com a colaboração das mesmas pessoas e se continuou fazendo as atividades dos mesmos e conhecidos jeitos. Existe, então a manutenção ou justificativa de que conflitos organizacionais e geracionais atrapalham a diaconia, sem, no entanto, tentar novamente ou de formas diferentes. De fato, houve iniciativas sem sucesso, mas estas balizam o todo do trabalho, não cedendo muito espaço a novas pessoas, ressaltando que os conflitos são impeditivos. Sobre essa dificuldade, recomenda-se o investimento de tempo e aprendizado e ensino com diversos grupos da paróquia, sanando dúvidas, convidando para a diaconia, motivando para as doações e investindo tempo na formação sobre o que se está fazendo. Em adendo a isto, pode-se potencializar ações com crianças, alunos e alunas do ensino confirmatório e jovens, para que desde cedo desenvolvam a consciência diaconal, entendam sua importância e se rompa com os conflitos.

Existe outra dificuldade, trazida pelo grupo e visível nos diálogos e desenvolvimento da pesquisa-ação que é a dificuldade que é manifesta e expressa entre as pessoas da comunidade e o público-alvo da diaconia, que em sua maioria são pessoas em situação de vulnerabilidade e pobreza. A aporofobia se demonstra como um fator de difícil trato, pois cria barreiras, algumas vezes quase intransponíveis, entre a comunidade de fé e as pessoas atendidas pela diaconia. Os preconceitos ficam expressos de diversas maneiras quando se chama o público de “vagabundo”, preguiçoso, dependente de programa de bolsas ou programas de transferência de renda, que só sabem ter filhos e filhas, visando ganhar mais dinheiro sem trabalhar, entre outros exemplos que conectam a estas pessoas a programas sociais associados à pauta de defesa e garantia de direitos, tão criticada pela extrema direita brasileira. Essa que não por último, possui pessoas evangélicas de confissão luterana, que engendram crises e associam a diaconia ao pacote de notícias falsas implementadas como estratégia de campanha nas eleições de 2018 e 2022. Assim sendo, ao atender esse público cotista, bolsista, que recebe renda de programas ou se beneficia de algum, na visão aporofóbica se está alimentando a “vagabundagem”, preguiça, e não por último auxiliando o comunismo a se instaurar no país. A diaconia do encontro, tese

de doutorado de João Henrique Stumpf poderia ser uma das formas de se lidar com essa dificuldade, pois uma vez que os diferentes se dispuserem ao diálogo, cria-se oportunidades de conhecimento mútuo e de mitigação das mentiras e falácias de um grupo em detrimento do outro. O encontro tem a capacidade transformadora de ideias, conceitos, preconceitos e desconstrói as diferenças, permitindo com que elas sejam fator de união e não fator que desagregação e segregação.

Dentre as possibilidades que se criam para a diaconia contribuir para a conversão interna estão que o culto é um momento para se falar sobre diaconia e que a visitação e hospitalidade são pilares importantes para a teoria e prática da diaconia.

O culto como espaço de fé, também tem a tarefa de formação para os temas da fé, sendo um deles a sua prática diaconal. Embora, como já visto, exista momentos diaconais dentro da liturgia do culto cristão como o acolhimento, o Kyrie, a Ceia, a oração de intercessão e o envio, todos os momentos da liturgia podem ter características essencialmente diaconais. Todavia, a pregação é um momento que serve para formar e capacitar pessoas sobre a relevância da diaconia no cotidiano da vida de fé de uma comunidade cristã. Uma das questões visivelmente perceptíveis na pesquisa-ação foi justamente a percepção de que o culto deveria falar mais sobre diaconia, já que essa ainda é um tanto desconhecida pelas pessoas membras da IECLB. Em um momento de diálogo, mas também de resposta, uma pessoa chegou a dizer que ter apenas um culto ao ano falando sobre diaconia é muito pouco. Essa referiu-se ao dia nacional da diaconia, no domingo *misericórdia domini*, no calendário da igreja, dia em que a coordenação nacional de diaconia da IECLB prepara uma liturgia e subsídios para a prédica e grupos sobre a diaconia em diálogo com outros temas ou mesmo o tema do ano. Algo que também precisa ser salientado é de que a mesma pessoa que reclamou de que não havia fala sobre diaconia no culto, é uma pessoa que dificilmente frequenta o culto, por conflitos ou discordância com a paróquia ou ministro e ministra. Porém, sua fala salienta de que é necessário falar mais sobre diaconia e formar mais pessoas para a sua prática e reflexão, havendo o que avançar sobre o tema na IECLB. O preconceito com temas da teologia prática fica evidente, havendo quem diga e no grupo essa fala também apareceu de que diaconia se faz e não se necessita formação. Entretanto, prática sem reflexão conduz à repetição de ações que correm o risco de se tornarem assistencialistas, não podendo mais serem chamadas de diaconia. Havendo formação para a diaconia, inclusive no culto, a conversão interna pode ocorrer, engajando pessoas para o servir diaconal, estas que

talvez ainda não se soubessem pertencentes à comunidade de fé, mas podem encontrar no serviço de amor pela fé sua verdadeira vocação de ser da IECLB.

A visitação e a hospitalidade foi outro tema que surgiu como possibilidade de desenvolvimento do tema da diaconia e a conversão interna. Saber ir ao encontro de quem necessita ou saber receber e acolher a quem se aproxima são dois movimentos fundamentais e complementares para a diaconia na IECLB. Ambos são missionários na perspectiva diaconal, pois através da visitação se conhece as pessoas e se sabe em que lugar e como vivem, ou mesmo se necessitam de algo. Ao mesmo tempo a hospitalidade promove o acolhimento, pois a sensibilização às dores de outras pessoas faz com que estas se saibam cuidadas e fortalecidas. Na perspectiva da conversão interna, podem existir pessoas que se entendam novamente pertencentes à IECLB a partir do momento em que entendem que esse cuidado acontece na igreja onde ela está inscrita, mas não participa. Essa também se sentirá incluída caso lhe seja conferido olhar de misericórdia pela dificuldade pela qual pode estar passando e por isso não está conseguindo talvez contribuir financeiramente, ir aos cultos ou participar de grupos. Saber acolher é fundamental para que uma pessoa se sinta bem no meio para o qual está retornando, como uma convertida de dentro. Quando há visitação e hospitalidade, os olhares de preconceito ou julgamento, que ainda assim haverá, serão minimizados pelo acolhimento sentido, ainda que alguém se sinta na pior fase de sua vida. O grupo de diaconia relatou tudo isso em suas falas e respostas, ficando evidente que o primeiro olhar que uma pessoa deve ter é o de misericórdia quando procura o grupo e esse lhe visita ou acolhe. Entretanto, a timidez do convite ainda é uma barreira para o grupo, pois mesmo sendo pessoas conhecidas que estão atendendo, dificilmente lhe convidam para o grupo de diaconia ou para se engajar em alguma causa da comunidade de fé.

O próximo tópico nos apresentará o tema da conversão mágica. Essa vem do ideário mágico pentecostal ou neopentecostal brasileiro, que introduz a perspectiva da mudança repentina de vida. Entretanto, como igreja protestante histórica, a IECLB não se encontra nesse panorama religioso do imaginário mágico. Contudo, pode-se adotar desse conceito, a mudança de vida e das condições de dificuldade impostas como sendo uma possível contribuição da diaconia da IECLB para essa reflexão.

11.3.1 Indicativos metodológico-diaconais para a conversão de pessoas dentro da própria IECLB

- a) Conhecer: nesse momento, é preciso conhecer as pessoas e acompanhá-las em suas necessidades para saber como apoiá-las em seu processo de conversão interna;
- b) Serviços: O maior serviço a ser oferecido neste momento é a oferta de voluntariar dentro da própria diaconia da paróquia ou comunidade, atuando da forma como se sentir chamada e capacitada para tal. Entretanto, não se deve deixar de oferecer formação para novas formas de atuação voluntária;
- c) Articular: A oportunidade que reside aqui é a de aproximar a pessoa que estava afastada das pessoas integrantes do grupo de diaconia, para conhecer o trabalho desenvolvido e despertar o interesse. Previamente já se pode ir conversando com a pessoa afastada sobre as possibilidades de atuação pela diaconia;
- d) Diálogos/Conscientização: A abordagem à pessoa afastada da comunidade deverá ser focada nas possibilidades da atuação a partir da diaconia, ainda mais se ela despertar algum interesse pela atuação voluntária. Muitas pessoas retornam para a vida comunitária quando ela passa a oferecer algo novo e diferente do que antes era conhecido;
- e) Transformar: Transformar, neste caso, remete-se ao itinerário que é necessário, neste tipo de conversão, para que a pessoa possa redescobrir sua própria igreja, havendo sempre acompanhamento e alguém disposto a dialogar ou um grupo para partilhar. Neste caso, a diaconia pode auxiliar a que alguém veja a sua própria comunidade como um lugar diferente do que aquele que, por alguma razão, ela havia se afastado;
- f) Partilhar saberes: A partilha de saberes neste caso acontece na interação com o grupo. À medida em que a pessoa percebe que há um lugar onde ela pode contribuir e ensinar o que sabe, aprendendo também com as demais, a permanência passa a ser uma opção válida. Assim, podem-se fomentar espaços de formação e partilha;
- g) Reconhecer problemas: Entraves devem ser esperados, pois a tendência ao retornar para algum lugar é a de trazer consigo os pressupostos que a fizeram deixar aquele espaço. Assim sendo, deve-se ouvir, partilhar, sem negligenciar a fala de quem está trazendo o assunto. À medida em que ela vai falando, talvez se

possa conversar e explanar que aquilo vem sendo superado ou adotar a sinceridade de dizer que ainda é um assunto difícil, mas que existe disposição de superá-lo. Os problemas que surgirem devem ser dialogados em particular primeiramente, e se necessário, em grupo;

- h) Temas geradores de mudanças: Os temas que podem gerar mudanças, nesse caso, referem-se à pergunta ontológica do porquê, p.ex., essa pessoa decidiu retornar ao convívio comunitário. Este é sempre um local seguro para se retornar à pauta, pois foi ele que gerou a sequência de reaproximação;
- i) Situação-limite: existe também outras motivações pelas quais as pessoas retornam ao convívio comunitário e a diaconia pode ser a oportunidade de abraçar a alguém. A busca pelo sentido da vida muitas vezes é a situação limite e a diaconia e sua atuação podem oferecer esse sentido através da doação e do voluntariado;
- j) Inserções intencionais: Como alguém está se reaproximando da comunidade, há que se ter o olhar atento a esta pessoa, pois a qualquer momento pode ser necessária uma inserção que pode ser um diálogo, uma conversa mais longa, a proposição de uma formação para que ela entenda melhor algo;
- k) Avaliação: A avaliação do acolhimento pode ser feita com o grupo de diaconia, após um tempo de convivência de quem se reaproximou da comunidade através da diaconia, proporcionando que se fale como tem se sentido no grupo e o que eventualmente gostaria de propor, para que seja ouvida.

11.4 Conversão Mágica

Ao abordar o assunto da conversão, é importante mencionar que no contexto brasileiro, e possivelmente na América Latina como um todo, existe uma quarta abordagem que merece destaque, além das mencionadas por Hervieu. Essa quarta abordagem é conhecida como "conversão mágica". Rocha e Torres exploram esse tema no artigo O crente e o delinquente, no livro clássico "A ralé brasileira". Nele, o autores descrevem essa forma de conversão como parte integrante da cultura e da identidade do povo brasileiro, influenciado por diversas correntes religiosas, culturas e tradições.⁴⁷⁰

⁴⁷⁰ SCHULTZ, 2008, p. 29.

Na pesquisa-ação apareceram os seguintes temas dentro das dificuldades sobre como acontece a mudança integral de vida das pessoas que trabalham com a diaconia ou daquelas que são atendidas pela diaconia: pessoas mal-intencionadas e o cansaço de quem se voluntaria pela diaconia. Iniciando pelas pessoas mal-intencionadas, esse é um conflito frequentemente visto por quem acompanha o trabalho diaconal. De alguma forma se espera controlar o que as pessoas fazem com o que lhes é dado em forma de doação, esperando que saibam valorizar ao máximo o item. Assim, quer sejam agentes diaconais ou pessoas que doaram algo espontaneamente, quando por alguma razão visitam a família que recebeu a doação ou mesmo que a doação já foi repassada adiante ou está em mal estado, ou pior ainda que foi jogada na esquina como descarte. Essa preocupação apareceu no grupo da pesquisa-ação, entretanto, se percebe que é algo que ronda diferentes grupos, paróquias: a má intencionalidade de quem recebe um auxílio diaconal. Contudo, o grupo demonstra que não tem uma ficha de acompanhamento ou mesmo não promove formação para quem recebe a doação, para que de forma preventiva possa atuar para que essas situações não se perpetuem. As fichas de acompanhamento poderiam servir como registro daquilo que se faz ou para quem se doa, não no intuito de controlar a doação ou o que se fará com ela, mas no intuito de demonstrar o quão comprometido e sério é o trabalho desenvolvido por aquele grupo e que de fato quem deseja apoio, vai ter um acompanhamento mais de perto do que somente o ato de receber doações. Outra forma de agir nesse sentido é promovendo formação com as pessoas que recebem as doações, pois talvez elas nem mesmo saibam ou nunca aprenderam a importância de cuidar, lavar ou limpar aquilo que se recebeu como doação para que tenha o maior tempo útil possível. Talvez também lhes falte recursos para limpar ou lavar aquilo que foi doado e essa pode ser outra causa possível de descartes acontecerem. Entretanto, não se aconselha ocupar o lugar de algoz e culpar, punir, reagir agressivamente quando uma situação como essa acontece. O estabelecimento de vínculos de confiança são fundamentais para que a conversão e mudança integral de vida de alguém aconteça.

Outro tema que merece destaque é o tema do cansaço de quem está trabalhando pela diaconia de forma voluntária. No grupo de diaconia pesquisado, isso se mostra de uma maneira bem veemente. As pessoas se doam incansavelmente pelo trabalho diaconal, entretanto, é nítido que essa doação voluntária resulta em pessoas cansadas e até mesmo desmotivadas pelo trabalho. Durante o tempo da

pesquisa-ação, a cada novo encontro com o grupo, foi possível notar que o cansaço delas aumentava a ponto de lhes impedir que outras reflexões fossem feitas, precisando sempre novamente lhes motivar para o pensar coletivo, individual e como responder às perguntas que sempre lhes pareciam complexas. Entretanto, elas sempre conseguiam responder de forma completa às questões. Porém, estava nítido o cansaço e a estafa diante das demandas e planejamento do grupo, bem como do pesquisador, conciliando trabalho, estudos, pesquisa de campo e vida pessoal. A realidade do cansaço é algo presente em diferentes organizações, assim como nas religiosas. A pergunta que norteia esse momento da reflexão é como fazer para que as pessoas não sejam atingidas com tantas demandas no trabalho diaconal somando-se às rotinas pessoais, de estudo, familiar ou profissionais. A criação de grupos de trabalho ou distribuição de tarefas poderia se apresentar como uma solução diante do cansaço institucional, contudo, ela demanda mais pessoas e mais tempo para o preparo e reflexão sobre as ações.

Como possibilidades para o trabalho diaconal desenvolver o tema da conversão como mudança integral de vida estão o empoderamento de quem trabalha pela diaconia, bem como de quem é apoiado por ela e o registro dos fatos como memória individual e coletiva. Sobre o tema do empoderamento, como já visto, ele ocorre em duas direções. A primeira é o empoderamento de quem está à frente de uma ação diaconal. Estar nesta posição requer conhecimentos específicos, bem como a capacidade de gerenciar recursos mínimos, os quais serão empregados no atendimento de pessoas. Entretanto, nem sempre se sabe escolher bem as posições destas pessoas que estão desempenhando essa função. No caso desse grupo de diaconia e retalhos, não há uma liderança eleita, mas há, alguém que naturalmente vem desempenhando a função ao longo dos anos, por possuir maior experiência e contato. Outra razão pela qual ela desempenha essa função é a de que há mais pessoas para fazer do que para liderar um grupo. De certa forma, mesmo as funções mais “braçais” são papéis de liderança, pois exigem habilidades e competências no espaço onde serão desempenhadas. Entretanto, o rodízio de lideranças seria importante para a continuidade do grupo, alternância de ações e para o surgimento de novas proposições nas ações e planejamento. Com isso, o grupo poderia ter visões diferentes sobre temas e desafios que se fizerem presentes no contexto e na realidade vivenciada, potencializando, então, reflexões que contribuiriam para o desafio da

mudança integral de vida das pessoas que atuam na diaconia e nas que são atendidas por ela.

Outra possibilidade encontrada se dá a partir do desafio de se registrar, de forma individual e coletiva. Esse grupo não é diferente de outros já vistos pela IECLB quando o assunto é o registro das ações desenvolvidas. Usualmente se faz o registro das doações, orçamentos, receitas e despesas e seus destinos. Entretanto, pela questão do cansaço, falta de tempo e outras demandas, dificilmente se faz um registro fotográfico, memórias ou minutas do que se desenvolveu, refletindo-se sobre, planejando um novo ciclo de ações. O registro possibilita o melhoramento e qualificação das ações que se desempenha, pois permite a ação-reflexão de temas que podem aparecer, que até determinado momento nem haviam sido notados pelo grupo. Além do mais, o registro das memórias pode contribuir para a inspiração de novas frentes diaconais, em suporte e apoio a outras pessoas em outros lugares, de forma a que estas possam mudar suas vidas de maneira integral, ressignificando seus caminhos, intenções e ações. Conforme visto, o grupo não tem muito apreço pela anotação ou pela catalogação de pessoas, famílias e doações e essa pode ser uma das maiores dificuldades encontradas ou uma das raízes delas. Se houvesse maior divulgação das ações, registros e fotos delas, talvez haveria menos conflitos, maior incentivo e mais pessoas interessadas por se somarem ao trabalho diaconal, mudando assim, suas vidas, a partir do voluntariado diaconal.

A seguir, veremos o último ponto em questão, o desafio da diaconia em relação à conversão diária, que nos aponta a dimensão batismal do compromisso diário de melhoramento das relações das pessoas entre si e com a criação. Como diria Lutero, se estaria, assim, afogando a essência pecaminosa humana, renascendo diariamente na essência justificada pela fé em Jesus, sabendo-se, por essa razão motivado a diaconar e cuidar de quem necessita.

11.4.1 Indicativos metodológico-diaconais para a conversão como mudança integral de vida

- a) Conhecer: nesse momento, é preciso conhecer as pessoas e acompanhá-las em suas necessidades para saber como apoiá-las em seu processo de transformação, pois elas estão em busca ou em necessidade de uma mudança integral de vida;

- b) Serviços: será necessário saber: Qual o problema? Qual profissional deve ter envolvimento para solucionar? Como a comunidade local pode auxiliar? Para onde é necessário encaminhar o assunto? Ele é sigiloso?
- c) Articular: Neste caso específico, a articulação refere-se à aproximação das pessoas envolvidas, que trabalharão juntas de forma profissional e como parte de uma equipe multidisciplinar de cuidado e suporte comunitário. Normalmente, as pessoas procuram conscientemente por ajuda, uma vez que não se sentem à vontade ou não têm a capacidade de buscar assistência por si mesmas. Nessas circunstâncias, geralmente estamos lidando com problemas mais complexos, como dependência de álcool, abuso de drogas, trabalho semelhante à escravidão, negligência familiar, abuso e outros desafios;
- d) Diálogos/Conscientização: Dessa maneira, os diálogos, com família e pessoas envolvidas se farão necessários, pois a comunidade encaminhará os casos para profissionais, ofertando cuidado e apoio nesse tempo de recuperação. No que envolve diretorias e grupos, os casos não devem ser expostos, pois dizem respeito a histórias de vida e pessoas. Assim, todo sigilo é necessário.
- e) Transformar: O que transformar deve ser dialogado em conjunto com quem pediu por apoio e auxílio e isso determinará para quais serviços encaminhar. Entretanto, há questões que grupos de diaconia ou a diaconia comunitária pode atuar como doações diversas, quando necessárias, para servirem de suporte diante de dificuldades como alimentos, auxílio a remédios, roupas, móveis etc.
- f) Partilhar saberes: A partilha de saberes, no que tange à mudança integral de vida, se limita a ouvir e saber encaminhar para profissionais com devida habilitação, cada caso. Se necessário for, auxiliar a profissionais para que entendam melhor o caso que chegou ao grupo de diaconia como pedido de auxílio, informando que o grupo de diaconia ou comunidade estão fornecendo algum suporte (descrevendo qual é esse suporte);
- g) Reconhecer problemas: O reconhecimento de problemas, aqui, se resume na possibilidade de ouvir quais são os pedidos, reconhecer quais deles se pode atender ou não e encaminhar de forma consensual o caso. Também é necessário se trabalhar com a comunidade eventuais impactos que possam ter sido gerados pela presença desse pedido de ajuda, que, em alguns casos pode chocar a algumas pessoas que possuem seus preconceitos ou não aceitam que na igreja haja determinadas pessoas com determinadas características;

- h) Temas geradores de mudanças: Os temas problema são aqueles pelos quais foi necessária a ajuda. Dessa forma, reconhecer que eles existem já foi algo que aconteceu nesse tipo de conversão, a integral. Mesmo assim, nomear e saber reconhecer quais temas ainda carecem de mudança é importante, pois a raiz dos males ainda pode estar escondida. Então, esse é o momento de mais diálogos e busca pelas origens;
- i) Situação limite: diferente de outros casos, a situação limite aqui ocorre em dois momentos. O primeiro deles é na busca por apoio. O segundo é quando o apoio realmente acontece e mudanças são requeridas. Ambos são difíceis de serem encarados, porém, o suporte e incentivo da comunidade de fé e cuidado diaconal são cruciais para que quem buscou ajuda possa continuar seu tratamento ou mudança de vida;
- j) Inserções intencionais: As inserções, nesse caso que exige maior interdisciplinaridade, acontecem na manutenção dos combinados para que haja a superação dos problemas. A diaconia, nesse caso, está sendo apoio para uma causa específica que requer determinados cuidados. Dessa forma, o combinado é este, que haja o suporte, enquanto houver a continua busca pela superação da vulnerabilidade. Não se pode, assim, ceder ao assistencialismo, doando sem uma inserção intencional de mudança;
- k) Avaliação: Durante o processo, é importante que as pessoas envolvidas e equipe sempre sejam ouvidas, na medida do possível, para pensar e repensar o caso e suas abordagens com a intenção de uma mudança integral de vida.

11.5 Conversão Diária

O ato ou a cerimônia consiste em ser imerso na água, que passa sobre nós e depois escorre. Essas duas etapas, a imersão na água e a saída dela, simbolizam o poder e o efeito do Batismo. O Batismo tem o propósito de mortificar o velho ser humano, representado por Adão e Eva, e dar lugar ao surgimento de uma nova pessoa por meio da ressurreição. Ambos os aspectos nos acompanharão ao longo de toda a vida, o que significa que a vida cristã é um processo de batismo contínuo, iniciado uma vez e em constante andamento. É necessário constantemente eliminar tudo o

que pertence ao velho ser humano, representado por Adão e Eva, para que as qualidades da nova criatura possam se manifestar.⁴⁷¹

Sobre as dificuldades encontradas pelo grupo na pesquisa-ação em diaconia estão o tema do encontro, o voluntariado e as pessoas mal-intencionadas em relação à diaconia. Iniciando pelo tema do encontro, abordado por João Henrique Stumpf em sua tese de doutorado, percebemos que a diaconia promovendo encontros pode transformar realidades e aproximar pessoas e mesmo aproximar a comunidade de fé do público da diaconia. Entretanto, se um processo for malconduzido ou encaminhado em formas de enfrentamentos radicais, pode-se gerar um processo avesso ao esperado, criando-se aumentando a resistência que já existia. Isso foi percebido com o grupo, por exemplo, quando falam das pessoas mal-intencionadas com a diaconia. As poucas iniciativas de aproximação que aconteceram se deram em contextos que não favoreceram o diálogo ou foram tão breves em perspectiva de tempo que o que ficou ressaltado não foram suas necessidades, diferenças e similaridades com quem vive na comunidade de fé, mas sim o medo do que fariam com as doações recebidas. Dessa forma, percebe-se que estes encontros não possibilitaram mais do que saber quem são estas pessoas e onde vivem. Sugere-se, então, encontros de trocas, partilha e cuidado, havendo de fato, uma diaconia do encontro.

Outro tema de destaque foi o tema do voluntariado que gera desconfiança e receio. Diversas vezes as pessoas participantes da pesquisa-ação ressaltaram esse sentimento de que não são compreendidas em seu voluntariado ou que quando convidam a alguém, logo se pergunta pelo ganho financeiro ou em pagamento pelo trabalho. Percebe-se uma incompreensão e ao mesmo tempo falta de capacitação para as pessoas que são voluntárias na diaconia e retalhos de explicarem suas funções de forma que quem questiona seu voluntariado, compreenda o que ele. Ao mesmo tempo, as pessoas desse grupo também precisam estar menos sensíveis quando questionadas sobre sua diaconia, não se expondo ao desânimo, pois existe quem questiona apenas por questionar, lançando mão de críticas destrutivas ao trabalho voluntário. Nesse caso, formação sobre voluntariado de maneira acessível poderia auxiliar na mitigação desta desinformação sobre o tema e fortalecer o grupo de diaconia para que saiba explicar a importância do voluntariado na vida da sociedade e da comunidade de fé, bem como em nível de desenvolvimento pessoal.

⁴⁷¹ LUTERO, 2012, p. 116.

Outro tema que, a exemplo de outros tópicos já apareceu foi o das pessoas mal-intencionadas para com o trabalho da diaconia. Isso ocorre em dois níveis. O primeiro é o de quem tem más intenções de lucrar trabalhando na diaconia ou mesmo de pegar para si recursos, roupas ou itens recebidos. O segundo nível é o das pessoas que usam do grupo de diaconia e sempre buscam as doações para renovar seus estoques, roupas ou móveis. Ainda há quem compre no brechó da diaconia para revender em seus brechós pessoais, o que vem sendo reinterpretado como meio de sobrevivência e não mais como má intenção com a diaconia. Entretanto, esse tema junto com o do voluntariado parecem ser as principais dificuldades do grupo, pois apareceram inúmeras vezes na pesquisa-ação. Como dito anteriormente, fornecer formação sobre voluntariado e promover encontros com a diaconia pode auxiliar na problemática em questão, fornecendo subsídios para quem está no voluntariado e aproximando os contextos de quem apoia e é apoiado pela diaconia, para que se conheçam e não apenas fomentem a relação de clientelismo.

Dentre as possibilidades referentes à diaconia e conversão diária estão o impacto em nível pessoal, local e regional que a ação pode causar e o crescimento pessoal que a ação gera. Referente ao impacto causado, o grupo de fato tem impacto positivo em diferentes níveis. Frequentemente se fala sobre o assunto, quer seja nas reuniões do grupo ou quando se ouve sobre ele, em ambiente externo, da relevância de suas ações. No município em que esse grupo atua, diversas vezes ele acaba suprindo as lacunas do CRAS. Ou então, o grupo acaba enviando doações para fora do estado ou quando recebe visitas internacionais, fomentadas pela Coordenação de Diaconia da IECLB, por ser um trabalho de referência na área de atuação. Dessa forma, a idoneidade do trabalho desenvolvido é nítida e cativa pessoas para conhecer seu trabalho, sendo uma possibilidade missionária de testemunho público do evangelho e de conversão diária.

Vinculado a esse tema das possibilidades está o tema do crescimento pessoal da que a diaconia proporciona. Ao final da pesquisa-ação ficou nítido que as pessoas do grupo estavam impressionadas com o que puderam desenvolver e refletir, nesse processo da pesquisa, sendo agentes ativas com voz e opinião. Segundo elas mesmas, nunca haviam parado para fazer um processo desta forma, com planejamento e perguntas direcionadas que as desacomodassem, promovendo o diálogo e o aprofundamento de temas, de uma forma participativa, pois estavam acostumadas ao fazer. Assim sendo, elas mesmas puderam chegar à conclusão de

que houve um crescimento pessoal e como grupo e que puderam assim, se desenvolver pessoalmente, mudando suas relações com as pessoas, com a forma de enxergar as dificuldades que os diferentes contextos imprimem sobre as pessoas. Não obstante a isso, alegaram a percepção de que cada pessoa possui necessidades parecidas, mas únicas, pois cada pessoa é única. Na diaconia e retalhos, a cada novo dia as participantes se sentem pessoas melhores, pois as vulnerabilidades que se apresentam e cada diálogo entre elas no grupo ou mesmo dificuldades que elas podem estar vivendo, permitem que reflitam sobre si e sobre o grupo e como melhorarem as relações e obterem capacitação para melhor cuidarem de pessoas através da diaconia. Isso é a conversão diária, entendendo que diariamente precisamos reconhecer os pecados e buscar o perdão que nos conduz à ação diaconal transformadora de compromisso com as pessoas e com o mundo.

11.5.1 Indicativos metodológico-diaconais para a conversão diária

- a) Conhecer: nesse tipo de conversão, é necessário conhecer a comunidade e seus pensamentos através de diálogos, reflexões e estudos em conjunto. Muitas vezes, atrás de pensamentos e falas inclusivas se escondem racismos, machismos, etnocentrismo, aporofobia, homofobia, gordofobia, preconceitos contra povos indígenas etc.
- b) Serviços: Avaliar qual a forma de dialogar sobre as questões conhecidas e como mitigar seu impacto diante da diversidade que se encontra ao trabalhar em grupos de diaconia comunitária;
- c) Articular: aqui se podem articular ações que visam conjuntamente dialogar sobre temas que possam aparecer no dia a dia comunitário, sem causar estranhamentos ou discussões acaloradas, partindo para um projeto alternativo de combate a essas violências, promovendo encontros para que as pessoas possam se conhecer e reconhecer como iguais e diferentes;
- d) Diálogos/Conscientização: o diálogo e a aproximação são os principais fatores para que a partir da diaconia, pessoas e comunidade possam repensar sua forma de ser e lidar com as pessoas e com a criação. Aqui seria um momento propício para que se convidasse grupos comunitários para serem voluntários em ações diaconais pontuais promovendo o encontro diaconal que sensibiliza e transforma a partir da ação;

- e) Transformar: a partir do diálogo também se percebe que pode haver intencionalidade em relação ao que transformar. O grupo ou ação diaconal pode envolver as pessoas e mobilizar em relação ao tema que gostaria de aproximar grupos ou pessoas para sensibilizá-las para a causa e intencionalmente direcionar o voluntariado para essa causa específica, visando o encontro diaconal como alternativa de superação de violências;
- f) Partilhar saberes: Para promover esse encontro, ele precisa ser planejado em conjunto, ambas as partes tendo voz nas decisões do que fazer, como planejar, o que doar e como agir diante do talvez desconhecido e novo para ambas as partes. O planejamento partilhado pode auxiliar nesse processo e conduzir a mudanças já anteriormente à ação;
- g) Reconhecer problemas: No caso de haver entraves ou pontos de divergência no pensamento, é recomendado o aprofundamento do diálogo, expondo pacificamente pontos de vista. Isso se faz com base em que estes devem ser trabalhados, mas que no dia da ação diaconal, isso possa ser assunto não mencionado para que a ação e o encontro possam acontecer naturalmente e possivelmente influenciar na mudança de pensamentos;
- h) Temas geradores de mudanças: os temas, uma vez trabalhados na prática, podem conduzir a significativas mudanças. De igual forma, pode não haver mudança nenhuma e os preconceitos serem mantidos. Porém, estes, uma vez feita a tentativa vão continuar ecoando nas práticas e reflexões;
- i) Situação limite: As situações limites podem colocar ambos os lados em um momento de necessário aprofundamento e fala sobre o tema e precisam ser reconhecidas e nomeadas como fruto de ismos ou fobias⁴⁷² ou descasos. Ouvir-se mutuamente é uma oportunidade de amadurecimento. Também é necessário ouvir-se. Cada pessoa após explanados os temas, teria a oportunidade de entender se sua fala imerge do machismo, racismo, homofobia ou preconceitos diversos, podendo, assim, repensar sua forma de agir e converter-se nesta direção;
- j) Inserções intencionais: as inserções acontecem quando algum tema necessita de maior aprofundamento ou quando gera crises pessoais, auxiliando assim na administração do assunto e os sentimentos que dele nascem;

⁴⁷² Machismo, racismo, aprofobia, homofobia, etarismo, capacitismo, transfobia.

- k) Avaliação: a avaliação deve ser feita em grupo ou individualmente quando essa gerar sentimentos mais fortes do que for possível administrar por si ou no grupo. Porém, essa avaliação pode levar ao amadurecimento, gerando mudanças e conversões.

11.6 Concretizações face à pesquisa-ação em diaconia

A princípio, após a pesquisa-ação, cada grupo seguiria o seu planejamento e teria apenas uma reunião anual conjunta. Entretanto, desde o início da aplicação do questionário, as pessoas participantes perceberam como estava sendo interessante a interação, reflexão e comunhão que a reunião deles estava causando, impactando positivamente na prática de cada um. Após a partilha dos resultados da pesquisa chegou às conclusões que seguem nos próximos parágrafos.

Para o grupo de retalhos, significou aprender sobre diaconia e perceber que a formação continuada estava sendo importante. Também puderam entender e perguntar ainda mais sobre como funcionava o grupo de diaconia. O retalhos entendia-se como um grupo que estava auxiliando a diaconia, mas a partir do estudo compreenderam que estavam fazendo diaconia. O entendimento do retalhos era de que diaconia era apenas o nome e não um serviço de amor baseado na fé em Jesus Cristo, a diaconia com conceito.

Para o grupo de diaconia foi um momento de avaliação de sua caminhada, sob críticas e valorização do que se faz bem. Puderam conhecer melhor o grupo de retalhos em sua dinâmica, preocupações e planejamento. Não obstante, perceberam como seria bom retornar aos momentos de comunhão e formação que há alguns anos atrás era mensal no grupo de diaconia. A formação continuada também foi salientada como primordial, pois, ainda que o conceito de diaconia não mude, o contexto em que ela se insere está em constante mudança.

Por fim, entre diálogos, autoavaliação e reflexões sobre os temas que envolveram a pesquisa-ação, o grupo de estudos decidiu, além de planejar e avaliar as suas práticas diaconais em conjunto, continuar com este grupo de estudo contínuo sobre diaconia. O grupo também deseja que estes momentos sejam de comunhão, assim, permeada por alimento e conversas informais. Desta forma, criou-se o grupo Diaconia e Retalhos: fé em ação, para estudos. Este, continuará sua reunião mensal, além de suas atividades específicas já desenvolvidas ao longo do ano.

CONCLUSÃO DA TERCEIRA PARTE

Nessa parte, vimos possibilidades de trabalhar o tema da diaconia relacionando-o com a conversão em suas distintas formas possíveis. Entretanto, não existe uma forma correta de se fazer e cada contexto é único e precisa-se uma adaptação a cada indicativo metodológico-diaconal. Entretanto, é importante salientar que ter um ponto de partida e olhar para os temas que envolvem o objetivo o qual se quer atingir auxilia no desenvolvimento de ações.

Nessa parte surgiram muitos temas e, novamente, nem todos se aplicam a todos os contextos. Assim sendo, criou-se aqui uma gama de temas que podem aparecer como problemática ou possibilidade quando se decide atuar pela diaconia em diálogo com o tema da conversão. Estes temas poderiam ser ampliados ainda, caso as respostas fossem ainda mais diversas. Entretanto, a metodologia de análise permite que eventuais novos temas possam ser analisados também, basta cada pesquisador ou pesquisadora ou agente diaconal, baseando-se em sua localidade, ouvir aquilo que as pessoas envolvidas com a diaconia tem a dizer sobre o seu trabalho, seu grupo, suas dificuldades ou potencialidades. A escuta atenta do próprio contexto e as perguntas assertivas podem indicar o caminho a ser seguido, lendo e estudando o que aqui está escrito ou o que ainda precisa ser produzido como material de estudos e consulta. Ainda aqui vimos o resultado concreto da pesquisa-ação, que foi a criação de um grupo, Diaconia e Retalhos: fé em ação, com reuniões mensais com formação sobre diaconia.

CONCLUSÃO

A pergunta central do projeto de pesquisa que originou a essa tese é: Como a diaconia pode dialogar com o tema da conversão, em parâmetros bíblicos e na história da igreja, de forma a identificar lacunas e possibilidades com vistas à conversão nas múltiplas possibilidades em que ela é possível através da pesquisa-ação? As respostas a esta pergunta se apresentaram como aspecto político-diaconal da Teologia Prática, considerando que epistemologia e empirismo estiveram constantemente em debate ao longo desta tese.

A primeira parte apresentou a base para a discussão, conceituando tema e pontuando importantes achados para a pesquisa. A partir dela, conclui-se que, em parâmetros bíblicos veterotestamentários, diaconia e conversão podem dialogar entre si, balizando-se em textos diaconais. Temos, como exemplo, o chamado dos profetas Jeremias e Isaías, que após o relato de seu chamado ou conversão, como defendido nesta tese, passaram a denunciar as injustiças e anunciar a graça de Deus, que transformaria toda a desgraça vivida pelo povo. Ainda que diaconia não apareça no Antigo Testamento de forma explícita, ela é possível de ser encontrada nesses relatos, nas leis e em muitos outros textos e histórias. Do Novo Testamento, abstrai-se de que diaconia e conversão estão ainda mais próximos do que no Antigo Testamento. Exemplos evidentes são os chamados dos discípulos, ou a conversão de Paulo. Em ambos os casos, há uma mudança de vida para uma prática de seguir a Jesus Cristo e sua diaconia. Essa concepção de conversão ganha notoriedade na igreja primitiva, quando a pergunta feita para novos cristãos e cristãs era “Você aceita entrar no serviço de Cristo?” e isso era um pressuposto para o servir diaconal.

Apesar da conversão ter esse caráter diaconal, a história legou ao conceito de conversão páginas cruéis de morte e sofrimento, quando em nome de Deus se matava caso pessoas não aceitassem a fé cristã, como foi no período das Cruzadas ou mesmo na história da América Latina e outros territórios. Dessa forma, chegou-se ao receio de falar sobre conversão, principalmente nas igrejas históricas, pelo medo de repetir a história. Entretanto, conversão não é proselitismo e em perspectiva sociológica é algo que acontece na vida das pessoas, pois elas vivem mudando seus caminhos, decisões, opiniões e posições ao longo da vida. Então, como trabalhar a conversão na IECLB? Para tanto, precisamos compreender de que existe tipos diferentes de conversão, e que elas possuem características e peculiaridades para

serem observadas. Estas são 5: mudança de igreja; sem igreja para uma igreja; conversão integral; conversão mágica; conversão diária. Cada uma destas conversões engloba um itinerário a ser percorrido por quem passa por um caminho de conversão e mudança. Isto também não se apresenta de forma simples e mesmo que haja nesta tese uma nova compreensão de conversão, ainda assim, não estamos falando em ações desenfreadas para aumentar o número de membros e membras na IECLB. Há que haver uma conversão também na forma de a igreja ser, deixando de lado todo ismo ou fobia que possa intervir nos processos de acolhimento ou mudança.

A metodologia diaconal, na segunda parte, em diálogo com a pesquisa-ação mostrou-se eficaz no sentido de identificar lacunas e possibilidades com vistas a compreender a possibilidade de trabalhar diaconia e conversão, não mais como utopias, mas como complementares. Assim, demonstra-se uma nova compreensão de conversão, não mais para a igreja como instituição, mas para entrar no serviço de Cristo que motivou e praticou a diaconia. Assim, a metodologia da pesquisa-ação, embora, em alguns momentos dificultou a leitura precisa do contexto, pois ela é um método híbrido de pesquisa de campo, mostrou-se salutar, pois o grupo de diaconia pesquisado também possui um método híbrido de atuação, tal qual a metodologia diaconal.

Entretanto, entre os achados desta pesquisa estão as formas de se trabalhar conversão, a partir de ações diaconais ou grupos de diaconia de comunidades e paróquias. Para se trabalhar com pessoas de outra religião, existe a possibilidade de reafirmar que a diaconia ou a comunidade diaconal, está disposta a receber a quem procura por auxílio dentro da comunidade para vivenciar ali, ainda que como visitante, a expressão de sua fé. Isso não significa que ela deva mudar de denominação religiosa. Entretanto, muitas vezes as pessoas atendidas por trabalhos diaconais esperam o convite para conhecer a comunidade de fé da qual algum projeto faz parte ou tem como seu nascedouro. A oferta de um espaço de espiritualidade faz parte do bem-estar humano e proporcionar vivências de fé não se caracteriza como uma ação proselitista, a menos que ela esteja forçando coercitivamente a alguém a participar da igreja, quer seja por violência, ameaça ou convencimento. Há que se salientar de que a vivência de fé em um projeto ou atendimento diaconal também pode motivar pessoas para retornar para suas comunidades de fé onde foram batizadas e que isso também pode ser fruto de um atendimento comprometido e acolhedor, a partir da diaconia. Para tanto, é preciso que a comunidade se converta primeiramente e esteja

disposta a acolher e não apenas a enquadrar, a quem quer que seja dentro de seu meio, desde que essa se molde. Muitas vezes é preciso que a comunidade de fé repense sua forma de acolhimento.

Para se trabalhar com pessoas sem religião aponta-se para a similaridade com alguns pontos descritos no parágrafo anterior. Entretanto, essa pessoa tende a buscar ajuda em instituições religiosas, ainda que algumas vezes, perdeu a confiança nelas. Novamente, podemos reafirmar de que a promoção e oferta de vivência da fé a estas pessoas atendidas pela diaconia não se trata de coerção proselitista, mas algo ofertado pelo bem-estar daquelas pessoas, para que tenham um espaço saudável de fé onde vivenciar sua espiritualidade e a transformação integral de vida que isso possa gerar. Esse público, conforme visto na pesquisa, pode se encontrar ainda mais desorientado em termos de perspectiva de vida do que pessoas com religião, tendendo a se apegar, mas também a se desapegar facilmente de uma instituição religiosa à medida em que ela passa a não suprir as necessidades apresentadas ou a cobrar algum compromisso.

Ao tratarmos de conversão interna, estamos falando diretamente de pessoas, da própria comunidade de fé local, que redescobrem na própria igreja em que foram batizadas ou que viveram sua vida toda, algum motivo especial para retornar ao convívio. Nesse sentido, a diaconia ou a ação de um grupo mostra-se efetivo para a permanência ou mesmo para o despertar da vontade de quem retorna para a igreja, pois demonstra um engajamento não apenas interno, mas com o contexto e com o entorno onde está e com as suas questões. Aqui também temos algo interessante, apresentado pela pesquisa-ação, a participação no grupo de diaconia assegura a participação de algumas pessoas na igreja, pois ali se sentem cuidadas e fortalecidas.

Quando olhamos para o contexto religioso brasileiro e latino-americano, percebemos nitidamente, a oferta de curas, milagres, ou acontecimentos miraculosos pelos quais as pessoas esperam e que causem um impacto profundo na vida. Entretanto, esse tipo de conversão, a conversão mágica, adaptado à tese de que conversão é entrar no serviço de Cristo, apresenta-se como mudança integral de vida. Dentro do que foi visto, diaconia tem como essência a transformação de um contexto de sofrimentos. Dessa forma, o grupo de diaconia compreendeu essa conversão como o apoio que se pode fornecer a uma pessoa ou família para que ela possa solucionar seus dilemas de forma integral e não como um passe de mágica. Entretanto, um dos maiores impasses sentido pelo grupo para essa vivência de conversão foi o fato de

que não se consegue um acompanhamento mais qualificado e próximo de quem a diaconia atende. Isso se dá, de acordo com o questionário da pesquisa-ação, devido às demandas do grupo serem muitas ou porque o ministro ou ministra local também não dispõe de tempo, ou mesmo não se importa com a diaconia, o que é um dos grandes entraves, segundo as descobertas desta tese.

Para a conversão diária, entende-se, segundo a pesquisa bibliográfica e de campo, de que aqui a diaconia possui a possibilidade de, a partir dos encontros ocorridos, proporcionar conversões de forma a que as pessoas passem a melhorar sua relação com a criação e com as pessoas. Conhecer quem é a outra pessoa demonstra-se como fundamental, ainda que seja difícil e às vezes também conflituoso e difícil.

Sobre o pesquisador, primeiro membro da IECLB, depois estudante de teologia, daí então PPHMista da IECLB, para então ordenado diácono, depois mestre e agora doutor, este compreende sua pesquisa como uma contribuição para o fortalecimento da diaconia. Este aconteceu no sentido prático e teórico, apesar das resistências encontradas ao longo do percurso epistemológico e empírico. Desta forma, agora doutor, não se exime de avaliar o percurso transcorrido e afirmar de que Igreja só é Igreja se for diaconal. Caso contrário, pode ser chamada de clube, associação, companhia, sociedade de pesca ou tiro, mas não de Igreja, pois o fundamento da fé cristã, Jesus Cristo, bem como a história da IECLB em território brasileiro só foi e é possível de ser compreendido a partir da ação diaconal. Assim sendo, a IECLB só conseguirá crescer como Igreja se vivenciar a diaconia de Jesus Cristo, que acolhe, ampara e cuida de quem está em necessidade, seja ela qual for, pois o evangelho já é pregado no contexto brasileiro, por muitas instituições religiosas, mas ainda se precisa avançar na sua vivência, o amor diaconal. Diaconia se envolve com as questões sociais e contextuais e coletivamente engaja pessoas para a transformação de vidas e contextos.

Desta forma, concluímos que diaconia pode dialogar de forma profunda com o tema da conversão, em parâmetros bíblicos e na história da igreja, de forma a demonstrar que as lacunas para a conversão diaconal (engajamento no serviço de Cristo) são os ismos e fobias existentes na igreja, que servem como resistências a serem combatidas. O desconhecimento da diaconia é outro fator que desencadeia a resistência, pois as pessoas não praticam o que não conhecem. Por outro lado, quando descobrem a diaconia ou identificam que sua ação é diaconal, se

comprometem no serviço de Cristo de forma ainda mais intensa. Como possibilidades encontramos o acolhimento, a escuta, o acompanhamento e os encontros que transformam. Não obstante a isso, como possibilidades vemos que é possível acolher pessoas na IECLB a partir da diaconia, quer tenham religião e decidam mudar ou não tenham religião. Também vemos como possibilidade de diálogo entre diaconia e conversão que pessoas se engajam na diaconia e assim retornam à vida de fé comunitária. Ademais, a transformação de realidade que almeja a diaconia é uma oportunidade única, pois demonstra que a IECLB tem compromisso com a vida. Por último, vimos que diariamente, a diaconia mostra que as pessoas podem e devem mudar sua forma de ser e agir e que cada encontro com o diferente é essa oportunidade. Diaconia e conversão são resultado do diálogo que advém da pergunta: Você aceita entrar no serviço de Cristo? Ao aceitar o serviço de Cristo muitas conversões são possíveis e nenhuma delas fere a vida, pois são voltadas à diaconia, o serviço de amor baseado na fé em Jesus Cristo. Esse processo é parecido com o que o grupo de estudo vivenciou na pesquisa-ação. Foi uma caminhada de conversão, entendendo que poderiam se unir para aprender diaconia e estudar conjuntamente para melhorar suas práticas e qualificar sua ação.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Júlio César; REBLIN, Iuri Andréas; SALDANHA, Marcelo Ramos. Igreja em rede e liturgia online, é possível?. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 60, n. 2, p. 598-609, 2020. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/59/48>. Acesso em 13 mar. 2023
- AGÊNCIA BRASIL. **Comércio de itens usados cresce 48,5% na pandemia**. 2021. s/n. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-09/comercio-de-itens-usados-cresce-485-na-pandemia> Acesso em 22 Mai. 2023.
- ATKINSON, John William. **An introduction to motivation**. New York: Van Nostrand. 1964.
- BAL, Mieke. Heroism and proper names, or the fruits of analogy. In: BRENNER, Athalya (ed). **A feminist companion to Ruth Sheffield**: Sheffield Academic Press, 2001.
- BAQUERO, R. V. A. EMPODERAMENTO: INSTRUMENTO DE EMANCIPAÇÃO SOCIAL? – UMA DISCUSSÃO CONCEITUAL. In: **Revista Debates**, 6(1), 173. 2012.
- BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar. 2003.
- BAUNGART, Thais de Assis Antunes; AMATUZZI, Mauro Martins. Experiência religiosa e crescimento pessoal: uma compreensão fenomenológica. **Revista de Estudos da Religião**, v. 4, p. 95-111, 2007.
- BERGAMINI, Cecília W. Motivação: mitos, crenças e mal-entendidos. In: **Revista de administração de empresas**, v. 30, p. 23-34, 1990.
- BERGAMINI, Cecília. **Motivação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BEULKE, Gisela. A edificação de Comunidades Inclusivas. In: IECLB, Departamento de Diaconia; HERTEL, Hildegart (Org.). **Planejando as ações diaconais da comunidade**: e como que se faz isso? Porto Alegre: IECLB-Departamento de Diaconia, 2001.
- BEULKE, Gisela. Diaconia: um chamado para servir. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- BEULKE, Gisela. O lugar da diaconia na teologia. In: IEPG. Escola Superior de Teologia; HOCH, Lothar Carlos. **Garimpendo na lavra da diaconia**: coletânea I. São Leopoldo: IEPG, 1998.
- BEYER, Hermann Wolfgang. Diakôneo, diakonia, diakono: servir, serviço, diácono. In: KITTEL, Gerhard (Ed.). **A Igreja no Novo Testamento**. São Paulo: ASTE, 1965.

BEYREUTHER, Erich. **Geschichte der Diakonie und inneren Mission in der Neuzeit**. Berlin: Wichern-Verlag, 1962. P. 11; VONHOFF, Heinz; HOFMANN, Hans-Joachim. **Samariter der Menschheit: christliche Barmherzigkeit in Geschichte und Gegenwart**. München: Claudius-Verlag, 1977.

BIDEGÁIN, Ana Maria. **História dos Cristãos na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1993.

BLASI, Márcia. **Por uma vida sem vergonha**: vulnerabilidade e graça no cotidiano das mulheres a partir da teologia feminista. São Leopoldo, RS, 2017. P. 31. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2017 Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/811/1/blasi_m_td167.pdf
Acesso em 07 de Jul 2023.

BOBSIN, Oneide. Experiências religiosas contemporâneas e individualização. In: **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 51, n. 2, p. 304-318, dez. 2011. Disponível em: http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/210/229
Acesso em 15 Jul. 2023.

BOFF, Clodovis. **Teologia e prática**: teologia do político e suas mediações. Petrópolis: Vozes, 1978.

BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo. **Como fazer Teologia da Libertação**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa**. Tradução de Luciana de Oliveira da Rocha. Porto: Porto Editora, 2003.

BRAKEMEIER, Gottfried. **O ser humano em busca de identidade**: contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo, SP: Paulus, 2002.

BRAKEMEIER, Ruthild; OLIVEIRA, Dionata Rodrigues de; VELTEN, Josiane. Histórias e caminhos da ordenação de mulheres ao ministério diaconal. In: **Coisas do Gênero**: revista de estudos feministas em teologia e religião, São Leopoldo (RS), v. 8, n. 2, p. 40-54, 2022. P. 52. Disponível em: https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/genero/article/view/1959/1723A
cesso em: 6 fev. 2023.

BRANDT, Wilhelm. O serviço de Jesus. In: NORDSTOKKE, Kjell. **A diaconia em perspectiva bíblica e histórica**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

BROWN, Colin. Pobre - ptôchos e derivados. In: BROWN, Colin (ed.). **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT**, São Paulo: Vida Nova, 1983.

BROWN, Raymond Edward. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2004.

BULL, Klaus-Michael. **Panorama do Novo Testamento**: história, contexto e teologia. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST 2009.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1995.

CARSON, D. A. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo, SP: Vida Nova, 2009.

CHIUZI, R. M.; GONÇALVES P. B. R.; LORENZINI, F. G. **Conflito de gerações nas organizações**: um fenômeno social interpretado a partir da teoria de Erik Erikson. Temas em Psicologia. 2011.

CIOCCARI, Deysi. O atentado contra Jair Bolsonaro: Imagem e a violência nas eleições de 2018. In: **LIBERO**. ANO XXI - No 42 JUL. / DEZ. 2018.

CNAS/CONANDA. **Orientações Técnicas**: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, 2009.

COFER, Charles. N.; **Motivation and Emotion**. Glenview: Scott, Foresman and Company. ThriftBooks, Phoenix. 1972.

COLLINS, John N. **Diakonia. Re-interpreting the Ancient Sources**. New York: Oxford University Press. 1990.

CONSELHO NACIONAL DE DIACONIA. São Leopoldo. **Conselho Nacional de Diaconia – CONAD**. 19 a 21 de agosto de 2022. Acervo virtual.

CONSELHO NACIONAL DE DIACONIA. São Leopoldo. **ENCONTRO ANUAL DO CONSELHO NACIONAL DE DIACONIA – CONAD 15 E 16 DE ABRIL DE 2016**. Acervo virtual.

CONSELHO NACIONAL DE DIACONIA. São Leopoldo. **Memória da Reunião do Conselho Nacional de Diaconia (CONAD)– CONAD 5 de maio de 2021**. Acervo virtual.

Conversão, Proselitismo. In: Dicio, **Dicionário Michaelis Online** de Português. 2020 (sem página). Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/> Acesso em 06 Mar. 2021.

CORTEN, André. **Os pobres e o Espírito Santo**: o pentecostalismo no Brasil. Petrópolis, 1996.

CORTINA, Adela. **Aporofobia**: A aversão aos pobres. São Paulo: Editora Pergaminho, 2017.

DA SILVA, Alseni Maria. **CAPACITISMO**. 2012. (s/n). Disponível em <https://ccsa.ufrn.br/portal/?p=13358> Acesso em 27 fev. 2023.

DE LIMA, Jorge Antônio Monteiro. A pandemia do desespero. **Revista Mosaico-Revista de História**, v. 14, n. 2, p. 94-100, 2021.

DE MORAES SIMSON, Olga Rodrigues. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. In: **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, n. 6, p. 14-18, 2003.

DEIFELT, Wanda. Teologia da cruz e diaconia transformadora. In: **Fé, Justiça de Gênero e Incidência Pública: 500 anos da reforma e diaconia transformadora**, Porto Alegre, RS, 2017.

DEIFELT, Wanda. Teologia Luterana como desafio ao fundamentalismo religioso e à teologia da prosperidade. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v.57, n.2, p. 333-349, dez. 2017. P. 341. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/313/261> Acesso em: 27 Mar. 2023.

DIAS, Maria Oliveira. Voluntariado e Solidariedade - Realidades Complementares. In: **Didaskalia**. Lisboa, v. XXXI (2001), p. 125-151, 2001.

DIONE, Hugues. **A para o desenvolvimento local**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

DREHER, Martin N. **A crise e a renovação da Igreja no período da Reforma**. São Leopoldo, 1996.

DREHER, Martin N. **A igreja no Império Romano**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2009.

DREHER, Martin N. **A Igreja no mundo medieval**. São Leopoldo, 2005. P. 65. FACULDADE DE TEOLOGIA EVANGÉLICA, FATEV. Pós-graduação Plantação e Revitalização de Igrejas. 2016. s/n. Disponível em <https://www.luteranos.com.br/conteudo/pos-graduacao-plantacao-e-revitalizacao-de-igrejas> Acesso em 11 Jul. 2023.

FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. **Missão em Contexto**: transformação, reconciliação, empoderamento. Uma contribuição da FLM para a compreensão e a prática da Missão. Curitiba: Encontro, 2006.

FERNANDES, Jair José Moreira; PEREIRA, Francisco Wendell Fontenele. **A PIRÂMIDE DE MASLOW EM PLENO SÉCULO XXI**. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. rev. e atual. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2011.

FROMM, Erich. **El corazón del hombre**, Breviario. México, Fondo de Cultura Económica. 1967.

GAEDE NETO, Rodolfo. **A Diaconia de Jesus**: contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina. São Leopoldo: Sinodal, CEBI, São Paulo, SP: Paulus, 2001.

GAEDE NETO, Rodolfo. Banquetes de vida: a diaconia nas comunhões de mesa de Jesus. In: **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 50, n. 2, p. 306-318, jul. 2010. P. 307. Disponível em:

http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/104/96

Acesso em 4 Abr. 2023.

GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas conseqüências. In: NEUENFELDT, Elaine Gleci; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara Sandra (Orgs.) CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO 2, 2008, São Leopoldo, RS. **Epistemologia, violência e sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2015. P. 31. Disponível em:

<http://catalogo.est.edu.br:8080/pergamumweb/vinculos/000000/00000017.pdf>

Acesso em 25 Abr. 2023.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEORG, Sissi. **Diaconia e culto cristão: o resgate de uma unidade**. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Centro de Recursos Litúrgicos, 2006.

GODBOUT, Jacques T. Introdução à dádiva. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, p. 39-52, 1998.

GOEDERT, Valter Maurício. **Teologia do batismo: considerações teológico-pastorais sobre o batismo**. São Paulo: Paulinas, 1988.

GOVERNO FEDERAL. **Acessibilidade digital**. Brasília/DF, 201-. s/n. Disponível em <https://www.gov.br/governodigital/pt-br/acessibilidade-digital#:~:text=Acessibilidade%20Digital%20%C3%A9%20a%20elimina%C3%A7%C3%A3o,maneira%20efetiva%20com%20as%20p%C3%A1ginas>. Acesso em 09 Mai. 2023.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HASTINGS, James. **A Dictionary of the Bible: dealing with its Language, Literature and Contents Including the Biblical Theology**. New York: Charles Scribner's Sons, 1902-1909.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Parte I. Petrópolis: Vozes, 1988.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HESS, Klaus. *Diakôneo*. In: BROW, Colin (Ed.). **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT**. São Paulo: Vida Nova, 1983.

HJARVARD, S. **The Mediatization of Culture and Society**. New York: Routledge, 2013.

HOCH, Lothar Carlos. Educação evangélica a partir do conceito de vocação. In: **Lições**, São Leopoldo, n. 1, 3º trimestre de 1985.

HOCH, Lothar Carlos. O lugar da teologia prática como disciplina teológica. In: SCHNEIDER-HARPPRECH(Org.). **Teologia prática no contexto da América Latina**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo, SP: ASTE, 2005.

HOORNAERT, Eduardo. **A memória do povo cristão**: uma história da Igreja nos três primeiros séculos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986. P. 56; HAMMAN, A.-G. **A vida cotidiana dos primeiros cristãos (95-197)**. São Paulo, SP: Paulus, 1997.

IECLB, Conselho Diretor. **Missão e Proselitismo** - Uma palavra orientadora da IECLB – 1994: Posicionamento do Conselho Diretor da IECLB. Porto Alegre, 1994.

IECLB, Presidência e Pastores Regionais. **A confissão luterana na concorrência religiosa** - 1993 Posicionamento da Presidência e dos Pastores Regionais da IECLB. Porto Alegre, 1993.

IECLB. Coordenação do Trabalho com Jovens e Programa de Intercâmbios; CONAJE. **Juventudes e Diaconia**: Livres para transformar o mundo. Porto Alegre, 2015.

IECLB. **Diaconia Evangélica**: Síntese e proposta. São Leopoldo: CEM, 1988. 8 p. (Documentos da IECLB4). Introdução.

IECLB. **Diretrizes para a atuação da MEUC na IECLB**. 2005. s/n. Disponível em https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/governanca-suporte-normativo/diretrizes-para-a-atuacao-da-meuc-na-ieclb Acesso em 11 Jul. 2023

IECLB. **Presidência faz mais uma rodada de diálogo com Movimento Carismático**. 2004. s/n. Disponível em <https://www.luteranos.com.br/conteudo/presidencia-faz-mais-uma-rodada-de-dialogo-com-movimento-carismatico> Acesso em 11 Jul. 2023

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Caminhos de comunhão**: orientações sobre acessibilidade. Porto Alegre, RS: IECLB, São Leopoldo, RS: Sinodal, 2017.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Diaconia Evangélica**: Síntese e proposta. São Leopoldo: CEM, 1988. (Documentos da IECLB4).

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Metas missionárias 2019-2024**. Porto Alegre, RS: IECLB, 2019.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL; KUMMER, Ani Cheila Fick. **Recrutar e criar comunidade juntos**: nenhuma comunidade sem missão, nenhuma missão sem comunidade. Porto Alegre: IECLB, 2000.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL; LABES, Altemir; VOIGT, Emilio. **Roteiro para o Planejamento Missionário**. Porto Alegre, RS: IECLB, 2016.

INSTITUTO DE PASTORAL DE JUVENTUDE. **Teologia da Libertação**: história e conteúdo. [s.l.]: Instituto de Pastoral de Juventude, 2007.

JANDREY, Carla Vilma. **A dimensão da acessibilidade como fundamental para pensar diaconia transformadora**. Seminário de Diaconia Compartilhando a mesa, Porto Alegre/RS. 21-24/11/2022.

JANDREY, Carla Vilma; GAEDE NETO, Rodolfo. **O cuidador familiar de pessoa idosa**: o desafio de cuidar de quem cuida. São Leopoldo, 2009. P. 51. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2009 Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/73/1/jandrey_cv_tm204.pdf Acesso em 30 Mar. 2023.

JEREMIAS, Joachim. **Jerusalém no tempo de Jesus**: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário. São Paulo, SP: Paulinas, 1983.

KIRST, Nelson. **Rudimentos de homilética**. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

LELOUP, Jean-Yves; BOFF, Leonardo. **Terapeutas do deserto**: de Filon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Duerckheim. RJ: Vozes, 1998.

LENKE, Angela; PAIXÃO, Márcia Eliane L. da. **Metodologia diaconal**. São Leopoldo, 2006.

LOFLAND, John; SKONOVD, Norman. Conversion Motifs. In: **Journal for the Scientific Study of Religion**. 1981.

LOSSKY, Nicholas. **Dicionário do Movimento Ecumênico**. Petrópolis: Vozes, 2005.

LUTERO, Martim. **Catecismo Maior do Dr. Martin Lutero**. São Leopoldo, RS: Sinodal, Porto Alegre, RS: Concórdia, 2012. P. 116.

MARIANNO, Lilia Dias. Sogra e nora: parceiras? Viúvas e estrategistas sobrevivendo à fome (Rut). In: **RIBLA**. Quito, n. 66, 2010.

MILLER-MCLEMORE, Bonnie J. Cinco mal-entendidos sobre a teologia prática. In: **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v.56, n.2, p.204-226, dez. 2016. P. 221. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/719/632> Acesso em: 28 fev. 2023.

MISSÃO EVANGÉLICA UNIÃO CRISTÃ, MEUC. **Quem somos?** MISSÃO EVANGÉLICA UNIÃO CRISTÃ. 20--. s/n. Disponível em <https://www.meuc.org.br/quem-somos> Acesso em 11 Jul. 2023.

MISSÃO ZERO, MZ. **Missão**. 2019. s/n. Disponível em <https://missaozero.org.br/missao/> Acesso em 11 Jul. 2023.

MORAN, José Manuel. **Desafios na comunicação pessoal**. São Paulo/SP: Paulinas. 2007.

MORICONI, Lucimara Valdambri. **Pertencimento e identidade**. Campinas, SP. 2014.

MOVIMENTO ENCONTRÃO, ME. **Quem somos?**. 2021. s/n Disponível em <https://me.org.br/quem-somos-2/> Acesso em 11 Jul. 2023.

MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1992.

NORDSTOKKE, Kjell. Diaconia. In: SCHNEIDER-HARPPRECH(Org.). **Teologia prática no contexto da América Latina**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo, SP: ASTE, 2005.

NORDSTOKKE, Kjell. **Diaconia: fé em ação**. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

NORDSTOKKE, Kjell; FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. **Diaconia em contexto: transformação, reconciliação, empoderamento: uma contribuição da FLM para a Compreensão e a Prática da Diaconia**. Genebra: Federação Luterana Mundial, 2009.

NOUWEN, Henri J. M. **O sofrimento que cura**. São Paulo: Paulinas. 2001.

NOVELLI, V. A. M.; LEITE, M. C; SITTA, M. I. U. **Mediação da informação: usuários gerações veteranos, baby boomers, x, y, e z**. Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, São Conrado, Rio de Janeiro/RJ. 2010.

OLIVEIRA, Dionata R. de. Igreja que ama serve. In: IECLB. **Caderno de estudos 2022: Amar a Deus e às pessoas**. Porto Alegre: Núcleo de Produção e Assessoria da IECLB. 2022.

OLIVEIRA, Dionata Rodrigues de. **As contribuições da coordenação de diaconia para o desenvolvimento da práxis diaconal da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil: seminários nacionais e publicações**. São Leopoldo, RS, 2020. P. 11ss. Dissertação (Mestrado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2020 Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/1045/1/oliveira_dr_tm358.pdf Acesso em: 1 dez. 2020.

OLIVEIRA, Dionata Rodrigues de. **Projeto Almofadas do Coração**. 2022. (s/n). Disponível em <https://luteranos.com.br/conteudo/projeto-almofadas-do-coracao-2> Acesso em 27 fev. 2023.

OLIVEIRA, Dionata R. de. In: IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Amar a Deus e as pessoas: Não amemos de palavra, nem da boca pra fora, mas de fato e de verdade (1Jo 3.18): Cadernos de estudos: Tema do ano 2022**. Porto Alegre, RS: IECLB, 2022. (Tema do Ano; 2022).

OLIVEIRA, Dionata Rodrigues de. **Encontro Sinodal de Pessoas com Deficiência e familiares acontece em Igrejinha/RS**. 2022. (s/n). Disponível em <https://www.luteranos.com.br/noticias/nordeste-gaucho/encontro-sinodal-de-pessoas-com-deficiencia-e-familiares-acontece-em-igrejinha>. Acesso em 27 fev. 2023.

OLIVEIRA, Dionata Rodrigues de. **Paróquia em Padilha recebe Encontro Sinodal da Terceira Idade**. 2022 (s/n). Disponível em <https://www.luteranos.com.br/noticias/missao-idosos/parouquia-em-padilha-recebe-encontro-sinodal-da-terceira-idade> Acesso em 27 fev. 2023.

OLIVEIRA, Dionata Rodrigues de. **Que queres que eu te faça?: um diálogo diaconal e atual com o método ver, julgar e agir**. São Leopoldo, RS, 2012. 48 p. TCC (Graduação em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2012.

OLIVEIRA, Dionata Rodrigues de; PAIXÃO, Márcia Eliane Leindecker da. **Diaconia, Crises e COVID-19: Da adversidade à transformação**. In: **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, vol. 12, nº 1, p. 178-197. 2021.

PAIXÃO, Márcia Eliane L. da. **Diaconia e Gênero**. In: **Diaconía: la transformación en las manos de Dios**, Ginebra, 2017. P. 65-76. Disponível em: <https://americalatinacaribe.lutheranworld.org/sites/default/files/documents/dmd-lac-diakonia-es-pt.pdf> Acesso em 15 Mai. 2023.

PAIXÃO, Márcia Eliane L. da. **Uma reflexão sobre o voluntariado**. In: **Práticas Diaconais: subsídios bíblicos**, São Leopoldo, 2004.

PASTORAL POPULAR LUTERANA, PPL. **Quem somos?**. Pastoral Popular Luterana. 2023. s/n. Disponível em <https://pastoral.org.br/quem-somos/> Acesso em 11 Jul. 2023.

PAULA, Robson Wander de. **Teologia da prosperidade: adaptação da religião à lógica da sociedade de consumo**. 2013. P. 105. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) Faculdade de Humanidades e Direito, Programa de Pós Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/261/1/ROBSON%20WANDER%20DE%20PAIVA.pdf> Acesso em: 27 mar. 2023.

PEACE, Richard V. **Conversion in the New Testament: Paul and the Twelve**. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1999.

PINTO, Homero Severo. **IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. Missão de Deus, nossa paixão: texto-base para o Plano de Ação Missionária da IECLB 2008-2012**. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

RAMBO, Lewis R. **Understanding Religious Conversions**. News Haven et al.: Yale University Press, 1998.

RASMUSSEN, Lissi, (Ed.). Bridges Instead of Walls. In: **Christian-Muslim in Denmark, Indonesia and Nigeria**. Genebra: LWF. 1990.

RIBAS, Hatany Yuri R.; DE FREITAS, Raphael Sl. **Conflito organizacional, multigeracional**. Universidade Evangélica de Goiás. 2019.

ROCHA, Emerson; TORRES, Roberto. O crente e o delinquente. In: SOUZA, Jessé; GRILLO, André. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2009.

RÖSEL, Martin. Panorama do Antigo Testamento: história, contexto e teologia. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST 2009.

SANTOS, Milene Cristina Santos. **O Proselitismo religioso entre a Liberdade de expressão e o Discurso de ódio: a “Guerra santa” do Neopentecostalismo contra as Religiões afro-brasileiras**. Brasília, 2012. P. 63. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Mestrado em Direito Estado e Constituição, Brasília, 2012.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação**. Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009.

SBARDELOTTO, Moisés. Religião pública: desdobramentos da midiatização da religião na cultura digital. **Tear Online: liturgia em revista**, São Leopoldo, v.3, n.1, p. 73-86, 2014. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/tear/article/view/2053/2227> Acesso em 13 mar. 2023

SCHAPER, Valério Guilherme. Diaconia e Desenvolvimento: Reflexões a propósito de uma diaconia encarnacional. In: **Diaconía: la transformación en las manos de Dios**, Ginebra, 2017. P. 27. Disponível em: <https://americatlatinaribe.lutheranworld.org/sites/default/files/documents/dmd-lac-diakonia-es-pt.pdf> Acesso em 07 Abr. 2023.

SCHMIDT, Carina Inês. **Ministério da visitação comunitária: desafios e estímulos**. São Leopoldo, RS, 2019. 68 p. Dissertação (Mestrado Profissional) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2019. P. 29 Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/1006/1/schmidt_ci_tmp650.pdf Acesso em 04 Abr. 2023.

SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2013.

SCHULTZ, Adilson. Estrutura teológica do imaginário religioso brasileiro. In: BOBSIN, Oneide, et all (Orgs.). **Uma religião chamada Brasil: Estudos sobre religião e contexto brasileiro**. São Leopoldo: Faculdades EST/Oikos, 2008.

SILVA, E. T. da. (2017, dezembro). **Tecnofobia: comportamento e possíveis sintomas em pessoas das gerações x e Baby Boomers que residem em Parnamirim-RN**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2017.

SILVA, Jacqueline Oliveira; PAIXÃO, Márcia Eliane L. da. **Novo voluntariado social: teoria e ação**. Porto Alegre: Dacasa Editora, 2004.

SIMMEL, Georg. O conflito como sociação. In: **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 10, n. 30, p. 568-573, 2011.

SIMÕES, E. S., & SILVA, A. R. C. (2016). Fundamentalismo e evangelicalismo latino-americano. **Anais Dos Simpósios Da ABHR**, (2). 2016.

SINGER, Helena. A pesquisa – ação comunitária. In: **Pesquisa – Ação Comunitária**. São Paulo: Moderna. 2011.

SINNER, Rudolf Eduard von. **Correntes teológicas contemporâneas: Teologia da Libertação II – Alguns conceitos-chave para entender o método**. Anotações da Aula de Teologia sistemática II. São Leopoldo, 2009. Material do acervo pessoal do pesquisador. 2009.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira In: **BÍBLIA: PEREGRINO**, Artur. **Evangelho de Marcos: boas-novas para o novo milênio**. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, 1999.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira. Diaconia e profecia. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v.39, n.3, p. 207-230, dez. 1999. P. 218. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/723/658
Acesso em 09. Set 2021.

SOUZA, Bruno Rodrigo de; FANTINI, Laisa Juliana Zucco; DALLAGNOLI, Simone; MORESCO, Sonia. **A importância da comunicação nas organizações**. FATESC, Brusque/SC. 2009.

SPEELMAN, Gé M. Continuity and Discontinuity in Conversion Stories. In: **Exchange: Journal of Missiological and Ecumenical Research**, Leiden, 2006.

STARNITZKE, Dierk. **Diaconia: fundamentação bíblica, concretizações éticas**. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2013.

STEPHANOU, Luís. Planejar é possível e necessário. In: IECLB. Departamento de Diaconia; HERTEL, Hildegart. **Planejando as ações diaconais da comunidade: e como que se faz isso?** Porto Alegre: IECLB-Departamento de Diaconia, 2001.

STUMPF, João Henrique. **Diaconia do encontro: o fenômeno do encontro da comunidade com contextos de sofrimento como acontecimento privilegiado para o despertar da sensibilidade e consciência diaconal**. São Leopoldo, RS, 2021. 391 p. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2021.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa - Ação**. São Paulo: CORTEZ, 2008.

TOLEDO, P. B. F. **O comportamento da geração Z e a influência nas atitudes dos professores**. Simpósio de Excelência em Gestão da Tecnologia (SEGeT), Resende, Rio de Janeiro/RJ. 2012.

Tradição Apostólica de Hipólito de Roma 32.8-12; 32.10; 32.13-38.10; 38.12; 42.1-4: Liturgia e catequese em Roma no século III. (Fontes da catequese, 4)

TRIPP, David. Pesquisa-ação: Uma introdução metodológica. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. P. 445. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27989/29770> Acesso em 13 ago. 2021.

UNDERWOOD, Alfred Clair. **Conversion, Christian and non-Christian: a Comparative and Psychological Study**. New York: The Macmillan Company, 1925.

VELTEN, Josiane; SOUZA, Carolina Bezerra de. A Diaconia de Rute. In: **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 62, n. 1, p. 197-210, 2022. P. 199 Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/1348/1383> Acesso em: 06 fev. 2023.

WACHHOLZ, Wilhelm. Sola gratia e livre-arbítrio: a certeza da salvação na teologia de Martim Lutero. In: **Teocomunicação**, v. 49, n. 1, p. e31612-e31612, 2019.

WHITE, James F. **Introdução ao culto cristão**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

WITHERUP, Ronald D. **A conversão no Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1996.

APÊNDICE 1 – DIÁRIO DE CAMPO

Procedimentos da pesquisa-ação: sucessos e aprendizados

Em março de 2022 iniciamos as tratativas e encaminhamentos do projeto da pesquisa-ação. Primeiramente houve a revisão de todo o projeto de pesquisa e desenvolvimento da teoria pensando, assim, na instrumentalização que subsidiaria a prática desta metodologia. Uma tese escrita como parte dos requisitos do PPG da Faculdades EST foi desenvolvida sobre pesquisa-ação em diaconia, embasando, também, a terceira parte desta tese. Logo na sequência, já se encaminhou o cadastro do Projeto na Plataforma Brasil, atendendo aos ajustes necessários para então encaminhar o projeto para o Comitê de Ética em pesquisa da Faculdades EST, cuja após pedidos de ajustes e correções, referendou o início do meu projeto de pesquisa, *ad referendum*, no dia 13 de maio de 2022. Deu-se início então, oficialmente a pesquisa-ação em diaconia junto a uma Paróquia da IECLB.

Entretanto, a escolha desta paróquia aconteceu após duas tentativas frustradas de diálogos para a formação de um grupo de diaconia nestas localidades, cujo enredo, desejamos explanar, brevemente, pois nos trouxe subsídios importantes para o desenvolvimento da pesquisa-ação.

Em meados do ano de 2021, já havia iniciado tratativas com uma Paróquia, em uma cidade de médio porte. Após a prévia concordância do presbitério, o ministro religioso local solicitou reuniões com o grupo, para que fosse possível decidir em conjunto pela proposta e se pensasse coletivamente pela aceitação ou não do projeto de pesquisa. A questão foi acolhida e iniciamos com uma reunião mensal, pensando possibilidades em conjunto. A primeira das reuniões, contudo, ainda sob clima de medo da pandemia, aconteceu apenas entre o ministro local e o pesquisador Dionata Rodrigues de Oliveira, para tratativas. Sendo que isso se mostrou produtivo, decidiu-se que no momento anterior da reunião coletiva se faria uma reunião de preparo entre ministro local e pesquisador. Dessa reunião ainda, uma das primeiras coisas ouvidas foi de que a paróquia é de pessoas fechadas e não abertas às questões sociais e que tem uma visão extremamente caritativa sobre o assunto. Além disso, a pandemia, que mexeu com o lado emocional das pessoas, despertou no ministro pensamentos de arrependimento de haver deixado seu antigo Campo de Atividade Ministerial, pois as

peças daquele local eram mais abertas ao diálogo, não se demonstravam tão preconceituosas. Contudo, ele tinha expectativa com esse possível novo grupo a ser criado.

Desta forma, foram convidadas lideranças, com a ajuda do ministro para o diálogo. Na primeira reunião, houve uma meditação sobre diaconia e se decidiu fazer algumas perguntas para as pessoas ali presentes. Entretanto, mesmo após a meditação falando sobre diaconia, as questões de cuidado que apareceram foram: cuidar do cemitério, pessoas membras afastadas, contribuição deficitária, quando vem o novo pastor, pois um dos campos está vago, sobrecarga do pastor atuando, culto infantil, onde estão nossos jovens. Bem ao final da reunião, apareceu doações e cuidado com pessoas mais pobres, porém, não tomou nenhuma proporção maior. Agendou-se uma próxima reunião para continuar a reflexão.

Nesta segunda reunião, já ficaram evidenciados sinais de que o ministro local desejava colocar suas expectativas de que o grupo fosse um grupo de planejamento, com atuação também diaconal. Assim, decidiu-se perguntar sobre o que fazia sentido para cada pessoa ali presente na comunidade. As respostas foram das mais diversas como comunhão, culto, música, acompanhamento espiritual, vivência da fé, dificuldades trazidas pela pandemia, etc. Nitidamente, se viu de que a diaconia em si não estava encontrando espaço de reflexão e a proposta estava convergindo para um grupo de planejamento missionário.

Em um terceiro momento, em reunião com o grupo foi que o ministro local disse que deveríamos ouvir o que as pessoas de fato queriam trabalhar, pois haviam aparecido detalhes que ele pessoalmente gostaria de trabalhar em sua paróquia. Assim sendo, se criou, intencionalmente as prioridades dentro do grupo que eram música, Juventude e Missão Criança e a diaconia, eventualmente iriam fazer alguma inserção para ver como isso poderia ser. Em mensagem privada entre o pesquisador e um membro do grupo, esse chegou a dizer que a diaconia não era o caminho do grupo e que não fazia diferença. Disse também que era algo bonito, mas que não causaria impacto. A partir disso, conversou-se com o orientador Dr. Júlio César Adam e se decidiu que a pesquisa-ação não seria feita ali, embora mereça ser salientado que diaconia também é planejamento e que nesse sentido, a inserção do pesquisador nesse campo contribuiu de alguma forma com a Paróquia. Algo recente é de que, no planejamento, a Paróquia decidiu auxiliar famílias em vulnerabilidade no local, exercitando assim, a sua diaconia, como fruto do trabalho desse grupo.

Desta forma, em outubro de 2021 decidiu-se iniciar diálogo com outra paróquia e a ministra local recebeu com muito ânimo a ideia inicial, contudo, designou a proposta a um ministro voluntário da paróquia para que acompanhasse o andamento do grupo. Em uma primeira reunião, o grupo contou com a presença de pessoas que já desempenhavam o papel de visitação a pessoas em situação de doença, uma tarefa essencialmente diaconal. Decidiu-se em conjunto, algo parecido com o que foi estabelecido no caso contado anteriormente, algumas reuniões para decidir em conjunto, explicar a proposta da pesquisa-ação e sanar as dúvidas existentes.

Na primeira reunião, após uma meditação e estudo sobre diaconia, decidiu-se já desenvolver algumas ações práticas, vislumbrando famílias a serem apoiadas pelo grupo, e isso com o auxílio de uma caixa para doações presente sempre nos cultos e na secretaria da paróquia. Elencou-se que o grupo iniciaria pequeno, mas diretamente atuando na área diaconal, evitando-se criar situações como a anterior. O grupo, foi instalado oficialmente em culto como ato simbólico. Assim ocorreu, as famílias foram procuradas para saber se haveria real necessidade.

Na segunda reunião, pensou-se em algo um pouco maior, percebendo as possibilidades do grupo, as mulheres fizeram contato com um agente de saúde, que indicou famílias de imigrantes para receberem a doação e acompanhamento do CRAS⁴⁷³ em parceria com a comunidade de fé. Efetivamente, o grupo já possuía um cadastro de acompanhamento diaconal a famílias atendidas. Ainda que poucas famílias, mas o grupo atendeu, em média, um total de 25 pessoas e desejava adquirir mais experiência, para, então, ampliar o número de atendimentos, contudo, gradativamente.

Um terceiro momento importante desse grupo foi a pergunta em como manter as doações recebidas, além da caixa de doações, mas que poderia não ser mais suficiente a médio prazo, conforme as demandas estavam aumentando. Em conjunto e diálogo, as pessoas do grupo de diaconia tiveram a ideia de envolver grupos da paróquia, para que pudessem doar, um por mês, a quantidade, ou parte dela, necessária. Entrementes, como dito, a ministra local estava sendo sempre informada das ações do grupo de diaconia, sem, contudo, estar efetivamente sendo parte dele. Gerou-se assim, uma tensão, pois existe um grau de parentesco entre a ministra local e o ministro voluntário, sendo que ele estava responsável pela visitação. Contudo,

⁴⁷³ Centro de Referência de Assistência Social.

com a adição de mais um grupo sob sua responsabilidade, ele acabou ocupando outros espaços de destaque e decisões no local, gerando crise em questões familiares.

Logo na sequência desta reunião, a ministra local entrou em contato com o pesquisador e falou sobre sua decisão em interromper o grupo de diaconia, pois ele estava tomando proporções de que ela não estava gostando e gerando crises familiares. Também deu a liberdade para que pudesse encerrar o grupo com certa calma, mas com um pouco de pressa, mas que a decisão estava tomada, desculpando-se pelo rompimento e perguntando se haveria alguma consequência para o andamento da pesquisa-ação. Decidiu-se, assim, entre orientador e pesquisador, interromper imediatamente a pesquisa-ação e o grupo, para não perder tempo de iniciar uma proposta em um novo local.

O grupo continuou apenas com a visitação a pessoas adoecidas e com a caixa de doações para pessoas em necessidades, contudo, sem uma orientação clara, nem acompanhamento a famílias como antes estava previsto.

Dentre os sucessos destas duas iniciativas, avaliamos que a diaconia contribuiu com aspectos fundamentais para os dois contextos. No primeiro local, a tentativa mostrou que diaconia pode contribuir com o planejamento de ações e pode contribuir para o despertar de uma iniciativa diaconal, ainda a ser aprimorada, mas com potencial de crescimento e geração de novas ações. O grupo seguiu como apoio pensante do pastor local e da Paróquia. Contudo, dos aprendizados desta tentativa, veementemente nota-se que em novas tentativas se deve logo indicar que a ideia é ter um grupo de diaconia, pensando diaconia e praticando diaconia, na interdisciplinaridade, pois as intervenções do pastor indicaram que ele foi colocando suas expectativas acima da proposta de um grupo de diaconia, suprimindo, assim, necessidades que ele via como urgentes em seu contexto, o que também é válido, mas a condução indireta da proposta de grupo deu margem a essa intencionalidade. Contudo, diga-se também, que o pastor havia afirmado que seu grupo tinha características próprias e que talvez a proposta não se efetivaria.

Em relação ao segundo caso, a falta de presença efetiva do ministro local gerou ruídos na comunicação, e o vínculo familiar entre ele e ela dificultou o contato, pois quaisquer críticas ou perguntas ou propostas de intenção mais efetivas poderiam ser vistas como ataque ou concorrência ou mesmo tentativa de ocupar mais espaços. Há também uma briga de espaço por questões ministeriais, o voluntário é diácono da

IECLB e ela pastora, o que indiretamente demonstra uma briga por poder. Contudo, dos sucessos, creio que se empoderou pessoas para efetivamente fazerem parte de um grupo, convertendo-se para a sua própria religião. Além disso, ficaram resquícios de uma intencionalidade diaconal, através das pessoas que compuseram o grupo e da caixa de doações que ficou em uso. Quanto tempo isso ainda vai perdurar, não se sabe, porém, espera-se que, ao menos o ânimo de servir diaconalmente permaneça nestas que, por um curto período foram um Grupo de Diaconia.

Assim sendo, partiu-se para uma nova paróquia, agora não mais criando um grupo de diaconia, mas unindo dois grupos já existentes para pensar e refletir sua ação diaconal através da pesquisa-ação em diaconia. Na sequência, será abordado o desenvolvimento da pesquisa-ação com o grupo que efetivamente foi parte dele do seu início até o final, continuando suas atividades em seus grupos.

Análise do contexto da pesquisa-ação na perspectiva social e histórica

Efetivamente, o primeiro encontro com o grupo formado para a pesquisa-ação aconteceu no dia 29 de junho de 2022, à tarde no espaço de trabalho do grupo de retalho. Segue-se assim as anotações de detalhes e percepções do pesquisador no que tange ao encontro desta data. Contudo, para situar quem nos lê, e mesmo o grupo de estudo, explicamos que foi feita uma retrospectiva de como se chegou a estas pessoas e estes grupos como parte da pesquisa. Como dito anteriormente, houve duas tentativas de desenvolvimento da pesquisa-ação em diaconia, em outras duas paróquias da IECLB. Não obstante, na terceira paróquia foi onde realmente o projeto se efetivou em maio de 2022. Primeiramente o contato foi feito com a ministra religiosa local, que prontamente se dispôs a conversar com sua diretoria paroquial, explicando a proposta. Após esse diálogo, ela mesma se ocupou em dialogar, de forma prévia com os dois grupos que vieram a compor o grupo de diaconia para a pesquisa-ação. Um que trabalha diretamente com repasses de doações e outro que trabalha com a confecção de cobertas e colchas de retalhos. O grupo se dispôs a ouvir mais sobre o projeto, pois estavam dispostas a qualificar seus trabalhos e a trabalhar mais em conjunto e esse projeto de pesquisa-ação em diaconia viria a proporcionar essa mudança pretendida, tendo uma reunião mensal de diálogo.

A metodologia seria de diálogo e resposta das perguntas, sendo um questionário aberto estruturado. Contudo, o próprio grupo focal de estudo solicitou

alteração no projeto. A partir do diálogo com o grupo, optou-se pelo modelo de questionário aberto semiestruturado. Dessa forma, previu-se uma quantidade de encontros presenciais para diálogos sobre cada uma das perguntas, destinando-se um mês para a respectiva resposta de cada pessoa. Concomitante aos encontros para as perguntas, conforme o combinado, haverá o acompanhamento de dois grupos que formaram o grupo de diaconia paroquial: diaconia, com seus repasses de doações e atuação junto à secretaria de desenvolvimento social do município, bem como CRAS e Centro de Referência Especializada de Assistência Social (CREAS), também o acompanhamento ao Grupo de Retalhos, que confecciona, a partir de peças de roupas e tecidos que seriam inutilizados, cobertas, colchas, mantas e toalhas de mesa.

A proposta para com estes grupos é a de desenvolver, além do questionário, uma maior interação e atuação conjunta, uma vez que ambos os grupos acabam atendendo públicos semelhantes. Entretanto, os grupos não se reúnem em conjunto para refletir sobre seus trabalhos e nem para a reflexão conjunta de ações. Com a pesquisa-ação em diaconia, parece ser possível desenvolver essa ação e reflexão conjunta.

Já na primeira pergunta, aplicada dia 29 de junho para ser entregue no próximo encontro, após explicada e entregue como tarefa de casa, tendo um mês para respondê-la surgiu a dificuldade de pessoas com menor escolaridade, que preferiam falar em vez de escrever. Adaptamos, então a metodologia, tornando-a em um questionário semiestruturado. Ainda assim, houve quem preferiu escrever e entregar a pergunta no encontro posterior. Todavia, para termos as 10 respostas previstas em projeto de pesquisa, precisamos destinar, pelo menos meia hora de cada um dos encontros para responder, dialogar e anotar as respostas das pessoas que não as escreveram. A outra meia hora ou um pouco mais servirá para entregar a pergunta seguinte e conversar e tirar dúvidas sobre ela, dando mais um mês, em média, para sua resposta ou se ainda houvesse dúvidas, saná-las. Além disto, alguns encontros, como esse ou o próximo respeitarão as etapas do projeto de pesquisa, contando com análise de contexto ou estudo bíblico.

Desta forma ocorrerá a pesquisa-ação, tendo um total de 6 encontros destinados para as perguntas, tempo para resposta, anotações e diálogos entre o grupo, sempre entregando nova pergunta e havendo diálogo sobre ela.

Sobre o contexto do município onde se localiza esse grupo focal, foi conversado nesse dia, e não mencionaremos as fontes prevendo que no projeto submetido ao CEP da Faculdades EST, existe a prerrogativa de que serão omitidas todas e quaisquer informações diretas que possam identificar pessoas ou mesmo onde a pesquisa foi desenvolvida. O município em que será desenvolvido o projeto de pesquisa-ação em diaconia se encontra no interior do Rio Grande do Sul. A área do município se encontra em área da várzea alagável, causando severas enchentes e danos a famílias. A economia do município gira ao entorno de serviços, indústria, agropecuária e administração municipal. Além disso, há diversas pessoas que residem no município, mas trabalham em cidades maiores da circunvizinhança.

A maior parte da população, embora o poder de compra da cidade seja relativamente bom, é composta por pessoas trabalhadoras do campo e da agroindústria, pecuaristas, industriários e industriárias, além de uma expressiva migração de pessoas refugiadas que encontram na cidade oportunidades de emprego e melhores condições de vida.

Os grupos que vieram a formar o grupo de pesquisa-ação em diaconia, como já dito, são dois. A história de um deles começou em 2017, quando as enchentes destruíram grande parte da cidade. O grupo de diaconia havia recebido muitas doações de roupas, por conta desta enchente, algumas boas, outras nem tanto e outras em péssimo estado. Por conta disso, um grupo de voluntariado, reuniu-se com o de diaconia para começar a costurar o que não dava para doar, juntando sobras para fazer colchas. A sua demanda hoje é muito grande, e só em 2019 foram doados aproximadamente 180 cobertores. A sua atuação não é apenas local. Há doações para outros municípios vizinhos e até mesmo para fora do estado do Rio Grande do Sul.

O segundo grupo que compôs essa pesquisa-ação foi criado em março de 2006. Nesse mês foi quando as primeiras pessoas voluntárias se envolveram nas ações diaconais, após diálogos sobre as necessidades humanas e o papel diaconal da igreja de cuidado, com uma diácona que atuava na Paróquia. Inicialmente, a proposta era envolver 1 pessoa de cada comunidade. A primeira ação envolveu a visita às sete comunidades da Paróquia, cadastrando famílias e pessoas com deficiência para iniciarem o trabalho. Para os membros com melhor situação financeira, foram pedidas doações e participação voluntária. Para além do trabalho diaconal semanal de atendimento a pessoas em situação de vulnerabilidade social,

esse grupo procura também ajudar a instituições de longa permanência, casas de passagem, escolas e educação infantil, Casas Lares, famílias com necessidades temporárias, estudantes de teologia da IECLB e outros locais, não só da cidade, mas fora dela também.

Na outra parte do encontro falou-se, explanando questões de ordem prática ou dúvidas teológicas, sobre a seguinte questão do questionário para reflexão do grupo:

Quais as lacunas e possibilidades existentes no trabalho diaconal para que pessoas de outras denominações entrem no serviço de Cristo?

Foi possível Percebe medo de ordens diversas no grupo. Algumas pessoas estavam aflitas pela baixa escolaridade e a responsabilidade para com a pesquisa. Outras diziam que tinham medo de dizer alguma coisa e ofender alguém. Assim precisamos ainda ter um tempo para estas questões pessoais trabalhando a autoconfiança das pessoas. Após esse momento, a pergunta foi deixada como tarefa de casa e houve uma confraternização.

Ainda houve a necessidade de afirmar a capacidade do grupo de permanecer na pesquisa, por conta de inseguranças. Até esse ponto não havia certeza se o grupo de fato seguiria em frente com as perguntas e respostas. Ficou decidido que conforme se sentissem respondendo a essa primeira questão é que decidiriam sobre a permanência ou não na pesquisa, tendo o assunto que ser ainda conversado no encontro posterior. Nesse dia foi também explanado sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, informando todos os detalhes a ele concernentes e direitos de cada participante, assegurando-lhe a segurança e proteção de dados.

Estudo Bíblico com foco metodológico no Ver, Julgar e Agir

O Estudo bíblico proposto é sobre o cego Bartimeu (Mc 10.45-52) e ocorreu no dia 27 de julho de 2022, escrito pelo autor desta tese como um dos tópicos do caderno de estudos do tema do ano da IECLB de 2022: Amar a Deus e às pessoas.⁴⁷⁴ O estudo é composto por três etapas que conduzem a pessoa leitora ou participante

⁴⁷⁴ OLIVEIRA, Dionata R. de. In: IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Amar a Deus e as pessoas:** Não amemos de palavra, nem da boca pra fora, mas de fato e de verdade (1Jo 3.18): Cadernos de estudos: Tema do ano 2022. Porto Alegre, RS: IECLB, 2022. (Tema do Ano; 2022).

do estudo a uma compreensão do contexto, à luz do evangelho de Cristo, para uma prática de espiritualidade diaconal que se torna concreta e atuante no contexto em que os sofrimentos se apresentam.

Na primeira parte do estudo, o VER é a palavra-chave para a compreensão do contexto. Assim como Jesus vê as dificuldades de Bartimeu, o preconceito das pessoas em relação a ele, o estudo convida à reflexão sobre o que podemos ver além no contexto em que estamos inseridos. Quais os problemas? Quem sofre e quais as causas? Quais os recursos a que se tem acesso? A segunda etapa do estudo é guiada pela palavra JULGAR. Essa não possui o significado de julgamentos ou pré-julgamentos, mas tem a ver com a forma como Jesus conduziu o seu julgar, a sua análise da situação, com olhar de misericórdia e acolhimento. A terceira etapa é o AGIR. Assim como Jesus, partiu para a ação, convidando as pessoas para que abrissem espaço para que Bartimeu se achegasse até Jesus, curando a cegueira espiritual daquelas pessoas e depois a deficiência visual de Bartimeu, o estudo convida à ação diaconal visando a solução dos problemas e a eliminação de suas causas.

As reações ao estudo foram diversas. Primeiramente, a partir do hábito viciado de interpretação bíblica, conseguiam ver somente a cura da deficiência visual como o auge da história. Entretanto, à medida em que as pessoas do grupo puderam analisar os fatos a partir de uma metodologia, puderam compreender o contexto de exclusão e violência que se apresentava. O VER também permitiu olhar para as entrelinhas do texto e a buscar compreender melhor como funcionava a vida social naquela época, bem como as estruturas físicas que, por si só já excluía e legavam a Bartimeu aquele espaço isolado e abandonado. No segundo momento, vieram os questionamentos sobre o porquê Bartimeu estava naquela situação e porque Jesus olhou para ele com olhar misericordioso, compreendendo também que a lógica de Jesus é e foi diferente. Ele olhava para as pessoas marginalizadas e sofredoras de seu tempo com misericórdia e amor diaconal. Por último, o estudo possibilitou compreender que Jesus tinha sua forma de ação, que não era feita de qualquer forma, e sim aparentemente planejada e feita com articulação e cuidado.

Como resultado desse estudo se percebeu pessoas que desejavam um olhar articulado para a conjuntura em que vivem, percebendo a quem sofre como digna de ser cuidada, por ser filha de Deus e por isso a diaconia vai ao encontro destas pessoas. Algo persistente e que carece de maior estudo e aprofundamento é o olhar

caritativo, quando se supervaloriza quem desenvolve uma ação, esperando congratulações por isso, em detrimento de quem recebe a ação, como sendo a vítima coitada. Outro ponto crítico que aparece é a meritocracia, que questiona quem merece ou não ocupar posições sociais de importância ou mesmo que se alguém vive naquela situação é porque não “fez por merecer”.

Após esse diálogo, foram colhidas as respostas da primeira pergunta entregue no encontro anterior dos grupos. O pesquisador foi acionado, antes desta primeira entrega algumas vezes pelo WhatsApp para sanar outras dúvidas e inseguranças surgidas nesse mês refletindo sobre a questão anterior. Houve um tempo para a coleta de respostas e para a confirmação de que as pessoas se sentiram confiantes para continuar respondendo às perguntas afirmando sua permanência no grupo.

A seguir, foi aplicada a segunda pergunta: Quais as lacunas e possibilidades existentes no trabalho diaconal para que pessoas sem religião entrem no serviço de Cristo?

Da mesma forma houve um tempo para sanar as dúvidas e ouvir as preocupações concernentes a ela. Deu-se assim o tempo de um mês, permitindo que o pesquisador fosse acionado pelas mídias digitais para qualquer eventualidade.

Criação de um grupo de estudo

Nesse encontro, que aconteceu em 24 de agosto de 2022, o grupo decidiu focar integralmente o tempo de encontro apenas para as perguntas, demandando maior tempo a elas. Essa foi a primeira vez que a ministra local esteve junto no grupo, o que aparentemente pode haver inibido algumas respostas à pergunta coletada no dia, quando houve o diálogo. Ainda coletando percepções do encontro anterior, quando foram unidos os dois grupos para uma leitura diaconal da Bíblia, se percebeu que estudos diaconais da Bíblia em metodologias distintas não eram uma novidade para estas pessoas, uma vez que já tiveram uma diácona atuando na Paróquia e já vem tendo contato com a atuação diaconal há alguns anos. Assim sendo, em diálogos, perguntas, reflexões e respostas, havia uma apurada consciência diaconal nas pessoas que ali estavam, não sendo nenhuma dificuldade relacionar textos bíblicos à prática ou olhar diaconalmente para Jesus. Contudo, houve, também, inquietações e preocupações relacionadas à não-valorização dos grupos, à não confiança na forma que o grupo administra suas finanças, desinteresse de diretorias e da membresia pelo

apoio aos grupos ou a pessoas apoiadas por eles. Entretanto, as pessoas ali presentes decidiram ser parte efetiva desta pesquisa-ação, havendo pessoas fixas no grupo, mas também visitantes no encontro, pessoas itinerantes, que de alguma forma queriam manifestar sua opinião. Na coleta de respostas, já em outros momentos é nítido que a vergonha lhes é inerente quando afirmam que a pergunta era difícil ou que não sabiam responder, porém, mesmo achando todas as perguntas difíceis, responderam a todas.

Como sabido, a partir da primeira reunião, já se entregou e dialogou sobre as perguntas a serem feitas no processo de acompanhamento e inserções/intervenções no grupo, sendo a primeira já no primeiro dia, propondo haver maior interação entre os dois grupos que atendem a causas semelhantes, mas pouco dialogam para pensar de forma crítica sua ação e mudanças de rumo. Nesse terceiro encontro, essa questão de trabalho conjunto deu sinais de sua efetividade, pois compreenderam sua missão de pensar coletivamente, ainda que em alguns momentos pensando em seus específicos. Essa pesquisa proporcionou que estivessem juntas, sendo avaliado como positivo, de forma unânime, poder dialogar de forma franca sobre os assuntos, pensando em ações conjuntas mais bem articuladas.

Esta reunião já serviu ao propósito da pesquisa-ação, estabelecendo mudanças na dinâmica para a melhora de um ou mais processos. Entrementes, as ações diaconais de ambos os grupos continuaram a ser realizadas, conjugando planejamento, monitoramento das ações e avaliação do que estava sendo feito.

Isso ficou evidente quando no mesmo encontro para além das perguntas, emergem questões existenciais do grupo, como a liderança, frentes de trabalho, metas de atuação, rotinas de reunião e demandas. Sobre estes temas tomou-se nota no diário de campo, uma vez que não corresponde ao questionário aplicado no dia, mas emerge dele. Sobre os temas periféricos do dia que merecem destaque trabalhamos nos próximos parágrafos.

Existe uma liderança mais forte em ambos os grupos, que prezam para que mais pessoas desempenhem esse papel, mas parece haver um desinteresse por ocupar esse espaço. Dessa forma, a liderança ainda não é compartilhada de forma plena, podendo esse detalhe ser otimizado. Em relação às doações e ao envolvimento da paróquia, isso parece estar funcionando bem, pois o grupo de retalhos é ecumênico e envolve não só a comunidade local da IECLB, mas também a sociedade civil,

agentes de saúde, desenvolvimento social e outras igrejas, além de possuírem parcerias para a otimização de recursos como a Caritas, bombeiros, CRAS, CREAS.

As principais frentes de trabalho, mesmo a partir do estudo diaconal da Bíblia, continuou sendo o repasse a famílias em situação de vulnerabilidade e a doação de colchas de retalhos, materiais ou mesmo valores em dinheiro a famílias e instituições que necessitam. Embora os grupos tenham controle do que entra e sai do caixa, pelo tamanho da demanda, não é possível, segundo as participantes, o que será detalhado na análise do questionário, estabelecer um acompanhamento a cada caso. Esse detalhe se apresenta como uma fragilidade na missão do grupo.

Os grupos já possuem metas perenes de atuação, pois já conhecem as demandas, sendo relativamente fácil de administrar sinistros a partir da rede de recursos que se criou. O grupo de diaconia é acionado algumas vezes para atuar em questões que nem o desenvolvimento social do município tem a habilidade e recursos para atuar. Assim sendo, as metas são a continuidade dos repasses e doações, agora de maneira mais bem coordenada em diálogo bilateral, diaconia e retalhos).

As reuniões dos grupos unidos passaram a ser mensais desde a criação desse grupo de estudos. Antes havia apenas uma confraternização de final de ano, que não servia ao mesmo propósito de tornar a prática em uma práxis, coordenada, articulada e planejada em conjunto, dando-se a conhecer e conviver com maior frequência, sempre com algum lanche e partilha de sentimentos, vivências, mas também divergências.

As demandas de ambos os grupos são crescentes e em tempos de pandemia, houve inclusive lista de espera de doações. Ambos possuem locais para armazenamento de doações como alimentos ou roupas. Contudo, não possuem local de armazenamento de móveis ou utensílios de maior porte. Não existe, pelo menos momentaneamente a possibilidade de ampliar espaços, pois, um deles já foi ampliado e ainda assim não comporta itens maiores. Assim sendo, se tem trabalhado diretamente com repasses. Quando se tem uma doação, já logo se tenta enviar para a casa que vai receber o móvel ou utensílio.

Além desses temas, tomou-se nota das respostas das perguntas do dia, aplicando-se assim a próxima questão, como de costume ouvindo as preocupações sobre ela, ouvindo-se que era difícil, havia insegurança, sendo isto uma constante na pesquisa-ação. A pergunta aplicada para ser respondida no próximo encontro foi: -

Quais as dificuldades e possibilidades para que pessoas da IECLB sem participação possam se engajar no convívio comunitário a partir do trabalho da diaconia?

Desenvolvimento do grupo em ações e acompanhamento

Nesse tópico será descrito como ocorreram os demais encontros e ações desenvolvidas em conjunto pelo grupo composto para o desenvolvimento da pesquisa-ação em diaconia. Como já é de conhecimento, todos encontros tiveram em comum o diálogo sobre as perguntas desenvolvidas para a avaliação e autopercepção do grupo, destinando meia hora para explicar cada questão, colher dados e fazer anotações, bem como explicar a questão que viria na sequência e entregar a mesma para que no próximo encontro a metodologia se repetisse.

Desta forma no dia 22 de setembro de 2022, o grupo se reuniu novamente para mais um momento de diálogo sobre as perguntas e para dialogar sobre a próxima questão a ser aplicada. A partir desse momento, o grupo passou a entender melhor a dinâmica dos encontros e estes passaram a ser basicamente de perguntas e respostas, o que será tratado em próximo tópico. Uma novidade que se apresenta nesse momento são inserções com o grupo de diaconia, possibilitando assim a expansão de sua atuação e compreensão diaconal. Nesse dia mesmo, o grupo e pesquisador foram entregar pessoalmente em uma vila da cidade vizinha, roupas e doações que foram encaminhadas a uma pessoa do local que distribui donativos, sendo ponto de referência para o local e sempre recebe doações da diaconia da Paróquia. Percebe-se, que, pela falta de tempo do grupo, sendo estas pessoas voluntárias, apenas é possível saber para onde são enviados os itens, não sendo possível qualquer envolvimento ou estar presencialmente nas entregas posteriores. Conseqüentemente, também não é possível conhecer ou acompanhar famílias, em seu contexto ou realidade, até mesmo porque há doações que vão para esse mesmo local e que são enviadas para o Paraná. Assim, a pesquisa-ação com esse grupo não foi apenas de encontros com perguntas e diálogos. Para além disto, houve inserções do pesquisador no trabalho desenvolvido com as pessoas do grupo.

Visando a experiência de formação e inserção do grupo em outras áreas de atuação, também houve a participação de membras desse no Encontro Sinodal de Pessoas com deficiência e familiares, que ocorreu no município de Igrejinha, em 21 de agosto de 2022. Essa experiência de imersão em outra temática possibilitou ao

grupo novos conhecimentos e partilhas que envolvem a diaconia e com as quais cada vez mais a sociedade terá que aprender a lidar, com as deficiências. A temática desse encontro foi Mudando o Impossível:

Aconteceu, no domingo ensolarado de 21 de agosto, na Paróquia de Igrejinha, o Encontro Sinodal de Pessoas com Deficiência e Familiares. O encontro reuniu 30 pessoas e foi muito bem organizado pela equipe da Coordenação da Pessoa com Deficiência do Sínodo e pela Paróquia de Igrejinha, que com seu grupo de Diaconia, se engajaram para que esse dia pudesse acontecer. O Encontro, que aconteceu no primeiro dia da Semana Nacional das Pessoas com Deficiência (de 21 a 28/08), iniciou com um culto no pavilhão da Comunidade e contou com a palestra de Gabriel Feiten, psicólogo, nadador paralímpico e vereador do município de Três Coroas/RS. Após, houve um almoço, gentilmente preparado pela comunidade local. À tarde, a programação seguiu com dança Sênior, coordenada pela Diácona Sônia K. Henkel, do Lar OASE, de Taquara/RS. Ainda como encerramento, houve uma apresentação musical de Débora Rafaela e Professora Tainara, da APAE de Igrejinha.⁴⁷⁵

Desta experiência de imersão, percebeu-se que o tema sempre cativa a quem se aproxima dele, devendo ainda ser superado o olhar capacitista⁴⁷⁶ para com a Pessoa com Deficiência. Porém, o impacto causado é nítido quando as pessoas são confrontadas com assuntos cotidianos da temática, como p. ex., como servir um prato de comida a uma pessoa com deficiência visual ou como ajudar corretamente uma pessoa cadeirante.

Após essa experiência de imersão, ocorreu, como dito, um encontro com perguntas e respostas em setembro. Também no mês de setembro, no dia 10, ocorreu outra imersão com o grupo composto para a pesquisa-ação. Dessa ocasião, uma pessoa do grupo foi envolvida diretamente na organização do evento. O tema desse encontro, ocorrido na localidade de Padilha, município de Taquara/RS, foi Recreação e Geratividade, trabalhando a importância de que nessa fase da vida, ainda se pode viver com motivação e produzindo algo produtivo para si e para o seu bem-estar integral.

⁴⁷⁵ OLIVEIRA, Dionata Rodrigues de. **Encontro Sinodal de Pessoas com Deficiência e familiares acontece em Igrejinha/RS**. 2022. (s/n). Disponível em <https://www.luteranos.com.br/noticias/nordeste-gaucho/encontro-sinodal-de-pessoas-com-deficiencia-e-familiares-acontece-em-igrejinha>. Acesso em 27 fev. 2023.

⁴⁷⁶ O conceito de capacitismo se refere ao grupo das pessoas com deficiência, que ao longo da história vem tendo suas capacidades subjugadas, o que envolve exclusão, preconceito e discriminação vivenciado por essas pessoas. Isso se dá, geralmente, por meio de atitudes veladas e, por isso mesmo, imperceptíveis. DA SILVA, Alseni Maria. **CAPACITISMO**. 2012. (s/n). Disponível em <https://ccsa.ufrn.br/portal/?p=13358> Acesso em 27 fev. 2023.

Aconteceu, no dia 10 de setembro de 2022, o primeiro Encontro Sinodal da Terceira Idade. O evento foi organizado em parceria pela Paróquia da Padilha e a Coordenação Integrada de Diaconia, através da Coordenação da Pessoa Idosa. O encontro iniciou com culto pela manhã, que teve como tema a Pessoa Idosa. Em seguida, houve um momento de pausa e café e logo após, houve integração com dança sênior, abraços e sorrisos, proporcionado pela dinâmica Jardim Encantado, conduzido pela diaconisa Carla Abeling, ministra local. Seguindo a programação, aconteceu o almoço, gentilmente preparado pelas pessoas da paróquia. Na sequência, houve uma vispada com diversos brindes, incluindo porquinhos da Índia e coelhos, além de muitos outros. O encontro contou com a presença de uma média de 150 pessoas.⁴⁷⁷

O tema, diferente de Pessoas com Deficiência, tocou de uma forma diferente o grupo de diaconia. Para além, do tema, a realidade da pessoa idosa é algo que faz parte da vida de integrantes desse grupo. Isso apareceu em diálogos e falas espontâneas. Algumas destas estavam se aproximando da idade dos 60 a 65, sendo consideradas já, para alguns casos, idosos e idosas. Outras estavam vivenciando processos de envelhecimento de familiares de cujos e cujas estavam cuidando ou tendo que tomar providências visando seu bem-estar e cuidado.

Sobre o mês de outubro de 2022, além da reunião de perguntas e respostas, o grupo se somou a uma ação diaconal promovida pelo Sínodo. Nacionalmente, existe a campanha do Outubro Rosa em que se trabalha no apoio e prevenção a casos de câncer de mama. Dessa forma, iniciou-se, no Sínodo Nordeste Gaúcho, já em maio de 2022, para lançamento em outubro, a campanha de confecção das almofadas do coração.

O projeto Almofada do Coração (Heart Pillow Project, em inglês), iniciou nos Estados Unidos e foi divulgado por Janet Kramer Mai, especialista em câncer de mama, do “Erlanger Breast Resource Center”, em Chattanooga, Tennessee. Janet Kramer Mai, após ter passado por uma cirurgia de câncer de mama em 2002, e ter testado o conforto que a Almofada do Coração traz, decidiu que faria todo o possível para que cada paciente recebesse uma almofada após a cirurgia. **O que são “almofadas do coração”?** As almofadas possuem esse formato em coração com o centro em U para melhor encaixe entre o braço e a axila. Uma das principais funções da almofada do coração é diminuir a dor no local pós mastectomia: colocada sob as axilas, neutraliza a dor pós-cirurgia e serve de suporte ao ombro, removendo a pressão do braço e/ou do peito, proporcionando alívio de pressão sobre local. Além de oferecer suporte físico, a almofada proporciona também apoio emocional.⁴⁷⁸

⁴⁷⁷ OLIVEIRA, Dionata Rodrigues de. **Paróquia em Padilha recebe Encontro Sinodal da Terceira Idade**. 2022 (s/n). Disponível em <https://www.luteranos.com.br/noticias/missao-idosos/parouquia-em-padilha-recebe-encontro-sinodal-da-terceira-idade> Acesso em 27 fev. 2023.

⁴⁷⁸ OLIVEIRA, Dionata Rodrigues de. **Projeto Almofadas do Coração**. 2022. (s/n). Disponível em <https://luteranos.com.br/conteudo/projeto-almofadas-do-coracao-2> Acesso em 27 fev. 2023.

Este projeto já havia sido feito pelo grupo de diaconia desta Paróquia, contudo, com apoio de projeto via Assessoria de Diaconia do Sínodo, foi possível confeccionar mais almofadas e realizar a doação em um centro de Oncologia de uma cidade vizinha. Segundo as pessoas que participaram da confecção e entrega, existe um sentimento sororal em relação ao tema, pois a maior parte das pessoas com câncer de mama são mulheres. De forma igual ao tema da pessoa idosa, o Outubro Rosa sensibilizou muito a estas pessoas. Algumas delas preferiram apenas ficar confeccionando, pois não se sentem confortáveis o suficiente para realizar uma entrega ou mesmo ir até um ambiente hospitalar.

Outubro também trouxe momentos de tensão ao grupo. O período das eleições de 2022 trouxe à tona a polarização existente no país e no grupo não seria diferente. A visão política e os ânimos polarizados criaram atritos que precisaram da intervenção do pesquisador, da ministra local e da liderança para que se pudesse chegar a um consenso pelo bem da continuidade do grupo de estudo e assim se deu. As próprias participantes do grupo puderam refletir e autoavaliar de que o tema da política não seria produtora para o ambiente em que se deseja vivenciar a diaconia. Assim sendo, desistiram de falar sobre o assunto.

No dia 26 de outubro de 2022, houve a reunião do grupo para conversar sobre a pergunta, anotar respostas e refletir sobre as dúvidas surgidas. De semelhante maneira às outras reuniões sobre o questionário aplicado na pesquisa-ação, se tomou um tempo também para falar sobre a próxima pergunta e aplicá-la dando um mês como o prazo de resposta. A pergunta aplicada foi a seguinte: Quais as lacunas e possibilidades para que as pessoas compreendam que a vida cristã é entrar diariamente no serviço de Cristo?

Em novembro aconteceu um evento que foi sediado pelo grupo de diaconia e grupo de retalhos. No Dia Sinodal de Diaconia, estiveram presentes 45 pessoas de diferentes paróquias e grupos de diaconia, para uma experiência de intercâmbio e aprendizado conjunto. O grupo formado para a pesquisa-ação foi quem recebeu o evento, podendo assim, ouvir relatos e partilhar a sua experiência na área da diaconia. Sobre os impactos desse evento ficou nítida a percepção do próprio grupo de nossa pesquisa de que ainda se pode fazer mais e de forma ainda mais qualificada e abrangente que ainda assim ficarão pessoas desatendidas e necessitando de apoio. Esse foi o último evento em que esse grupo participou no ano, e foram inserções que

permitiram pensar concomitante ao teórico, através do questionário, em formas como a conversão ocorre. O que será analisado posteriormente.

Ainda em novembro, ocorreu no dia 24, o diálogo sobre as perguntas anteriores e anotação e coleta das respostas. Ainda houve um diálogo geral de avaliação do processo do questionário, salientando os próximos passos da pesquisa que seriam a digitação dos dados, sistematização, e posterior apresentação dos dados ao grupo como resultado da pesquisa realizada. Essa reunião foi festiva, como um encerramento do ano e das atividades, sabendo que existiriam doações a serem feitas ainda e que nas férias precisariam se revezar no trabalho.

Como não houve expediente do grupo em janeiro e fevereiro, apenas aconteceram os brechós, uma próxima ação do grupo foi participar de um seminário de formação do Sínodo sobre Saúde e alimentação, nos dias 15 de abril e 6 de maio de 2023. O grupo foi apenas ouvinte, mas se sentiram impactadas sobre o assunto, fazendo as pontes e relações de como é interessante poder ouvir que não é tão difícil cuidar da alimentação para que ela sirva como prevenção de doenças. Salientariam também a forma prática como o evento aconteceu, e que ele foi um aprender a fazer.

APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO PERGUNTAS ABERTAS PESQUISA-AÇÃO EM DIACONIA⁴⁷⁹

Pergunta 1 - Quais as dificuldades e possibilidades existentes no trabalho diaconal para que se possa cativar pessoas de outras igrejas a participarem da IECLB ou a retornarem ao convívio de sua igreja?

DIFICULDADES

Pessoa 1: Sendo eu de outra religião (católica) tenho muita dificuldade de entender o que é diaconia, mas eu me empenho no grupo do retalho. Acho que seja também um lindo trabalho pois foi de voluntária na diaconia que eu me animei a criar esse grupo do retalho, só que um grupo sem religião pois se eu usar o nome daí IECLB não vou arrumar pessoas para ajudar, pois na diaconia a maioria das pessoas que ajudam não tem nada a ver com a IECLB, o porquê eu também gostaria de saber mesmo sendo um grupo ecumênico é complicado. Um diz não tenho tempo, outro - não vou pois não gosto da fulana; outra-não vou pois não trabalho de graça; outra- não vou porque só dá fofoca; outra um dia eu apareço (nunca); outra não boto a mão em roupas de morto; outra dá desculpa ainda de ser de outra igreja; falta gente que queira participar; falta mão de obra depois temos que lavar todo o material antes de pôr e reprodução, tudo precisa de mãos para acontecer. Se eu fosse e exigir que focem da religião, o grupo já não tinha mais. Vou indo até papai do céu permitir.

Pessoa 2: Eu Acredito que a dificuldade que as pessoas têm é que pensam que a gente vai convidar para entrar para a igreja IECLB, e não para ajudar aqui no grupo por que aqui não tem religião, aqui é cada uma de uma religião diferente, daí ficam com medo de ajudar e participar de atividades de outra igreja que não sejam das delas. Porque querendo ou não tem que ter comprometimento mesmo que seja para ajudar a fazer uma coberta ou arrumar roupas para doações, que as pessoas pensam

⁴⁷⁹ Os erros de grafia reproduzem os escritos enviados pelas pessoas participantes do grupo de diaconia. Com isso, almeja-se respeitar os saberes e práticas das pessoas que fizeram parte da pesquisa-ação, valorizando a forma como se expressaram na pesquisa. Não foi tão natural, para alguma delas escrever. Então corrigir seu português demasiadamente seria como desvalorizar a forma como ela se expressou para participar da pesquisa. Apenas algumas escritas foram adaptadas e corrigidas para a compreensão e fluência do texto.

que como tem tantas outras coisas para fazer não sabem o bem que faz, fazer o bem para o próximo.

Pessoa 3: Creio que as dificuldades estão muito nas lideranças, desde a comunidade até o mais alto escalão da IECLB. A palavra diaconia assusta, são poucas as pessoas que sabem o real significado da palavra. Precisamos sair mais da zona de conforto e aplicar a diaconia, ir ao encontro dos necessitados e não ficar esperando eles chegarem até você.

Não adianta escrever mais um folder para divulgar a diaconia, se a realidade dos nossos membros talvez seja o auto índice de analfabetos funcionais. O folder no meu entendimento é normalmente uma divulgação muito teórica. Por essa razão muitos acabam saindo da nossa igreja e procuram outras onde podem exercer seus dons a serviço do próximo sem se preocupar em si tem formação teológica ou não. Nós estamos muito acomodados, as pessoas com necessidade não podem esperar uma data específica para serem atendidos, o problema deles é no momento. Para muitos é constrangedor ter que pedir algo, somos muito observadores e conservadores e com isso inibimos que tentam se aproximar. Enquanto nas outras igrejas não tem nada disso.

Pessoa 4: creio que as dificuldades se iniciam, ao tentarmos explicar o que é diaconia tendo em vista que a teoria é que se prega é muito mais fácil que a prática. Mesmo porque as pessoas que trabalham com nós são na maioria de outros credos e já participam ativamente em suas comunidades e não da IECLB. E as que já são membros da IECLB já participam de cultos e OASE. Além disso, note que as pessoas têm medo de participar dos trabalhos de grupos da comunidade por medo de serem convidadas a assumir cargos o que requer comprometimento. Falta de tempo.

Pessoa 5: Eu faso parte desse grupo sou desta congregação. Nossa dificuldade no grupo é o mesmo de todos, conseguirmos que as pessoas entrem no trabalho diaconal, muito difícil conseguir voluntários, que muito se ouve não temos tempo, não trabalho de graça se fulano estiver no grupo eu não vou e assim por diante. Podemos insistir mas a resposta é sempre a mesma, até posso ajudar mas não quero compromisso quando der eu vou dar uma mãozinha.

Pessoa 6: fiz toda a minha caminhada na igreja católica até o dia do meu casamento quando me tornei membro da IECLB. No Meu entendimento, aprendi desde criança a respeitar a hierarquia da igreja, precisamos ter mais comprometimento com os líderes da mesma, se sou católica eu preciso pôr em prática diaconia diariamente para merecer o céu da eternidade, enquanto que na nossa IECLB sinto que o mais importante é não matar, não roubar e estar em dia com as contribuições aí sim recebo todas as regalias de que preciso. Mas aquelas pessoas que praticam a diaconia todos os dias, mas não estão em dia com as contribuições não são olhadas, são tratadas com indiferença, se você parar e observar vai perceber isso. Nas Trocas de ministros, presbitérios e lideranças, os mesmos não dão a continuidade ao trabalho que os grupos já estão exercendo, faltam acordo e ajuste entre ambos. Precisamos de um olhar diferente aos nossos membros, valorizando o que cada um faz e tem a oferecer.

Pessoa 7: pelo nosso conhecimento a diaconia é um trabalho muito discutido dentro de gabinetes, mas pouco colocado em prática na diaconia da nossa igreja. Falta espírito diaconal nas pessoas, poucas acolhem, a maioria quer saber se vão receber algo em troca, inclusive o dinheiro.

Pessoa 8: isso eu acho que tem uma insegurança entre as pessoas, é preciso, que o grupo da diretoria, ou os pastores, fazer visita, nos membros que sabem que são da igreja. Eu tenho um ditado que os pastores devem procurar as suas ovelhas. Talvez medo, de querer ajudar e fazer errado, ou de não gostar de alguma pessoa não querer mais participar. Tem mais motivos, mas agora não tenho lembrança. Eu vou na igreja escutar a palavra de Deus, não para reparar pelas pessoas, ou quem vai dar o culto.

Pessoa 9: as pessoas precisam conhecer melhor a palavra diaconia. Diaconia requer compromisso com Deus e Jesus Cristo e com o seu propósito. Ser igreja é viver diaconia não só pagar as coisas na igreja. Uma pessoa da luterana veio para a nossa igreja e sente a não valorização da diaconia. Às vezes quem faz diaconia, mas não pode pagar a contribuição não é valorizada. O sepultamento é uma forma de acolhimento e diaconia. A diaconia da IELB julga as pessoas que recebem apoio. explicar a diaconia é difícil. É difícil o comprometimento e a falta de tempo.

PESSOA 10: De que forma o servir diaconal, esse testemunho diaconal pode refletir no “trazer” pessoas a congregar em nossas comunidades ou levá-las ao convívio da sua igreja? Creio que seja possível quando a pessoa que busca e recebe auxílio percebe o agir de Deus, o amor de Deus presente no gesto diaconal, no serviço que as voluntárias realizam. Porém, isso é difícil de avaliar ou perceber. Outro ponto é que o trabalho diaconal não tem pretensão proselitista, não tem a pretensão de aumentar o número de membros nas comunidades. A espiritualidade acontece, mas não se aborda com textos bíblicos, mensagens bíblicas as pessoas que buscam atendimento no Grupo de Diaconia. É um servir desprendido.

POSSIBILIDADES

Pessoa 1: Acredito que as redes sociais nos dias de hoje ajudam bastante na divulgação do nosso trabalho final somos procurados para divulgar o nosso trabalho em escolas, assistência social, grupo de mães, outras cidades também já fomos ensinar e divulgar o trabalho com essas visitas aproveitamos para convidar as pessoas a virem até nós e conhecer mais de perto como trabalhamos, pois explica o que não importa a religião, nem cor nem raça ou nível social pois nosso objetivo é só poder ajudar o próximo sem olhar a quem. muitos não tem como virem até nosso espaço uma do grupo vai até a pessoa fazer uma visita e ver no que ela gostaria de ajudar. Muitas fazem tricô, mantas, meias, colchas, etc. Outras já cortam tecidos para ajudar dessa forma tentamos puxar mais as pessoas para o nosso lado pois não tá fácil tentamos com conversas a trazer mais pessoas por nosso lado tocando os corações delas para podermos ajudar mais pessoas assim nos dias de encontros ficamos na torcida para que alguém apareça.

Pessoa 2: Eu Acredito que nos dias de hoje as redes sociais divulgam nosso trabalho dentro da igreja. Somos convidados a ir às escolas divulgar nossos trabalhos. Temos muitas pessoas que trabalham em casas com a semente que vamos plantando. Procuramos sempre convidarmos sem olhar a religião.

Pessoa 3: isso em primeiro lugar ir aos grupos das coordenações e explicar o real significado da palavra diaconia, tanto dentro da IECLB quanto em outras congregações a maioria não sabe o que significa, temos que pedir espaços nas

escolas para podermos divulgar o nosso trabalho, sermos mais próximos e atenciosos com nossos jovens irmãos de fé, com certeza eles se sentiram mais motivados a participar, dar mais espaço dentro da nossa igreja para que possam exercer atividades diaconais. se alguém estiver doente, você ou alguém da paróquia faça uma ligação se não der tempo para visitar, mostre seu interesse em diferente do seu credo, isso vai motivá-los a irem na igreja. Se os ministros não conseguem dar conta do trabalho de uma paróquia, por que não dar espaço para os estudantes de teologia, o custo não é alto e eles têm muita motivação com nossos jovens. Mostrar e explicar as obras de misericórdia, coisa a maioria não sabe nem do que estamos falando (“tive fome e me deste de comer, tive sede e me deste de beber, era forasteiro e me hospedastes, estava nu e me vestistes, enfermo e me visitaste; preso e fostes me ver”). Levando uma imagem com as obras eles compreenderiam bem melhor do que estamos falando. Precisamos enxergar eles, ver olho no olho. Estar com eles, ouvir escutar com atenção mostrar interesse no que estão falando no que estão passando. Todos estão muito carentes nos dias de hoje. Precisamos cativar e não impor regras. Se pudermos fazer isso com certeza voltaremos a frequentar nossas igrejas.

Pessoa 4: mostrar para as pessoas que doaram um pouco de seu tempo para o trabalho diaconal ou da vida na comunidade não é uma perda do mesmo e sim um ganho em conhecimento, companheirismo e amizade. Tem pessoas que apenas querem doar seu tempo para ajudar o próximo. E isso está além da religião.

Pessoa 5: Eu acredito que se tiver mais divulgações dos trabalhos dentro da igreja, nas escolas nas prefeituras. Oferecer parcerias também com a Cáritas católica. Ir ao encontro e não esperar que venham a nós. Divulgando o trabalho e ter credibilidade da comunidade com certeza teremos também mais membros retornando para suas igrejas. Podemos também levar trabalhos para serem feitos em suas casas. por exemplo crochê, bordados, tricô, pinturas, consertos de roupas. Procurar o próximo.

Pessoa 6: em nossa comunidade a diaconia é o único grupo que conseguiu continuar com o seu trabalho mesmo com algumas dificuldades, mesmo com mudanças de pastores continuamos desenvolvendo nossas atividades com membros da IECLB e de outras religiões, somos um grupo ecumênico, isso prova e quer dizer que não interfere em nada para quem realmente quiser fazer parte de um grupo de diaconia.

Estamos sempre voltados ao próximo sem nenhuma remuneração. O nosso trabalho não tem limites de alcance vai muito além da nossa comunidade e da nossa igreja, chegamos aos mais carentes, levando assim uma palavra de Esperança, de fé de amor e reconciliação. Levando agasalho, comida, cama, remédios, ajuda para conseguir uma vida mais digna e melhor, fazendo visitas mensais às gestantes sempre orientando os cuidados para com os recém-nascidos. Incentivando as pessoas é possível sim, trazer mais membros para interagir PALAVRA IMPORTANTE na nossa igreja.

Pessoa 7: precisamos acolher encorajar ver o melhor que cada pessoa possa fazer para que se sintam bem. Nunca usar a Caridade em proveito próprio. Na diaconia podemos desabafar umas com as outras e ouvir o desabafo das famílias atendidas.

Pessoa 8: Fazer visita, acolher, participar da igreja com vontade de ajudar. Não me senti acolhida na OASE, mas na diaconia sim. Na diaconia pude superar meu luto, na OASE não consegui encontrar esse espaço. A diaconia é espaço de cuidado umas das outras.

Pessoa 9: o grupo ecumênico e isso é uma oportunidade. Não me senti bem com o trabalho do brechó na minha igreja, a luterana. Os grupos são fechados e não ouvem a opinião de outras pessoas. Não me senti bem nas servas, já esse grupo de diaconia ele acolhe, a liderança é acolhedora, contudo, já tenho minha religião e não mudaria para a IECLB. Apesar da troca de pastores o trabalho continuou. Falar mais sobre diaconia. Concluo que é mais fácil convidar as pessoas para participar do grupo, do que para a igreja, pois falar de igreja espanta. É uma oportunidade trabalhar o tema da diaconia nos grupos da comunidade como o ensino confirmatório ou os jovens, levando esses grupos para 1 dia no brechó, por exemplo. A igreja está vazia, mas a diaconia está andando. A diaconia já existia no município, pois foi a partir de muito trabalho voluntário e cheio de fé que se construíram ruas e também a nossa igreja.

PESSOA 10: Percebo que o trabalho diaconal realizado pelas integrantes do Grupo de Diaconia é sem pretensão de agradar as pessoas que buscam auxílio, mas de acolher de boa vontade, auxiliar naquilo que a outra pessoa necessita naquele momento. Esse servir alegre e traz um novo sentido para a vida delas. Numa ocasião

duas voluntárias compartilharam que estão realizando uma atividade que gostariam de ter feito em sua vida profissional (tinham o sonho de ter uma loja de roupas).

Uma possibilidade seria falar mais sobre o trabalho diaconal, o que é Diaconia, falar sobre a teologia da IECLB, falar sobre como o serviço diaconal mudou ou transformou a vida das voluntárias, mas essa não é a nossa prática. Nesse sentido somos mais “pata” do que “galinha”, ou seja, sabemos do “tamanho” do nosso servir transformador e auxiliador e não precisamos ficar falando do “tamanho” dele.

Pergunta 2 - Quais as dificuldades e possibilidades existentes para que pessoas sem religião possam ingressar na IECLB a partir do trabalho da diaconia?

DIFICULDADES

Pessoa 1: Muitas vezes as pessoas acham que a gente está ali para tentar tirar as pessoas das suas religiões, por mais que convidemos e explicamos, não adianta, porque acham que o nosso trabalho ou objetivo da diaconia não é valorizado (proselitismo). E o que temos para dar em troca não são valores financeiros, só valores de gratidão, de um abraço, uma roda de conversas e boas risadas, isto para algumas pessoas não é importante (problema do voluntariado já falado sobre). Por exemplo, fazendo uma cobertura que lá na frente vai aquecer alguém.

Pessoa 2: Olhando para trás e ver como nosso trabalho foi, e ainda é gratificante, percebi como as pessoas se afastaram do nosso convívio. No começo do nosso trabalho conseguimos atingir muito mais pessoas, era tudo novidade. DIACONIA ninguém tinha ouvido falar nessa palavra, a curiosidade bateu forte em cada um e cada uma, pessoas sem Religião, pessoas de vários credos, homens, mulheres e até crianças vinham participar. O tempo passou, os mais idosos continuaram, homens e mulheres começaram a achar besteira ajudar o próximo, começou desconfiança dentro da equipe mesmo tendo todo mês o acerto de contas. Tentamos uma diretoria, ninguém aceitou nenhum cargo, ficamos à deriva. (A falta da permanência e do comprometimento)

Pessoa 3: No começo, nós tínhamos como melhor apresentar nossa missão, era visível: cestas básicas, remédios, consultas, material escolar, exames médicos e tantas outras. Hoje, isso tudo é suprido pelo serviço público. Então, temos que inovar a cada dia, mas não é fácil, nós luteranos e tantos outros precisam VER PARA CRER. O Apóstolo Paulo, Guiado pelo Espírito Santo, deixa claro que recebemos a salvação pela Graça de Deus, por meio da Fé em Jesus Cristo. E isso não basta para nós, queremos coisas palpáveis. Enquanto isso, as igreja pentecostais gritam e prometem a cura e a salvação de tantas outras coisas, o que não tem na igreja luterana. Preferem ir onde a promessa é visível e não pela fé. (o produto concreto, o visível?)

Pessoa 4: Essa pergunta foi difícil de responder, já que não temos cadastro das pessoas e não sabemos se elas têm ou não uma Igreja. Mas penso que é difícil se tornar membro da nossa Igreja, pois muitas vezes as pessoas não tem tempo para fazer um curso para entrar na Igreja. Também tem que pagar e nem todas famílias conseguem pagar a mensalidade da Comunidade. As pessoas que vem na Diaconia ou no Retalho passam trabalho na vida, são pobres e não podem pagar e quando ouvem que precisa pagar, tem vergonha de assumir e preferem não ir mais na Igreja, pois não tem condição para isso.

Pessoa 5: Quem procura a diaconia ou o Retalhos se impressiona que trabalhamos voluntárias na Comunidade e acham um absurdo não receber um pagamento. E ainda se impressionam que pagamos a Igreja todo mês, além de ajudar. Dessa forma, não querem vir para a Igreja ou ajudar no grupo.

Pessoa 6: As igrejas tipo da Assembleia de Deus ou Universal oferecem cura, milagres, dinheiro. A gente sabe que isso é furada, mas eles conseguem oferecer algo concreto. E nós o que oferecemos? As doações talvez, mas falamos muito pouco do que fazemos, então, às vezes não somos valorizadas nem pela comunidade, pois o trabalho não rende pra igreja, e sempre pede doação pra ela.

Pessoa 7: Sempre ouço a pergunta: Vocês fazem isso de graça? Eu não ia ajudar de graça. Por isso o trabalho da diaconia às vezes não tem mais gente e falta mão de obra pra nos ajudar. As pessoas não querem compromisso e muito menos um cadastro na Igreja ou pagar a Igreja. Por isso, a não ser que a pessoa manifeste interesse, eu dificilmente convido pra ajudar na Diaconia ou no Retalhos. E nem pra igreja, por que eu não sei se ela vai ter condição de pagar, mesmo que seja muito menos do que o dízimo das Igrejas Pentecostais.

Pessoa 8: Existe gente caloteira, que não paga nem o que comprou aqui ou que a gente às vezes diz pra pagar quando puder e nunca mais voltam, nem pra dizer que não pode pagar. Além dessa gente caloteira, existe gente grossa e que não tem senso. Acham que o brechó é loja que consegue trocar tudo ou dar brindes. Elas não entendem que já damos as doações a partir do que vendemos. Um dia uma pediu pra trocar e como é difícil trocar, pois não tem peças parecidas, me chamou de tudo

quanto é coisa. Tinha mais gente comprando no brechó aquele dia, todo mundo ficou de boca aberta.

Pessoa 9: A diaconia não tem um produto como o grupo de retalhos. Nosso trabalho é a doação e o repasse de itens, a partir do que vendemos no brechó. Então, se sabemos que tem uma família precisando, fazemos a doação. Ou fazemos chegar um armário que foi doado. Assim, não conseguimos acompanhar cada caso que chega pra nós. Não há tempo, nem pessoa e nem espaço para acompanhar os casos. Assim, não temos cadastro feito. Isso tinha lá no começo, mas ficou difícil.

PESSOA 10:

Eu acredito que a dificuldade para trazer uma pessoa sem religião é justamente essa questão que é porque a pessoa sem religião já está descrente do sistema, das igrejas de modo geral. As igrejas se tornaram um comércio onde tu tens valor só quando tu tens dinheiro, quando tu estás em dia, quando tu contribuis, quando tu fazes além e se doa, ainda que aquilo não seja o teu trabalho. Sobre as dificuldades das pessoas sem religião virem para a nossa. Eu vejo em primeiro lugar muito receio daquilo do que elas não conhecem e elas já estão desmotivadas, elas já estão sem rumos. Então, vejo que falta nós membros se aproximar dessas pessoas e levar para elas esclarecimento, falar com elas sobre o nosso trabalho, sobre a nossa religião e motivar e até mesmo conseguir levar para dentro da nossa comunidade.

POSSIBILIDADES

Pessoa 1: Muito difícil essa tarefa dentro da diaconia, a não religiosidade pode vir a ser uma dificuldade para que a pessoa se apegue a atividades. Uma pessoa com religiosidade, em tese, tem as aptidões necessárias para atividades que busquem minorar as dificuldades e/ou o sofrimento dos semelhantes. Isso não significa que venham a participar da nossa vida na IECLB, a Diaconia, ao meu parecer anda sozinha, se tivesse mais apoio dos ministros, da paróquia e suas comunidades creio que seria diferente... Em primeiro lugar, precisamos mudar o Ensino no Pastorado dentro da Teologia, para daí sim trabalhar em conjunto. Não temos o apoio da entidade maior, se temos está muito errado, temos que ser um todo, se não, nada vai adiantar.

Pessoa 2: Os ministros estão preparados na teologia para pregar e não fazer Diaconia, não é culpa deles, mas sim, da entidade. Um dia perguntei para uma Diácona qual a função dela, ela respondeu: posso até pregar. Os próprios Ministros bloqueiam as atividades Diaconais, eles priorizam a pregação, pois foram preparados só para isso.

Pessoa 3: Dentro do nosso trabalho Diaconal aconteceu um fato novo, uma pessoa com muitas dificuldades veio até nós, pedindo para participar na nossa Igreja, conversamos, dei os horários dos cultos e ela agradeceu muito, disse que nosso trabalho de repasse de itens e apoio com alimentação a motivou a ingressar. Fui toda empolgada falar com o Ministro pois foi a primeira vez que isso aconteceu. Resposta que tive, se ela aparecer vou receber ela e até fazer o cadastro dela na comunidade... Ela nos procurar por ser uma pessoa carente sem condições, não é a hora de os Ministros fazer uma visita para a mesma?

Fazer cadastro que dizer, registrar e dar o famoso carnê... Só mudando toda a estrutura da IECLB.

Pessoa 4: Quando temos a possibilidade de mostrar nosso trabalho na diaconia, mesmo sendo de outros credos, nos fortalece para continuar convidando as pessoas para participar, porque dando a cara a tapa para todos ver que por mais que ajude um pouco o próximo, faz bem. Mostrando que por mais pequeno que seja o gesto com serenidade e transparência é muito gratificante mesmo que se for separando uma roupa para ser doada ou só para ir conversar e escutar umas palavras que às vezes precisamos falar, ou um abraço que precisamos.

Pessoa 5: Procurar ser amiga ou amigo e conversar até a amigo ou amigo se converter para participar com a gente. Às vezes nem precisa ir atrás, elas ou eles veem e procura, porque necessita de fé. Pois até quando perdeu a fé, procuram o suicídio.

Pessoa 6: A diaconia é um prato cheio para ir buscar e querer fazer parte de um grupo ou da Igreja, pois oferece algo concreto para fazer e uma causa para se entreter. Porém, chamar pessoas para vir pra Igreja ou ajudar na diaconia é uma coisa, manter elas no grupo ou na Igreja é outra, tem coisas que atrapalham. Mas tem coisas boas, temos um fundo de emergências pra ajudar pessoas.

Pessoa 7: As parcerias que recebem e depois repassam são importantes, pois elas fazem nosso trabalho chegar às vezes até bem longe, tipo no Paraná. Repassamos doações pro Lar Padilha, pra uma senhora de Taquara que doa na vila e até pra mais longe. Essa parceria ecumênica é um bonito testemunho da diaconia da nossa Igreja. Tínhamos que falar mais dela. Há também uma assistente social que é parte do grupo e nos ajuda a ver quem precisa ajuda, ela media entre a sociedade e a Igreja.

Pessoa 8: O que me mantém na diaconia (ajudar a pensar a questão de ficar na igreja, a 6) é que aqui me sinto realizada e posso até fazer meus aniversários com o grupo. Aqui posso exercer algo bom, pelas pessoas. Minha vida já conquistei tudo o que precisava, agora posso ajudar. Os vínculos que temos aqui também são possibilidades de trazer gente, aqui tem integração, rimos e choramos. O foco do grupo é apoiar gente de fora, mas também sentimos que somos apoio uma pra outra. Além do foco a convivência mantém o grupo.

Pessoa 9: ÁUDIO

Eu acredito também que a possibilidade de trazer essa pessoa para a Diaconia é justamente a gente mostrar que existe um espaço aonde ela consegue trabalhar essa solidariedade que deveria existir na igreja. Onde ela sinta esse espaço da Diaconia e veja que ele abrange um espaço aonde a igreja ela faz, onde a ação da igreja, ação principal que deveria ser igreja acontece na doação da e na valorização da pessoa. É onde há as possibilidades delas, os dons dela podem ser aproveitados para ajudar os outros. É aonde o teu trabalho, onde a tua fé, eles são usados em prol do outro independente da comunidade que faz parte. Eu vejo que talvez muitas pessoas, dentro da própria e IECLB não saíram da nossa comunidade por causa do nosso grupo de diaconia. A gente tem os casos aqui na nossa cidade de pessoas que vão pra Taquara ou para outras cidades assistir os cultos e contribuem com o nosso grupo de diaconia. Isso acontece porque muitas vezes não aceitam o sistema que é adotado aqui na nossa IECLB, onde o dinheiro vale mais do que a pessoa em si. Mas no nosso grupo de Diaconia, ele é um espaço aonde elas podem se sentir bem ou se sentir acolhidas e aonde o dom delas vale mais do que o dinheiro.

PESSOA 10: A possibilidade eu vejo que passando a conviver dentro do trabalho diaconal, a pessoa começa a entender que não precisa de muita coisa para fazer parte

dele e para fazer diaconia. O primeiro passo é ter boa vontade, ter força de vontade e quando tu começa a fazer, tu começa a entender que fazer o bem a outras pessoas é algo tão grandioso. Tu começa a perceber a felicidade do outro, a satisfação de poder amenizar a dor do outro, de poder matar a fome e a sede é tão simples. Parece se pouco coisa, mas que para a pessoa necessitada é grandioso. É algo muito grande e muito valioso. Então, toda vez que alguém chega no espaço da diaconia e está comprando, ali já é um momento de dizer o que você está fazendo com o dinheiro e que será um ato de diaconia: “com isso aqui tu está me ajudando a levar roupa para outras pessoas, levar a coberta para outras pessoas, você vai conseguir tirar a dor do outro através de uma caixa de remédio, você vai conseguir fazer com que nós vou transformemos esse dinheiro para levar uma comida”. Através de uma peça de roupa usada, a gente faz grandes gestos como Jesus Cristo também fazia. Fazer o bem sem olhar a quem.

Pergunta 3 – Quais as dificuldades e possibilidades para que pessoas da IECLB, sem participação ativa, possam se engajar no convívio comunitário a partir do trabalho da diaconia?

DIFICULDADES

Pessoa 1: Algumas pessoas se afastam ou não se envolvem porque tem dificuldades de relacionamento com quem está lá, seja nos grupos, ou mesmo com as pessoas que participam dos cultos. Não se permitem estar no mesmo lugar onde a outra pessoa está, por que tem desafetos. A frase “enquanto esse estiver ali, não irei participar” é histórica. Essa postura e pensamentos não permitem que haja mudanças para melhor. Há conflitos e desafetos familiares que são trazidos para o ambiente comunitário e a vida de fé destas e outras pessoas são afetadas. Há também aquelas pessoas que não concordam com posturas dentro da igreja ou o grupo e na vida social tem outra postura, falta coerência e isso interfere na participação de pessoas afastadas do convívio comunitário.

Pessoa 2: Fico pensando que a falta de incentivo ou seja uma das maiores dificuldades. Ou talvez no momento que vivemos em que a maioria das pessoas pensa apenas no seu próprio bem-estar, não querem ver o quanto tem pessoas que necessitam não apenas de coisas materiais, mas um abraço de conforto ou uma palavra de incentivo para continuar lutando. Nisso coloco um pouco de culpa em nós que trabalhamos diaconia, que às vezes por falta de tempo, já que estamos cada vez mais em número reduzido. Às vezes, nós mesmos sofremos com desânimo e decepções.

Pessoa 3: para participar da diaconia não basta só ser convidado a participar, a pessoa tem que ter vontade de ajudar, de botar a mão na massa. Tem que ter um pouco de vocação para o trabalho. Quando nos deparamos com a falta de apoio da comunidade, temos que ser muito persistentes para prosseguir.

Pessoa 4: o trabalho diaconal é pouco falado dentro da igreja na pregação, não é culpa dos ministros, pois a cartilha vem pronta para eles. O trabalho diaconal é exercido diariamente, não tem um minuto de folga não somos incentivados nos cultos

a exercer essas atividades. A pregação nos parece vazia, muito difícil sairmos da igreja fortalecidos com a palavra, pois parece não ter nada a ver com o que se pratica diariamente.

Pessoa 5: Meu pensamento: igreja para mim é onde se aplica e se incentiva a palavra de Deus, indiferente se for no quarto, na sala ou em qualquer lugar, desde que respeitemos as leis do criador. Se eu ficar na minha casa atendendo e repassando as obras da misericórdia, eu creio que estou fazendo uma boa ação, se eu for na igreja só pra marcar presença, aí sim meu pecado não tem perdão. É muito pouco um culto por ano para falar sobre diaconia, as pessoas não sabem nem o que significa isso. Fazer diaconia dá muito trabalho, e muitos pastores preferem passar longe dessa palavra.

Pessoa 6: Chamar para o trabalho é complicado, tem que ter comprometimento, vocação e entender o que é. Vejo pelo meu exemplo pessoal, precisei entender a diaconia experimentá-la na prática para então me engajar nela. Assim sendo, diaconia lida com o voluntariado e esse é um problema não só no nosso igreja, mas em outras também. Quando nosso grupo começou tinha gente de todas as comunidades e me pergunto por que elas deixaram o nosso grupo. algumas respostas poderiam ser o envelhecimento, a preocupação com a pandemia, a falta de valorização. Precisamos engajar essas pessoas novamente.

Pessoa 7: É difícil lidar com algumas críticas que vem para a diaconia da comunidade. Um exemplo é de que essa nossa diaconia não é diaconia, pela forma como os trabalhamos e fazemos as coisas. Porém, para quem nos disse isso, buscamos conversar e entender qual a razão dessa fala, mas não obtivemos nenhuma resposta concreta. Pode ter sido apenas dificuldade de relacionamento com o grupo e muitas pessoas fogem do embate para resolver questões pessoais e isso prejudica o grupo.

Pessoa 8: Falta espírito de diaconal nas pessoas e elas já não sabem mais a importância de ser voluntário. Além disso, há quem transfira para o grupo conflitos não resolvidos com pessoas do grupo ou entre os grupos da paróquia. Outro problema é que existe quem misture coisas pessoais e seus assuntos com o do voluntariado,

criando conflitos desnecessários. Há pessoas que não vão à igreja, pois podem encontrar quem não gostam lá, mas às vezes tomam Santa Ceia juntos.

Pessoa 9: Falta conhecer a diaconia, pois muitas vezes não sabem o significado da palavra ou nem mesmo querem saber o seu significado, pois veem no grupo de diaconia muito comprometimento e dedicação de tempo. Ou mesmo se vê que a diaconia lida com pessoas pobres e desprezadas e isso afasta do engajamento. Existe também muitas pessoas que sabem mandar, mas na hora de colocar a mão na massa fogem. Há uma dificuldade de que existe pessoas que querem reconhecimento pessoal pelo trabalho feito, não levando em consideração de que o mais importante é poder praticar a diaconia.

PESSOA 10: O voluntariado é pesado e incompreensível para algumas pessoas, pois demanda comprometimento, tempo, esforço e algumas pessoas dizem que isso é trabalhar de graça, sem recompensa nenhuma. Outra dificuldade é que como a demanda do grupo é muito grande, não é possível fazer visitas a quem é ajudado, ainda que exista algum controle nas doações, mas não é possível acompanhar caso a caso. Algumas doações do grupo de diaconia são destinadas inclusive para fora do estado, inviabilizando um acompanhamento próximo de famílias. Falando em famílias, existe casos em que o marido ou filho proíbem sua mãe ou esposa de ajudar voluntariamente no diaconia ou na comunidade perguntando: “o que vai fazer lá?” Ainda que algumas famílias até ajudam e ajudaram na diaconia, mas pararam.

POSSIBILIDADES

Pessoa 1: Ir num culto onde possamos aprender como fazer mais e mais diaconia. falar do real significado de ajudar o próximo, incluir isto na pregação dos cultos, é uma minoria que sabe o real significado. Acolher a todos, incentivar, animar, mostrar, mas isso precisa vir da estrutura da IECLB. Deixar de se preocupar tanto com o dízimo, e ir mais atrás dos que precisam de apoio e ajuda. Não só quando estão doentes, ou quando morre alguém, se for uma pessoa que não frequenta a igreja, sendo visitada, convidada e incentivada ela com certeza vai começar a frequentar os cultos. A pregação deveria ser de acordo com cada realidade da sua paróquia.

Pessoa 2: É difícil escrever ou pensar nisso, mas não vejo muitas possibilidades de que pessoas que não fazem questão de participar do convívio comunitário, façam isso através do trabalho da diaconia. Não sei se é isto, na minha opinião, eu me sinto bem entre a comunidade, mas tive que me afastar uns 10 anos ficando com a mãe. Foi uma luta, mas com ela aprendi muito. Nesse tempo me senti sozinha, mas agora estou me recuperando de novo, participando de todos os grupos e a diaconia foi um dos grupos que me reaproximou da comunidade.

Pessoa 3: Uma das possibilidades é o convite das voluntárias e pessoas envolvidas para os membros afastados de participar e se envolver no convívio comunitário, seja nos cultos, grupos..., falar do trabalho que realizam, o que esse servir trouxe para a sua vida, se houve mudanças, qual a compreensão de comunidade de fé que tem a partir desse envolvimento. Mostrar o que fazem é uma possibilidade de cativar pessoas para o trabalho e o engajamento na comunidade. Muitas pessoas são engajadas por uma causa e não por uma igreja. O que pode ajudar é que às vezes uma pessoa da família vai chamando a outra para ajudar e se envolver no trabalho da diaconia e isso chama para o convívio da comunidade. Um caso que pode ser relatado como exemplo de conversão é o de um marido de uma senhora do grupo. No início, ele não gostava que a esposa participasse, pois ela estava muito sobrecarregada. Quando o grupo mudou um pouco o seu jeito de ser, ele percebeu que ela também estava mais feliz e passou a apoiar o grupo fortemente. Isso aconteceu também quando o grupo de diaconia passou a apoiar mais instituições e não só uma. Se tinha o sentimento de que uma instituição estava explorando sua esposa.

Pessoa 4: o espaço da diaconia ou do grupo de retalhos é um espaço para sair da rotina de casa. As mulheres que principalmente são as pessoas que se envolvem com a diaconia, geralmente ficam em casa, fazendo as tarefas, todo dia na mesma rotina. Ir para a diaconia ajuda a distrair a cabeça. Outro ponto importante é que o grupo hoje trabalha com um sistema de ressarcimentos. No início precisávamos tirar muito do nosso bolso para o trabalho da diaconia acontecer. Hoje como temos o brechó, o trabalho é autossustentável e há sempre prestação de contas, o que torna o trabalho transparente nas contas.

Pessoa 5: Uns tempos atrás ajudávamos sempre o mesmo lugar e as pessoas achavam ruim que só ajudávamos esse lugar. Foi preciso diversificar os apoios a grupos diferentes. Além disso, é preciso falar que o grupo se apoia e abraça, ou seja é, terapêutico e existe cuidado entre nós.

Pessoa 6: O grupo de retalhos começou a partir de uma enchente em que muitas necessidades se apresentavam entre as famílias do município. Dessa forma nasceu esse braço da diaconia, pois houve uma causa que engajou pessoas pelo bem de uma localidade. Uma causa sempre engaja e tem maior apelo do que falar direto de uma religião. Esse engajamento também acontece pois a diaconia é feita em sua maioria, por mulheres. Elas naturalmente estão dispostas a servir.

Pessoa 7: O Grupo sofreu algumas mudanças com o tempo. Antes tínhamos pessoas de cada comunidade, hoje isso ficou mais complicado, mas não é impossível. A pandemia afastou muitas pessoas do grupo pelo isolamento social, mas podemos olhar para trás e aprender com o que já foi feito e assim engajar e reengajar pessoas na vida comunitária. É preciso também falar mais sobre o diaconia.

Pessoa 8: Eu me pergunto o que me fez entrar no grupo. E fico pensando que eu era metida e queria trabalhar por uma causa, a causa me engajou. Mas também penso que a vontade de ajudar está dentro da pessoa, mas o convite foi importante e ele foi feito por uma diácona que trabalhou na paróquia naquela época. Ter alguém da área da diaconia trabalhando com formação e informação sobre o diaconia foi importante, permitiu com que fôssemos “picadas pelo bicho da diaconia”.

Pessoa 9: Na minha visão, a gente está na diaconia para fazer diferente e para sentir o que o outro faz com a atitude que a gente tem a oferecer para ele. Porque quando se vai no culto se fica muito na teoria e a gente sabe que prática e teoria às vezes é diferente. Quando não se é mãe e tu vai levar o palpite sobre a criação de filhos, se sabe que na prática e não é bem assim. Ou então, muitas coisas que a pastora e o pastor nos dizem nos cultos como fazer, nós como seres humanos, na prática a gente sabe que a gente não consegue fazer ou é difícil a gente fazer. Então, a diaconia é essa prática que nos traz parece respostas com um sentido maior para aquilo faz. A

gente sente mesmo o que é ser igreja ou o que a gente gostaria que fosse igreja, uma igreja diaconal engajaria muito mais.

PESSOA 10: Para mim, praticar diaconia é prazeroso. Procuro sempre me colocar no lugar da outra pessoa e me pergunto se fosse comigo como gostaria que agissem comigo?

Pergunta 4 - Quais as dificuldades e possibilidades existentes no trabalho diaconal da IECLB para que as pessoas possam mudar suas vidas de forma integral?

DIFICULDADES

Pessoa 1: Pessoas mal-intencionadas sempre buscam tirar proveito de tudo.

Pessoa 2: Mas tem aqueles que não precisam e sempre estão lá pedindo, mas procuramos ajudá-los. Para não passarmos por pessoas de má fama.

Pessoa 3: Está cada vez mais difícil ajudar as pessoas de qualquer forma, as pessoas aceitam as 2 ações sejam de móveis, cesta básica, roupas, remédios, louças, etc. Gratidão só no momento, na semana seguinte você procura por eles para ver como estão e já encontra praticamente todo o material doado na rua. Está tudo muito fácil, se alguém tiver algo melhor descartamos o anterior, em vez de devolver ou passar adiante colocam no lixo. Precisamos fazer um esforço muito grande para mostrar que nosso trabalho DIACONIA é sem fins lucrativos, e também não é para benefício próprio, que tudo o que fizermos é para aqueles que realmente necessitam sejam pessoas bem carentes ou para famílias que estão passando por um momento de dificuldade (perda de emprego, doença, etc.).

Só sei que há DIACONIA está precisando de Socorro urgente para saber lidar com as dificuldades que estão surgindo.

Pessoa 4: Pessoas mal-intencionadas sempre buscam tirar proveito de tudo.

Pessoa 5: Pode haver dificuldades como mentiras e intenção de explorar quem está doando ou explorar o grupo de Diaconia. Nos aborrece quando há quem queira usar e explorar a diaconia. Para nós fica a pergunta: será que a diaconia tem sempre o dever de ajudar, sem ao menos comprometer quem é ajudado?

Pessoa 6: Às vezes nos parece que a diaconia é lugar de descarte, desta forma algumas pessoas entendem que os pobres podem receber qualquer coisa e isso dificulta para que as pessoas tenham vontade de mudar de vida, pois receberam da

igreja o que algumas pessoas pensam “o meu lixo, é ouro para o outro”, muitos doam o pior.

Pessoa 7: Duas histórias me marcaram. A primeira delas é quando estávamos pintando bolachas no Natal para doar e uma senhora quando estava pintando colocou poucas bolinhas na bolacha alegando que quem recebe a doação come qualquer coisa. Outro caso aconteceu em relação ao projeto almofadas do coração, desenvolvido em parceria com o Sínodo Nordeste Gaúcho. Uma senhora não costurou bem e colocou menos enchimento dentro da almofada. Quando questionada sobre a atitude, pois a almofada requer mais enchimento, ela respondeu: “Cavalo dado não se olha os dentes”. As pessoas se sentem felizes ao receber a almofada, mas há quem pensa que pode dar ou fazer de qualquer jeito. Dessa forma, para mim fica a pergunta como mudar a vida de alguém dando o que tenho de pior. Podemos pensar no caso de um emprego. Como alguém vai conseguir um emprego se a roupa for ruim e ela não tem para comprar melhor?

Pessoa 8: Nosso grupo se sente cansado, pois os tempos mudaram, nós envelhecemos e gostaríamos de fazer mais do que conseguimos fazer, mas não é possível. Isso nos faz pensar que nosso impacto poderia ser maior na cidade, porém damos o nosso máximo e é isso que conseguimos. Quem sabe se fizéssemos mais, as pessoas mudariam suas vidas de forma integral?

Pessoa 9: Algumas vezes nos sentimos desmotivadas. Um fato que aconteceu conosco foi quando parentes de uma pessoa falecida ligaram para o grupo de retalhos oferecendo as suas roupas. Contudo, não era uma doação, pareciam inclusive estar rindo no momento da ligação, queriam vender as roupas e se isso não bastasse ainda queriam que buscássemos as peças. Isso deixou um clima pesado em nosso grupo e tem a capacidade de nos fazer perder a vontade de continuar o trabalho. Se nós estivermos desmotivadas, como vamos conseguir mudar a vida de alguém?

PESSOA 10: Uma situação extremamente complicada é quando esperam que o nosso grupo seja apenas um local que serve de frete gratuito para outro lugar, ou seja, não doam para nós, mas para outros lugares e ainda esperam que levemos até lá. Quando isso acontece, isso nos deixa lá embaixo, nos desanima, por isso decidimos que não

buscamos e nem intermediamos doações, salvo algumas exceções. (GRUPO parece cansado do ano do trabalho. Como motivar?)

POSSIBILIDADES

Pessoa 1: Pessoas bem-intencionadas podem sim mudar as suas vidas de forma integral. Elas vão pedir ajuda na hora difícil, aí aproveitam essa ajuda e vão à luta para o amanhã.

Pessoa 2: eu acho que quando as pessoas precisam de apoio, devemos procurá-las, para que a gente da diaconia possa ajuda-las. por que muitos se sentem envergonhados. Devemos dar a maior força para todos. Isso é só gratidão da parte de Deus, poder estar compartilhando.

Pessoa 3: Ainda existe casos de gratidão de pessoas que recebem doações, ou outro tipo de ajuda, principalmente mulheres grávidas. É bom demais, quando ela retorna para mostrar o bebê que ajudamos com enxoval e/ou medicamentos e exames para o mesmo. Procuro acompanhar a gravidez das gestantes, com visitas por alguém da paróquia que faz parte de um grupo de diaconia ou mesmo agentes de saúde. Não só gestantes, mas também pessoas com enfermidade. Divulgar mais dentro das paróquias do projeto almofadas do coração com certeza trará muito retorno. A IECLB tem muitos trabalhos diaconais sendo feito dentro das suas paróquias e comunidades, mas é preciso ter o apoio dos ministros e ministras para divulgação, são eles o carro chefe da diaconia dentro das comunidades. Enquanto algumas pessoas acham o trabalho diaconal muito bonito, e se espelham nele temos também o contrário, mas vamos continuar a acreditar num mundo melhor, é preciso continuar a ser bom com o próximo, acreditar que Deus possa nos ajudar orientando o nosso caminho para nunca cansarmos de ser bons.

Pessoa 4: Pessoas bem-intencionadas podem sim mudar suas vidas de forma integral. Elas vão pedir ajuda na hora da dificuldade e aproveitam essa ajuda e vão à luta para melhorar. Mesmo em meio às dificuldades de dias sombrios são gratos por tudo o que recebem, tomam como estímulo para um recomeço.

Pessoa 5: Um exemplo positivo é um casal de professores que estavam em dificuldades e estavam para se separar. Sabendo da situação e reconhecendo que aquele casamento não tinha mais solução, o grupo de diaconia resolveu ajudar. Para saírem da dificuldade precisavam da separação, mas não tinham como se separar, pois nenhum deles tinha como montar uma casa nova. A diaconia doou sofá e outras coisas para a casa como balcão, pia e outros itens. Assim, puderam se separar, entenderam o papel do grupo de diaconia na vida deles e ficaram muito felizes. O casal, percebendo a importância da ajuda que tiveram, logo que se estruturaram, quiseram ajudar o grupo de diaconia. A professora, motivada pela doação e apoio quis ir na igreja, mas se falou a ela de que não precisa ir e que o objetivo não é ter novos membros.

Pessoa 6: Geralmente, quando começo meu dia quando ações, fico o dia inteiro envolvida com isso. Por um lado, isso cansa, mas é um bonito testemunho diaconal. Também vejo que seria importante registrar o que acontece, às vezes nos esquecemos disso e o quanto isso pode nos inspirar para novos trabalhos e não acompanhamento de outras pessoas, melhorando o nosso jeito de agir e promovendo mudanças integrais de vida.

Pessoa 7: Cada doação é uma oportunidade de conversão e mudança, pois ela oferece algo a quem é ajudado, e nós do grupo, tentamos não apenas ofertar algo, mas junto com esse algo ofertar amor e diaconia, para que entendam que aquela doação é uma oportunidade de conversão e mudança de vida.

Pessoa 8: Uma história que tem nos comovido e preocupado, mas não sabemos o que é verdade ou não é de uma grávida que veio nos pedir ajuda. Ela tem medida protetiva em relação ao marido, que foi acusado de violência contra ela. Essa senhora pediu ajuda da comunidade e do grupo de diaconia para algumas doações e o grupo percebeu as marcas no seu corpo e o medo em relação ao marido. Antes de ela ter a medida protetiva, incentivamos para que ela fosse denunciar se ela apanhava em casa. Ela disse que só verbalmente, mas nós vemos a marca no seu corpo. O grupo e a comunidade ajudou orientando, pois ela parece também ter pouca experiência na vida e trabalhou até quase o parto. Não sabemos o que é verdade ou o que é mentira, pois percebemos que ela conta algumas histórias para um e outros para outras.

Percebemos que mesmo com medidas protetivas, o marido parece ter voltado para casa e ela sustenta o agressor. A questão da conversão aqui foi que o grupo teve a coragem de dizer para ela denunciar e a amparou para uma mudança de vida doando itens de necessidade de primeira. Ainda queremos ver como essa senhora está, mas consideramos esse um dos casos mais difíceis que já tivemos. Gostaríamos de formação para casos difíceis que lidamos, como esse, para melhorar nosso trabalho.

Pessoa 9: Percebo que algumas pessoas gostam quando convidamos elas para ajudar no grupo de diaconia. Algumas não querem compromisso, mas quando vem no grupo de diaconia no dia de doações ou de brechó, não querem simplesmente comprar ou pedir ajuda, mas ajudam a organizar o espaço como uma forma de retribuição por aquilo que ganharam e isso é muito importante. Envolver pessoas no voluntariado pode ser uma bonita possibilidade de conversão integral, pois elas percebem a importância do trabalho que estão realizando e a diferença é que podem fazer na vida de outras pessoas.

PESSOA 10: Agora escrevendo e conversando com outras mulheres sobre esse nosso trabalho de escrever e pensar sobre o grupo de diaconia e retalhos, conseguimos entender as obras de misericórdia. De alguma maneira, vivemos elas. Damos de comer, já levamos água potável quando a enchente aconteceu, por exemplo, visitamos pessoas doentes ou mesmo aquelas que se encontram solitárias em casa, presas em sua depressão, vestimos pessoas, já ajudamos algumas a encontrar abrigo no município e auxiliamos quando alguém está de luto e precisa de ajuda ou até mesmo cantamos nos velórios. É bom saber que seguimos o exemplo de Jesus e das suas obras de misericórdia. Essa é uma bonita motivação e possibilidade para que falemos mais sobre o nosso trabalho e a sua identidade em Jesus. A diaconia nos ensina muito.

Pergunta 5 - Quais as dificuldades e possibilidades existentes no trabalho diaconal da IECLB para que as pessoas diariamente entendam que necessitam de mudanças em sua forma de ser e de lidar com o mundo e com as pessoas?

DIFICULDADES

Pessoa 1: Mesmo enfrentando muitas dificuldades, no dia a dia do nosso trabalho é possível o comprometimento com a sociedade, especialmente a parcela mais vulnerável. Embora às vezes estejamos muito cansadas do trabalho.

Pessoa 2: A diaconia me deu a oportunidade de vivenciar as dificuldades de meu próximo, me solidarizar com essas pessoas, com as comunidades, de ter um sentimento de utilidade, de missão aqui na minha estada, além disso, também pude perceber como as pessoas ainda são solidárias quando incentivadas a ajudar e auxiliar o próximo tendo a convicção de que essas pessoas realmente precisam e que não estão sendo enganadas no seu ato de solidariedade. Às vezes é difícil confiar nas pessoas ou mesmo lidar com as suas dificuldades de vida.

Pessoa 3: As dificuldades se mostram em fazer as pessoas que não participam de nenhuma ação em favor do bem-estar das pessoas mais vulneráveis, entenderem que ajudar não precisa necessariamente ser doação de dinheiro, que ajudar pode ser com a doação de um pouco do seu tempo, um pouco de carinho uma palavra amiga.

Pessoa 4: nós que já estamos nesta caminhada muitas vezes ouvimos somente críticas. Ninguém faz trabalho voluntário esperando aplausos, mas o mínimo de respeito das pessoas, infelizmente o momento em que vivemos as pessoas preferem pensar somente em si e não se envolver com os problemas alheios.

Pessoa 5: A gente procura fazer o bem a todas as pessoas, mas nem sempre se contentam. Mas é bom ter um bom diálogo com as pessoas, ter muito amor e fé é o principal. É Deus conosco.

Pessoa 6: o grupo está cansado e há decepções, mas também há coisas boas. Às vezes é difícil contato entre o grupo, pois são sinceras demais umas com as outras, porém tentam expressar os seus sentimentos sem ofender, mas querendo ajudar.

Pessoa 7: algumas pessoas tem consciência de que é importante doar, outras já são muito apegadas às suas coisas, não conseguindo sequer doar um trapo velho, pois acham que ainda vão usar aquilo. Porém, queremos que as pessoas recebam o que se tem de melhor para doar, mas nem todas têm essa consciência e se precisa conversar sobre a importância entender que isso é para todo dia, lembrar que precisamos ajudar todos os dias as pessoas e não só uma vez a cada tanto tempo.

Pessoa 8: quando falamos da relação das pessoas com o mundo e com a criação, precisamos lembrar do quão apegadas elas são as coisas que tem, parece que vão levar consigo quando morrerem tudo o que tem e assim muitas vezes não dou coisas boas. e algumas ainda querem, quando tem coisas boas vender e não doar, que nem a gente conversou uma outra vez e isso deixou um peso muito grande no grupo.

Pessoa 9: Tem sempre uns pepinos que precisamos resolver, que vem como conflito para o grupo, embora nosso grupo não tenha muitos problemas. Um caso complicado é quando as pessoas do ou alguma coisa, mas não conseguem se desapegar e algumas trazem consigo histórias difíceis de vida, situações complicadas que não sabemos como ajudar, pois geralmente ajudamos quando ações. Estamos precisando aprender a ajudar quem vem ao nosso grupo para doar ou mesmo quando alguém vem comprar e conta histórias difíceis de se ouvir. Talvez um curso do sínodo possa ajudar.

Pessoa 10: Os fretes podem ser um problema para o nosso grupo pois muitas vezes nem sabemos o que fazer ou como fazer com que nos doam e as pessoas ainda esperam que levemos o frete adiante. Isso nos deixa sem ação e muitas vezes sem saber dizer não diante do caso que vem e isso afeta a nossa relação com as pessoas e com o mundo. Tentamos sempre atender bem, mas como fazer isso ou dizer não sem magoar as pessoas ou sem ferir os seus sentimentos quando querem doar algo ou quando nos pedem um frete para doar algo adiante? Tem coisas que também não sabemos resolver, como por exemplo, o Caritas de Taquara nos pede doação enquanto o Caritas da nossa cidade vem nos trazer doações, parece que não se conversa ou que falta comunicação.

POSSIBILIDADES

Pessoa 1: Depois de entendermos, no contexto, o significado da palavra diaconia, tudo se resume em gratidão. Todos os dias recebemos, de uma forma ou de outra o reconhecimento de quem ajudamos, seja com uma visita para nos mostrar o bebê que nasceu e que ajudamos como enxoval, fraldas e berço, ou uma pessoa que estava doente e se curou ou mesmo alguém que recebeu uma cesta básica ou doações de roupa ou simplesmente um abraço. hoje não consigo me imaginar sem praticar algum tipo de diaconia, vamos envelhecendo, mas sempre existe algo que podemos fazer em favor do próximo

Pessoa 2: esse ano, nossos 2 grupos tiveram um impacto externo muito forte. Isso significa que pudemos ajudar muitas pessoas. Para se ter ideia, o grupo de retalhos doou em 2022, 7915 peças de roupas para pessoas que estavam necessitando. Por outro lado, o grupo de diaconia doou 18000 peças de roupas. Também, no inverno, foram doadas 231 cobertas feitas de retalho. Dessa forma, percebemos que fizemos a diferença na vida diária das pessoas, dia a dia ajudando há muitas protegendo do frio e de doenças.

Pessoa 3: É importante lembrar os locais para onde nossas doações chegaram, alcançando a muitas cidades. Foram feitas doações para Rolante, Taquara, Parobé, Porto Alegre, Novo Hamburgo, Imbé, Palmeira das Missões, Paraná, Guaíba, Jaquirana, São Paulo, Viamão, Nova Petrópolis, São Joaquim, Bom Jesus, São Francisco, Três Coroas, Rio de Janeiro, Escola Adventista.

Pessoa 4: eu mudei muito e cresci durante esse período trabalhando na diaconia. Meu jeito de ser era muito agitada e não sabia ouvir as necessidades das pessoas. Hoje consigo parar, ouvir, refletir e assim pensar como ajudar melhor as pessoas. Hoje não sou mais aquela pessoa agitada.

Pessoa 4: Desenvolvemos muita confiança e alegria como grupo. Basta lembrar o caso do aparelho de ouvido. Temos uma pessoa em nosso grupo com dificuldade de audição e ganhamos um aparelho de ouvido muito antigo e grande. Logo lembramos dessa senhora com dificuldade, mas descobrimos que nenhum aparelho ajuda ela.

Porém, o aparelho não coube de forma nenhuma no ouvido dela, mas mesmo na dificuldade, rimos muito do assunto, pois ela já é uma pessoa alegre por si própria.

Pessoa 5: Sentimos o reconhecimento e a valorização do nosso trabalho diariamente quando acontece casos como o que aconteceu essa semana. Uma senhora grávida veio nos convidar para sermos madrinhas do seu bebê. Talvez nem devamos aceitar o convite, mas isso para nós é motivo de Alegria e reconhecimento de um trabalho feito que fez a diferença na vida de uma pessoa.

Pessoa 6: Compreendemos que adquirimos uma forma melhor de lidar com mais cuidado e amor para com as pessoas, a diaconia nos torna mais humanos na relação um com o outro, depois ela nos toca quando permite que lhe demos com os problemas de outras pessoas, que às vezes são bem parecidos com os nossos e nos emociona.

Pessoa 7: essa é a primeira paróquia onde trabalho que tem um trabalho de roupas e doações organizado dessa forma. É uma grande dádiva perceber que o trabalho se sustenta vendendo para ter uma fonte de renda para poder ajudar outras pessoas. Além do mais, também auxilia as pessoas que doam a desenvolver sua noção de desapego dos bens materiais, fazendo com que elas percebam que o maior bem é a vida e o cuidado com ela.

Pessoa 8: A diaconia ajudam a desenvolver a consciência humana em nós, bem como nas outras pessoas, pois elas ficam diante de quem sofre podendo, se houver abertura, se envolver com suas histórias de vida e dificuldades pessoais. Isso nos permite amadurecer como pessoa e nos desenvolver como seres humanos.

Pessoa 9: A diaconia desperta o olhar da sensibilidade para com todas as pessoas que necessitam de um apoio moral, espiritual, doações, uma palavra, um abraço ou um gesto que pode fazer a diferença na vida dela, mas que para nós pode ser muito pequeno.

Pessoa 10: O nosso trabalho exemplo para muitos locais de fora. Já fomos visitados várias vezes, até mesmo por gente da Alemanha, dos Estados Unidos, da África e de inúmeros sínodos da nossa igreja. Em nosso grupo não desenvolvemos apenas uma

forma de ajudar, mas sim, uma forma de ajudar pessoas, de apoiar quem ajuda nesse grupo voluntariamente, resolver conflitos que possam surgir entre nós ou na vida pessoal. Além disso, desenvolvemos uma rede de contatos para que as doações de fato aconteçam e possam chegar aonde necessitam delas. Somos ecumênicos e desenvolvemos trabalhos com outras igrejas também, que quando tem alguma necessidade mandam pessoas para nosso grupo de diaconia. Ou seja, diante disso temos que reconhecer o potencial que temos para fazer a diferença e transformar, pelo menos um pouco o nosso redor e a nossa forma de lidar com o mundo, com a criação e com as pessoas.